

Digitized by Google

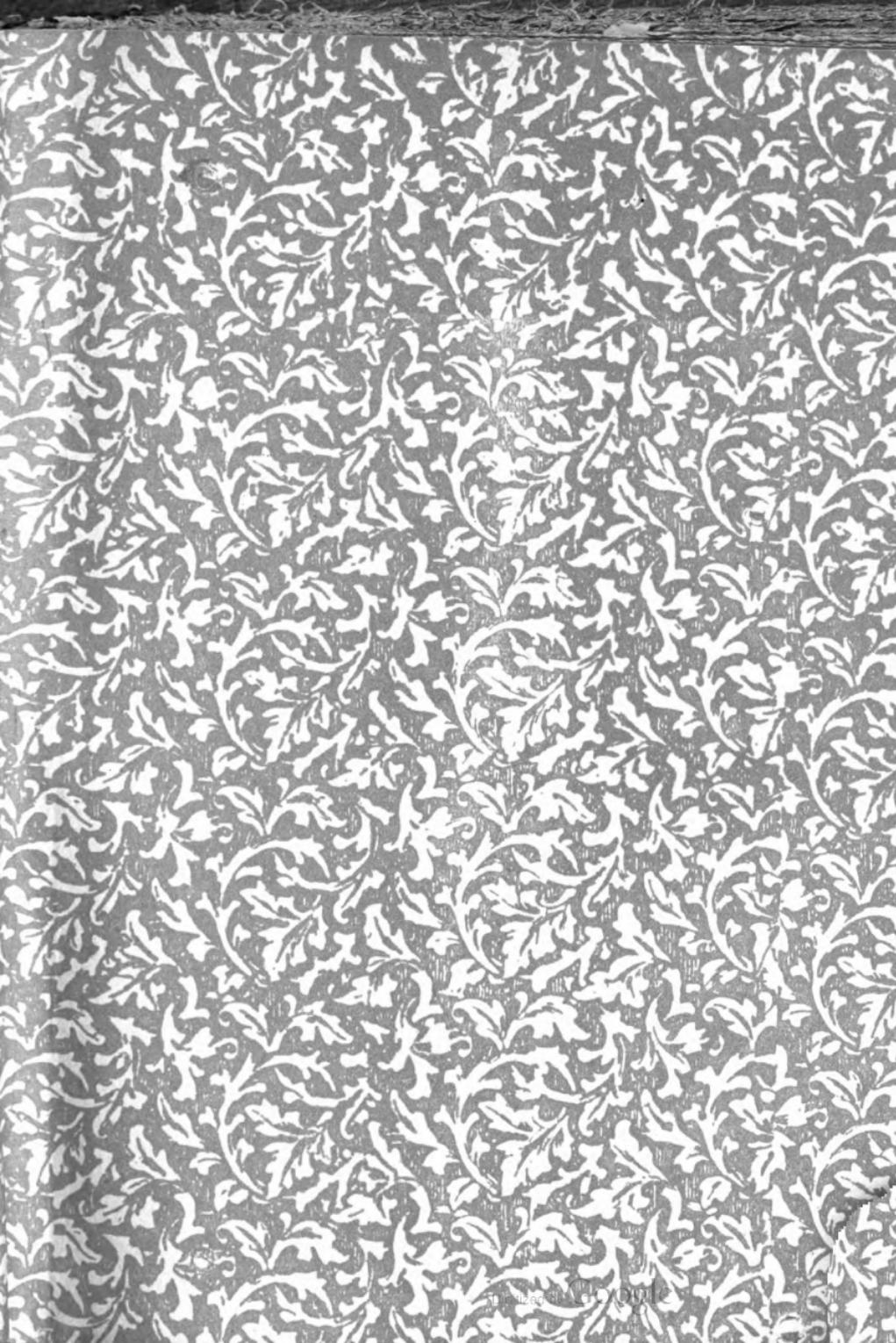
G869 .809 M858V V. 1 LAC



LIBRARY
USE ONLY

THE LIBRARY
OF
THE UNIVERSITY
OF TEXAS

G869 .809
M858V
v.1



ARTHUR MOTTA

VULTOS E LIVROS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

1.^A SÉRIE



3v-

VULTOS E LIVROS

1 - VULTOS E LIVROS

A R T H U R M O T T A

=

VULTOS e LIVROS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

1.ª SERIE



MONTEIRO LOBATO & C.
SÃO PAULO — 1921

Est. Typographic da Soc. Ed. Olegario Ribeiro - Rua Abranches, 43 - S. Paulo



À GUISA DE PREFACIO.

No momento em que vibram os sinos, chamando ao templo os fieis da causa nacionalista, julgo do meu dever intervir com uma contribuição qualquer, ao nível da minha capacidade.

Como já me preocupavam estudos da intellectualidade brasileira, nos dominios da historia e da litteratura, afim de imprimir orientação decisiva na educação dos meus filhos, coopero nesse emprehendimento com o nacionalismo por tradição, de effeito mais efficaz.

Occorreu-me, então, aproveitar apontamentos de leitura e notas pessoaes de estudo, como achegas na formação do plano harmonico de conjunto, segundo o objectivo dos fautores de programmas de ideias ou dos conductores de homens de accão.

E' meu intuito colligir elementos que definam o valor dos varões illustres do Brasil, indicando a bibliographia completa de cada um e redigindo um escorço biographicó, salpicado de conceitos criticos sobre a respectiva obra e acompanhado de sumarios para estudo de maior amplitude.

A difficultade consistiu em escolher o methodo de exposição.

1082380

A principio, julguei mais acertado o methodo chronologico. O receio de não despertar devida attenção a parte referente ao periodo colonial, obrigou-me a abandonal-o.

Refuguei, *in limine*, a ordem alphabetic a peculiar ao caracter de diccionario e a divisão por generos litterarios, que se torna diffíl e de effeito contraproducente.

Resolvi, então, destacar dous grandes grupos, constituidos respectivamente por mais de cem nomes : dos que figuram na relação de patronos e membros da Academia Brasileira de Letras e dos que mereciam ser contemplados com essa distincção.

A obra compor-se-á de oito volumes : quatro reservados aos academicos, e os restantes destinados ao "41.^{ème} fauteuil", segundo a expressão de Arsène Houssaye, isto é, para os vultos dignos de selecção, como Anchieta, Vicente do Salvador, Santa Rita Durão, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Antonio José, José Bonifacio, Teixeira e Souza, Marquez de Maricá, Mont'Alverne, etc.

Não conheço, em lingua portugueza, obra similar.

Inspirei-me em livros francezes, como "Manuel de la Littérature française" de Ferdinand Brunetière, "Études littéraires" de R. Doumic et L. Levrault, "La littérature française" de M. Roustan.

Prestarei com taes subsidios, a outros mais competentes, contingente para obra de maior folego e de caracter especialisado.

Para completar o meu plano, tenho em elaboração outro trabalho, subordinado a methodo diverso. que será — "Evolução dos generos litterarios" — e se comporá de uma serie de pequenos volumes, nos quaes apreciarei o romance, o theatro, a poesia, a critica, a historia, o jornalismo, a eloquencia e a philosophia no Brasil.

Como ensaios avulsos, desenvolverei os summarios contidos

nos "Vultos & Livros", o que já pratiquei em relação a José de Alencar e Coelho Netto.

Estas palavras, necessarias á comprehensão do programma esboçado e a justificar a desordem apparente nos volumes, cuja serie se inicia com os representantes das cadeiras numeros um a dez da Academia, explicam o meu intento. Um indice bem organizado e quadros schematicos, serão appensos ao ultimo volume, facilitando ao leitor qualquer pesquiza ou consulta.

E a maior recompensa será de haver prestado meu concurso á iniciativa sympathica de se despertar e implantar o nacionalismo no Brasil.

ARTHUR MOTTA.

S. Paulo, Novembro de 1920.





ADELINO FONTOURA

Patrono da cadeira n. 1. — Nasceu no Maranhão, em 1859. Falleceu em Portugal (Lisboa), em 3-5-1884, estando sepultado no cemiterio dos Prazeres.

ADELINO FONTOURA

BIBLIOGRAPHIA

Não deixou livro. Encontra-se a sua producção poetica nas seguintes collectaneas e revistas:

- * 1 — LYRA POPULAR por CUSTODIO QUARESMA, 2.a edição, 1906 : a) Fructo prohibido, b) Celeste, c) De rastros, d) O ninho (sonetos).
- * 2 — THESOURO POETICO BRASILEIRO por OSORIO DUQUE ESTRADA, 1913 : a) Fructo prohibido, b) Beatriz, c) Celeste, d) Attracção e repulsão (sonetos).
- * 3 — PAGINAS DE OURO DA POESIA BRASILEIRA, por ALBERTO DE OLIVEIRA, 1911 : a) Celeste, b) Beatriz, c) Despedida, d) Fructo prohibido, e) Attracção e repulsão (sonetos).
- * 4 — ANTHOLOGIA BRASILEIRA por EUGENIO WERNECK, 4.a edição, 1911 : Celeste (soneto).
- * 5 — Revista do CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES, de Campinas :
 - * n. 4, de 31-7-1903 : Fructo prohibido, Celeste, Rastro de amor, Borghi Mamo, Beatriz (sonetos); Pomba mansa, Estrella (quintilhas).
 - * n. 7, de 1-7-1904 : Vácuo, Supplica, Myrrha sonetos); Estancias (quadras), Triolets.
 - * n. 25, de 31-8-910 : Bilhete a Fontoura Xavier (triolet).
 - * n. 38, de 31-3-1915 : Attracção e repulsão (soneto).

NOTA. — Os livros e folhetos, assinalados com um asterisco, figuram na collecção pertencente a Arthur Motta.

- * n. 39, de 30-6-915: *Idyllios, Raymundo Corrêa* (triolets).
- * n. 40, de 30-9-1915 : *Confronto* (quintilha).

Tambem foram publicados nessa revista: *Consolação*, *O ninho*, *Antes de partir*, *Despedida*, *Memento* (sonetos); *A uma menina* (quintilha), *O Lyceu* (quadras), *Teus beijos*, *Mulher bonita* e *Tu tens uns olhos, morena* (triolets).

Arthur Azevedo reuniu alguns trabalhos no «Album».

Collaborou na «Gazetinha» de Arthur Azevedo, na «Gazeta da Tarde» (phase de José do Patrocínio), no «Combate» de Lopes Trovão, na «Folha Nova» de Manoel Carneiro e em outros jornaes, de 1878 a 1881.

Encontra-se o seu retrato em o n. 38, (31-3-1915) da Revista do Centro de Scienias, Letras e Artes, de Campinas e na *Lyra popular* (pag. 321).

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — COELHO NETTO — «Um appello», na Revista do Centro de Scienias, Letras e Artes, de Campinas, (n. 3, de 30-4-1908).
- 2 — ADOLPHO CAMINHA — «Cartas litterarias», pag. 215.
- 3 — ALVARO GUERRA — «Palestras com a mocidade», pag. 119.
- 4 — «Lyrica de um morto» na Revista do Centro de Scienias, Letras e Artes, de Campinas, n. 39, de 30-6-915.
- 5 — VICTOR ORBAN — «Littérature brésilienne», pag. 381.
- 6 — EUGENIO WERNECK — «Anthologia brasileira», p. 436.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Adelino Fontoura nasceu no Maranhão, em 1839.

Como quasi todos os provincianos de então, dirigiu-se para a Côte em busca de novos horizontes. Destinava-se à carreira

commercial e pretendia fazer-se actor, mas dedicou-se de corpo e alma á vida litteraria, terçando as primeiras armas na arena do jornalismo (1).

Ao chegar ao Rio, estreou na «Folha Nova» de Manoel Carneiro.

Collaborou com Arthur Azevedo na «Gazetinha», com Lopes Trovão no «Combate», escreveu em outros jornaes e trabalhou com José do Patrocinio na «Gazeta da Tarde». Como correspondente desse vespertino, foi a Pariz, commissionado pelo respectivo redactor chefe. Ao regressar á Patria, falleceu em um hospital de Lisbôa, sendo sepultado no cemiterio dos Prazeres.

A sua producção poetica ficou dispersa nos jornaes e revistas em que collaborou.

Quatro tentativas foram emprehendidas, no sentido de se fazer a collecta dos versos, e prestar-se ao autor a devida homenagem. A primeira foi de Arthur Azevedo que reuniu as suas producções no «Album», publicação periodica que encerra obras de fino lavor. Mais tarde, depois de fundada a «Academia Brasileira de Letras», o estimado comedigrapho, sempre propenso ás iniciativas generosas, propoz a edição de um livro commemorativo, reunindo os trabalhos de Adelino Fontoura. Essa ideia não foi realizada.

A segunda diligencia coube a Coelho Netto e Alberto Faria que, na «Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas», publicaram as poesias olvidadas nos periodicos de 1882-83. Assim foi cumprida essa missão piedosa até o n. de 31-8-1910 da mencionada revista e reencetado o trabalho em o n. 25, de 31-3-1915, continuando-se nos subsequentes.

(1) Affirma Filinto de Almeida que Adelino foi caixeiro e praça de polícia no Maranhão e Pernambuco.

A terceira incumbencia foi reservada a Escragnolle Doria, que estudou a individualidade litteraria do poeta e reuniu, com methodo, a sua producção, com o fim de publicar em volume, prompto a entrar no prelo.

A ultima tentativa de publicação de suas obras foi iniciada por Alberto de Oliveira, que a communicou á Academia em 30 de Agosto de 1917. O autor do «Livro de Emma» recebeu de Alberto Faria, todos os versos do poeta maranhense, em numero de 22 producções, e entregou-os a Luiz Murat que se encarregou de fazer um estudo sobre Adelino, havendo o mesmo Alberto de Oliveira ajustado a publicação da obra com os livreiros Leite Ribeiro & Maurillo.

Adelino Fontoura pertenceu á geração de Arthur Azevedo, Aluizio Azevedo, Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Coelho Netto, Olavo Bilac, Luiz Murat e outros.

Pondo de parte os «triolets» humoristicos, só tangeu uma corda da lyra — a do amor não correspondido. Repetiu o thema predilecto dos romanticos, subordinado á forma que caracteriza a reacção dos parnasianos.

Apixonado por uma sobrinha de Antonio Henriques Leal, dedicou-lhe todos os sonetos, em monocordio, assimilando a tristeza que define os lyricos brasileiros.

Os seus sonetos têm o sabor camoneano, inspirado pela Natercia maranhense, em perfeita communhão de estados d'alma.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Origem obscura — Difficuldades de vida — Attracção pela carreira litteraria — Transição do romantismo para o parnasianismo — Os poetas que amam sem ventura — Lyra ou monocordio — Tristeza real e não affectada — Accção no jornalismo — Sonetos — Outras producções — Os poetas ineditos e obscuros — Longe da patria — Homenagens posthumas.

1082380



LUIZ MURAT

Fundador e actual occupante da cadeira
n. 1. — Nasceu em Itaguahy, Estado do
Rio de Janeiro, a 4-5-1861.

L U I Z M U R A T

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — QUATRO POEMAS, com prologo do autor — Rio, Typ. Hamburgueza do Lobão, 34 paginas — 1885.
- * 2 — A ULTIMA NOITE DE TIRADENTES, poema dramatico — Rio, Typ. Lombaerts & Cia. — 16 paginas, 1886.
- * 3 — ONDAS, poesias com prefacio do autor — Rio, Typ. Jeronymo Silva e Adolpho — VII — 285 paginas — 1890.
- 4 — POESIAS — VII — 172 paginas, in 8º — Santiago, 1892.
- * 5 — ONDAS, II vol., poesias com prefacio do autor — Rio, Typ. Leuzinger, VIII — 284 paginas — 1895.
- * 6 — SARAH, poema com preambulo do autor — Rio, Imprensa Nacional — XX, 198 paginas — 1902. (1)
- * 7 — CENTENARIO DE BOCAZ, discurso proferido na sessão solemne do Retiro Literario Portuguez, a 21-12-1905 — 27 paginas — Rio, Typ. do «Jornal do Commercio» — 1905.
- * 8 — A ADMINISTRAÇÃO DO DR. NILO PEÇANHA, pseudonymo Franklin, com um preambulo — Rio, Typ. do «Jornal do Commercio», Rodrigues & C. — 138 paginas — 1908.
- * 9 — O ESTADO DO RIO NA CAMARA, discursos — Rio, Typ. do «Jornal do Commercio» de Rodrigues & C. — 72 paginas — 1909.
- * 10 — ONDAS, III volume com advertencia do autor — Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão — 338 paginas — 1910.

(1) SARA — 2.ª edição — com prefacio do autor e nota final — 213 págs. — Rio, Livraria Castilho — 1921.

- * 11 — **FELIX PACHECO**, estudo critico — Rio, Typ. do «Jornal do Commercio», de Rodrigues & Cia.— 75 paginas—1915.
- * 12 — **POESIAS ESCOLHIDAS** — prefacio do autor — Rio, ed. Jacintho Ribeiro Santos, Typ. do «Jornal do Commercio» — XVII — 351 paginas — 1917.
- * 13 — **RYTHMOS E IDEAS**, poesias — 89 paginas — Rio, Livraria Francisco Alves — 1920.

Tem collaborado no Ensaio Litterario (1879), A Vida Moderna, O Combate, Gazeta da Tarde, Cidade do Rio, Gazeta de Noticias, Jornal do Commercio, etc., Revista da Academia Brasileira de Letras (Fluidez dos corpos espirituaes e seus phenomenos luminosos, n. 11, pag. 65) — Almanack Garnier 1906 (Hymno à Paz) — Revista Americana (Solitudes, n. de 11-12-1918).

Contractou com a Livraria Francisco Alves a publicação de toda a sua obra, em prosa e verso, constando de 20 volumes.

Encontram-se os seus retratos no 3º volume das «Ondas», na Littérature Brésilienne de Victor Orban e no livro de Pereira de Carvalho «Os membros da Academia em 1915».

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — **SYLVIO ROMERO** — Luiz Murat.
- 2 — **SYLVIO ROMERO** — Novos estudos de litteratura contemporanea.
- 3 — **SYLVIO ROMERO** — Livro do centenario, 1 vol., pagina 104.
- 4 — **JOSÉ VERISSIMO** — Estudos de litteratura brasileira, 1º vol., pagina 292.
- 5 — **EZEQUIEL FREIRE** — Livro Posthumo, pagina 89.
- 6 — **MEDFIROS E ALBUQUERQUE** — Revista do Brasil, vol. IV, n. 14, pagina 158.

- 7 — VICTOR ORBAN — *Littérature Brésilienne*, pagina 344.
- 8 — ALMACHIO DINIZ — *Anthologia da lingua vernacula*, paginas 499.
- 9 — EUGENIO WERNECK — *Anthologia brasileira*, pagina 485.
- 10 — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia em 1915.
- 11 — SACRAMENTO BLAKE — *Diccionario bibliographico*.
- 12 — Prefacios e notas nas obras do autor.
- 13 — COELHO NETTO — *A conquista*, romance.
- 14 — CLAUDIO DE SOUZA — *Rythmos e idéas*.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Luiz Barreto Murat, filho do dr. Thomaz Norton Murat, nasceu em Itaguahy (Estado do Rio de Janeiro), a 4 de maio de 1861.

Sacramento Blake attribúe erroneamente o seu berço à cidade de São Paulo.

Estudou na Faculdade de Direito da Capital paulista, bacharelando-se em sciencias juridicas e sociaes.

O poeta fez estreia em S. Paulo, em 1879, no «Ensaio Litterario», orgão do Club litterario «Curso Annexo», redigido por Murat e outros preparatorianos.

Passou uma phase da vida em S. Paulo, onde escrevia. Não pude descobrir, além do «Ensaio Litterario», os jornais onde collaborou.

Removendo-se para o Rio de Janeiro, fundou a «Vida Moderna» e rompeu com os companheiros de geração, que se agremiavam em torno de Valentim Magalhães, na «Semana». A lucta foi encarniçada, mas os adversarios resolveram emmudecer, deixando o poeta desenvolver a campanha demolidora,

em artigos de critica e conferencias, sendo a attitude do reacionario muito apreciada por Sylvio Romero.

Escreveu em muitos jornaes e revistas do Rio de Janeiro, destacando-se os que foram mencionados.

Era um intransigente em tudo e manifestava espirito bellicoso e combativo nas campanhas onde pelejava com denodo. Alem de assumptos de arte, preoccuparam-n'o incessantemente a abolição da escravatura, o advento do regimen republicano e os themes religiosos.

Por occasião da revolta de 6-9-1893, redigia o jornal onde foi publicado o manifesto do Almirante Custodio José de Mello; recebeu ordem de prisão, e viu-se obrigado a suspender a folha.

Esteve na esquadra revoltosa, entregando-se á prisão quando foi desvirtuado o intuito da revolução. Julgado em Paraná, foi unanimemente absolvido.

Sacramento Blake indica as seguintes poesias, publicadas pelo Almanack da «Gazeta de Noticias» : — «O Fakir» — 1888, pags. 263 a 265 ; «Liberdade, igualdade e fraternidade» — 1885, pags. 284 a 298 ; «Quadros simples», pags. 307 a 310.

Em folhetins da «Gazeta de Noticias» publicou o poema dramatico «A ultima noite de Tiradentes», offerecido ao dr. Ubaldino do Amaral, em Janeiro de 1890.

Caracterisa-se o poeta como fantasioso, rebuscado na fórmula e por vezes obscuro. Dedilha a lyra do amor, quando manifesta a simplicidade dos romanticos e deixa transparecer um lyrismo delicado e meigo ; ou a harpa dos themes philosophicos e assumptos historicos. E' influenciado por Victor Hugo, Théophile Gautier e outros proceres do romantismo. Na sua ultima feição, porém, sofre o influxo de Baudelaire e dos poetas symbolistas.

Em «Quatro poemas» observa-se a fonte de inspiração do poeta e nota-se a predominancia do estylo descriptivo, do culto

pantheista, prevalecendo sempre a immensidade dos mares e a amplidão da abobada celeste. O poeta deixa-se inebriar pela polychromia das auroras, pelo brilho intenso do sol e a scintillação offuscante das estrellas. E quando não contempla o espaço infinito, volve a attenção para outros scenarios vastos: a superficie dos mares, a extensa faixa das praias alvacentas onde espoucam as vagas encapeladas; ou então busca a sensação do horrivel ou do tetrico: são as feras, são os gigantes, são as mumias...

A forma, ao contrario do que prega o poeta de 24 annos, é rebuscada, abusando da ordem inversa, das clausulas incidentes e dos termos campanudos. Não exerce attracção a leitura dos «Quatro poemas», nem revelam interesse os sonhos do poeta. (1)

No poemeto «A ultima noite de Tiradentes», continua o autor no mesmo diapasão, revelando-se, porem, algum progresso na forma e na concepção. Sente mais directa a acção de Victor Hugo e lembra o estro de Guerra Junqueiro, principalmente nas apostrophes com que define a liberdade.

Nesse poema dramatico, o heróe da inconfidencia mineira é completamente deturpado pela phantasia do poeta que nos apresenta um Tiradentes atheu, blasphemador inteiramente falso.

Onde se accentua a originalidade de Murat, onde a sua feição litteraria se revela, em um consorcio de forma complicada e de exuberante imaginação, é no volume das «Ondas», publicado cinco annos mais tarde. Surge nesse livro a indole romantica do poeta, subordinando os themes de amor a um

(1) Refundiu o opusculo «Quatro poemas», aproveitando o thema do poemeto — *FLEXA DO MELAMUN* — e compondo o poema «Redempção», prompto a entrar no prélo. Foi ampliado, com grande desenvolvimento, e remodelado, sob a feição moderna do poeta, quer na parte esthetica, na metrica, quer no assumpto e na erudição.

É uma obra que eleva e merecimento do autor, alias já consagrado.

lyrismo suave e encantador, embora continuem, nos outros generos, os mesmos surtos de imaginação, as phantasias irrequietas e a originalidade de estylo.

A extravagancia do seu talento poetic e a manifestação do seu espirito revolucionario, recebem incremento nos dois ultimos volumes das «Ondas» e em «Sarah», onde a imaginação conquista plena liberdade, incompativel com os moldes do soneto e com os versos de poucas syllabas.

Torna-se um apocalyptic, segundo a expressão de Medeiros e Albuquerque, pois deixa-se dominar pelo mysticismo de Swedenborg, o philosopho sueco que sustenta existir a continuidade da nossa vida em outros planetas.

Foi revolucionario na arte, como atestam a sua profissão de fé na «Vida Moderna» e as suas ideias nos prefacios e notas no livro sobre Felix Pacheco, definindo a sua esthetic, o seu programma de artista e o seu credo philosophico. .

Foi revolucionario na vida practica, como demonstra em sua accão de jornalista, nas campanhas em prol do abolicionismo e na sua carreira politica.

Representou o seu Estado natal em varias legislaturas da Camara dos Deputados, inclusive no Congresso Constituinte; foi Secretario geral do governo do Estado do Rio e actualmente exerce o cargo de escrivão vitalicio da provedoria da Capital Federal.

Espirito diffuso e prolixo, sempre preferiu os poematos e os versos alexandrinos, não se conformando com o ambito acanhado do soneto nem com os estreitos limites dos heptasyllabos.

De Luiz Murat só é conhecido um soneto — «O poder das lagrimas» — tal como se observou em Victor Hugo que só escreveu um soneto dedicado a Judith Gautier.

No mundo objectivo tem o culto pantheista e no subjec-

tivo enleia-se em um labirintho de ideias e de pensamentos ignorados pela maioria dos homens.

O poeta da ultima phase, a partir das «Ondas», foi se aperfeiçoando e integrou-se, em consorcio intimo da ideia e da forma, da poesia e da philosophia. E' hoje o poeta da vida e seus mysterios.

Notaveis foram os progressos do artista, que figura entre os melhores representantes da poesia brasileira.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A evolução da poesia no Brasil — Occaso do romantismo e o movimento reaccionario — As primeiras manifestações do poeta — Os autores que mais influiram na sua inspiração — Os «Quatro poemas» e «A ultima noite de Tiradentes», como ensaios de seu estro — A sua esthetic definida em um livro de critica e nos prefacios e notas — Os tres volumes das «Ondas» e «Sarah» — O criterio preferencial nas «Poesias escolhidas» — O divergente na scisão litteraria — O espiritualista e as doutrinas de Swedenborg — O jornalista revolucionario e o paladino da abolição e da republica — O politico — Astro em eclipse — Nova projecção de luz — Juizo da critica contemporanea.



ALVARES DE AZEVEDO

Patrono da cadeira n. 2. — Nasceu em
São Paulo, a 12 de Setembro de 1831 e
faleceu no Rio, a 25 de Abril de 1852.

ALVARES DE AZEVEDO

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — OBRAS. 3 volumes — H. Garnier — 7.^a edição.
 - 1.^o vol., 366 pags., contendo : Advertencia — Juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros — Noticia sobre o autor e suas obras — Notas — Peças elegiacas relativas ao autor — Poesias diversas — Poema do frade.
 - 2.^o vol., 356 pags., contendo : Prefacios — Lyra dos vinte annos, em tres partes.
 - 3.^o vol., 418 pags., contendo : Cartas — Discursos academicos — Orações funebres — Estudos litterarios — Litteratura e civilisação em Portugal — Estudos dramaticos.
- (A primeira edição, Rio, Laemmert, feita pelo pae do poeta, consta de douis volumes : o primeiro publicado em 1853 e o segundo em 1855. A segunda edição, (Paris, Garnier), em tres volumes in-8.^o, é de 1862 ; a terceira do mesmo anno, tambem em tres in 18, pertence á collecção «Brasilia», bibliotheca dos melhores autores nacionaes, antigos e modernos. A quarta edição é de 1873, em tres volumes e a quinta de 1884). Garnier adquiriu a propriedade litteraria por 5 contos, em 1861.
- * 2 — A NOITE NA TAVERNA, contos phantasticos precedidos de um esboço biographico pelo dr. Joaquim Manoel de Macedo — 48 paginas — Rio, B. L. Garnier (A primeira edição é de Lisbôa, em 1878).

- * 3 — O CONDE LOPO, poema — 200 pags., Rio, Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1886.
- 4 — DISCURSO proferido a 11 de Agosto de 1849, na sessão que commemorou a creaçao dos cursos juridicos no Brasil — Rio, 1849.
- 5 — D. DINIZ ou A BENGALEIDA, poema (inedito).
- 6 — OS JESUITAS DE CASACA E ESTOLA, versos, (ineditos). Não ha certeza da existencia desses manuscriptos.

Fez uma imitação, em verso, do 5.^o acto de *Othelo*, de Shakespeare, e começou a traduzir a *Parisina*, de Byron.

Collaborou nos *Ensaios Litterarios*, jornal academico de São Paulo.

Encontra-se a reproduçao de sua photographia na *Lyra Popular*, na pag. 70 da *Littérature brésilienne* de Victor Orban, na «Chronologia paulista» de Jacintho Ribeiro. Existe na Faculdade de Direito, uma copia a oleo da tela de Krumoltz, que só viu o poeta no leito de morte; ha tambem um retrato inedito, feito em Paris, dum daguerreotypo tirado aos 18 annos.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 FERDINAND WOLF — *Littérature brésilienne*, pag. 211.
- 2 SYLVIO ROMERO — *Historia da Litteratura Brasileira*, vol. 2.^o, pag. 195.
- SYLVIO ROMERO — *Livro do Centenario*, vol. 1.^o.
- SYLVIO ROMERO e JOÃO RIBEIRO — *Compendio de historia da litteratura brasileira*, pag. 205.
- 3 JOSÉ VERRISSIMO — *Estudos de litteratura brasileira*, vol. 2.^o, pag. 35 — *Historia da litteratura brasileira*, pag. 299.
- 4 JULIO BARBUDA — *Litteratura brasileira*, pag. 354.
- 5 GAMA ROSA — *Sociologia e esthetica*, pag. 151.

- 6 C. CASTELLO BRANCO — Cancioneiro alegre, vol. 1.^o, pagina 111.
- 7 J. MANOEL DE MACEDO — Anno biographico, vol. 3.^o, pag. 61. — Prefacio da «Noite na taverna».
- 8 ARMANDO PRADO — Conferencia na Sociedade de Cultura Artistica. São Paulo, volume 1.^o, pag. 43.
- 9 ALVARO GUERRA — A mocidade brasileira, pag. 19.
- 10 LOPEZ DE MENDONÇA — Memorias de litteratura contemporanea, pag. 318.
- 11 AFRANIO PEIXOTO — Poeira da estrada, pag. 182
- 12 VICTOR ORBAN — Littérature brésilienne, pg. 69.
- 13 ALMACHIO DINIZ — Anthologia da lingua vernacula, pagina 308.
- 14 EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 521.
- 15 JACY MONTEIRO — Juizo critico no 1.^o vol. das Obras completas.
- 16 LOPEZ MENDONÇA — idem.
- 17 FERDÍNAND WOLF — idem.
- 18 INNOCENCIO DA SILVA — idem.
- 19 FERNANDES PINHEIRO — idem.
- 20 EMILIO ZALUAR — idem.
- 21 J. NORBERTO DE SOUZA — Noticia sobre o autor e suas obras, no 1.^o volume das Obras completas.
- 22 Discursos e peças elogiosas de varios autores, na introdução ao 1.^o volume das Obras completas.
- 23 Cartas do poeta a varias pessoas, no terceiro volume das Obras.
- 24 Annaes da Academia Philosophica — Rio, n. 2, pag. 56.
- 25 PAULO DO VALLE — Parnaso academico paulistano, 1881.
- 26 DR. JOAQUIM DE PAULA SOUZA — Manual de litteratura.
- 27 JOSÉ VICENTE DE AZEVEDO SOBR.^o — Alvares Azevedo.

- 28 SPENCER VAMPRE — Alvares Azevedo, Conferencia : Gazeta, 11 e 12—5—1917.
- 29 ALFREDO PUJOL — Mocidade e poesia, conf. E. de São Paulo, 13—10—906.
- 30 MANOEL L. DE CARVALHO RAMOS — Alvares de Azevedo, drama, Cachoeira (Bahia), Typ. do Guarany.
- 31 RONALD DE CARVALHO — Pequena historia da litteratura brasileira.
- 32 TEIXEIRA DE MELLO — Ephemerides nacionaes, vol. 1, pagina 257.
- 33 VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO — Genealogia de Alvares de Azevedo, artigo no «Jornal do Commercio», de São Paulo — «A casa de um poeta» — «Cigarra», 14-6-1918 — «Alvares de Azevedo era um genio?», «Jornal do Commercio», de São Paulo, 11-7-1918 — «Um retrato de Alvares de Azevedo», no mesmo jornal de 2-3-917 e 9-4-917 — «Alvares de Azevedo», «Jornal do Commercio», de São Paulo, 12-9-918 — «Como um poeta morre», «Diario Popular», 25-4-919 — «Humour», «Estadinho», 11-6-919 — «Amores de Alvares de Azevedo», «Cigarra», 1-6-919 — «Uma reliquia», «Cigarra», 1-9-1919.
- 34 INNOCENCIO DA SILVA — Diccionario bibliographico, vol. 5.^o, pagina 357.
- 35 SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.
- 36 ALMEIDA NOGUEIRA — Tradições e Reminiscencias.
- 37 ESCRAGNOLLE DORIA — «Alvares de Azevedo no Collegio Pedro II», «Jornal do Commercio», artigo em abril, 1914.
- 38 MAGALHÃES DE AZEREDO — Discurso em honra a Alvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varella — 1893.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Manoel Antonio Alvares de Azevedo era filho legitimo do dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo e de d. Maria Luiza da Motta Azevedo. Segundo affirmam os seus biographos, nasceu na sala da bibliotheca da Faculdade de Direito de São Paulo, a 12 de Setembro de 1831.

O dr. Almeida Nogueira (*Tradições e Reminiscencias*, vol. 7.^º), contestou semelhante asserção e provou que o poeta viu a luz do dia em uma casa da rua São Gouçalo, quasi ao desembocar no Largo da Sé. (1)

Sylvio Romero e Almachio Diniz afirmam erroneamente que elle tivesse nascido na cidade do Rio de Janeiro.

O seu pae era estudante de direito em São Paulo, quando nasceu o poeta, e removeu-se para a Côrte depois de concluido o curso academico, levando o filho com 2 annos de idade.

Em 1840, com a idade de 9 annos, foi matriculado no Collegio Stoll, do Rio, onde estudou durante quatro annos, assombrando o seu velho e provecto mestre, com a manifestação do prodigioso talento e por notavel applicação no estudo de linguas e sciencias. São conhecidas as cartas que o abalisado professor escreveu ao pae, prognosticando a celebriidade do filho.

Foi obrigado, por motivo de molestia, a interromper o curso de humanidades em 1844, procurando o clima de São Panlo, a conselho dos facultativos. Regressou á Côrte no anno seguinte, sendo confiado ao professor Barão de Planitz que o preparou para a matricula no 5.^º anno do Collegio Pedro II, onde se hacharelou, com brilhantismo, em 1847.

(1) Está hoje averiguado que Alvares de Azevedo nasceu em casa de seu avô materno Silveira da Motta, à rua Quintino Bocayuva, esquina da rua Senador Feijó (Vide "Revista do Brasil" n. de Setembro de 1919 e do "Commercio de São Paulo" de 2 de Março e 10 de Abril de 1917).

No anno immediato, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, logrando extraordinario successo nos 4 annos de curso. Foi sempre aprovado com distincção e conseguiu sa-lentar-se no estudo de direito romano e commercial, analysan-do o codigo do commercio e confrontando-o com a legislacão estrangeira sobre o mesmo assumpto.

E, enquanto se esmerava no estudo das sciencias juridicas e sociaes, lia com anciedade, desde o tempo de collegio, no inter-nato, as melhores obras de litteratura universal.

Subito veio-lhe o presentimento de morte prematura. Notava a coincidencia de falecer todos os annos um quinto annista e escreveu em uma parede, o nome dos ultimos bacharelados mortos, deixando em seguida ao anno de 1852, uma longa reticencia.

E a ideia funebre não mais lhe abandonou o cerebro.

Transmittiu o vaticinio a amigos e collegas, escreveu poesias allusivas ao agouro funesto e entregou-se a um trabalho febril, em vigilias prolongadas, preparando o seu legado á posteridade.

Falleceu, com 20 annos e 7 mezes, na cidade do Rio de Janeiro, ao lado do pae extremoso e do querido irmão, tendo o cuidado de afastar a mãe idolatrada no momento extremo.

Antes de exhalar o ultimo suspiro, exclamou : — Que fatalidade, meu pae !

Desde menino manifestou decidida vocaçao para a poesia. Consagrava não só os momentos de lazer, como noites inteiras, a escrever, sem prejuizo dos estudos.

Era muito affectivo e devotado á familia, como demonstra em varias poesias : — «A minha mãe» e «Si eu morresse amanhã», entre outras.

De natureza morbida, desequilibrada de origem, e enfra-quecida pelos estudos e leituras, buscava a solidão e manifes-tava desvarios de espirito.

Dotado de uma intelligencia robusta, era propenso ao idealismo e nutria a crença por indole, embora a tivesse consolidado na educação subordinada a um regimen religioso.

A sua decantada vida bohemia, os seus desregramentos de moço, eram mais devidos ás apparencias do que á realidade. Contrahiu a fama pelo seu lyrismo sceptico e lascivo, pelo culto que devotava a Byron e pela exteriorização de pensamentos satanicos.

Mas a sua vida de libertino foi mais subjectiva do que objectiva..

Externava blasphemias de um gosador epicurista, ostentava scepticismo em assumptos de amores, lamentando não haver encontrado mulheres puras e só deparar com Messalinas.

Os seus autores favoritos eram Byron, V. Hugo, A. Musset, Lamartine, Shakespeare, Tasso, George Sand, Shelley, Espronceda, Vigny e Heine.

Hauriu a inspiração na fonte, pois conhecia varios idiomas e era muito versado em litteratura portugueza.

Como lyrico, assumiu a feição byroniana, como em «Gloria moribunda», «O poema do frade» e muitas outras.

Era um poeta bohemio, descrente, desilludido, diabolico e desesperado. Nunca foi popular e sempre logrou aplausos entre os estudantes e litteratos.

Ha em suas poesias manifestações de objectivismo, passagens humoristicas e cantos politicos, revelando-se o «humour» na essencia.

Como critico revelou talento e erudição, mas foi emphatico e exagerado, cedendo ao impulso da juventude. O «conteur» de «A noite na taverna» externou-se numa superfetação de maneiros de Byron, cultivando o satanismo em phantasias loucas. O dramatista legou-nos um ensaio, «Macario», promissor de obras de vulto. O orador reflecte-nos o estylo dos discursos academicos.

Alvares de Azevedo havia preparado uma collecção de poesias que ia publicar sob o titulo de «Lyra dos vinte annos», de parceria com Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa. Não o realizou, impedido pela morte que tambem nos arrebatou o terceiro collaborador.

Apezar da sua melancolia innata e do seu scepticismo, teve gosos de bohemio e pertenceu á Sociedade Epicurea

Valetudinario precoce, falleceu aos vinte annos e meio de idade, em pleno vigor de talento e mocidade, como sucedeu a muitos outros poetas brasileiros : Casemiro de Abreu, Junqueira Freire, Castro Alves, Martins Penna, Gonçalves Dias, Dutra e Mello, Macedo Junior, Bernardino Ribeiro e Francisco de Sá, entre outros.

Foi Alvares de Azevedo o mais erudito dos nossos poetas da geração romantica, inclusive Gonçalves Dias. E essa assertão ganha realce, si attentarmos na idade com que faleceu:

A collectanea de suas obras não obedeceu ao criterio do poeta, excepto na parte relativa á «Lyra dos vinte annos». O primeiro volume encerra as «Poesias diversas» e «O poema do frade». Encontra-se na primeira parte, além de outras, «Gloria moribunda», repassada da inspiração byroniana. «Pedro Ivo», poesia patriotica, «A minha mãe» e «Thereza», impregnadas da essencia do lyrismo brasileiro.

O segundo volume é inteiramente consagrado á «Lyra dos vinte annos», onde se observam as cambiantes que definiram o talento e o temperamento do malogrado poeta brasileiro. E' o melhor quinhão de sua obra.

O terceiro encerra as cartas, os discursos, os estudos litterarios sobre Lucano, George Sand e Alfred Musset, o ensaio sobre Litteratura e Civilisação em Portugal, Macario e a Noite na taverna.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A precocidade e o desequilibrio organico — A alma do poeta — Exemplo notavel de erudição — Os autores que influiram na formação da sua individualidade litteraria — Presentimento lugubre — As poesias diversas e a «Lyra dos vinte annos» — O poema do frade — As cartas e discursos — O critico — Macario — A noite na taverna — O Conde Lopo — Posição do poeta entre os lyricos brasileiros — O julgamento dos posteriores.



COELHO NETTO

Fundador e actual occupante da cadeira
n. 2. — Nasceu em Caxias, Estado do
Maranhão, a 21 de Fevereiro de 1864.

C O E L H O N E T T O

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — RHAPSODIAS, contos — Rio de Janeiro, Imprensa Lombaerts, Marc Ferrez e Companhia — 172 pags. — 1891.
- * 2 — A CAPITAL FEDERAL, romance — (impressões de um sertanejo—Rio, edição especial d'«O Paiz»—317 pags.—1893.
- * 3 — BALLADILHAS, contos — Rio, Domingos de Magalhães — 286 pags. — 1894.
- * 4 — BILHETES POSTAES, chronicas (1892-1893) pseudonymo Anselmo Ribas — Rio — Domingos de Magalhães (ed.) 254 pags. — 1894.
- * 5 — SEARA DE RUTH, contos — pseudonymo Anselmo Ribas — Rio, Domingos de Magalhães (editor) — 141 paginas — 1894.
- * 6 — LANTERNA MAGICA, chronicas — pseudonymo Anselmo Ribas — Rio, Domingos de Magalhães (ed.) — 187 pags.
- * 7 — FRUCTO PROHIBIDO, contos — pseudonymo Anselmo Ribas — Rio, Domingos de Magalhães (editor) — 199 pages. — 1895.
- * 8 — MIRAGEM, romance — Rio, Domingos de Magalhães (ed.) — 390 pags. — 1895.
- * 9 — O REI FANTASMA, romance — Rio, Domingos de Magalhães (ed.) — 300 pags. — 1895.
- * 10 — PRAGA, novella — Rio, J. Cunha e C. (editores) — 115 pags., publicada antes na Revista Illustrada.

- * 11 — A' COLONIA PORTUGUEZA NO BRASIL e A' LITERATURA PORTUGUEZA — brinde no banquete Assis Brasil, realizado no Casino Fluminense a 16 de Junho de 1896 — edição de «A Bruxa» — Rio, typ. Leuzinger — 15 paginas — 1896.
- * 12 — SERTÃO, novellas — Rio, typ. Leuzinger (coleccão «Alva» — 467 pags. — 1896.
- * 13 — AMERICA — (educação civica) — Rio, Editores, Bevilacqua e C. — 80 pags. — 1897.
- * 14 — PELO AMOR!, poema dramatico em 2 actos — Rio, Laemmert e C. (editores) — 62 pags. — 1897.
- * 15 — ALBUM DE CALIBAN, contos, 6 fascs.—Rio, Laemmert e C. (editores) — 51, 51, 50, 55, 54, 59 pags. — 1897-1898.
- * 16 — INVERNO EM FLOR, romance — (coleccão «Alva») — Rio, Laemmert e C. (editores) — 377 pags. — 1897.
- * 17 — O PARAIZO, romance — Laemmert e C. (editores) — 215 pags.
- * 18 — O MORTO, romance — (memorias de um fuzilado) — Rio, Laemmert e C. (editores) — 263 pags. — 1898.
- * 19 — O RAJAH DO PENDJAB, romance — 2 volumes — Rio, Laemmert e C. (editores) — 242-290 pags. — 1898.
- * 20 — ARTEMIS, episodio lyrico — musica de Alberto Nepomuceno — posta em scena pela primeira vez no Theatro São Pedro de Alcantara (Centro Artístico) em Outubro de 1898 — Rio, Fertin de Vasconcellos, Morand e C. — 22 pags. — 1899.
- * 21 — HOSTIA, ballada em 1 acto, em prosa rhythmica, musica de Delgado de Carvalho — representada no Theatro São Pedro de Alcantara (Centro Artístico) em Outubro de 1898 — Rio, Fertin de Vasconcellos, Morand e C. — 35 pags. — 1899.
- * 22 — A CONQUISTA, romance — 2.a edição — 1913 — Porto, Livraria Chardon, de Lello e Irmão — 438 pags.

- * 23 — TERRA FLUMINENSE (A), educação cívica — col. de Olavo Bilac — Rio, Imprensa Nacional — 74 pags. — 1898.
- * 24 — ROMANCEIRO, contos — 2.a edição de 1906 — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 227 pags.
- * 25 — A DESCOBERTA DA INDIA, narrativa histórica — Rio, Laemmert e C. (editores) — 146 pags. — 1898.
- * — 26 — POR MONTES E VALLES (Ouro Preto e Vassouras) pseudonymo Anselmo Ribas — Rio, Domingos de Magalhães (ed.) — 194 pags. — 1898-1899.
- * 27 — SALDUNES, acção legendaria em 8 episódios, música de Leopoldo Miguez, Lisboa, Tavares Cardozo e Irmão (editores) — 101 pags. — 1898-1900.
- * 28 — BELLAS ARTES, memória do Livro do Centenário — 77 pags. — 2.o volume — 1901.
- * 29 — TORMENTA, romance — Rio, Laemmert e C., editores — 271 pags. — 1901 — (Agareno na Revista Brasileira).
- * 30 — A BICO DE PENNA, fantasias, contos e perfis — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 395 pags. (1902-1903) — 1904.
- * 31 — AGUA DE JUVENTA, contos — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 409 pags. — 1904.
- * 32 — TREVA, novellas — Paris, H. Garnier, editor — 349 pags. — 1905.
- * 33 — A PALAVRA, conferencia realizada a 23-9-905 no Instituto de Música — Rio, Nuno Castellões e C., editores — 30 pags. — 1905.
- * 34 — COMPENDIO DE LITTERATURA BRASILEIRA, segundo o programma do Gymnasio Nacional — Rio, Livraria Francisco Alves — 117 pags. — 1905.
- * 35 — PASTORAL, evangelho em 1 prologo e 3 quadros — Lisboa, Livraria Viuva Tavares Cardoso — 103 pags. — 1905.
- * 36 — TURBILHÃO, romance — Rio, Laemmert e C. — 373

- pags. — 1906. (Foi antes publicado em «A Noticia» sob o titulo «O Polvo».
- * 37 — A AGUA, conferencia realisada a 11-11-1905 no Instituto de Musica — Rio — 27 pags. — 1906.
 - * 38 — FABULARIO, contos — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 246 pags. — 1907.
 - * 39 — THEATRO — 1º volume — (O relicario, comedia em 3 actos, Theatro Lucinda, 1899— Os raios X, entremez, Cassino Fluminense, 1897 — O diabo no corpo, comedia em 3 actos, Theatro Lucinda, 1905) — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 437 pags. — 1911.
 - * 40 — THEATRO — 2º volume — (As estações, preludio romântico, Theatro São Pedro de Alcantara, 1898 — Ao luar, peça em um acto, Theatro Sant'Anna, 1898 — Ironia, peça em um acto, theatro São Pedro de Alcantara, 1898 — A mulher, comedia em um acto — Fim de raça, comédia em um acto, theatro Apollo, 1900) — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 217 pags. — 1907.
 - * 41 — THEATRO — 3º volume — (Neve ao sol, peça em 4 actos — A muralha, peça em 3 actos, 1905) — Rio, H. Garnier — 280 pags.
 - * 42 — THEATRO — 4º volume — (Quebranto, comedia em 3 actos, theatro da Exposição Nacional, 1908 — Nuvem, sainete, theatro da Exposição, 1908) — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 222 pags. — 1908.
 - * 43 — THEATRO — 5º volume — (O dinheiro, peça en 3 actos, Theatro Municipal, 1912 — O intruso, peça em um acto, Theatro Trianon, 1915 — Bonança, peça em um acto, Theatro Municipal, 1909) — Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 237 pags. — 1917.
 - * 44 — AS SETE DORES DE NOSSA SENHORA, narrativa bíblica — Rio, E. Bevilacqua e C. — 103 pgs. — 1907.

- * — 45 JARDIM DAS OLIVEIRAS, contos — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 257 pags. — 1908.
- * 46 — INNOCENCIO INNOCENTE, nova serie de Album de Caliban — Rio, Bibliotheca d' «O Malho».
- * 47 — ESPHINGE, romance — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 281 pags. — 1908.
- * 48 — THEATRO INFANTIL, comedias e monologos em prosa e verso — 2.a edição — collaboração de Olavo Bilac — Livraria Francisco Alves — 174 pags. — 1910.
- * 49 — VIDA MUNDANA, contos — Rio, H. Garnier — 138 pags.
- * 50 -- APOLOGOS, contos para creanças — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 262 pags. — 1910.
- * 51 — SCENAS E PERFIS, chronicas — H. Garnier — 226 pags. — 1910.
- * 52 — MYSTERIO DO NATAL, narrativa biblica — Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 189 pags. — 1911.
- * 53 — ALMA, educação feminina — Rio, J. Ribeiro dos Santos — 158 pags. — 1911.
- * 54 — PALESTRAS DA TARDE, conferencias e discursos — Rio, H. Garnier — 160 pags. — 1911.
- * 55 — BANZO, contos — Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 210 pags. — 1912.
- * 56 — CONFERENCIAS LITTERARIAS — 2.a edição — Rio, — H. Garnier — 146 pags. — 1911.
- * 57 — A PATRIA BRASILEIRA, educação moral e civica — 4.a edição — collaboração de Olavo Bilac — Rio, Francisco Alves e C. — 287 pags. — 1914.
- * 58 — CONTOS PATRIOS, educação moral e civica — 10.a edição — collaboração de Olavo Bilac — Rio, Francisco Alves e C. — 288 pags. — 1913.
- * 59 — MELUSINA, novellas — Rio, H. Garnier — 128 pags.
- * 60 — COMPENDIO DE LITTERATURA BRASILEIRA —

- 2.a edição — Rio, Francisco Alves e C. — 177 pags. — 1913.
- * 61 — REI NEGRO, romance barbaro — Porto, Livraria Char-dron, de Lello e Irmão — 461 pags. — 1914.
 - * 62 — VERSAS, chronicas e discursos — Bahia, Livraria Ca-tilina — 313 pags. — 1918.
 - * 63 — DISCOURS — «Bataille de l'Yser», prononcé le 20 oc-tobre 1917, au théâtre Municipal — 16 pags. — Rio, typ. Bernard Frères — 1917.
 - * 64 — O MAR, conferencia litteraria feita no Club Natação e Regatas — 20 pags. — Rio, typ. Villas-Bôas e C. — 1918.
 - * 65 — A CARIDADE, conferência litteraria.
 - * 66 — O REI ALBERTO, discurso.
 - * 67 — FALLANDO..., discursos — 300 pags. — Rio, Leite Ri-beiro e Maurillo — 1919.
 - * 68 — FRUTOS DO TEMPO — 416 pags. — Bahia, Livraria Catilina — 1920 — Essa livraria tambem editou um volume de contos escolhidos.
 - * 69 — O MYSTERIO, romance — Collaboração de Afranio Peixoto, Medeiros e Albuquerque e Viriato Corrêa — ed. da Revista do Brasil — S. Paulo, 1921.

Collaborou na Gazeta da Tarde, Novidades, Cidade do Rio, Gazeta de Notícias, A Notícia, O Paiz, A Noite, etc., etc. Revista Brasileira, segunda phase, Revista de Ciencias, Letras e Artes de Campinas, Revista Moderna, Kosmos, Renas-cença, Revista Americana, na «Vida Moderna», onde publicou a «Galeria Amorosa», em varios numeros, na «Semana» : Gu-a-nabara (poema em prosa, na «Revista Illustrada» : Passiona-rias, a novella «Praga», etc., etc. (1).

(1) Em o n. 18 da Revista da Academia B. de Letras, encontram-se : Rocha, o «Alazão», conto (do «Fogo fatuo») e o Discurso de recepção de Osorio Duque Estrada.

Encontra-se a reproduccão de sua photographia em «A Conquista», «Fabulario», «A bico de penna», «Theatro», «Jardim das Oliveiras», «Esphinge», «Mysterio do Natal», «Pastoral», «Apologos», «Banzo», «Rei Negro», «Littérature Brésilienne», de Victor Orban, Bibliotheca Internacional de Obras Celebres, Le Brésil Contemporain, de P. Rovelly e em varias revistas.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 ARARIPE JUNIOR — Movimento litterario de 1893 — pags. 132.
- 2 ADOLPHO CAMINHA — Cartas Litterarias — pags. 1, 57, 97.
- 3 JOSÉ VERRISSIMO — Estudos de litteratura brasileira : tomo 1º, pag. 242 — tomo 4º, pag. 1 — tomo 6º, pags. 230 e 250.
- 4 JOÃO DO RIO — Momento litterario — pag. 50.
- 5 ALMACHIO DINIZ—Da esthetica na litteratura comparada.
- 6 JOSÉ VERRISSIMO — Miragem (Revista brasileira), 2.a phase, vol. IV — pag. 128.
7. ALMACHLO DINIZ — Anthologia da lingua vernacula.
8. VICTOR ORBAN — Littérature brésilienne — pag. 288.
- 9 JOÃO DO RIO — Conferencias litterarias (Almanack Garnier), 1907 — pag. 311.
- 10 EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira — pag. 84.
- . 11 BENEDICTO COSTA — Le roman au Brésil.
- 12 FIALHO DE ALMEIDA — Barbeiar, pentear... — pagina 177.
- 13 MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO — No meu canti-nho — pag. 219.
- 14 NESTOR VICTOR — A critica de hontem — pags. 199 e 319.
- 15 PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia Brasileira, em 1915.
- 16 Dr. P. ROVELLY — Le Brésil contemporain.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Descendente de portuguez e india legitima, nasceu Henrique Maximiano Coelho Netto, na cidade de Caxias, a 21 de Fevereiro de 1864. Seu pae, Antonio Francisco Coelho, de nacionalidade portugueza, era um pequeno negociante, sem letras, austero e severo.

Anna Sylvestre Coelho, oriunda da raça aborigene, sem instrucção, mas muito habilidosa, era sua mãe.

Eximia costureira, montou officina no Rio de Janeiro, logo que para ahi se mudou, em 1870.

Permaneceu, portanto, Coelho Netto, apenas 6 annos no Maranhão, tranferindo-se, em companhia dos paes, para a cidade do Rio de Janeiro, onde fixaram residencia definitiva.

As maiores influencias exercidas na sua infancia, foram a da mucama Eva, um «folk-lore» vivo, que lhe narrava contos populares brasileiros; e a de D. Maria, portugueza, a engomadeira da casa, que lhe transmittia os contos das mil e uma noites, sob a feição popular. A influencia foi tão decisiva que ainda hoje pronuncia distrahidamente a palavra Callais, referente à historia popular, como se fôra um vocabulo da lingua portugueza.

Quem lhe iniciou a instrucção e muito contribuiu para a sua educação, foi o seu tio Rezende, 18 annos mais idoso do que o pae, a quem o Snr. Antonio respeitava como se fôra o proprio pae.

O tio Rezende era guarda-livros, dedicado ao estudo dos classicos portuguezes e latinos. Foi quem despertou a affeição de Coelho Netto pelas leituras do portuguez antigo e quem lhe inculcou bases solidas no estudo do latim.

Quando se matriculou no Collegio Jordão, do Rio de Ja-

neiro, em 1871 ou 72, já lia Cicero e era tido entre os collegas como latinista.

Os primeiros estudos de Coelho Netto, foram emprehendidos sem methodo e orientação.

Sahiu do Collegio Jordão, onde permaneceu um anno apenas, talvez menos, por motivo de molestia que o forçou a interromper os estudos. (As reminiscencias desse tempo estão contidas no romance «O Morto»).

Matriculou-se no mosteiro de S. Bento, em 1873, e ahi cursou um anno sómente.

Em 1877 ou 1878 matriculou-se no Collegio D. Pedro II, mas não concluiu o curso.

Iniciou os estudos na Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1883, e frequentou o curso até 1885, regressando ao Rio em 1886.

As suas primeiras manifestações litterarias, foram : Uma «fantasia», publicada n' «A Gazetinha» ; um soneto, na secção paga do «Jornal do Commercio» do Rio ; algumas tentativas poeticas (ineditas) e contos inspirados pelas «Mil e uma Noites», os quaes não foram publicados.

Começou a escrever em jornaes ; na «Gazeta da Tarde» (1887), depois no «Novidades», com Alcindo Guanabara e na «Cidade do Rio, com José do Patrocínio, até á abolição. Tem collaborado em quasi todos os jornaes do Rio, em muitos de S. Paulo e em alguns do Norte.

Viveu longo tempo dos proventos adquiridos como escriptor, até ser nomeado professor da cadeira «Historia das Artes», em 1892, se não me engano, permanecendo apenas 8 meses nesse logar.

Transferiu-se para a cidade de Campinas em 1900, desmoronando o seu ninho de artista, desfazendo-se dos seus moveis preciosos e de muitos objectos d'arte. Fez um brilhante con-

curso no Gymnasio de Campinas, sendo nomeado professor de Litteratura, cargo que exerceu durante tres annos.

Regressou ao Rio e, em 1909, foi nomeado professor do Gymnasio Nacional para leccionar a cadeira de Litteratura.

Occupou os seguintes cargos publicos: Secretario do Governo do Estado do Rio (administração Portella), redactor dos debates no Senado, director da Escola Dramatica, desde 1910.

Foi deputato geral pelo Estado do Maranhão, nas legislaturas de 1909 a 1917.

Toda a sua vida litteraria foi feita no Rio. Do Maranhão trouxe apenas n'alma uma intuição que sua Mãe foi, pouco a pouco, desenvolvendo. Quando chegou a Caxias, em 1899, e entrou na casa onde nasceu, foi como se a ella tornasse depois de uns dias de ausencia: «conhecia-a toda», desde o quintal até á sala, tendo della sahido com 6 mezes apenas. O mesmo pôde-se dizer do mais. Elle trouxe sempre o Maranhão no intimo d'alma e consigo o conserva, como sempre o conservou sua Mãe.

Em toda a sua obra ha um ponto que passa despercebido á critica. E' um crente e quasi um supersticioso. A sua crença é oriunda da educação na infancia e prejudicada por vezes na illustração promiscua que teve, principalmente na leitura, incutindo-lhe superstições. Nota-se essa influencia em «Fertilidade», «Bom Jesus da Matta», «Nossa Senhora da Lapa» (a publicar-se) e «Terra Virgem» (idem). E' uma religião em que admite uma entidade superior, um Deus, sem nome especial. Como artista tem o culto pantheistico.

A ultima phase do seu programma é a apologia da terra productora, do mundo physico («Terra Virgem», romance a publicar); um pouco de tradição, concorrendo com a sua phan-

tasia («Poranduba», (1) contos brasileiros); a energetica, preparo da modicidade, querendo o homem apollineo e não o dyonisiac.

Sente necessidade dc refundir a sua obra, para modificar a essencia e corrigir a fórmá, combatendo a prolixidade, supprimindo adjectivos abundantes, etc.

Como exemplo cita o «Paraíso» em que, no começo, um dos personagens tem o nome de baptismo e no fim é chris-mado com outro.

Contractou a reedição da obra com Lello e Irmão e entre os livros que devem soffrer modificaçāo radical, está o «Paraíso» de que só conserva o titulo e nomenclatura dos capítulos. Não fará a reedição das «Balladilhas», do «Fructo prohibido», «Album de Caliban», «Innocencio, o innocent», e o «O rajah do Pendjab».

Confiou os originaes de sete volumes a Domingos de Magalhães (fallecido) e não sabe onde param essas obras. Vendeu tambem a Mó Freitas (fallecido) o original do «Fim de seculo», e á livraria Alves «Viagem de uma familia brasileira ao Norte do Brasil», publicado primitivamente na «Gazeta de Notícias», sob o titulo «O Norte», impressões de viagem. Essa publicação foi suspensa a conselho de Ferreira de Araujo, porque as impressões sobre a Bahia eram deficientes e falsas.

Foi publicada a traducçāo do «Sertão», em allemão, sob o titulo de «Wildnis», por M. Brussot e estão a publicar, do mesmo traductor, «Urwald» (Floresta) e «Schwartz Koenig» (Rei Negro).

Tem a imprimir os seguintes volumes : «Nossa Senhora da Lapa», romance ; «Poranduba», contos brasileiros ; «Terra

(1) «Poranduba», nome indigena, significa novellistica, historia, romance.

«Virgem», romance lyrico ; «Ruda», romance fantastico, cuja acção começa na Atlantida e termina no Amazonas ; um livro, ainda sem titulo, dividido em duas partes : Fantasia e Canteiro de Saudade ; o sexto volume do Theatro : «Patinho torto» e outras peças ; «Dyonisias», conferencias na Escola Dramatica.

Os autores e livros predilectos são os antigos. Tambem foram os antigos... e a natureza, as influencias predominantes na formação do seu espirito e na sua formação literaria.

O seu regimen de trabalho consiste, de preferencia, na tarefa pela manhã, das 5 ás 11 e meia. Não raro, porém, entra pelo dia e ainda pela noite.

Na vida intima manifesta preferencia pela familia, mulher e sete filhos, com os quaes é verdadeiramente feliz. E' casado com D. Maria Gabriella Brandão e tiveram quatorze filhos, dos quaes sete estão vivos.

Gosta dos animaes, principalmente dos gatos, adora as flores e para excitar-se, com o que traz sempre os nervos alerta, vae ao «foot-ball».

Colleciona objectos de arte.

Admitte que a litteratura universal, depois da guerra, terá como directriz assinalada, um regresso a um romantismo olympico.

As fontes primordiaes que lhe alentam o espirito, a Castalia da sua inspiração, são «As mil e uma noites», contos arabes, os poetas da India e «A Biblia» inexhaustivel, verdadeiros alicerces do seu orientalismo.

Dos autores favoritos destacam-se os vultos de Shakespeare e Cervantes.

A officina do verbo é constituida pelos classicos portuguezes, sendo notavel a sua admiração por Eça de Queiroz, entre os modernos.

Attrahido pela gloria, abandonou os estudos academicos e penetrou no ambiente da poesia, sentindo verdadeiro deslumbramento, em sonho perenne. Acolhido em o ninho dos artistas, ao lado de Patrocinio, o redemptor de uma raça e o apostolo da liberdade, iniciou a vida de bohemio no microcosmo de Murger, transplantado para o Rio de Janeiro.

Teve como parceiros, nessa phase fagueira da vida, Paula Ney, Aluizio Azevedo, Olavo Bilac, Luiz Murat, Pardal Mallat, Guimaraes Passos e outros companheiros de cenaculo, porfiando na ancia da «Conquista».

Sahindo dos dominios de Guttemberg invadiu o pelago da arte e avistou o monte Paschoal, como apparecimento das «Rhapsodias», ancorando logo apôs na bahia Cabralia, com a publicação de «Balladilhas».

Ambos livros de poeta, embora escriptos em prosa, exuberantes de imaginação e de estylo impeccavel.

Sucedeu um livro forte de impressões — «A Capital Federal».

Depois encheu o alforge de migalhas e retalhos e appareceram os «Bilhetes postaes», a «Seara de Ruth», e a «Lanterna magica».

O pendor fescennino, nos moldes de Armand Sylvestre e principalmente de Catulle Mendès, é accentuado em «Fructo prohibido», «Album de Caliban», e «Innocencio, o innocent»; assim como o orientalismo é representado em «Balladilhas», «Rei fantasma», «O Paraíso» e «O rajah do Pendjab».

Foi consagrado como romancista brasileiro com a apparição de «Miragem», progredindo os seus fóros em «Praga», «Sertão», «Inverno em flôr», «O Morto», «A Conquista», «Tormenta», «Treva», «Turbilhão», «Esphinge», «Melusina» e «Rei Negro».

O «conteur», além dos livros de novellas indicados, é de-

finido em «Romanceiro», «Agua de Juventa», «Fabulario», «Jardim das Oliveiras», «Vida Mundana» e «Banzo».

O autor theatrical possu'e farta messe : «Pelo amor!», «Artemis», «Hostia», «Saldunes», «Pastoral», e cinco volumes de comedias e dramas.

O orador e conferencista é tambem copioso : «Brinde à colonia portugueza no Brasil», «Palestras da tarde», «Conferencias litterarias», «Versos», «Fallando...»

O educador contribuiu com : «America», «A terra fluminense», «Compendio de litteratura brasileira», «Contos patrios».

O chronista de jornaes, além dos livros citados, publicou : «Scena e perfis», «A bico de penna» e «Fructos do tempo».

Ainda teve a feição biblica em «As sete dôres de Nossa Senhora» e «Mysterio de Natal»; a de historiador em «A descoberta da India», «Bellas Artes», «Compendio de Litteratura brasileira», e de «touriste» em «Por Montes e Valles» (1).

E' o escriptor de mais fertilidade e um dos melhores na litteratura brasileira.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

I. *Formação* : Athenas brasileira, seu berço — Tres raças que se mesclam — O cadinho — Os primeiros raios de luz artificial — Primeiros torneios.

II. *Iniciação* : O monte Paschoal... e a bahia Cabralia — A Capital Federal — Migalhas e retalhos — Pendor fescennino — As fontes de Castalia — A officina do verbo — Consagrado como romancista brasileiro.

(1) A apreciação da obra é incompativel com o desenvolvimento deste trabalho e já foi feita pelo autor em uma monographia a publicar-se brevemente.

III. *Pujança*: Imaginação e estylo — A lingua portugueza — Nacionalismo — O educador — O romancista — Regeneração do theatro — Poeta sem metro e sem rima — As conferencias litterarias — Na cathedra — Em outra cadeira — Do Monrœe ao Syllogêo — No mundo litterario — O artista e os seus leitores — Entre os juizes — Ultima phase do programma.

ARTHUR DE OLIVEIRA

Patrono da cadeira n. 3. — Nasceu no Estado do Rio Grande do Sul, a 11 de Agosto de 1851, e faleceu na casa de saude São Sebastião, no Rio de Janeiro, a 21 de Agosto de 1882.

ARTHUR DE OLIVEIRA

BIBLIOGRAPHIA

- 1 — A RUA DO OUVIDOR, monographia fluminense — pseudonymo Bento Gonçalves — Rio.
- 2 — FLEXAS, chronica quinzenal de litteratura, politica e costumes — dous fasciculos — pseudonymo Bento Gonçalves — Rio
- 3 — THESE DE CONCURSO à cadeira de professor substituto de rhetorica, poetica e litteratura nacional do collegio D. Pedro II — Rio, 1879.

Collaborou em «O Combate», de Lopes Trovão e encontram-se na «Gazeta de Notícias», em 1886, a carta que dirigiu a Judith Gautier e, em 1918, «Carta ao pae» (Vid. «Revista do Brasil» n. 26). A Academia Brasileira de Letras deve lhe prestar a homenagem de reeditar as obras e de estudar a sua individualidade, aproveitando o concurso dos seus contemporaneos.

Não pude obter um só exemplar da photographia de Arthur de Oliveira. E' possivel, porém, que a tivessem reproduzido por occasião do seu falecimento.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.
- 2 — MACHADO DE ASSIS — Papeis avulsos, pags. 198 e 295.

- 3 — ADOLPHO CAMINHA — Cartas litterarias, pag. 215.
 4 — JORGE JOBIM — Revista Americana — anno VII, nº.
 1, pag. 82.
 5 — ALFREDO PUJOL — Machado de Assis — pagina 148
 6 — CARLOS DE LAET — Jornal do Commercio, 1882
 7 — EPHEMERIDES DA ACADEMIA — Jornal do Commercio,
 de 23-8-919 ; organizadas por José Vicente de Azevedo Sobr.^o

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Nasceu na provincia do Rio Grande do Sul, a 11 de Agosto de 1851, e falleceu aos 31 annos de idade, no Rio de Janeiro, em 21 de Agosto de 1882.

Abandonou o torrão natal, com 17 annos, e transferiu-se do Rio para Minas Geraes, afim de estudar no collegio dos padres do Caraça. Interrompeu os estudos para continual-os em Pariz, onde conseguiu erudição pouco vulgar. Leu e estudou muito, obtendo, graças ao seu genio comunicativo, optimas relações. Frequentou a casa de Victor Hugo, tornando-se original o modo por que se introduziu pela primeira vez na sumptuosa morada do poeta. Discutiu com o porteiro, por se haver recusado a entregar o seu cartão de visita. A altercação em altos brados, attrahiu a attenção do autor dos «Miseraveis» o qual de uma janella ordenou que o deixassem subir. Ao penetrar no salão encontrou o poeta cercado de alguns amigos: Théophile Gautier, Leconte de Lisle, Catulle Mendès, Gustavo Doré e outros. Não obstante essa circumstancia, atirou-se de joelhos aos pés de Victor Hugo, declamando versos das «Contemplations».

Fez-se amigo intimo de Théophile Gautier que o apreciava tinha em elevado conceito «a sua alta comprehensão artística, a sua natureza impetuosa e luminosa, os seus deslum-

bramentos subitos de raio ». *Venez, père de la foudre!* dizia-lhe elle, mal o Arthur assomava á porta. E o Arthur, assim definido pelo grande artista, entrava no templo palpitante da divindade, admirativo como tinha de ser até á morte ».

Privou tambem com Judith Gautier, Leconte de Lisle, Gustavo Doré, o livreiro Alphonse Lemerre e outras notabilidades do meio litterario de Pariz.

Regressando á patria, fez-se professor de diversas materias, principalmente de francez, idioma em que era tão versado como na lingua materna.

Escreveu em 1873 douz fasciculos das «Flexas» com o pseudonymo de Bento Gonçalves e a sub-epigraphe de chronica quinzenal de politica, litteratura e costumes. E' um pamphleto no genero dos «Ferrões» de J. Patrocinio e Dermeval da Fonseca, das «Farpas» de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, das «Guêpes» de Alphonse Karr.

Com o mesmo pseudonymo escreveu a monographia fluminense intitulada «A rua do Ouvidor».

São folhetos de edição completamente exgottada.

Por esse motivo é o artista ignorado pela geração de hoje, um verdadeiro obscuro só conhecido dos que lhe foram contemporaneos.

Esses o admiravam sem a menor reserva, extasiando-se perante o seu talento privilegiado, a pujança de espirito, a fertilidade de imaginação, o fino temperamento litterario, a torrente de ideias e a fulguração de imagens.

Machado de Assis, em um conto dialogado — «O Annel de Polycrates» — apellidou-o: *um sacco de espantos*.

E' curioso conhecer o Xavier, personagem do conto, que «bebia perolas diluidas em nectar», «comia linguas de rouxinol», «capeava cigarros com um papel de crystal».

Não me esquivo ao prazer de reproduzir o seguinte trecho que define o homem e o artista ignorado:

«Upa! Conheço-o ha muito tempo, desde que elle estreiou na rua do Ouvidor, em pleno Marquez do Paraná. Era um en-diabrado, um derramado, planeava todas as cousas possiveis, e até contrarias, um livro, um discurso, um medicamento, um jornal, um poema, um romance, uma historia, um libello politico, uma viagem á Europa, outra ao sertão de Minas, outra á lua, em certo balão que inventára, uma candidatura politica, e archeologia, e philosophia, e theatro, etc., etc., etc. Era um sacco de espantos. Quem conversava com elle sentia vertigens. Imagine uma cachoeira de ideias e imagens, qual mais original, qual mais bella, ás vezes extravagante, ás vezes sublime».

Tem o seu talento muitas affinidades, muita analogia com o de Paula Ney que, como elle, desperdiçava ideias ás portas dos cafés e confeitarias.

Era um impulsivo. como atestam a sua attitude na primeira visita a Victor Hugo e seu procedimento para com uma senhora que estropiou Beethoven em um concerto. Deu um formidavel murro na caixa do piano e exclamou que não consentia a reproduccão de semelhante sacrilegio. A executante desmaiou, o auditorio interveio indignado, voltou-lhe a reflexão e, arrependido, elle pediu desculpas á senhora. E ao merecer o perdão, recommendou: — Não toque nunca mais Beethoven, sim?

Foi lente da Escola Normal e lecionou, interinamente, a cadeira de portuguez e historia litteraria no Collegio D. Pedro II, substituindo, durante o impedimento, o professor effec-tivo Pacheco Junior, quando se inscreveu, em 1879, no concurso á cadeira de professor substituto de rhetorica, poetica e litteratura nacional do mesmo estabelecimento de ensino.

Os professores cathedraticos dessa disciplina eram, no in-

ternato e externato, respectivamente, J. Maria Velho da Silva e Franklin de Menezes Doria.

Teve como concorrente o snr. Carlos França o França *Cacete*, da minha geração de estudante, e a sua these versou sobre Porto Alegre, Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães e Fagundes Varella.

Com referencia a essa troca de competencia, refere-se o snr. José Vicente de Azevedo, nas *ephemerides da Academia* («Jornal do Commercio» de 23-8-919), resumindo a *causerie* do snr. Carlos de Laet, na sessão em homenagem ao autor das «Fléchas»: «Na arguição mostrara elle ser um emerito discutidor, mas na prelecção falhou. Estudara afincadamente varias figuras de rhetorica, mas na commoção da prova, misturou de tal maneira, sempre em phrases fulgurantes, as citações de Aristoteles e Quintiliano, que, os velhos professores o olharam escabriados. Afinal, num rompante, declarou que nada sabia do que estava dizendo e retirou-se, promettendo dar um tiro em quem lhe fallasse mais em *hypotyposes*».

Algum tempo depois foi prostrado pela terrivel enfermidade, a tuberculose pulmonar, que rapidamente lhe minou a existencia, arrebatando o *frondeur* admiravel que entrava nos diccionarios, por elle considerados como logares sagrados, de chapéo na mão.

No exemplar da referida these, por elle dedicado a Machado de Assis, escreveu o original romantico que admittia ser a «Mlle. Maupin», de Gautier, depois do Evangelho, o melhor livro da humanidade :

«A Machado de Assis — Quando Henrique Heine viu o grande deus de Weimar, pela primeira vez, não pôde arrancar de sua profunda admiração mais do que estas palavras : — Oh! como são bôas as ameixas de Dusseldorf, para matar a sede ! — E' tambem o que me acontece, meu mestre e meu indul-

gente amigo, escrevendo o teu glorioso nome ; fico perplexo, sem poder alludir á intensidade do sol que me deslumbra, porque ha quinze annos aqueço-me ao irradiar do teu genio — Teu humilde discípulo A. de Oliveira».

Por occasião da sua morte, na chronica "Microcosmo", do "Jornal do Commercio", escreveu o snr. Carlos de Laet, um dos seus amigos e admiradores :

«E o terceiro foi Arthur de Oliveira, esse espirito imaginoso e brilhante que apenas esplendeu quanto bastava para deslumbrar-nos e que tão cedo se apagou, antes de dar-nos quanto promettia... Deste pôde dizer-se que passou mal comprehendido e apreciado. Apenas a um restricto numero de amigos eram notorios os fantasiosos enlevamentos daquella intelligenzia privilegiada e originalissima. Havia quem de tudo se esquecesse pela bôa prosa de Arthur... Aos ledores de jornaes nunca se manifestou... Elle não podia escrever. Quando tentava fazel-o, a fecundidade do seu espirito e a pasmosa erudição que adquirira, eram-lhe outros tantos estorvos. Não conseguia fixar o turbilhão que constante lhe resoava pelo cerebro ; e se um ou outro fragmento reduzisse a escripto, então, sempre a mudal-o, sempre descontente, visando sempre o extraordinaire e o sublime, não raro falseava a nota por carregal-a demasiado. E' que nada nessa valente organização podia ter esse justo meio termo, esso exacto equilibrio em que talvez consiste o bom senso, mas que bem raro acompanha as intelligencias de primeira plana. Nelle a imaginação era tudo, e só não lhe matou o coração, que o teve bom e apaixonado pelo bello e pelo bem...».

Elle só fallava, em pé, andando e gesticulando freneticamente e os seus interlocutores ouviam-n'o num absorto e comovido deslumbramento. A escripta diminuia-o, posto que fosse brilhante. Ouvil-o é que era o maximo deleite espiritual.

Na mesma sessão, acima alludida, da Academia, em homenagem ao rutilante palrador que abusava das hypotyposes, evocou o snr. Filinto de Almeida "a figura angulosa, feia, alta, esguia, o rosto pallido e a barba em ponta, recordando-se do tempo em que ambos collaboravam no "Combat", de Lopes Trovão. E o senhor Alcides Maya, seu illustre conterraneo, definiu a funcção por elle exercida em o mundo litterario da formosa cidade de Guanabara. Apreciou-o como "um agente opportuno na transformação litteraria do Brasil", provando que não se limitou a desenvolver uma força dispersiva. Analysou a influencia por elle exercida com o seu verbo irisado, seductor e os seus conceitos de estheticas, sobre os novos ideaes litterarios.

Travou relações intimas com Pardal Mallet, seu discípulo no collegio D. Pedro II, quando regia, interinamente, a cadeira de Pacheco Junior e lia com entusiasmo o poema de "Mahabarata", livro por elle sobraçado durante algum tempo.

Os seus ídolos na litteratura franceza foram Gautier, Hugo, Leconte de Lisle e Flaubert. Não tolerava os naturalistas — "pornographicos da seita de Zola".

«Já vêdes que sou um incorrigivel, um fanatico, um idólatra pelos mestres de 1830, os romanticos, como dizem, bando visco de ridiculos desdens, as lesmas de Médan».

Isso disse elle na carta publicada em 1886 pela "Gazeta de Notícias", dirigida a Judith Gautier.

Sete dias antes de morrer, prostrado no leito, escreveu a Machado de Assis, a propósito de um prato de jantar: «O verde das couves espanejava-se em uma onda de pirão côn de ouro. A palheta de Ruysdael, pelo incendido do ouro, não hesitaria um só instante em assignar esse pirão *mirabolante* como diria o grande e divino Théo...».

Poucas horas antes de falecer, lia as "Memorias Posthumas de Braz Cubas" e dizia que interpretava melhor algumas passagens do livro. Machado de Assis dedicou-lhe, então, sem lh'os mostrar, os versos constantes das ultimas paginas dos "Papeis avulsos". E rematou-os com o seguinte trecho: "Os amigos delle apreciarão o sentido desses versos.

O publico, em geral, nada tem com um homem que passou pela terra sem o convidar para causa nenhuma, um forte engenho que apenas soube amar a arte, como tantos christãos obscuros amaram a Egreja, e amar tambem aos amigos, porque era meigo, generoso e bom. (1).

Quando Filinto de Almeida lhe escolheu o nome para patrono da segunda cadeira, Machado de Assis, seu grande amigo, muito commovido, levantou-se e foi abraçar o poeta dos «Cantos e Cantigas» pela felicidade da escolha.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Brilho de estrella, orbita de cometa — O pae do raio — O sacco de espantos — O causeur incomparavel — Fléchas e a Rua de Ouvidor — A these de concurso — Os obscuros — Echos do seu valor — Dívida a resgatar.

(1) Deixou uma filha que é a esposa do Sr. Silva Ramos.



FILINTO DE ALMEIDA

**Fundador e actual ocupante da cadeira
n. 3. — Nasceu na cidade do Porto, em
Portugal, a 4 de Dezembro de 1857.**

FILINTO DE ALMEIDA

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — UM IDIOMA, entre-acto comico, 16 pags., representado em 16 de Julho de 1876, no Theatro Vaudeville — Rio, Serafim José Alves — 1876.
- * 2 — OS MOSQUITOS, monologo em verso — 9 pags., Rio, Typ. Central, de Evaristo Costa — 1887.
- * 3 — LYRICA, poesias — 280-5 pags. — Rio, Typ. Maximino e C., 1887.
- * 4 — O DEFUNCTO, comedia em 1 acto, em verso, 33 pags. — Lisboa, typ. da Cia. Nacional Editora — 1894. Representada no Theatro D. Maria II, de Lisboa.
- * 5 — O GRAN-GALEOTO, trad., drama em verso (coll. V. Magalhães) 135 pags., representado no Theatro Recreio Dramatico, pela Cia. Dias Braga, a 6-6-1884, 2.a edição — Rio, Typ., Laemniet e Cia. — 1896.
- * 6 — O BEIJO, comedia em 1 acto, em verso — 39 pags. — Rio, Typ. «Jornal do Commercio» — 1907.
- * 7 — CANTOS E CANTIGAS, poesia, — 220 pags., Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 1915.
- 8 — NO SEIO DA MORTE, trad. em verso, do drama de D. José Echegaray (Coll. V. Magalhães) representado no Theatro Recreio Dramatico, pela Companhia Dias Braga, (inedito).
- 9 — A CASA VERDE, romance (coll. Julia Lopes de Al-

meida) publicado em folhetins no «Jornal do Commercio», (inedito).

- 10 — O QUE NÃO SE PODE DIZER, trad. em prosa do drama «Lo que no puede decir-se» de D. José Echegaray, em coll. V. Magalhães, representado no Theatro Recreio Dramatico, pela Companhia Dias Braga (inedito).
- 11 — AMOSTRA DE SOGRA, comedia em 1 acto, em colaboração com Valentim Magalhães (inedito), representada no Theatro Recreio Dramatico.
- 12 — A MULHER-HOMEM, revista comico-phantastica dos acontecimentos de 1885; em coll. V. Magalhães (inedita), representada em 1896. no Th. Sant'Anna, Cia. Jacintho Heller.
- 13 — CAVALLARIA RUSTICANA, tradução do drama de Verga, representado em 1892 ou 1893 em um dos nossos theatros (inedito).
- 14 — MEU AMO POR UMA HORA, comedia em 1 acto, escripta aos 18 annos (inedita).
- 15 — ABOLINDEM-REPCOTCHIMDEGO', revista dos acontecimentos do anno de 1886, em colaboração com Valentim Magalhães, representada em 1888 no Theatro Lucinda, (inedita).

Collaborou na «Revista da Academia Brasileira de Letras»: Gravuras (sonetos) n. 2, pag. 297; Homo sapiens (soneto) n. 4, pag. 328; Mystericsa, (poesia), n. 6, pag. 278; A mão da Imperatriz (poesia), n. 8, pag. 229; Versos, n. 9, pag. 17; na «Semana», onde escreveu com o pseudonymo de Filindal, 1886-87; «Diario do Commercio», 1889; «Diario de Santos» 1898-99; «A Noite», «A Gazetinha», «O Combate» de Lopes Trovão, no «Mosquito» de Ferreira de Araujo, no «Domingo», no «Jornal da Noite». Escreveu na Província de S. Paulo e foi redactor do «Estado de S. Paulo». Escreveu tambem em «A Noticia», «República», «A America», «Diario Ilustrado», «Novidades».

Encontram-se reproduções de seu retrato em «Cantos e Cantigas». *Littérature brésilienne*, de Victor Orban, Almanach Garnier de 1905.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — JOÃO DO RIO — Momento litterario, pag. 23.
- 2 — EZEQUIEL FREIRE — Livro postumo, pag. 79.
- 3 — EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 558.
- 4 — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 5 — TEIXEIRA BASTOS — Poetas Brasileiros, pag. 115.
- 6 — VALENTIM MAGALHÃES — Litteratura brasileira, pag. 78.
- 7 — SOUZA BASTOS — Carteira de um artista.
- 8 — LOUIS PILATE DE BRINN' GAUBAST — Revue des revues, ns. 23 e 24, 1896.
- 9 — BRUNO — Brasil mental.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Embora portuguez de origem, nascido na cidade do Porto, a 4 de Dezembro de 1857, pôde-se considerar Filinto de Almeida como poeta brasileiro, pois chegou ao Brasil com 10 annos apenas e aqui se educou, assimilando a feição da litteratura do nosso paiz. Desembarcou, em 15-1-1868, na cidade do Rio Grande, de onde se transferiu para o Rio de Janeiro, ahí chegando a 17 de Abril do mesmo anno.

Era um caixerinho de uma papelaria que tinha, como toda instrucção, vinte mezes de escola primaria no Porto.

Além de conseguir a nacionalização do espirito nos templos da Escola e da Arte, teve-a conferida por lei e consa-

grada pela familia, casando-se com a disticta e talentosa romancista Julia Lopes de Almeida, a 28-11-1887, em Lisbôa (1).

E' conhecido e apreciado, na sociedade fluminense, esse lar delicioso de artistas, descripto em poucas palavras por Paulo Barreto, no livro «O momento litterario»: «um *cottage* admiravel, construido entre as arvores seculares da estrada de Santa Thereza», animado por quatro filhos encantadores, vivos no physico e de intelligencia apurada por herança e em aprimorada educação.

Filinto estreou aos 19 annos de idade, escrevendo o entre-acto comic «Um idioma», representado pela primeira vez, a 16 de Julho de 1876, no Theatro Vaudeville. Não merece referencia especial esse desprestencioso trabalho, escripto sem intuitos litterarios.

E' provavel que antes houvesse collaborado em jõrnaes ou revistas, mas nada consegui sobre a primeira phase da vida do poeta: onde iniciou os estudos, quaes os primeiros impulsos do espirito, as primicias da intelligencia e os elementos indispensaveis para traçar-lhe a biographia.

Só onze annos mais tarde, em 1887, apareceram «Os Mosquitos», monologo comic em versos, recitado pelo actor Augusto Rosa, no Theatro São Pedro de Alcantara, e o seu primeiro livro de poesias: — «Lyrica». São versos escriptos de 1880 a 1887, distribuidos em cinco grupos: Musa errante, Peninsulares, O poema do amor, O poema da morte e Musa Nova.

E' manifesta a influencia exercida pelos poetas portuguezes sobre o estro de Filinto, nessa phase. Vemol-o, como muito bem observou Ezequiel Freire (quem melhor traçou a critica do livro «Lyrica»), inspirado nos classicos portuguezes do pe-

(1) E' brasileiro em virtude da lei da grande naturalização, a qual aceitou, tendo feito, a respeito, uma declaração no Estado de S Paulo.

riodo seiscentista, no que concerne a estylo e imaginação.

E' um livro intimo que traduz os amores do poeta, as suas amizades, as sua impressões artisticas, sempre fiel ás emoções e aos sentimentos do homem de letras, no dominio quasi exclusivo do subjectivismo.

Não reflecte as modalidades do lyrismo brasileiro, si bem que se não afaste dos moldes litterarios do nosso meio. Elle só faz vibrar o thema do amor, abrindo-nos, de par em par, alma e coração, em *rime d'ira, di gioia e di lamento* como Petrarcha e todos os poetas subjectivos.

O mundo physico pouco lhe seduz.

Phenomeno analogo ao de Filinto, em relação á patria de origem, observa-se em Gonçalves Crespo que, embora tivesse emigrado muito cedo e vivido no meio lusitano, constituindo família portugueza, deixou impregnada na sua poesia a evocação nativa. a saudade do torrão natal, revivendo assumptos e themes brasileiros. O autor da «Lyrica» foi buscar a tradição camoneana, os modelos de Bocage, guardando as reminiscencias e o influxo de Petrarcha, seu paronympho espiritual.

Ezequiel Freire classifica o livro como sendo a monodia do amor e accentu'a: «Cantando exclusivamente aquelle affecto, deve o livro resentir-se, e resente-se, de certa monotonia».

Accrescenta ainda: — «Da Natureza conhece apenas as flôres litterarias, a rosa, o lyrio; e os phenomenos ou cousas que impossivel ser-lhe-ia não conhecer — o mar, a montanha, a aurora, a noite. Algum raro quadro que elle desenha, fal-o a grandes traços fugitivos, como no — «Alto da Serra».

E por isso a melhor parte do volume é a que se intitula — «Intima lyra», subdividida em «O poema do amor» e «O poema da morte».

O maior amigo que teve Filinto, em nosso meio littera-

rio. foi Valentim Magalhães que com elle fundou a «Semana», de saudosa memoria.

Nessa revista o poeta escreveu durante a primeira phase, a de 1886-87, ocupando-se quasi sempre das chronicas hebdomadarias, com o pseudonymo de «Filindal».

Ainda se dedicou ao theatro, escrevendo duas comedias em 1 acto, em versos espontaneos de um suave e terno lyrismo: «O Defuncto», peça representada pela primeira vez no Theatro D. Maria II, de Lisbôa, em 1801, e no Theatro Recreio Dramatico do Rio, em 1892; e «O Beijo», representada em Lisbôa, a 5 de Janeiro de 1900, no Theatro D. Amelia e, a 4 de Junho do mesmo anno, no Theatro Apollo, do Rio de Janeiro.

São dous promissores ensaios que exigem do autor a insistencia de se preocupar com a sorte do nosso infeliz theatro. Filinto de Almeida e sua Exma. Esposa, a consagrada romancista brasileira, devem prestar toda a sua collaboração a Coelho Netto, que herdou de Arthur Azevedo a missão de restaurar a arte dramatica no Brasil.

Traduziu, de collaboração com Valentim Magalhães, tres dramas de Echegaray, dous em verso — «O Gran-Galeoto» e «No seio da morte» e um em prosa — «O que não se pode dizer».

As duas ultimas, peças ineditas, desapareceram com a morte de Dias Braga.

E ainda de parceria com o mesmo autor, escreveu uma comedia em um acto — «Amostra de sogra» — e uma revista comic-phantastica — «A mulher-homem» — ambas ineditas.

Foi redactor do «Estado de S. Paulo», de 1889 a 1895, e deputado estadoal (1892-97) (1).

(1) No «Estado de S. Paulo» escrevia chronicas sob os pseudonyms de Justo Leal, João da Luz, A. Bomtempo, Municipé Urbano e Filindal, alem de artigos de fundo.

Tem colaborados em muitos jornaes: «Diario do Commercio» (1889), «Diario de Santos» (1898-99) e actualmente em «A Noite»; bem como em revistas: «A Gazetinha», «Semana», «Revista de Academia Brasileira de Letras» e outras.

Juntamente com Julia Lopes de Almeida, publicou, em folhetins do «Jornal do Commercio», o romance «A casa verde», o preferido pela romancista brasileira, porque lhe proporciona uma porção de momentos felizes.

A ultima obra de Filinto de Almeida, publicada em 1915, é o livro «Cantos e Cantigas», dividido em «Tuba canora» (vozes intimas, vozes dispersas e paysagens); «Cantigas» (Silvas); «Poemas da cidade» e «Tuba bellicosa».

O volume abrange as producções de 1887 a 1914, 27 annos de trabalho. Filinto de Almeida, talvez por ser muito sobre-carregado de affazeres na vida practica commercial, é de producção lenta. A sua bagagem litteraria é diminuta para 43 annos de labor.

No segundo livro de poesias elle revela progressos na forma e na inspiração. Perde a norma exclusiva de poetar e presta mais attenção ao mundo exterior. Quando se concentra para pesquisar os sentimentos que lhe fazem vibrar a alma, tem mais reflexão, affecta maior dose de senso philosophico e parece-me até mais ardente, mais moço, mais brasileiro do que na feição primitiva.

E' natural que revele pensamentos sazonados, mas não se explica a maior intensidade no sentir, a não ser pela extrema felicidade na vida do lar e pela profunda adoração que devota á Esposa, como demonstra com o soneto «Excelsa».

Descobre-se ainda na segunda maneira, o culto da saudade, a evocação dos companheiros de mocidade e dos factos que despertam recordações suaves e confortantes.

Filinto de Almeida é um homem feliz. Não se faz mistério

conhecer o para se chegar a essa conclusão. Basta ler os seus versos.

Os «Cantos e Cantigas» constituem o poema de uma vida ditosa,

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Patria adoptiva — Influencia de origem — A educação como factor de nacionalização — As primeiras inclinações para o theatro — Lyrica — Um lar de artistas — Nova propensão para o theatro — O prosador — Singular e proficua colaboração — Feliz entre os felizes — Cantos e Cantigas — A geração a que pertenceu o poeta — Os seus autores predilectos.



BAZILIO DA GAMA

Patrono da cadeira n. 4 — Nasceu em S. José do Rio das Mortes, mais tarde S. José d'El Rey e hoje Tiradentes, no Estado de Minas Geraes, em 1740, (José Veríssimo menciona 1741) e falleceu em Lisbôa em 31 de Julho de 1795.

B A Z I L I O D A G A M A

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — URUGUAY, poema, precedido de estudo critico de Francisco Pacheco, 78 pags. — Livraria Classica, de Alves e Cia. — 1895 — (1.a edição, 1769 ; 2.a, 1811 ; 3.a, 1822 : 4.a, 1845 ; 5.a, 1856) (1).
- * 2 — QUITUBIA, poemeto em versos endecassylabos — Lisboa, 1791.
- * 3 — DECLAMAÇÃO TRAGICA, poema dedicado ás bellas artes — Lisboa, 1772.
- * 4 — LENITIVO DE SAUDADE, na morte do snr. D. José, principe do Brasil — Lisboa, 1788.
- * 5 — EPITHALAMIO A'S NUPCIAS da sra. d. Maria Amalia — Lisboa, 1779 (são essas oitavas «Os Campos Elyseos», segundo alguns autores).
- * 6 — RELAÇÃO abreviada da republica que os religiosos jesuitas das provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios ultramarinos.
- * 7 — OS CAMPOS ELYSEOS, oitavas de Termindo Sipilio, aos condes de Redinha, Lisboa, 1776. (Varnhagen considera-os distinctos do Epithalamio ás nupcias da sra. d. Maria Amalia).

(1) Possuo tambem a edição «Epicos brasileiros» de Varnhagen e das «Obras poeticas» edição de José Verissimo.

- * 8 — A LIBERDADE DO SNR. PEDRO METASTASIO, traducçao de Termindo Sipilio, poeta arcade — Burgos, 1773.
- * 9 — CANTO AO MARQUEZ DE POMBAL, em doze oitavas.
- * 10 — ODE AO MARQUEZ DE POMBAL, publicada em Lisboa, sem assignatura.
- * 11 — VARIOS SONETOS, por occasião da entrada dos galões hespanhóes em Lisboa, para a inauguração da estatua de D. José.
- * 12 — OBRAS POETICAS, precedidas de uma biographia critica por José Verissimo — 238 pags. — Rio, Livraria Garnier, 1920.

Encontram-se producções suas em «Jornal de Coimbra» (Glosa improvisada, em oitavas, a um mote dado pelo duque de Lafões); «Ramalhete» (O entrudo, satyra em versos endecassyllabos); «Mosaico poetico» de Emilio Adet e Joaquim Norberto (A não Vasco da Gama); «Parnaso Brasileiro», de J. M. Pereira da Silva, (Cantos 3º e 4º do Uruguay e dous sonetos); «Parnaso Brasileiro» de Januario da Cunha Barbosa, que é o melhor repositorio de suas producções: «Epicos brasileiros» de Varnhagen: — todo o poema do Uruguay: «Florilegio da poesia brasileira» de Varnhagen: Ao M. de Pombal, Excerptos do Uruguay e tres sonetos (1); «Parnaso Brasileiro» de Mello Moraes Filho: Quitubia; e quasi todas as selectas e anthologias. No Almanach Garnier (1904) encontra-se um soneto.

Acham-se as reproducções de seu retrato, na edição popular do «Uruguay» de Francisco Pacheco e nos «Sonetos Brasileiros» de Laudelino Freire.

(1) Desses, o que escreveu ao lançar-se ao mar a não «Serpente», foi a primeira producção sua que chegou ao Brasil.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

1 — JOSÉ VERRISSIMO — Historia da Litteratura Brasileira, pag. 147.

Poetas do grupo mineiro, n. 4 da Rev. da Academia de Letras.

Escola Mineira, n. 1 da Rev. da Academia de Letras.

Estudos de litteratura brasileira, vol. II, pag. 89.

Revista brasileira, 2.a phase, tomo III, pag. 324 e Biographia nas «Obras poeticas».

2 — SYLVIO ROMERO — Historia da Litteratura brasileira, tomo I, pag. 190.

Livro do Centenario, tomo I, pag. 26.

SYLVIO ROMERO e JOÃO RIBEIRO — Compendio de historia da litteratura brasileira, pag. 60.

3 — ALBERTO DE OLIVEIRA — Um soneto attribuido a Basilio da Gama, n. 2 da Revista da Academia Brasileira de Letras.

4 — OLIVEIRA LIMA — Aspectos da litteratura colonial.

5 — JULIO BARBURA — Litteratura brasileira, pag. 167.

6 — FRANCISCO PACHECO — Estudo critico no Uruguay.

7 — PEREIRA DA SILVA — Plutarcho brasileiro, vol. I, pag. 137.

Os varões illustres do Brasil, vol. II, pag. 1.

8 — TEIXEIRA DE MELLO — Ephemerides nationaes, 31-7 1795, pag. 55.

9 — GARCIA MEROU — El Brasil intellectual, pag. 31.

10 — FELIX FERREIRA — José Basilio da Gama.

11 — FERD. WOLFF — Littérature brésilienne, pag. 50 (Le Brésil Littéraire).

12 — VICTOR ORBAN — Littérature brésilienne, pag. 18.

- 13 — ALMACHIO DINIZ — Anthologia da lingua vernacula.
 14 — EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, p. 577.
 15 — INNOCENCIO DA SILVA — Diccionario bibliographico,
 vol. IV, pag. 268.
 16 — SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.
 17 — EDUARDO PERIÉ — Litteratura brasileira nos tempos
 coloniaes.
 18 — THEOPHILO BRAGA — Historia da litteratura portu-
 gueza.
 19 — VARNHAGEN — Epecos brasileiros.
 Florilegio da poesia brasileira, tomo I, pag. 271.
 20 — BARÃO DO RIO BRANCO — Ephemerides brasileiras.
 21 — CAMILLO CASTELLO BRANCO — Curso de litteratura
 portugueza, pag. 245.
 22 — REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO, tomo I, pag. 139.
 23 — FERNANDES PINHEIRO — Curso de litteratura nacio-
 nal, pag. 426.
 Resumo da historia litteraria, vol. 2º, pag. 366.
 24 — RONALD DE CARVALHO — Pequena historia da lit-
 teratura brasileira, pag. 150 (1).

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Na villa de São José, situada á margem do rio das Mortes, no Estado de Minas Geraes, nasceu José Bazilio da Gama, em 1740. Era filho legitimo de Manoel da Costa Villas Bôas e de D. Quiteria Ignacia da Gama, ambos descendentes de fidalgos, principalmente o lado materno, cujo appellido foi adoptado pelo poeta.

(1) Ha ainda os amores referidos por José Verissimo no ensaio «Bazilio da Gama, sua vida e suas obras», que precede a ultima edição das «Obras poetica» (1920).

Orphão em tenra idade, foi Bazilio da Gama confiado ao então sargento-mór e mais tarde brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim que o entregou, na idade de 15 annos, à Companhia de Jesus que mantinha no Rio de Janeiro o melhor estabelecimento de ensino, em 1755.

Quatro annos se manteve o estudante no collegio dos padres, sendo obrigado a sahir, quando o Marquez de Pombal expediu o decreto real, banindo e desnaturalizando os jesuitas. E o noviço deixou o habito, para continuar os seus estudos no seminario episcopal de S. José.

Já no collegio dos jesuitas o moço havia reveiado pujante talento e vocação decidida pelos estudos litterarios, tornando-se um discípulo predilecto que inspirava esperança aos seus preceptores, como atesta José de Alencar no drama «O jesuíta».

No estabelecimento de ensino para o qual se transferiu, continuou a revelar talento de escól, devotado aos estudos, e conquistou amizades a que se manteve fiel até à morte.

Foi amigo de Gomes Freire de Andrade, do bispo D. Antonio do Desterro e do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, seu protector.

Quando morreu o Cónde de Bobadella, já se havia transferido o estudante para o Reino, afim de cursar as aulas da Universidade de Coimbra, no curso de direito. D'ahi enviou ao Brasil as primeiras modulações do seu estro, traduzindo nostalgia da patria e preitos de gratidão ao seu protector.

Mas, apezar das recommendações que levou, foi excessivamente hostilizado em Coimbra, por suspeita do seu jesuitismo, sendo obrigado a interromper o curso e a dirigir-se para Lisbôa. Nesta cidade soffreu privações e misérias, até partir para Roma, com auxilio dos jesuitas, segundo rezam as chronicas dos missionarios de Santo Ignacio da Loyola.

Na cidade italiana foi admittido em um seminario de instrucção e relacionou-se com os mais notaveis homens de letras e pessoas de nomeada, logrando entrar para a Arcadia Romana, com o nome de Termindo Sipilio. Tinha, então, 35 annos.

No periodo comprehendido entre os annos de 1768 e 1770, regressou a Lisbôa, embarcando em Napoles, e pouco se demorou na capital portugueza, pois dirigiu-se para o Brasil. Ao chegar ao Rio de Janeiro resurgiu a suspeita de ser elle um proselyto dos jesuitas e depois de formal denuncia foi preso e reconduzido a Lisbôa, afim de ser julgado pelo tribunal de inconfidencia. Para readquirir a liberdade, foi compellido a assinar um termo, segundo o qual se comprometteu a partir, no prazo de 6 mezes, para Angola, de onde não sahiria sem previa acquiescencia do governo portuguez. Occorrendo-lhe, porém, a lembrança de appellar para a magnanimidade do Marquez de Pombal, recorrendo da sentença do iniquo tribunal, usou do estratagema de compôr um epithalamio, celebrando o noivado da filha do poderoso ministro de D. José I e implorando a graça por intermedio da gentil advogada.

Comovido, o Marquez desejou fallar ao poeta e tal foi a impressão favoravel que lhe causou o talento do vate perseguido, que não só lhe deferiu o pedido como tambem o nomeou para o cargo de official da secretaria de estado dos negocios do reino.

Foi esse o periodo de intensa fertilidade do poeta mineiro. Escreveu o canto e a ode dedicadas ao seu protector, compoz algumas tragedias que permaceram ineditas e o poemeto «Quitubia», em versos endecassyllabos, commemorando um chefe africano que coadjuvou os portuguezes a expulsar os hollandezes dos dominios lusitanios na Africa.

Dedicou tambem nessa época aos Condes de Redinha as oitavas de Termindo Sipilio, «Os Campos Elyseos», que cons-

tituem o epithalamio, e concebeu a sua obra prima, o poema «Uruguay» e a «Relação».

Antes havia escripto a «Declamação tragic», poema dedicado ás bellas artes, «Relação abreviada da republica que os religiosos jesuitas das provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios ultramarinos» e a traducçao que fez o poeta arcade, da «Liberdade» de Metastasio. Traduziu ainda peças de Goldoni e lia frequentemente Dante e Petrarcha.

Com a morte de D. José I, em 1877, sucedeu-lhe D. Maria I e foi o Marquez de Pombal alijado do poder e condenado ao ostracismo. Os abyssinios apedrejaram o sol posto e, no dizer de Theophilo Braga, Bazilio da Gama foi o unico que se lhe conservou fiel. Castello Branco tambem affirma que o poeta mineiro teve a coragem rara de confessar-se agradecido ao protector, como já succedera com os seus amigos do Brasil. E Pereira da Silva observou: «Ao passo que Antonio Diniz da Cruz Silva e outros poetas afamados da época, ou queimavam incenso sobre os altares das novas potestades, ou se reduziam ao silencio», exclamava José Bazilio da Gama: (transcreve a poesia dedicada ao illustre politico decahido do poder).

Compoz tambem o «Lenitivo de saudade», sobre a morte de D. José.

Começou, então, nova phase de infortunios para o poeta, que se viu privado do emprego, atrozmente perseguido, regressando ao Brasil, em busca de tranquillidade.

Em 1780, fundou no Rio de Janeiro, em companhia de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, uma sociedade denominada «Academia litteraria» a que pertenceram Santa Rita Durão, Thomaz Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel da Costa e Domingos Barbosa, extinguindo-se por ordem do vice-rei, Conde de Rezende, a quem se tornou suspeita essa aggremiação de homens distintos.

Antes, porém, logo que tornou ao Brasil, foi Bazilio da Gama bem acolhido pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza e o bispo D. Mascarenhas Castello Branco, conseguindo por instancia do primeiro, de D. Maria I, o titulo de escudeiro fidalgo da casa real, por carta regia de 6 de agosto de 1787.

Pouco durou o socego que lhe proporcionaram, pois foi preso por ordem do Conde de Rezende, sucessor de Luiz de Vasconcellos, sendo obrigado a voltar a Lisboa.

Ahi foi admittido na Academia Real de Sciencias e condecorado com o habito da ordem de S. Thiago. Mas vivia isolado e doente, retirando-se, por vezes, a conselho dos facultativos, para as visinhanças de Coimbra, até falecer a 31 de julho de 1795, em Lisboa, sendo depositados os seus restos mortaes na igreja matriz da Bôa-Hora, em Belem.

Era, segundo o testemunho de contemporaneos e affirmatione de Pereira da Silva, «de estatura pequena, rosto trigueiro e caracter jovial e espirituoso».

José Verissimo contesta, ignoro com que fundamento, e Sylvio Romero julga incerto, o retorno de Bazilio da Gama ao Brasil depois da publicação do Uruguay e, por conseguinte, depois do declinio do Marquez de Pombal (1).

Escreveu, além do que ficou consignado na bibliographia e citado linhas acima, varios sonetos, muitos poemas, uma traducção da tragedia «Mahomet», de Voltaire. Mas a sua obra capital e caracteristica, de summa importancia na litteratura brasileira, por definir uma transição e ser a precursora do indianismo romantico, é o poema «Uruguay», escripto em versos brancos e em desaccordo com as normas classicas dos poemas

(1) Varnhagen não se refere a esse retorno ao Brasil. E' indispensavel a leitura do ensaio «Bazilio da Gama, sua vida e suas obras», escripto por José Verissimo na ultima edição (Livraria Garnier, 1920) das «Obras poeticas».

epicos, afastando-se dos moldes lusitanos no que concerne ás figuras de rethorica e preceitos de poetica. Além dessa circumstancia, destaca-se o valor intrinseco do poema que, apezar de encerrar assumpto de acanhada valia, é escripto em estylo elevado, encerra bellas imagens poeticas e deixa antever o lyrismo dos romanticos.

Publicado doze annos antes que o «Caramurù», de Santa Rita Durão, foi o primeiro exemplo de nacionalismo na litteratura patria. Antes, Manoel Botelho de Oliveira, primeiro autor que imprimiu um livro de versos — «Ilha da Maré» —, havia feito enumeração de fructos brasileiros e muito mais tarde, Silva Alvarenga e Alvarenga Peixoto manifestaram o seu nativismo nas producções poeticas. Mas o precursor do indianismo e quem começou a accentuar o divorcio entre os modelos lusitanos e brasileiros foi indubitavelmente Bazilio da Gama, pondo de parte os sentimentos de revolta de Gregorio de Mattos.

Foi o iniciador da poesia americana que depois de 1830 veio tomar incremento com a «Confederação dos Tamoyos», de Gonçalves de Magalhães, «Colombo», de Porto Alegre, «Os Tymbiras», de Gonçalves Dias e outros poemas que manifestaram commiseração pelo aborigene e volveram um olhar compassivo ao passado, buscando origens e tradições.

O poema narra os feitos de Portugal, com auxilio da Hespanha, contra os indios das Missões do Uruguay que não aceitaram o jugo lusitano assegurado pelo tratado de 1750 e sublevaram-se por suggestões dos missionarios de Santo Ignacio de Loyola.

Sí pelo assumpto ou valor historico o poema de Bazilio da Gama é inferior ao «Caramurù», sobrepuja-o no estylo, nas imagens poeticas, na elegancia da forma e na inspiração. Foi muito combatido por ser considerado como uma ingratidão aos

- jesuitas de quem condenou a politica exercida e o sistema de educação por elles seguido na catechese.

Não se encontra no poema uma só referencia mythologica nem os processos sediços que caracterizavam a technica dos poetas classicos, seus coevos e predecessores. O estylo descriptivo e a exposição dos ligeiros episodios, são feitos com tal arte que José Verissimo dá ao poema a classificação de romantico.

E' o seguinte o julgamento de um eminent e scriptor portuguez: «O Uruguay», de José Bazilio de Gama, é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes, muito bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos e, quando cumpre, sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor corôa da sua poesia, que nelle é verdadeiramente nacional e legitimamente americana». (Garrett — Parnaso Lusitano).

Não se lhe pôde fazer mais fervoroso encomio.

Mas ao proprio valor sobrepuja a função por elle desempenhada na litteratura brasileira, consubstanciando tres symptomas distintos, relativamente á evolução da poesia do Brasil: independencia do estro, divorciando-se da feição camoneana e desprendendo-se do ambito acanhado, sujeito a regras de rhetorica e poetica, segundo a esthetică do tempo de Aristoteles; a manifestação de nacionalismo vigoroso, explorando thema nativo, exprimindo liberdade espiritual, accentuada para os tempos da inquisição e para a época do tribunal de inconfidencia, e traduzindo os sentimentos liberaes e patrioticos; finalmente o terceiro que já foi salientado, como sendo esse poema o precursor do romantismo e do indianismo.

A gratidão por elle extremada para com Alpoim, Gomes Freire, Antonio Desterro, Luiz de Vasconcellos e Marquez de

Pombal, não é compativel com qualquer censura que se lhe pretenda fazer, por haver criticado a politica e a acção dos jesuitas.

José Bazilio da Gama é um vulto que inspira sympathia e admiração.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A sua biographia — Manifestações do seu estro — O papel do «Uruguay» na litteratura brasileira — O poeta e os jesuitas — Os seus protectores — O poema no Brasil — Bazilio da Gama e os seus contemporaneos — A influencia de Voltaire — No tribunal da critica e na joeira do seculo.



ALUIZIO AZEVEDO

Fundador da cadeira n. 4. — Nasceu na
cidade de São Luiz, Estado do Maranhão,
a 14 de Abril de 1857 e faleceu em Bue-
nos Ayres a 21 de Janeiro de 1913.

A L U I Z I O A Z E V E D O

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — UMA LAGRIMA DE MULHFR, romance original — 242 pags. — Rio, H. Garnier (escripto em 1879) e primeira edição em 1880.
- * 2 — O MULATO, romance, 360 pags., 4.a edição — Rio, H. Garnier, 1.a edição — Maranhão, typ. do Paiz, 1881.
- * 3 — MYSTERIO DA TIJUCA ou Girandola de amores, romance (nova edição) 413 pags. — Rio, H. Garnier — 1900 — 1.a edição 1883 (publicado em folhetins na «Folha Nova»).
- * 4 — MEMORIAS DE UM CONDEMNADO ou Condessa Vesper, romance, 468 pags. — Rio, H. Garnier — 1902 — 1.a edição 1882 (publicado em folhetins na «Gazetinha»).
- * 5 — FLOR DE LIZ, opereta em 3 actos, 125 pags. — Domingos de Magalhães, editor. (Coll. Arthur Azevedo) — 1882 — (representada no Theatro Sant'Anna).
- * 6 — O CORUJA, romance — 315 pags. — Rio, B. L. Garnier, 1889.
- * 7 — O CORTIÇO, romance — 354 pags. (1.o milheiro) — Rio, B. L. Garnier, 1890.
- * 8 — O HOMEM, romance — 292 pags. (6.a edição) — Rio, H. Garnier — 1.a edição, 1887.
- * 9 — CASA DE PENSÃO, romance — 380 pags. — nova edição — Rio, H. Garnier — 1.a edição 1884 (publicado em folhetins na «Folha Nova», 1883).

- * 10 — A MORTALHA DE ALZIRA, romance — 280 pags., 1.a edição, 1893 — Rio, H. Garnier (nova edição) — publicado em folhetins na «Gazeta de Notícias», com o pseudonymo de Victor Leal.
- * 11 — DEMONIOS, contos — 264 pags. — S. Paulo, Teixeira e Irmão, 1893.
- * 12 — PEGADAS, contos — 197 pags. — Rio, H. Garnier.
- * 13 — LIVRO DE UMA SOGRA, romance — 341 pags. — Rio, Domingos de Magalhães, 1895.
- * 14 — O ESQUELETO — Mysterios da Casa de Bragança — pseudonymo Victor Leal — 47 pags. — Rio, typ. «Gazeta de Notícias», 1890.
- * 15 — O TOIRO NEGRO, (separata da Revista Americana) — pags. 21 a 29.
- 16 — O MULATO, drama em 3 actos, 1884 — representado no Theatro Recreio Dramatico.
- 17 — OS SONHADORES (Macaquinhas no sotão), comedia em 3 actos, 1887 — representada no Theatro Sant'Anna.
- 18 — PHILOMENA BORGES, romance — Rio, typ. «Gazeta de Notícias» — (publicado antes em folhetinsn a «Gazeta de Notícias»).
- 19 — PHILOMENA BORGES, comedia em 1 acto, 1884 — representada no Theatro Principe Imperial.
- 20 — CASA DE ORATES, comedia em 3 actos (collab. Arthur Azevedo) — representada no Theatro Sant'Anna, em 1882.
- 21 — FRITZMACK, revista de anno (coll. Arthur de Azevedo), 1888 — representada no Theatro Variedades Dramaticas.
- 22 — A REPUBLICA, revista de anno (collab. Arthur Azevedo) 1890 — representada no Theatro Variedades Dramaticas.

- 28 — VENENOS QUE CURAM, comedia em 4 actos (collab. E. Rouède), 1885 — representada no Theatro Lucinda).
- 24 — O CABOCLO, drama em 3 actos (collab. E. Rouède), 1886 — representada no Theatro Lncinda.
- 25 — UM CASO DE ADULTERIO, drama em 3 actos (collab. E. Rouède), 1891 — representado no Theatro Lucinda.
- 26 — EM FLAGRANTE, comedia em 1 acto (collab. Emilio Rouède), 1891 — representada no Theatro Lucinda.
- * 27 — OS DOUDOS, comedia em 3 actos, em verso, collaboração de Arthur da Azevedo, (na «Revista dos Theatros»), 1879 — (supponho ser «Casa de Orates»).
- 28 — AS MINAS DE SALOMÃO, phantasia em 5 actos.
- 29 — O INFERNO, phantasia em 3 actos (coll. de Emilio Rouède).
- 30 — A MULHER, drama phantastico em 5 actos.

A «Vida Moderna» refere-se a um romance — «A filha de Sua Excellencia» — que ia ser publicado em fasciculos.

Collaborou na «Comedia Popular», «Mequetrefe», «O Pensador», «Pacotilha», «Revista Americana» : — O toiro negro — «Album», «Gazeta Literaria» : Licção de mestre, ns. 20 e 21 do anno I — «Gazetinha», «Folha Nova», «Gazeta de Notícias», «Semana» e muitos outros. No «Almanach Garnier» (1904) foi publicado um fragmento do livro sobre o Japão : Japonezas e norte-americanas.

Encontram-se reproduções do seu retrato em «Pégadas», «Littérature brésilienne» de Victor Orban, «Litteratura brasileira», de V. Magalhães.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — ARARIPE JUNIOR — Movimento litterario de 1893, pag. 132.

- 2 — JOSÉ VERRISSIMO — Estudos de litteratura brasileira — vol. 1, pag. 27 e vol. V; pag. 200.
Estudos brasileiros, vol. II, pag. 1.
Historia da litteratura brasileira, pag. 354.
- 3 — CLOVIS BEVILAQUA — Epocas e individualidades, pagina 149.
- 4 — VALENTIM MAGALHÃES — Escriptores e escriptos, pag. 75.
- 5 — VALENTIM MAGALHÃES — Litteratura brasileira, pagina 20.
A Noticia (critica litteraria semanal).
- 6 — ADHERBAL DE CARVALHO — O naturalismo no Brasil.
- 7 — AFRANIO PEIXOTO — Lembrança de Aluizio — n. 12 da «Revista da Academia».
- 8 — JULIO BARBUDA — Litteratura Brasileira.
- 9 — VICTOR ORBAN — Littérature brésilienne, pag. 511.
- 10 — SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.
- 11 — EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pagina 77.
- 12 — BENEDICTO COSTA — Le roman au Brésil.
- 13 — COELHO NETTO — Conquista.
- 14 — ALCIDES MAYA — Elogio na Academia (Revista da Academia, n. 13).
- 15 — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 16 — ANTONIO SALLES — Os nossos academicos — Revista Brasileira (3.a phase), vol. IX, pag. 342.
- 17 — GARCIA MEROU — El Brasil intelectual, pag. 429.
- 18 — OLIVEIRA LIMA — Gazeta, S. Paulo — Outubro 1919.
- 19 — CARLOS D. FERNANDES — Jornal do Commercio, do Rio (8-10-919).
- 20 — RONALD DE CARVALHO — Pequena historia da litteratura brasileira, pag. 817.

21 — ESCRAGHOLLE DORIA — Jornal do Commercio, do Rio (17-10-919).

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Na falta de uma biographia do notavel romancista brasileiro, andei respigando factos e datas, com o fim de apresentar uma ligeira referencia ao homem, apanhando elementos caracteristicos das varias phases de sua vida afanosa e cheia de abrolhos, pesquisando a sua predisposicao artistica e encarando o meio em que se operou a formacao e o desenvolvimento do seu espirito.

Nasceu Aluizio de Azevedo, filho de David Gonçalves de Azevedo, na cidade de S. Luiz do Maranhão, a 14 de abril de 1857.

Seu pae era consul portuguez na provincia que já recebera a denominacao de Athenas Brasileira, e tinha mais dous filhos: Arthur mais idoso e Americo.

Nada logrei sobre a infancia e educacao do autor d'«O Mulo»; sei apenas que luctou, dedicando-se á carreira commercial onde conseguiu ser guarda-livros, tirando depois proventos da profissao do magisterio e chegando a ser, em momento critico da vida, gerente de hotel.

Desabrochou-lhe precoce a habilidade para o desenho, pretendendo o adolescente, aos 14 annos, dirigir-se a Roma, com o intuito de estudar pintura; mas não conseguiu o consentimento paterno.

Aos 16 annos, surgiu-lhe a vocação para a carreira litteraria e começou a collaborar em varios jornaes, produzindo verso e prosa compativeis com a idade. Foi então que iniciou a sua labuta de professor particular, leccionando elementos da lingua portugueza e desenho, no collegio Feillon, em São Luiz.

Cedo deixou a provincia natal, em 1875, com rumo á corte, trazendo as algibeiras vasias e o cerebro cheio de talento. Matriculou-se na Academia de Bellas Artes onde cursou um anno de aula de modelo vivo e aperfeiçoou o estudo de desenho, fazendo-se caricaturista. Essa habilidade lhe serviu para ilustrar a «Comedia popular», «O Figaro». o «Mequetrefe», «A vida fluminense», o «Zig-zag», o seu romance «O esqueleto» (*Mysterios da Casa de Bragança*) e para compôr effigies dos personagens dos seus livros, á maneira de Eugenio Sue, no momento em que preparava o desenvolvimento da acção.

Tambem pintou, com um companheiro, o panno de bocca do theatro Gymnasio e parte do scenario da «Petite mariée», representada no theatro Alcazar.

No seu ultimo anno de permanencia na corte (1877), tentou novamente estudar pintura na Italia, requerendo uma pensão á assembléa maranhense que lh'a recusou.

Perdendo o pae, regressou ao Maranhão no anno seguinte e ahi permaneceu até fins de 1881.

Reencetou a vida litteraria, escrevendo contos, poesias e chronicas em varios jornaes.

O seu livro de estreia foi o romance «Uma lagrima de mulher» (1880), escripto um anno antes, nos moldes das novelas de Lamartine e de B. de St. Pierre, não despertando interesse no meio litterario, por ser de concepção fraca, adstricto aos sediços modelos romanticos e tendo como scenario as ilhas de Lipari.

Antes escrevera uma comedia em verso, em 3 actos, de collaboração com o seu irmão Arthur. Encontra-se na «Revista dos theatros», periodico dedicado á litteratura e arte dramatica, de Arthur Azevedo e A. Lopes Cardoso (n. 1, Julho de 1879), um fragmento do 1º acto dessa comedia — «Os doudos».

Supponho, a julgar pela semelhança dos titulos e pelas in-

dicações das obras do autor, tratar-se da mesma comedia «Casa de Orates», representada, em 1882, no theatro Sant'Anna.

Só conheço o fragmento acima alludido e a opereta «Flor de Liz». As outras peças theatraes permanecem ineditas, segundo creio, constando as respectivas datas em que foram escriptas, na parte da bibliographia.

Vê-se que o romancista occupou-se de litteratura theatrical, desde 1879 até 1881.

Para combater os padres do Convento de Sant'Antonio que redigiam o jornal catholico «A Civilisação», celebre pela campanha sustentada sobre assumptos diversos, mantendo polemicas de toda sorte, alliou-se o joven escriptor ao dr. Eduardo Ribeiro, fundando um jornal hebdomadario «O Pensador», assinalado nos annaes da imprensa, devido ao processo sensacional que lhe instaurou o padre José Baptista, apresentando-se Aluizio como responsavel pelo artigo acoimado de injurioso.

Trilhando a senda do jornalismo, fez-se redactor chefe da «Pacotilha» e ahi desenvolveu assombrosa actividade, dedicando-se a todos os generos litterarios, do artigo de fundo à chronica, do romance à poesia, do folhetim à comedia.

Trabalhava com Paula Duarte, João Moraes Rego, Raymundo Capella e outros, adquirindo, nesse convivio, farta messe de cultura litteraria e tinturas de conhecimentos scientificos e philosophicos.

Diz o snr. Adherbal de Carvalho, de quem extraio alguns informes biographicos do autor do «Cortiço», que até essa época a cultura litteraria de Aluizio limitava-se a Chateaubriand, Alphonse Karr, Ponson du Terrail e alguns poetas franceses; a Alexandre Herculano, C. Castello Branco, Julio Diniz, Garret, Castilho, etc., e aos autores brasileiros.

Mais tarde, os que mais influiram sobre elle, foram Zola e os naturalistas franceses; Eça de Queiroz e os russos.

Em 1881 appareceu «O Mulato», causando verdadeira sensação de sul a norte, recebido encomiasticamente pela critica, excepto no Maranhão, onde, mais uma vez, se confirmou o proverbio francez.

Os aplausos foram unanimes na imprensa da côte e das provincias, sendo o romance louvado por Araripe Junior, Joaquim Serra, Urbano Duarte, Sylvio Romero, Clovis Bevilacula, Lucio de Mendonça, Valentim Magalhães, Capistrano de Abreu, Raul Pompeia e muitos outros escriptores; e em São Luiz, a despeito das censuras da imprensa, havendo quem aconselhasse o autor a trocar a penna pela enxada, venderam-se dous mil exemplares do romance em poucos dias.

«O Mulato» desbravou o caminho para a marcha triumphante do naturalismo, segundo os processos de Balzac, Zola e Flaubert, assignalando um periodo de transição e desempenhando função analoga ao «Uruguay», de Bazilio da Gama, «Suspiros poeticos», de Gonçalves da Magalhães, aos romances de Teixeira e Souza, à obra de José de Alencar e às primeiras manifestações dos parnasianos reaccionarios. E' o principal merito do livro, accentuar uma phase evolutiva da nossa litteratura, operando verdadeira revolução, alvorada da emancipação do espirito brasileiro.

Não se coaduna com o caracter destes ligeiros escorços o resumo dos entrechos e a apreciação detalhada das obras. Define-se aqui o acervo litterario de cada autor a traços fugitivos, a pinceladas de scenographia. Basta que se diga que «O Mulato» é um livro eminentemente nacional, que analysa com fidelidade a vida da província, desenha com destaque admirável os caracteres dos personagens, revolta-se contra o preconceito da côte e esboça ideias dignas de meditação.

A parte descriptiva é sobria e bem desenhada e a acção se desenvolve com methodo e propriedade.

A segunda edição foi escoimada de defeitos de estylo.

Após o grande successo causado pelo romance, poude o autor regressar ao Rio de Janeiro, para se dedicar exclusivamente à literatura, escrevendo outros romances, comedias, dramas e collaborando em diversos jornaes.

Os romances immediatos foram : «Memorias de um condenado», «Misterio da Tijuca» e «Philomena Borges» publicados, antes, em folhetins da «Gazetinha», «Folha Nova» e «Gazeta de Noticias» escriptos à la hâte, no afan de acudir aos appellos dos redactores principaes e de prover ás exigencias da vida prosaica.

Mas esses proprios romances, destituidos de valor compativel com os meritos do autor, representam algum interesse, pois são escriptos com certa arte, propriedade de composição e enredo attrahentes.

Segue-se-lhes «A casa de pensão», o melhor livro de Aluizio Azevedo.

Aproveitando-se de um facto sensacional, ocorrido entre dous estudantes da Escola Polytechnica, do Rio, o romancista estuda a vida nessas habitações collectivas em que uma familia, geralmente uma viuva, admite na propria casa, como hospedes, estudantes, funcionarios publicos e empregados do commercio, com o intuito de conseguir rendimentos indispensaveis á sua manutenção.

Palpita nas paginas desse livro a verdade flagrante, a justa observação da vida intensa, dos typos de castas distinctas, dos costumes, de tudo. E desperta-nos emoção artistica a leitura das paginas vibrantes, em progressivo interesse por parte do leitor. Harmoniza-se o methodo de observação com as bellezas do estylo, constituindo a verdadeira arte.

Confirmou-se a sua reputação de escriptor, sendo consagrado Aluizio como o melhor romancista da geração, exceptuando-se Machado de Assis, entre os intellectuaes.

Appareceu, em 1877, tres annos depois, «O homem» que se resente da preocupação do estudo scientifico, pagando o autor o seu tributo á physiologia e por isso mesmo, produzindo uma obra de artificio. E' a obsessão da escola a que não escaparam Zola, Goncourt, Daudet e Bourget.

Ha passagens do livro que mais se approximam de uma monographia scientifica, de um caso clinico exposto por um psychiatra, do que um trabalho de ficção.

Já não acontece o mesmo a «O Coruja», onde a psychologia dos personagens é feita sem a preocupação dos diagnosticos clinicos. O typos de Theobaldo e, principalmente, do Coruja, são bem estudados, compostos com habilidade e proporção.

«O Cortiço» que podia rivalizar, e na realidade não fica em plano inferior à «Casa de Pensão», apresenta o excesso de scenas crúas, do realismo mal comprehendido ; porquanto pode-se realizar a observação e escrever romance naturalista, sem abordar os themes abjectos e explorar os quadros de alcouce ou lupanar. O autor poderia nos apresentar a galeria de typos da colmeia humana, da *ilha*, como dizem os portuguezes, sem descortinar as scenas indecorosas. Tirante essa feição, o livro é magistral.

Do mesmo anno (1890) é o «Esqueleto», com a sub-epigraphe — Mysterios da Casa de Bragança. Foi um mero capricho de Aluizio que recorreu ao seu pseudonymo — Victor Leal — para ter liberdade de escrever o que lhe approuvesse, nos folhetins da «Gazeta de Notícias».

Em 1893 apparecem «A mortalha de Alzira» e «Demonios». O romance é uma divagação do autor que procura distrahir os seus leitores, remontando-os aos tempos idos. Não é uma obra de fancaria, o que se não coaduna com o merito do escriptor ; mas é, na phrase do romancista, «um filho que não reconheceu logo... Nasceu fóra do seu casal».

Em «*Demonios*», ha contos apreciaveis, principalmente «O macaco azul», impregado de *humour* e ironia.

O «*Livro de uma sogra*», 1895, representa um feitio novo. O romancista pretende estudar uma these segundo a qual, para perdurar a felicidade no casamento, é necessaria a separação dos conjuges em determinadas situações, afim de se evitar o enfado, o tédio, a repugnância do marido pela mulher. E para chegar a semelhante conclusão, apresenta-nos um caso de uma senhora infeliz no casamento, a qual, procurando salvaguardar a felicidade da filha, impõe ao genro o sacrifício de se submeter ao seu sistema.

A these é falsa e tem a sua refutação na maioria dos casais felizes que celebram as bôdas de prata ou de ouro. Pecca pelo vezo que tem muita gente de generalizar casos particulares.

Valentim Magalhães, ao aparecer o livro, consagrhou-lhe uma critica injusta, censurando o autor de haver plagiado a «*Sonata de Kreutzer*», de Tolstoi. Essa perversidade desgostou profundamente a Aluizio que, certamente não foi por esse motivo, deixou de escrever.

José Veríssimo, embora tambem profligasse a these, já de si abalada, fez uma apreciação justa, como quasi sempre lhe acontecia no exercício meritorio da critica.

Mas pondo de lado o conceito do thema, deve-se exaltar o estylo do escriptor e destacar paginas de mestre.

«Pegadas» constituem a reedição dos «*Demonios*», com supressões e accrescimos.

Enfastiado do meio litterario, subito tomou a resolução de fazer um concurso para seguir a carreira consular. Preparou-se em direito internacional com as explicações que lhe deu Graça Aranha, e facil tornou-se-lhe realizar a sua aspiração. Foi nomeado consul brasileiro em Vigo e, successivamente, removi-

do para o Japão, Cardiff, Nápoles e Buenos Ayres, onde faleceu a 21 de Janeiro de 1913.

Depois que se ausentou do Brasil, só li um novo trabalho seu — «O toiro negro» — escrito na Espanha, publicado na «Revista Americana». No entanto propalava-se que elle havia preparado um livro contendo as suas impressões da patria de Cervantes, um estudo completo sobre o Japão e concluído um novo romance que definiria a sua ultima orientação.

Graças ao dr. Afrâncio Peixoto que com elle conversou em Nápoles, 13 annos talvez depois de deixar o Brasil, tivemos notícias de Aluizio.

Nas confidencias que fez ao autor de «Maria Bonita», soubemos que não gostava de «O homem» e apreciava «O Mulaço», «Casa de Pensão», «O cortiço» e «Coruja».

Aliás, já era conhecido o seu plano de artista, concebendo, a exemplo dos «Rougon Macquart» e da «Comédie humaine», a serie «Brasileiros antigos e modernos», constituida de cinco romances nos moldes da «Casa de pensão»: «O Cortiço», «A familia brasileira», «O Felizardo», «A Loureira» e «Bola Preta».

Esse plano foi inserto em «A Semana», de Valentim Magalhães, e reproduzido no bello elogio que lhe teceu o snr. Alcides Maya.

Revelou também ao dr. Afrâncio, que nunca fôra um bohemio, como o pintou Coelho Netto na «Conquista». Ao contrario, sempre se manifestara «um burguez ordeiro, pacato, que escrevera por necessidade e com um objectivo e que na primeira occasião se introduziu no *pecus* do funcionalismo utilitário».

Creio que Coelho Netto teve razão; si Aluizio não foi visceralmente um bohemio, assumiu a attitude de um *dilettante*.

Transmittiu-lhe o autor da «Casa de pensão» as impressões sobre o Japão e revelou-lhe que, com effeito, havia escrito um livro palpitante sobre o paiz asiatico, cuja civilização distinta

da nossa, lhe feriu as retinas de observador perspicaz e arguto.

Mas desejava preparar um volume artístico, quanto à qualidade do papel, à natureza das gravuras, ao formato e ao aspecto geral.

Destinava para isso, mais de uma dezena de contos de réis que representavam a restituição legitima dos seus direitos autoriaes, levada a efecto pelo seu editor.

Esperava o dinheiro para imprimir o livro no Japão, quando recebeu uma carta do seu advogado, comunicando haver deliberado de *motu proprio* adquirir, para Aluizio, uma propriedade em Copacabana.

Depois resolveu não imprimir mais o livro, porque o Japão fôra explorado por outros escriptores e devassado ao mundo pela guerra russo-japoneza. (1)

Narrou ainda os seus amores com a Satô, «uma creatura formosa, quasi occidental na sua meuda face morena, mas com a graça tenue e subtil, de recato e simplicidade, das musumêas já lendárias.»

E o autor da «*Esphinge*» luctou em vão para o demover da resolução que tomára, de abandonar de vez a litteratura, conseguindo por muita insistencia descobrir no intimo do artista o plano acariciado de compôr um novo romance. «Seria um conflicto religioso, entre povo simples e rude do interior do Brasil, um desses muitos Antonios Conselheiros, que se apossam da alma das multidões sertanejas. Mas seria em grande, pensado e trabalhado, na idéa geral e no meio em que a accção se devia desenvolver.»

Mas tarde, em 1911, ao passar pelo Rio de Janeiro com destino a Buenos Ayres, confessou que muita cousa estava prom-

(1) O Almanach Garnier de 1904, publicou um fragmento: — Japonezas e norte-americanas.

pta e outro tanto em esboço. Era o seu ultimo romance «O Messias».

E finou-se o artista antes de concluir o seu canto de cysne.

A' Academia que conseguiu trasladar os seus restos mortaes para a Patria amada, incumbe editar as suas obras manuscriptas: as peças theatraes, os livros sobre o Japão e a Hispanha, e o romance inacabado.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A precocidade do artista — Instabilidade do seu destino — Primeiras manifestações litterarias — O successo de «O Mulo». — Os seus romances de genero primitivo — A serie «Brasileiros antigos e modernos» — O folhetinista incorrigivel — Os contos — O livro de uma sogra — Longe da Patria — O homem e o artista — A cultura de seu espirito — Thesouro a descobrir — No tribunal da critica.



ALCIDES MAYA

Successor de Aluizio de Azevedo na cadeira n. 4. — Nasceu na cidade de São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, a 15 de Outubro de 1878.

A L C I D E S M A Y A

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — PELO FUTURO — 118 pags. — Porto Alegre, Typ. Franco e Irmão — 1897.
- * 2 — O RIO GRANDE INDEPENDENTE — 119 pags., Porto Alegre — Typ. Agencia Litteraria — 1898.
- * 3 — RUINAS VIVAS, romance gaúcho — 235 pags. — Porto, Livraria Chardron — 1910.
- * 4 — TAPERA, contos, 153 pags., Rio, Livraria Garnier Irmãos — 1911.
- * 5 — MACHADO DE ASSIS, algumas notas sobre o *humour* — 161-VIII pags., Rio, Casa Editora Jacintho Silva — 1912.
- * 6 — CHRONICA E ENSAIOS — 280 pags. — Porto Alegre, Barcellos Bertaso e Cia. — 1918.
- * 7 — ATRAVEZ DA IMPRENSA. — (1898-1900) — 189 pgs. — Porto Alegre, Octaviano Borba e Cia. — 1900.
- 8 — O GAUCHO NA LEGENDA E NA HISTORIA.

Aos 18 annos de idade, assumiu a direcção d'«A Republica», orgão da dissidencia republicana do Rio Grande; e, depois, do «Jornal da Manhã». Collaborou por muito tempo no «Correio da Manhã», no «Jornal do Commercio» e em «O Paiz», no tempo de Eduardo Salamonde. Encontram-se reproduções de seu retrato em «Chronicas e ensaios» e «Littérature brésilienne», de Victor Orban.

Fez varias conferencias literarias, encontrando-se a que pronunciou na S. de Cultura Artistica de S. Paulo (D. Juan), no 2.^o volume das «Conferencias» editadas pela referida Sociedade.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — COELHO NETTO — Carta na «Tapera».
- 2 — JOSÉ VERISSIMO — Revista Americana — anno III, n. 56, pag. 500 e artigo no «Imparcial» sobre o livro «Machado de Assis».
- 3 — VICTOR ORBAN — Littérature brésilienne, pag. 468.
- 4 — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 5 — CARLOS MAXIMILIANO — Prefacio de «Pelo Futuro».
- 6 — APOLINARIO PORTO ALEGRE — Prefacio de «O Rio Grande independente».
- 7 — JOÃO RIBEIRO — Tapera (appenso ao vol. «Chronicas e ensaios»).
- 8 — OSORIO DUQUE ESTRADA — Idem, idem, idem.
- 9 — JOÃO DO NORTE — Ruinas vivas (idem, idem).
- 10 — SYLVIO ROMERO — Artigo a proposito de «Atravez da imprensa», bem como a resposta ao livro sobre Machado de Assis.
- 11 — JOÃO DO RIO — Artigo na «Gazeta de Noticias» sobre o livro «Machado de Assis».
- 12 — JOÃO LUSO — Tres artigos nas «Dominicaes» do «Jornal do Commercio», sobre «Ruinas vivas», «Tapera» e «Machado de Assis».
- 13 — JAN MAS Y PI — na revista «Nosotros», ensaio traduzido por Manoel Gahisto e Phileas Lebesgue para a revista «Les Nouvelles Rubriques», os quaes tambem traduziram a «Tapera» para o francez.

- 14 — EMILIO KEMP — Artigo sobre «Chronicas e ensaios», no «Correio do Povo», de Porto Alegre.
- 15 — JOÃO PINTO DA SILVA — Vultos no meu caminho, pagina 108.
- 16 — GILBERTO AMADO — Chave de Salomão.
- 17 — RODRIGO OCTAVIO — Discurso de recepção — Revista da Academia Brasileira de Letras, n. 13.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

A 15 de Outubro de 1878, nasceu Alcides Maya, na cidade de São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul.

Ignoro inteiramente a sua biographia e só tenho ensejo de me relacionar com o illustre escriptor gaúcho, aos 19 annos de idade, quando publicou o seu livro de estreia «Pelo Futuro», prefaciado pelo snr. Carlos Maximiliano.

Esse opusculo de ensaios é um attestado eloquente do talento e da capacidade de estudo do autor, verdadeiro caso de precocidade litteraria. Os seus primeiros passos no tablado das letras, talvez ainda durante a phase em que estudou na Faculdade de Direito de S. Paulo, reflectem os resultados da leitura intensiva, quando amanhecia «sobre os livros, preso, attrahido, fascinado pela sciencia, philosophia e critica». Foi tão activo o seu trabalho intellectual, que lhe sobreveio a consequencia do *surmenage*: uma enfermidade do systema nervoso, naturalmente.

A despeito do desequilibrio, insistiu em cumprir o programma que se impoz, devorando volumes de Spencer, meditando os conceitos de Letourneau e passando em revista as varias modalidades da critica, desde La Harpe a Taine, de Sainte Beuve ate Hennequin, sem olvidar o dever de pesquisar o nosso passado e examinar as theorias expostas pelos criticos nacionaes.

Abordou varios programmas interessantes, no seu livro de estreia, apontando a vereda a ser trilhada pela mocidade; apreciou com entusiasmo as tentativas dos que desbravam o nosso passado e isolam da trama dos factos um fio tenue de tradição; aplaudiu os esforços de se coordenar o nosso *folk-lore* e procurou estudar as leis do movimento philosophico entre nós.

Lendo um trabalho de Adolpho Caminha, em que o escritor cearense tentou demonstrar, unicamente pela influencia do clima, a superioridade intellectual dos brasileiros do norte sobre os do sul, insurgiu-se contra o exclusivismo da theoria climaterica e fez uma digressão sobre o thema, invocando o methodo comparativo para derrocar a these da acção mesologica e explicou o phenomeno observado, atravez de outro prisma. Assiste-lhe razão em tal contradicta, pois não se pode explicar um phenomeno social, sempre revestido de complexidade, por uma causa unica ou por alguma theoria isolada.

E, variando de assumpto, abordou o problema do socialismo,olveu a attenção para o movimento litterario do Rio Grande do Sul, desde Porto Alegre até o autor do «Crioulo do pastoreio», apreciou um caso teratologico ou antes de mimetismo poetico e discorreu sobre as funcções da imprensa e da arte perante a civilização.

Não é este o lugar opportuno para analysar os conceitos emitidos pelo critico e combater as conclusões do doutrinador. Basta accentuar que o livro é de um joven cujas ideias evoluíram, cujo senso critico muito se desenvolveu para conseguir a feição revelada no ensaio sobre «Machado de Assis».

Ao opusculo, promissor de surto mais amplo, sucedeua a dissertação contra as tendencias separatistas, apregoadas por um grupo de paulistas e de rio-grandenses.

E' um pamphleto patriotico «O Rio Grande independente» onde o autor se insurge contra o vesgo e myope civismo dos

que restringem a concepção de patria ao ambito acanhado em que viram a luz meridiana, substituindo a ideia elevada e dignificante de patria pela restricta noção de bairrismo.

Essa fissiparidade sociologica, fazendo surgir as pequenas patrias das grandes, por um phenomeno de endogenese dos nucleos gemmiparos, encontra adeptos entre os que admitem a differenciação fatal, determinada pelo progresso que faz desenvolver uns orgãos (estados no caso vertente), em detrimento de outros que se atrophiam. Appellam para os exemplos historicos: o imperio de Alexandre, o mundo dos Romanos, as conquistas de Carlos Magno e o immenso dominio de Napoleão, todas essas vastas aggremações politicas que se desmembraram. E podem accrescentar os casos recentes da Austria e da Russia. Mas é preciso observar immediatamente que a causa do desequilibrio e da consequente disaggregação, não reside na extensão territorial nem na desigualdade de varias provincias ou departamentos do mesmo paiz; mas sim na reacção operada contra o espirito de conquista, reunindo, em torno de um centro forte, povos de raças e linguas diferentes, vencidos e subjugados ao vencedor. Nesse caso o odio permanece latente, perduram os caracteres ethnicos, as ideias religiosas, os costumes differenciados e, em dado momento, rompe-se o equilibrio mantido por forças ficticias que cessam de actuar ou são excedidas por outras de maior intensidade.

Deve-se encarar o caso da Italia, a unificação do imperio allemão, a união intima e estreita dos Estados Unidos, da China e do Brasil.

Combatendo essas ideias perniciosas, Alcides Maya apresenta varios argumentos hauridos em nossa historia e obtidos pelo methodo de comparação, fazendo um appello aos seus contemporaneos e a todos os brasileiros para que afugentem do espirito semelhantes argumentos fallazes que só contribuirão para a

nossa ruina e a formação de pequenos paizes de rivalidade bellicosa.

E' um trabalho meritorio, de patriotismo sadio e de excelente raciocinio.

Depois dos dous livros citados, reuniu o escriptor a sua contribuição jornalistica e deu a lume o livro «Atravez da imprensa», e o folheto «O gaúcho na legenda e na historia», de edição exgottada. (1)

No genero de ficção a sua estreia se verificou com o romance de costumes gaúchos, «Ruinas vivas», em 1910. Não podia ser a estreia destituida de interesse, porque o autor já era sobejamente conhecido, no meio litterario do Rio Grande do Sul, como um moço de talento. Accrescia a circumstancia de se tratar de um romance regional, rememorando façanhas dos nossos destemidos patriotas do sul, filiado ao genero a que Sylvio Romero denominou «o meio naturalismo tradicionalista e campesino».

Mas o livro editado em Portugal teve circulo mais amplo de leitores e veio satisfazer uma curiosidade dos que, pouco viajados, só conheciam o gaúcho de José de Alencar.

Infelizmente o romance não correspondeu á expectativa, por estar incado de longas descripções enfadonhas, abusando o autor do emprego de termos regionaes e, o que é peior, de vocabulos obsoletos, de neologismos dispensaveis, pois que muitos são enxertos, na lingua vernacula, de elementos estranhos.

A despeito dos defeitos de factura e da descontinuidade de accão que pouco interesse desperta, o romance se impõe como um attestado do talento do autor, de sua prodigiosa e exuberante imaginação.

Certo estou de que o romancista se aperfeiçoará, enrique-

(1) Obtive um exemplar de «Atravez da imprensa», depois de haver escripto este perfil.

cendo a nossa litteratura com outros romances de mais acurado lavor, melhor concluidos e de maior vigor esthetic e emotivo.

E não é preciso dispôr de qualidades de propheta para se formular semelhante vaticinio. Basta lêr o volume de contos, «Tapera», tambem de scenarios gaúchos, publicado um anno apôs, em 1911.

«O teu livro é bem nosso, diz-lhe Coelho Netto, no prefacio, no assumpto e na linguagem — reçuma seiva e por elle, na abastosa paysagem de campo, o clima, a luz, as vozes, os costumes são nossos. O homem que se nos depara, é o pampeano corajoso e destro, é o filho da natureza moça, barbara...»

E mais adiante acrescenta :

«Escripto vagarosamente, aos trechos, na campanha, ora à sombra cheirosa da ramada, ou na verde coxilha florida ante a fartura viva dos rebanhos, é novo, é forte como a propria natureza que retrata».

Venham o «Occaso» e «Nos fogões», romance e livro de contos promettidos, com o mesmo cunho de regionalismo, venham outros mais ornar a nossa litteratura tão destituida de adornos e firmar a reputação do romancista dos pampas e dos bravos gaúchos.

Em livros posteriores, o autor não se refere mais aos volumes que, em 1911, dizia, se achavam no prélo, e annuncia : «Contos crioulos» (scenas do campo), «Pampa» (impressões e perfis), «Novos e velhos» (critica litteraria), «Discursos e conferencias», «Lendas do sul», «Alma Barbara» (contos gaúchos) e «Vida e obra de Julio de Castilhos». (1)

(1) A' ultima hora tive conhecimento de se acharem no prélo da Livraria Alves, o livro «Prisma», de ensaios de esthetica e de philosophia, na Livraria Globo, de Porto Alegre, o volume de contos gaúchos «Alma Barbara», e, em preparo, «Lendas do Sul», "folk-lore" gaúcho (lendas do periodo colonial, impressões das missões dos jesuitas, lendas hispano-portuguezas e particularmente rio-grandenses).

O livro que, a meu vêr, constitue até hoje a obra prima de Alcides Maya, é o ensaio sobre o *humour* de Machado de Assis.

No primeiro capitulo, passa em revista as definições desse estado psychologico do homem, segundo a concepção dos criticos e esthetas que examinaram a sensibilidade de Cervantes e Sterne, de Rabelais e Swift, de Molière e Thackeray, de Voltaire e M. de Assis.

Desisto do intuito de resumir esse livro admiravel que nos traça um perfil animado do notavel autor de *Braz Cubas*. Semelhante desejo me arrastaria a um dedalo de considerações sobre a obra do critico de Machado de Assis, determinando desenvolvimento incompativel com o caracter destes ligeiros escorços.

Esse vigoroso ensaio abriu as portas da Academia ao autor de «*Tapera*». Foi em Setembro de 1913 que se procedeu á eleição para preencher a vaga de Aluizio Azevedo. Inscreveram-se—além de Alcides Maya—Alberto Torres, Almachio Diniz e Virgilio Varzea e só em terceiro escrutinio pôde elle conseguir a maioria absoluta, prescripta pelos estatutos da Academia. (1)

Transposto o limiar do *Syllogêo*, pronunciou o bello elogio sobre o seu antecessor e proferiu algumas conferencias litterarias no Rio e em São Paulo.

Em 1918 apareceram «*Chronicas e ensaios*», collectanea de artigos escriptos em «*O Paiz*» e outros jornaes.

São attestados palpitantes do talento de escól do escriptor rio-grandense e da variada cultura do seu luminoso espirito.

De sua vida practica logrei apenas saber que ocupou o lo-

(1) Tomou posse a 21 de Julho de 1914, sendo recebido pelo academico Rodrigo Octavio. Os discursos de ambos foram publicados no «*Jornal do Commercio*» e na «*Revista da Academia Brasileira de Letras*», numero 14.

gar de bibliotecario do Pedagogium, no Rio de Janeiro, sendo ultimamente eleito deputado federal pelo seu Estado natal.

A sua vida intellectual se tem exercido principalmente na tribuna e na imprensa politica.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

O critico e o publicista — Tendencias separatistas — O tradicionalismo no romance — Paysagista — O movimento literario no Rio Grande do Sul — Sul e Norte — Ensaio sobre o *humour*.



BERNARDO GUIMARÃES

Patrono da cadeira n. 5. — Nasceu na cidade do Ouro Preto, Est. de Minas Geraes, a 15 de Agosto de 1825 e faleceu no dia 10 de Março de 1884, na mesma cidade. (*)

(*) Felicio Buarque indica o falecimento a 10 de Março e o Sr. Pedro Bernardo Guimarães, filho do escriptor, confirmou a data.
Os seus ossos acham-se em uma urna tosca de madeira, na igreja de S. José, de Ouro Preto.

BERNARDO GUIMARÃES

BIBLIOGRAPHIA

- 1 — CANTOS DA SOLIDÃO, S. Paulo, Typ. Liberal, 1852.
- * 2 — POESIAS — (Cantos da Solidão — Inspirações da tarde — Poesias diversas — Evocações — A' bahia do Botafogo) 3.^a edição — 328 pags. — Rio, H. Garnier, 1865.
- * 3 — O ERMITÃO DO MUQUEM, romance — 216 pags. Rio, H. Garnier — 1.^a edição, 1871.
- * 4 — LENDAS E ROMANCES, novellas — 245 pags. (nova edição) Rio, H. Garnier, 1.^a edição, 1871.
- * 5 — O GARIMPEIRO, romance, 247 pags. Rio, H. Garnier 1.^a edição, 1872.
- * 6 — HISTORIAS DA PROVINCIA DE MINAS GERAES, novellas, 263 pags. Rio, H. Garnier — 1.^a edição, 1872.
- * 7 — O SEMINARISTA, romance, 294 pags. Rio, H. Garnier — 1.^a edição, 1872.
- * 8 — O INDIO AFFONSO, romance — A' morte de Gonçalves Dias, poemeto — 344 pags. Rio, H. Garnier — 1.^a edição, 1873.
- * 9 — A ESCRAVA ISAURA, romance (nova edição) 276 pags. Rio, H. Garnier — 1.^a edição, 1875.
- * 10 — NOVAS POESIAS — 202 pags. Rio, B. L. Garnier, 1876
- * 11 — MAURICIO OU OS PAULISTAS EM SÃO JOÃO DEL REY — romance, 2 vols. — 338-340 pags. — Rio, B. L. Garnier — 1877.

- * 12 — ROSAURA, a engeitada — romance — 572 pags., Rio
B. L. Garnier — 1883.
- * 13 — FOLHAS DE OUTOMNO, poesias — 258 pags. — Rio,
B. L. Garnier — 1883.
- * 14 — A ILHA MALDICTA — O PÃO DE OURO — roman-
ces — 314 pags. — Rio, H. Garnier — 1879.
- * 15 — O BANDIDO DO RIO DAS MORTES, romance — 207
pags. — Bello Horizonte, Imprensa Official Est. de Minas
— 1904.
- * 16 — A VOZ DO PAGÉ, (1) drama publicado no livro de
Dilermando Cruz : «Bernardo Guimarães».
- 17 — OS DOUS RECRUTAS, drama (inedito)

Edições princeps : — Cantos da Solidão — S. Paulo, Typ.
Liberal, 1852 ; 2.ª edição em 1858 (Rio), 3.ª edição em 1865 com
o título de Poesias.

Collaborou em o «Bom Senso», «Ensaios litterarios de S.
Paulo», «Actualidade» (onde escreveu o juízo critico sobre as
«Inpirações do claustro», de Junqueira Freire). «Jornal do
Commercio» — «Revista Brasileira» (2.ª phase): A Camões
— 1880.

Encontram-se seus retratos em *Littérature Brésilienne*, de
Victor Orban, no Almanach Alves e na Revista Illustrada, de
Angelo Agostini.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

1 — SYLVIO ROMERO — Estudos de litteratura contempo-
ranea, pag. 71.

História da Litteratura Brasileira, II pag. 230.

(1) O sr. Pedro Bernardo Guimarães offereceu-me um exemplar
do drama «A voz do pagé».

- Livro do Centenario — L pag. 52.
 e João Ribeiro — Compendio de litteratura brasileira,
 pag. 209.
- 2 — José VERISSIMO — Estudos de litteratura brasileira,
 vol. II, pag. 253. Historia da litteratura brasileira, paginas, 287
 e 312.
- 3 — JULIO BARBUDA — Litteratura brasileira, pag. 349.
- 4 — VAZ PINTO COELHO — Poesias e romances do Dr.
 Bernardo Guimarães.
- 5 — PADRE JOÃO PIO — Prefacio do «Bandido do rio das
 Mortes».
- 6 — AFFONSO CELSO — Prefacio do «Bandido de rio das
 Mortes».
- 7 — ALVARO GUERRA — A' mocidade brasileira.
- 8 — VICTOR ORBAN — Littérature brésilienne, pag. 120.
- 9 — SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.
- 10 — EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 33.
- 11 — ALMEIDA NOGUEIRA — Tradições e reminiscencias —
 2.a serie, pag. 168.
- 12 — J. P. XAVIER DA VEIGA — Ephemerides mineiras.
- 13 — FELICIO BUARQUE — Almanach Alves, de 1917, pa-
 gina 179.
- 14 — MACEDO SOARES — Ensaios litterarios, pag. 386.
- 15 — VALENTIM MAGALHÃES — Notas á margem.
- 16 — FERNANDES PINHEIRO — «República» 19-8-1872.
- 17 — CARLOS DE LAET — Microcosmo, do Jornal do Com-
 mercio 16-3-1884.
- 18 — RONALD DE CARVALHO — Pequena historia da litte-
 ratura brasileira, pag. 259.
- 19 — DILERMANDO CRUZ — Bernardo Guimarães.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Divergem os biographos sobre o anno do nascimento de Bernardo Joaquim da Silva Guimarães. A julgar, porém, pelo que se reveste de maior autoridade, como o snr. Felicio Buarque, mineiro, de Uberaba, elle viu a luz do sol a 15 de Agosto de 1825, na cidade de Ouro Preto, sendo filho legitimo de João Joaquim da Silva Guimarães e D. Constança Guimarães.

Em tenra idade foi residir em Uberaba, onde iniciou a educação primaria. A sua instrucção secundaria foi emprehendida em Campo Bello e Ouro Preto de onde se transferiu para São Paulo afim de fazer o curso juridico.

O mesmo biographo acima citado, dá curso á seguinte versão:
«Diz-se que, durante a revolução mineira de 1842, o estudante fugiu do collegio e incorporou-se aos revolucionarios, mas voltou depois arrependido para o lar paterno e continuou os estudos.»

Matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1847 e bacharelou-se em 1851.

Durante o curso juridico não se distinguiu como estudante, dedicando-se á litteratura, principalmente á poesia, colaborando em revistas, onde se revelou um critico mordaz. Nessa phase fagueira da existencia, o poeta, influenciado pelo modelo de Byron, entregou-se á vida bohemia, juntamente com Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa e outros, cuja saude foi prejudicada pelas extravagancias e estroinices que praticavam. Chegaram a fundar a sociedade Epicurea que tinha por fim realizar os sonhos do autor de D. João. Reuniam-se em varios pontos, de preferencia os arrabaldes, e entregavam-se a toda a sorte de desvarios, chegando, segundo um testemunho invocado pelo escriptor Couto de Magalhães, á loucura de ficarem encerrados durante 15 dias, á luz de candieiros.

Datam dessa época os famosos "bestialogicos" de que Almeida Nogueira reproduz um exemplar. O estudante era expansivo e jovial, de temperamento humoristico e muito palrador.

Reunia em sua casa, ás quartas-feiras, alguns amigos, sendo infallivel a presença de Aureliano Lessa. Preparavam uma ceia "escolastica", trocavam saúdes e cultivavam o genero do "bestialogico" em que era eximio o poeta mineiro.

Constituiram, elle e os seus companheiros predilectos, um "triumvirato" e pretendiam publicar em collaboração intima as «Tres Lyras», mas não realizaram o projecto, devido ao prematuro falecimento do autor das «Noites nas tavernas».

Laureado com o diploma scientifico, na segunda época do anno lectivo de 1851, foi nomeado juiz municipal em Catalão, onde fez o quatriennio.

Depois de entrar na vida practica, perdeu o genio folgazão, tornou-se taciturno e contemplativo, viveu em isolamento, curtiu as agruras da miseria, deixou crescer a barba, manteve os cabellos compridos, em desalinho, a roupa mal cuidada, e o desanimo apoderou-se do seu espirito. Perdurou-lhe o vicio da intemperança, contrahido no tempo academico, para imitar Byron, Musset e Espronceda.

Immiscuindo-se na lucta partidaria, moveu tenaz oposição ao presidente da provincia de Goyaz, hostilizando o juiz de direito que seguia a sua orientação na comarca.

Substituindo o juiz de direito licenciado, convocou uma sessão de jury e absolveu onze réos, sendo a sessão classificada de "jubiléo". O presidente da província demitiu-o do cargo de delegado de polícia, a bem do serviço publico, e fez com que o juiz efectivo reassumisse o cargo. Sendo, porém, o Dr. Virginio Henrique Costa, o magistrado em licença, perseguido por seus inimigos e até denunciado, Bernardo Guimarães, na qualidade de juiz interi-

no pronunciou-o como incursão nos arts. 111 e 120 do Código Penal. Soffreu, por seu turno, o romancista mineiro, muitas perseguições, inclusive um processo crime, em que a propria defesa foi considerada como um primor litterario.

E para contrariar a perseguição que lhe movia o presidente, manteve uma correspondencia para o jornal «Actualidade», orgão liberal do Rio, conseguindo a exoneração do presidente e a remoção do juiz.

Durante a sua permanencia em Catalão, por ahí passou o dr. Couto de Magalhães, seu collega da Academia, para assumir a presidencia da provincia. Quiz hospedar-se em casa do poeta, mas desistiu da idéa, porque o encontrou sem o menor conforto, em uma casa velha, sem mobilia e até sem um copo para dar agua ao amigo.

Deliberou o novo presidente afastar o poeta daquelle ermo, attrahindo-o para a Côrte onde foi confiado a Flavio Farnese, redactor da «Actualidade». Assumiu a direcção litteraria do jornal em 1859 e distinguiu-se ao lado de Farnese e Lafayette R. Pereira.

Dentre as anecdotas que definem o caracter extravagante do autor do «Seminarista», destaca-se uma cuja veracidade é garantida. Estava Bernardo Guimarães em companhia de Ferreira de Menezes e outros, na redacção do «Correio Mercantil», quando lhe entregaram uma carta. O romancista leu-a, empalideceu e desatou em pranto. Alguns minutos depois enxugou as lagrimas, pediu papel e encheu tres ou quatro paginas com a sua letra rasgada e tortuosa. E soluçava enquanto redigia. Ergueu-se pouco tempo depois e convidou os circumstantes: — Vamos ao café !

No botequim do Braguinha, sito ao largo do Rocio, leu o que havia escripto: era a poesia "O meu cavallo" que consta de um dos seus livros, como composta em Minas.

A carta que recebera na redacção do "Correiro Mercantil", dava-lhe a triste notícia da morte do seu alazão, em que fizera a viagem de Catalão a Formiga.

Poucos annos depois voltou para Minas (Ouro Preto) onde contraiu matrimonio com D. Thereza Guimarães, (1) virtuosa senhora que para elle foi um anjo tutelar em vida e depois de viúva zelou pela sua reputação, recompondo os originaes do romance "O bandido do rio das Mortes", afim de ser publicado a expensas do Estado. Entregou-se, então, de corpo e alma á poesia e ao romance, vivendo tambem do magisterio.

Leccionou rhetorica e philosophia no Lyceu Mineiro, de Ouro Preto e em Queluz lhe foi confiada a cadeira de frances ou de latim.

Foi supprimida a cadeira que lhe concedera o governo provincial, por que o romancista não revelava vocação pelo magisterio, deixando de dar aulas por largo espaço.

A sua estreia litteraria foi em S. Paulo, em 1852, quando se despediu dos companheiros da academia e da vida litteraria. Foram os "Cantos da Solidão", editados pela typographia Liberal de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, no largo da Sé n. 3, o seu primeiro livro de versos.

A primeira pagina continha uma advertencia ao leitor, dizendo que as producções poeticas eram um adeus de despedida á mocidade academica em geral e particularmente aos que se entretinham no cultivo das bellas letras.

No anno seguinte o "Acayaba", em seu primeiro numero, saudava o apparecimento do livro.

Compõe-se o volume, na edição definitiva de 1865, de cinco

(1) Ainda vive em Bello Horizonte, encanecida, porém forte, a estimular a vida dos filhos com a sua paciencia, bondade e virtude inexcedíveis.

partes : — “Cantos da Solidão”, “Inpirações da tarde”, “Poesias diversas”, “Evocações” e “A bahia de Botafogo”.

Além desse livro de versos, escreveu : — “Novas Poesias”, “Folhas do Outomno”, “A morte de Gonçalves Dias”, poema publicado na “Reforma”, em 1869, quando a Camara dos Deputados recusou o auxilio pedido pelo Maranhão para erguer uma estatua ao cantor dos “Tymbiras”, e mais tarde appenso ao romance “O indio Affonso”. Compoz tambem algumas poesias no estylo picaresco, a que denominou pantagruelicas e bocageanas.

De todos, o melhor livro de poesias é sem duvida o primeiro, com que fez a sua brilhante estreia.

A nota predominante do seu estro é a lyrica, como a de quasi todos os poetas brasileiros. O seu lyrismo é simples e expontaneo, subordinado a um estylo singelo, quasi sempre descriptivo. Caracteriza-se o poeta, como pintor de scenas sertanejas, buscando um fio de tradição na tela de um colorido fresco em que as imagens têm vida.

Mas a sua feição poetica é flexivel, maleavel, amolda-se a varios generos, desde o épico ao humoristico. E', por vezes, terno e languido, outras voluptuoso e sensual, em certas passagens é sarcastico e em outras contemplativo. Exemplos se notam de um feitio naturalista (*Ermo*), alguns se destacam como philosophicos (*Devanear do sceptico*) outras como phantasticas (*Orgia dos duendes*); percorre toda a gamma, desde os assumptos sentimentaes e amorosos (*Evocações*) até os themes facetos e joviaes (*Charuto, Saia Balão, Diluvio de papel, Nariz perante os poetas*). Assume até a tendencia mystica e religiosa, como aconteceu no fim da existencia com as “Folhas do Outomno” e apresenta poesias de caracter patriótico (*Estrophes aos voluntarios mineiros e Heroides brasileiros*).

Mas não são impeccaveis os seus processos estheticos, pois observam-se defeitos de metrificação, fórmula umas vezes incorrecta, prosaismo em certas composições e falta de energia em algumas descripções.

Viveu sempre no planalto central, em intimo contacto com os sertanejos, donde lhe veio o pendor para o assumpto brasileiro, bucolico ou campesino, à maneira de Thomaz Gonzaga de quem recebeu influencia.

Foi companheiro de Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, José Bonifacio, Felix da Cunha e José de Alencar.

Os poetas que maior influxo exerceiram na sua inspiração e na sua esthetica foram Byron, Musset e Lamartine.

Não pagou tributo ao indianismo, embora pertencesse à segunda geração romantica, de que foi um dos ultimos sobreviventes. Manejou muito o verso branco, sem rima.

Tipha c genio do bohemio e participava do delirio ambulatorio de judeu errante, caminhando sempre ; mas a feição do desregrado não apparece nos seus versos.

Era um espirito liberal e progressista.

Os seus romances são eminentemente nacionaes, subordinados ao naturalismo tradicionalista, segundo a classificação de Sylvio Romero, explorando o meio sertanejo, na aldeia ou no campo.

No "Ermitão do Muquem", historia da fundação da romaria de Muquem em Goyaz, o autor narra os costumes rudes do sertanejo. Nessa lenda elle desenvolve paysagens que são primores de estylo descriptivo, e apresenta-nos a selvagem brasileiro, no seu aspecto natural, sem as roupagens da phantasia.

Nas "Lendas e romances", continua a explorar o mesmo género e a descrever os costumes da sua provincia, fazendo surgir o typo nacional do sertão e pintando os quadros da vida campesina, com vigor de tintas e côres naturaes.

Ainda subordinado ao assumpto regional e estudando a vida dos que exploraram o sólo á cata de pedras preciosas, concebeu o "Garimpeiro" em que ao lado da parte descriptiva, nos apresenta caracteres bem estudados.

As "Historias e tradições da provincia de Minas Geraes" abrangem duas novellas e uma lenda, impregnadas de nativismo, tendo a cõr local e descrevendo quadros da nossa natureza, com carinho de artista. Fazem parte do volume, a lenda "A cabeça de Tiradentes" e os contos "A filha do fazendeiro", e "Jupyra" que inspirou uma opera ao nosso maestro Francisco Braga.

Só em "Jupyra", no "Ermitão do Muquem" e no "Indio Affonso" distinguem-se laivos de indianismo já diferenciado e assumindo feições dos typos sertanejos, sem a aureola poetica da phantasia.

No "Seminarista" aborda a these do celibato clerical, como na "Escrava Isaura" immiscue-se nos dramas da escravidão.

"Mauricio ou Os paulistas em São João d'El Rei", é um romance historico que foi continuado na obra postuma "O bandido do rio das Mortes".

Ainda deixou os romances "Rosaura, a engeitada", "A ilha maldicta" e "O pão de ouro".

Foi um precursor do naturalismo, cultivando a tradição de sua província natal, pintando as paysagens brasileiras e estudando os typos sertanejos e costumes regionaes.

Representa, por isso, papel saliente na evolução do romance nacional.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

O bohemio incorrigivel — Sua estreia litteraria — Vida em penumbra — Attrahido pelo fôco — Sua reputação litteraria

no Rio de Janeiro — Regresso à província — O poeta sob várias feições — O romancista precursor do naturalismo — A tradição e os costumes regionais — Os tipos sertanejos e as paysagens da vida campesina — Differenciação do indianismo e integração do matuto — O jornalista e o crítico.



RAYMUNDO CORRÊA

Fundador da cadeira n. 5. — Nasceu no Maranhão, a bordo do vapor S. Luiz, na bahia de Moguncia, a 13 de Maio de 1860 e falleceu em Pariz a 13 de Setembro de 1911.

RAYMUNDO CORRÊA

BIBLIOGRAPHIA

- 1 — PRIMEIROS SONHOS, poesias — S. Paulo, 1877, in-8.^o.
- * 2 — SYMPHONIAS — poesias, 198 pags., com introduçāo de Machado de Assis — Rio, Liv. Faro e Lino — 1883.
- * 3 — VERSOS E VERSÕES — poesias (1888-1886) — 213-5 pags. — Rio. Typ. e Lith. Moreira Maximino e Cia—1887.
- * 4 — ALLELUIAS — poesias (1888-1890) — XII-219 pags. in 8.^o, Rio - 1891.
- * 5 — POESIAS (edição portugueza,) com traços biographicos de J. de P. Soares Diniz, prologo de D. João da Camara e nota do autor. (retrato) 224 pags. (3.a edição) — Lisbôa, Parceria Antonio Maria Pereira — 1910. A 1.a edição é de 1898 e a 2.a de 1906.

Collaborou em varios jornaes e revistas, desde o tempo de estudante : "A Reacção", orgam do circulo dos estudantes catholicos, S. Paulo 1877-79 ; "Constitucional", orgam conservador de S. Paulo ; "Sciencia e Lettras" (1880), em S. Paulo, com Augusto de Lima e outros ; na "Comedia" de Valentim Magalhães e no "Bohemio" (1881), ambos em S. Paulo ; na "Gazetinha" (1884) de Arthur Azevedo ; no "Vassourense", quando promotor em Vassouras ; na "Estação", jornal de modas ; no "Diario Mercantil", de S. Paulo ; na "Semana", de Valentim Magalhães ; na "Revista Brasileira" (3.a phase) :

Flôr de lotus, pag. 329 do III volume ; Musa aldeã (poesia) pag. 28 do tomo XI ; em "O Paiz" (Flôr de sangue, impressões do romance de Valentim Magalhães) ; no "Almanach Garnier" de 1907 : O misanthropo (soneto,) A' porfia (versos) ; na "Revista da Academia Brasileira de Letras" : Cartas a Afonso Celso (pag. 59 do n. XI.)

Ultimamente a "Revista do Brasil" (n. 81) publicou duas cartas que elle dirigiu ao poeta Antonio Salles. Escreveu tambem a memoria historica da Faculdade Livre de Direito de Minas Geraes, Ouro Preto - 1896, in 8º.

A reprodução do seu retrato foi feita nas "Poesias", na "Biblioteca Internacional de Obras Celebres", na "Litteratura Brasileira", de Valentim Magalhães, na "Littérature Brésilienne", de Victor Orban e na "Lyra Popular".

FONTES PARA O ESTUDO CRÍTICO

- 1 — MACHADO DE ASSIS — Introdução das Symphonias.
- 2 — LUIZ MURAT — A Vida Moderna (n. 1, de 10-7-1886).
- 3 — VALENTIM MAGALHÃES — Escriptores e escriptos, pagina 43.
- 4 — EZEQUIEL FREIRE — Livro Postumo, pag. 138.
- 5 — AFFONSO CELSO — Carta prefacio das "Alleluias".
- 6 — TEIXEIRA BASTOS — Poetas brasileiros, pag. 17.
- 7 — JOSÉ VERISSIMO — Estudos brasileiros, II vol., pag. 175 — Historia da litteratura brasileira, pag. 367.
- 8 — D. JOÃO DA CAMARA — Prologo nas "Poesias".
- 9 — SOARES DINIZ — Traços biographicos nas "Poesias".
- 10 — SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.
- 11 — JOÃO DO RIO — Momento litterario, pag. 316.
- 12 — SYLVIO ROMERO — Livro do centenario — I, pag. 95.
- 13 — EUENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 427.

14 — MARIO DE ALENCAR — Lembranças de R. Corrêa — n. 7 da Revista da Academia Brasileira de Letras — Almanach Garnier de 1914, pag. 239.

15 — LUCIO DE MENDONÇA — Raymundo Corrêa, n. 9 da Revista da Academia Brasileira de Letras.

16 — OSWALDO CRUZ — Discurso (elogio), n. 11 da Revista da Academia Brasileira de Letras.

17 — AFRANIO PEIXOTO — Discurso de recepção, n. 11 da Revista da Academia.

18 — Cartas no n. 11 da Revista da Academia B. de Letras.

19 — AMADEU AMARAL — Conferencias na Sociedade de Cultura Artística de S. Paulo, vol. 1º.

20 — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia em 1915.

21 — ALBERTO FARIA — Revista Americana, n. 1, anno VII, pag. 18.

22 — JORGE JOBIM — Revista Americana, n. de Janeiro de 1917, pag. 89.

23 — RONALD DE CARVALHO — Pequena historia da literatura brasileira, pag. 291.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Nasceu Raymundo da Motta de Azevedo Corrêa, a bordo do vapor S. Luiz, na bahia de Moguncia, Estado do Maranhão.

Filho do respeitável e integro magistrado José da Motta Azevedo Corrêa, foi educado sob os mais severos princípios de moral e de religião, chegando a ser um crente fervoroso. Passou parte da infância e da adolescência em Cabo Frio e estudou no internato do Collegio Pedro II, onde esteve até 1876.

Em 1877, transferiu-se para S. Paulo, onde fez o curso ju-

ridico, juntamente com Silva Jardim, Assis Brasil, Julio de Castilho, Pedro Lessa, Theophilo Dias, Augusto de Lima, Valentim Magalhães e outros espiritos de escol, graduando-se em 1882, depois de um curso sem brilho, porque foi vadio.

Ao chegar á Paulicéa, com a alma impregnada de crença e o cerebro cultivado sob a disciplina rigida dos principios conservadores, já tangia as cordas da lyra, inspirado no romanticismo delinquescente.

Lêra Camões, em Cabo Frio, extasiando-se com as estrophes dos "Lusiadas". á beira-mar, a contemplar o seu berço em agitação convulsa e ininterrupta.

Os seus autores favoritos, na primeira phase, quando se apparelhava para o tirocinio da arte, foram Manuel Bernardes, na prosa, e Bocage, na poesia. Antonio e José Feliciano de Castilho, contribuiram para a sua cultura litteraria, emprestando-lhe o apuro da linguagem e o rigor na metrificação, pois nunca mutilou um verso.

Dos brasileiros, o seu poeta favorito era Casimiro de Abreu que lhe emprestou a feição primitiva dos "Primeiros sonhos", publicados em 1879, quando os seus companheiros de escola e de "republica" repudiavam os processos românticos e deixavam-se conduzir pela onda de reacção que se operou na arte litteraria.

Sentindo o pejo que causavam as suas ideias atrazadas, aos collegas, accrescentou no fim do volume uma nota explicativa : "Reconheço que ha neste meu primeiro trabalho litterario composições ridiculamente contrarias ao espirito da época. Entretanto, sem recorrer á idade de muita inexperiencia e pouco estudo em que, pela maior parte, foram feitas, ha ainda hoje quem as aprecie..."

Desse mesmo livro, que não conheço, por estar completamente exgottada a segunda edição, disse Machado de Assis, na

introducção das "Symphonias": « . . . confesso que ha nelle o cheiro romantico da decadencia, e um certo aspecto flacido ; mas taes defeitos, a mesma affectação de algumas paginas, a vulgaridade de outras, não supprimem a individualidade do poeta, nem excluem o movimento e a melodia da estrophe. Creio mesmo que algumas composições daquelle livro podiam figurar neste sem dizer do tom, nem quebrar-lhe a unidade ».

Convívio dilatado com os revolucionários, propugnadores das ideias novas, abalou-lhe o credo primitivo, como se percebe no symptom da nota appensa aos «Primeiros sonhos».

O romantico atirou-se à leitura de Th. Gauthier, Lecomte de Lisle, Banville, Sully Prudhome, conservando em primeiro plano o grande Victor Hugo ; o espirito politico foi destituído das funções de redactor do «Constitucional», orgão conservador, por se haver manifestado um tanto rebelde ; o católico utilizou-se do diploma de vice-presidente do «Círculo dos estudantes católicos» para embrulhar umas framboezas sanguíneas, destinadas ao amigo Valentim Magalhães.

O estudante era vadio, de temperamento nervoso, irritadiço, volúvel e agitado como o mar que lhe serviu de berço. Perseguia-o o delírio ambulatorio : mudava todos os meses de comodo ou de *república* e raramente dormia na casa em que jantava.

Muito pouco expansivo e de genio concentrado, procurava a solidão, sempre a fumar nervosamente, agitando a perna, em completa abstracção.

Nas aulas sentava-se na primeira fila, no *banco da musica*, segundo a gyria académica, e simulava uma atenção digna de aplausos, mas o pensamento vagava na região do sonho, compondo versos que elle escrevia depois.

A primeira impressão por elle causada era desagradável, pois parecia um triste e era efectivamente um distraído;

mas no fundo mantinha a jovialidade dos simples, das almas bondosas. Confundia-se o seu aspecto grave com o taciturno.

Mario Alencar refere como elle commentava um trecho de «L'ile des Pingouins» ou do «Tartarin», com riso franco e comunicativas gargalhadas, e affirma que só ia ao theatro para rir.

Constituia o prototypo da pureza e da bondade, simples e ingenuo, sensivel e piedoso.

Aluizio Azevedo e Afranio Peixoto appellidaram-n'o *S. Raymundo*, o que era perfeitamente justificavel, attentas as qualidades de sua alma isenta de artifícios.

Noram os seus contemporaneos, o facto succedido em casa de uma rameira em S. Paulo, durante o periodo academico, semelhante ao do conto «Armoire», de Guy de Maupassant. Elle retirou-se sensibilizado pela presença de uma creança, depois de haver pregado um longo sermão á mulher infeliz.

O seu pantheismo espontaneo pode-se resumir na phrase de Eça de Queiroz, em relação a D. Affonso d' «Os Maias» ; era dos que se compadecem da sêde de uma planta, e param, ás vezes, na estrada, para não esmagar um bando de formigas em marcha».

Synthetiza esse conceito o caso, referido por varios amigos seus, do sabugueiro que florescia junto á janella do seu quarto e começou um dia a definhlar. Ouviu especialistas, pedindo conselhos, irrigou a planta, dispensou-lhe cuidados de enfermeiro, adubando a terra, e, desanimado, lembrou-se de recorrer á cirurgia. Descobriu a raiz do arbusto e verificou que uma pedra comprimia a parte principal dos tentaculos que su-gam o alimento do solo. Alliviou a raiz, extirpando o corpo estranho e a planta voltou ao viço primitivo.

A Academia de Letras, quando elle falleceu, prestou-lhe homenagem adequada ao seu espirito compassivo, à sua alma

de Lucrecio, transplantando para o pateo do Syllogèo, o arbusto querido do poeta.

Outro exemplo, prendendo-se aos seres inanimados, é citado por Lucio de Mendonça e pelo proprio Valentim.

Conseguiu a muito custo comprar um terno novo e, como os collegas se oppuzessem à estreia do fato sem um chapéo condigno, aguardou a oportunidade. Quando logrou adquiril-o, condoeu-se da sorte do velho amigo e sahiu de casa com a roupa nova e o chapéo usado.

Outras anecdotas ou factos de authentica veracidade podiam ser citados; mas, analysando o homem, passo a relatar os actos do juiz.

Raymundo foi promotor publico em S. João da Barra, onde um chefe politico lhe perguntou, escandalizado e com ar de mysterio, se tinha fundamento a calumnia propalada de ser um poeta o representante da justiça publica. Elle negou, como é de suppôr.

Foi juiz municipal, de orphãos e ausentes, em Vassouras, onde era companheiro de Lucio de Mendonça, Lucindo Filho e Rodolpho Leite. Exerceu tambem os cargos de juiz municipal em S. Gonçalo do Sapucahy, pretor e juiz da terceira vara cível na Capital Federal.

Como magistrado, julgava com a consciencia, concedendo a absolvição do sacerdote aos que mereciam as penas impostas pelo codigo.

Não se preocupava em fundamentar as sentenças com os principios juridicos; guiava-se pela sua moral humana e compassiva, desprovida de fundamentos philosophicos e isenta de preceitos religiosos. Interpretava as leis com a elasticidade compativel com os sentimentos piedosos, procurando regenerar os homens com as predicas de pastor, restituindo-os à sociedade como elemento uteis e repellindo a conducta inexoravel dos

que applicam a lei sob a influencia da justiça rigida e severa, discutida nos tratados de direito criminal e consubstanciada nos artigos laconicos do codigo penal.

«As suas sentenças devem ser por mãos amigas desenterradas dos autos, para comporem um livro, que será um compendio de ethica da justiça» (Mario de Alencar).

Como pretor funcionava como pastor. Redigia a sentença absoltoria e convidava o réo a ouvir um sermão que se prolongava até explodirem os primeiros signaes de arrependimento.

Recusava systematicamente as custas exageradas, segundo os calculos dos escrivães e a praxe dos collegas, limitando-se a receber o que preceitúa a lei. As custas avaliadas em um conto e quinhentos mil réis mensaes, em média, reduziam-se a cento e cincuenta mil réis.

Era pobre, simples e pouco ambicioso. A sua casa era modesta, mas encerrava uma heroina e tres almas de anjo, suas companheiras de vida feliz.

Foi um optimista nato, pois a despeito de perder a crença religiosa, continuou a praticar o bem e a julgar com bôa fé.

Tinha poucos amigos, mas devotados: Aluizio Azevedo, Olavo Bilac, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Mario de Alencar, Gaspar da Silva, além dos já referidos.

Quando a critica verberou o ataque impiedoso ao romance «Flôr de sangue», elle sahiu a campo em defesa do amigo, escrevendo artigos em "O Paiz".

Occupou ainda os cargos de secretario do governo do Estado do Rio, na presidencia do Conselheiro Carlos Affonso; director da secretaria e professor da Escola de Direito de Ouro Preto, durante a presidencia Affonso Penna; professor e director do Gymnasio Fluminense, em Petropolis, no governo Alberto Torres; e addido à legação de Portugal na presidencia Prudente de Moraes.

Não lia muitos autores, mas conhecia bem os que lia. Seus conhecimentos não eram vastos, mesmo no que concerne às ramificações do direito. Tinha predilecção pela botânica e por história universal.

A «Biblia» era um dos livros que elle mais conhecia.

Os seus poetas predilectos eram Victor Hugo, em destaque, Théophile Gauthier, Th. Banville, Lecomte de Lisle, Catulle Mendès, Heredia, F. Coppée, Rollinat e outros parnasianos.

Os romancistas de sua affeição eram sobretudo Anatole France, Alphonse Daudet, E. Zola e Eça de Queiroz.

Para elle o-jornalismo não constituia um factor de progresso, mas sim um subtrahendo.

Pondo de parte os «Primeiros sonhos», a revelação do seu talento poético foi tardia e progressiva, mas a sua produção foi limitada, porque o juiz matou o poeta. Estancou-se-lhe a fonte de inspiração, desde que começou a julgar no carácter de magistrado, manifestando certo pejo da nomeada que adquirira na poesia.

Era um lyrico, na verdadeira accepção do vocabulo, e, quanto à forma, um parnasiano, embora nunca sacrificasse a ideia, seduzido pelo esínero do estylo, como o praticaram Banville e tantos outros.

Em «Symphonias» (1888) destacam-se: — «Mal secreto» e «Pombas» duas obras primas, «Anoitecer», «No banho», «A Avó», «O vinho de Hebe», «Perfis românticos», «Plena nudez», entre muitas composições de fino lavor.

Nos «Versos e versões» (1887): «A Horacio Flacco», «O monge», «Saudade», «Soror pallida», «Job» e «Renascimento».

A proposito das traduções de Raymundo Corrêa, que são antes paraphrases do que versões, não me esquivo de transcrever o que explicou Valentim, nos «Escriptores e escriptos» (1894):

«Raymundo quasi nada lê; e o pouco que lê é pelas casas dos amigos, nos cafés, nas livrarias, na rua, nos escriptorios das folhas.

Elle chega com o seu andar cadenciado e rapido, fumando, fumando sempre, estende-nos a mão com um monosyllabo, senta-se, olha-nos em silencio, com os seus olhinhos vivos e penetrantes, depois levanta-se, pega no primeiro livro que encontra, abre-o ao acaso e põe-se a lêr... De repente fecha-o, solta outro monosyllabo, sorri-se um pouco se nos rimos, toma o chapéo, reaccende o cigarro e ahi se vae elle, com uma pressa extraordinaria, a fazer o mesmo em casa de outro amigo.

Escreve como escreviam Gerard de Nerval e Guilherme Azevedo: a um canto da mesa, em silencio, enquanto os outros riem e conversam.

Assim é que se explica o avultado numero de traduccões que traz o seu livro, o que fez especie ao illustre autor de «Braz Cubas»: — Em toda parte onde encontra um livro de versos franceses, ingleses, ou hespanhóes e um lapis, elle traduz logo uma das peças do livro, ao acaso, sobre a folha em branco de uma carta. Depois fecha o volume, mette no bolso a traducción e vae-se embora.

O que elle uma vez leu jamais esquece».

Esta tendencia ás traduccões valeu-lhe, mais de uma vez, a pécha injusta de plagiario ou pelo menos de inspirar-se na producção alheia.

Quem lhe vibrou o primeiro golpe de accusação tremenda, verdadeiro libello condemnatorio, foi Luiz Murat, em o primeiro numero da «A Vida Moderna».

Ó poeta das «Ondas» transcreveu a poesia «Aretino», publicada em um dos jornaes de 1884 (elle attribúe ao «Paiz»)

e em seguida estampou outra, sem titulo, de Jean de Richepin, extrahida das «Caresses».

Estou informado por pessoa que me chamou a attenção para o caso, citando o testemunho insuspeito de um contemporaneo, que o trabalho de Raymundo, no original, trazia entre parenthesis o nome do poeta das «Chansons des gueux»; mas por um descuido de composição não foi reproduzida a sub-epigraphe.

E, estribado nesse exemplo isolado, o critico demolidor generalizou, por falsa indução, a sua these, encontrando plagios por todos os cantos, além dos que a maledicencia já havia increpado aos sonetos «As Pombas», «A avó» e «Poeta».

Não encontrei em Théophile Gauthier, talvez fosse ligeira a minha pesquisa, o soneto que serviu de modelo a essa admiravel obra d'arte a que todas as selectas e anthologias dão abrigo hospitaleiro e fidalgo (1).

Não é aqui logar proprio para apurar a veracidade do epitheto severo que encerra muita gravidade. Tambem não posso apreciar as criticas injustas endereçadas ao poeta, como a de Teixeira Bastos que encontrou defeitos até em «Mal secreto», «O vinho de Hebe» e «Perfis romanticos».

(1) Dentre as cartas que recebi, commentando o meu trabalho publicado na «Revista do Brasil», destaca-se a de um distinco confrade que indica o seguinte trecho de «Mlle Maupin»: — Si tu viens trop tard, ô mon idéal ! je n'aurai plus la force de t'aimer : — mon âme est comme un colombier tout plein de colombe. A toute heure du jour, il s'en envole quelque désir. Les colombe reviennent au colombier, mais les désirs ne reviennent point au coeur. — (pag. 61). Como vêm os leitores, não se trata absolutamente de um plagio. Ha associação de ideias.

Houve tambem quem me chamasse a attenção para Metastasio, como fonte de inspiração do «Mal secreto», sem comtudo indicar o trecho.

Eis os versos do poeta italiano :

«Se a ciascun, l'interno affanno
Si leggesse in fronte scritto,
Quanti mai che invidia fanno
Ci farebbero pietà.»

A minha impressão individual é que Raymundo Corrêa divorciou-se completamente dos românticos, mas não assumiu a feição característica dos parnasianos, tomando-se o exemplo de Banville. Ele curou da fórmula, sem os apuros rebuscados e a preconizada impassibilidade, mas não se isolou da idéa; foi sempre inspirado, commovido e de imaginação vibrante. Si, por vezes, assumiu, a maneira de Sully, calma, reflexão e senso philosophico, na maioria dos casos revelou-se um idealista sentimental e arrebatado. Aliás, a sua feição geral de artista entusiasmado, nervoso, voluvel e de accentuado poder imaginativo, coaduna-se perfeitamente com o seu temperamento agitado e o seu organismo de valetudinario.

Observa-se ainda o sainete de sensualismo comedido, mas accentuadamente artístico, como em Bilac e Luiz Delfino, nos sonetos «Juventude», «No banho», «Plena nudez» e das «Symphonias» e nas poesias «Aspasia», «A Venus de Vienna», dos «Versos e Versões».

O seu livro «Alleluias», publicado aos trinta e um anno de edade, confirma os anteriores e revela um poeta meditativo, pensador, sem os estôs da paixão, mais sereno, de arte consumada; encerra produções de fino lavor como «Psyché», «Missa de Resurreição», «Sonho turco» e muitas mais.

As «Poesias» representam a selecção dos seus trabalhos, além de algumas composições mais recentes: «O juramento», «Ave Maria», «Plenilunio», «Os ciganos» e «Tres estancias».

Aos 51 annos, falleceu o poeta que já fôra antes absorvido pelo juiz.

Acommettido de uma enfermidade renal que o fez soffrer muito, resolveu emprehender uma viagem à Europa, acompanhado dos entes caros.

Prohibido de usar excitantes cerebraes, não pôde desprezar

o fumo e o café, seus companheiros de trabalho, que lhe estimulavam a imaginação.

Depois de percorrer varias cidades, fixou-se em Pariz; e, um dia, ao regressar de um passeio ao jardim das «Tuilleries», repousou a cabeça sobre o seio da virtuosa esposa, e morreu cantando.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

O HOMEM — Escorço biographico — A sua educação — As ideias e o temperamento — Alma de santo — O juiz.

O ARTISTA — Feição primitiva — Symphonias — Versos e versões — Alleluias — Ultima phase.



OSWALDO CRUZ

Successor de Raymundo Corrêa na cadeira n. 5 de que é patrono Bernardo Guimarães. Nasceu em S. Luiz do Parahytinga, Estado de São Paulo, a 5 de Agosto de 1872 e faleceu no Rio de Janeiro a 11 de Fevereiro de 1917.

O S W A L D O C R U Z

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — THESE APRESENTADA A' FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO — em 8 de Novembro de 1892 (aprovada com distincção) — Dissertação (Cadeira de Hygiene e mesologia) — A vehiculação microbiana, pelas aguas — 152 paginas (além das proposições) Rio, Typ. da Papelaria Impressora — 1893.
- 2 — UN NOUVEL APPAREIL, POUR LA RÉCOLTE DES EAUX À DIFFÉRENTES PROFONDEURS POUR L'ANALYSE DES MICROBES — Rio, Typ. Leuzinger Filhos — 1893.
- 3 — RELATORIO ACERCA DA MOLESTIA REINANTE EM SANTOS, EM 1899 — Rio, 1900.
- * 4 — A VACCINAÇÃO ANTI-PESTOSA, trabalho do Instituto de Manguinhos, 44 pags. — Rio, Besnard Frères, 1901.
- * 5 — CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DOS CULICIDIOS, trabalho do Instituto de Manguinhos, 15 pags. — Rio, typ. Besnard Frères, 1901.
- * 6 — DOS ACCIDENTES EM SOROTHERAPIA, trabalho do Instituto de Manguinhos, 65 pags. — Rio, typ. Besnard Frères, 1902.
- * 7 — PESTE, trabalho do Instituto de Manguinhos, 37 pags., Rio, typ. Besnard Frères, 1906.
- * 8 — RELATORIO APRESENTADO AO MINISTRO DR.

- J. J. SEABRA, — Directoria da Saude Publica, anno 1904
— Rio, Imprensa Nacional, 1905.
- 9 — IDEM (anno 1905) — Os relatorios são de 1903 a 1908,
mas só possuo os referentes aos annos de 1904 e 1906.
- * 10 — RELATORIO APRESENTADO AO MINISTRO DR.
A. TAVARES DE LYRA, (Directoria da Saude Publica,
anno 1906) — Rio, Imprensa Nacional, 1907.
- * 11 — UMA NOVA ESPECIE DO GENERO PSOROPHORA,
trabalho do Instituto de Manguinhos, 9 pags. — Rio, typ.
Besnard Frères, 1907.
- * 12 — UM NOVO GENERO DA SUB-FAMILIA ANOPHE-
LINÆ, trabalho do Instituto de Manguinhos, 10 pags. —
Rio, typ. Besnard Frères, 1907.
- * 13 — PROPHYLAXIA DA FEBRE AMARELLA, memoria
apresentada no IV Congresso Medico Latino-Americanano,
16 pags. — Rio, typ. do «Jornal do Commercio», 1909.
- * 14 — SANEAMENTO DA BACIA DO RIO MADEIRA,
Construcção de estradas de ferro em regiões insalubres
(relatorio) — Rio, typ. do «Jornal do Commercio», 1913.
- 15 — THE SANITATION OF RIO.
- 16 — RELATORIO APRESENTADO A' CONVENÇÃO SA-
NITARIA INTERNACIONAL.
- 17 — PROPHYLAXIA OF MALARIA IN CENTRAL AND
SOUTHERN BRASIL.
- 18 — MADEIRA-MAMORÉ RAILWAY COMPANY.
- 19 — CONDIÇÕES MEDICO-SANITARIAS DO AMAZO-
NAS.
- 20 — DISCURSO proferido na Academia, (elogio de Ray-
mundo Corrêa), folheto, edição do Instituto de Manguinhos.

A sua collaboração em revistas e jornaes é abundante,
principalmente nas revistas scientificas nacionaes e estrangei-

ras. Encontram-se no «Brasil-Medico» : Um caso de bocio exophthalmologico em individuo do sexo masculino. (1891) — Um microbio das aguas putrefactas encontrado nas aguas do abastecimento da nossa cidade (1892) — O acido picrino como reactivo da albumina — As condições hygienicas e o estado sanitario da Gavea — Contribuição para o estudo da microbiologia tropical e Os esgotos da Gavea (1894) — La recherche du sperme par la réaction de Florence ; Uma visita á secção de preparo de sôros therapeuticos do Instituto Pasteur, de Paris (1898) — Contribuição para o estudo da curva leucocytaria nas infecções e intoxicações (1900) — Contribuição para o estudo dos culicidios no Rio de Janeiro ; A vaccinação anti-pestosa (1901) — Dos accidentes em sorotherapy (1902).

«Annuario Medico-Brasileiro» do dr. Carlos Costa : — O bacillo de Koch, (Estudo critico da these do dr. José Rocho), (1893) ; «Archivio di Psychiatria, Scienze Penale ed Antropologia» de Lombroso : Delitti negli animali (1897) ; «Annales d'Hygiène Publique et Médécine Légale : La recherche du sperme par la réaction de Florence ; Etudes sur la recherche de l'empoisonnement par le gaz d'éclairage ; Etude toxicologique de la ricine (1898) ; «Zeitschrift für Wissenschaftliche Mikroskopie und für Mikroskopische Technik» : Ein einfacher Waschapparat für mikroskopische Zwck (1898) ; «Archives de Médécine Expérimentale et d'Anatomie Pathologique» : Les alterations histologiques dans l'empoisonnement par la ricine (1899) ; »Annaes do IV Congresso de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro» : Sobre o valor do diagnostico microscopico da peste (1900) ; «Annaes do IV Congresso Medico Latino-American» : Prophylaxia da febre amarela ; «Imparcial», (n. 211 de 3-9-913) : Uma questão de hygiene social — «Lepra» ; «Revista da Academia Brasileira de Letras» : Elogio de Raymundo Corrêa (n. 11, pag. 103). Encontra-se tambem esse discurso

na Revista Americana, numero de Julho-Agosto de 1913, pagina 1.

O seu retrato é facilmente encontrado em revistas, jornaes e em avulsos. Um dos melhores é o que vem no «Brésil contemporain», do dr. P. Rovelly.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

1 — AFRANIO PEIXOTO — Discurso de recepção, n. 11 da R. da Academia Brasileira de Letras, ou em «Poeira da estrada».

2 — RUY BARBOSA — Oswaldo Cruz, conferencia no Theatro Municipal do Rio, a 28 de maio de 1917 — «Revista do Brasil» n. 19 (julho 1917).

3 — ARTHUR NEIVA — Discurso pronunciado na S. de Medicina e Cirurgia de S. Paulo (1917) — «Revista do Brasil», n. 15 março (1917).

4 — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia em 1915, pag. 437.

5 — NESTOR VICTOR — A critica de hontem, pag. 311.

6 — ALOYSIO DE CASTRO — Discurso na Academia (elogio). Revista Americana n. 8, de maio de 1919.

7 — REVISTA DO BRASIL — A Argentina e O. Cruz, n. 19 (julho 1917).

8 — ALMANACH GARNIER de 1909, pag. 168.

9 — O ESTADO DE S. PAULO de 12 de fevereiro de 1917 e, em geral, todos os jornaes do Brasil, após a sua morte.

10 — DR. P. ROVELLY — Le Brésil contemporain, 1er. vol.

11 — ALOYSIO DE CASTRO — Ultimas allocuções, pag. 83.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Suscitou muita discussão, o acto da Academia Brasileira de Letras, elegendo o notavel scientista dr. Oswaldo Gonçal-

ves Cruz para a cadeira de Bernardo Guimarães, como sucessor de Raymundo Corrêa.

Foi o facto largamente discutido pela imprensa, desde a eleição, a 11 de Maio de 1912, onde logrou 12 votos, contra 10 conferidos a Emilio de Menezes, até à recepção a 26 de junho de 1913. E da critica acerba salienta-se o artigo de Nestor Victor que foi enfeixado em volume «A critica de hontem».

Operou-se a reacção, surgindo a defesa que pode ser substanciada no habil discurso de Afranio Peixoto, ao dar-lhe as bôas vindas, no dia da posse do novo academico.

Entre os argumentos dos defensores da ideia que não foi, seja dito de passagem, pela primeira vez realizada no recinto do Syllogèo, destacam-se o exemplo da Academia Franceza, o pensamento da homenagem aos mais altos expoentes da nossa cultura em geral, o criterio de muitos escriptores, criticos principalmente, que incluem as obras scientificas e philosophicas entre as que constituem a litteratura de um paiz.

O modo de proceder da Academia Franceza, aliás coerente, por estar de accordo com o espirito da organização do Instituto de França, tornou-se tradicional e mereceu entre nós a sympathia e adhesão de Joaquim Nabuco, no discurso inaugural. O Instituto divide-se em cinco classes ou academias: Franceza, das Sciencias, das Inscripções e Bellas-Lettras, das Sciencias moraes e politicas, e das Bellas-Artes.

Objecto que a primeira denomina-se Academia Franceza, simplesmente, sem o complemento restrictivo ou adjuncto attributivo,— *de letras*, como sucede com a nossa; accrescendo ainda a circumstancia de existir a «Academia de Inscriptões e Bellas Lettras». Pode-se assim admittir que, ao lado dos homens representativos da litteratura propriamente dita, estejam glorias nacionaes como Pasteur, D'Alembert, Claude Bernard, Littré, Vicq-d'Azir, Lesseps, J. B. Dumas, Bertrand, Berthellot,

Poincaré, Joffre, entre outros. Não é o nosso caso, embora seja Oswaldo Cruz digno e merecedor das mais significativas e honrosas homenagens.

Seria louvável a ideia de instituirmos outras academias ou corporações que glorifiquem os grandes homens em vida, proporcionando-lhes ensejo de prestarem revelantes serviços à Patria, dentro da órbita das suas especialidades. A congregação heterogênea de poetas e generaes, romancistas e jurisconsultos, historiadores e scientistas, jornalistas e philosophos, determina a falta de methodo no trabalho e confusão de ideias e decisões.

Ninguem se lembrou ainda de incluir na Academia Nacional de Medicina, um estadista, um poeta ou um engenheiro, por maior que seja o seu título de benemerencia.

Tambem o criterio geralmente seguido pelos alemaes que consideram todos os ramos do saber humano, divulgados por escriptos, em lingua vernacula, como fazendo parte integrante da litteratura, não é acceitavel. Esses autores denominam a litteratura, segundo a nossa concepção, de *belletristica*. Foi essa a orientação de Sylvio Romero.

A Academia de Letras devia ser composta exclusivamente de cultores das bellas lettras, dividida em tantas secções quantos sejam considerados os departamentos da litteratura: poesia, romance, theatro, critica, etc. Outras corporações seriam destinadas ás sciencias positivas, ás sciencias applicadas, á philosophia, á historia e geographia, ás artes, etc.

Semelhante divisão contribuiria fatalmente para dar incremento ás classes varias da cultura intellectual, permittiria maior estímulo aos homens privados de condecorações e titulos nobiliarchicos e daria ensejo a estudos de carácter especial, particularizando e aperfeiçoando a accão dos homens de merito real.

Não pretendo com essa digressão menoscabar o valor indiscutivel do brasileiro consagrado pelo Instituto de Manguinhos

e pela orientação proficia na Directoria da Saude Publica — os seus mais relevantes meritos, as suas verdadeiras glorias.

Mas cumpre-me volver a attenção para o grande vulto que foi Oswaldo Cruz, mesmo por ser restricto o desenvolvimento da presente noticia.

Filho de D. Amelia Bulhões Cruz e do dr. Bento Gonçalves Cruz que desempenhou as funcções de inspector geral de hygiene, nasceu o illustre homem de sciencias em S. Luiz do Parahytinga, (Estado de S. Paulo) a 5 de Agosto de 1872, falecendo com 45 annos de idade, em pleno vigor do talento e quando podia ainda prestar relevantes e inestimaveis serviços ao Brasil.

Foi educado no Rio de Janeiro, onde fez estudos preparatorios e superiores, recebendo o grão de doutor em medicina pela Faculdade do Rio, em 1892, com 20 annos, merecendo sua these inaugural «A vehiculação microbiana pelas aguas» ser aprovada com distincção.

No prefacio da sua primeira obra scientifica, explica-nos o autor como lhe surgiu a vocação para os estudos de microbiologia.

Ainda estudante, foi ajudante de preparador do laboratorio de hygiene, onde trabalhou até, maio de 1890, com os proiectos e illustrados professores drs. Rocha Faria e Ernesto do Nascimento Silva, passando então para o laboratorio do Instituto Nacional de Hygiene, na qualidade de auxiliar, sempre dedicado aos estudos e ensaios de bacteriologia.

A these do dr. Oswaldo Cruz divide-se em introducção e tres partes. Na introducção elle esboça um estudo critico comparativo dos varios apparelhos destinados a colher amostras de agua em diversas profundidades e apresenta um por elle imaginado. Mereceu esse invento, uma pequena monographia escrita em francez.

As tres partes são: *A agua e os microbios*, *Prophylaxia geral contra a infecção pelas aguas* (onde apresentou um novo typo de filtro domiciliario) e *Exposição dos processos de technica*, finalmente as proposições.

Concluindo o seu curso scientifico, dirigiu-se a Pariz onde trabalhou durante 3 annos (1896 a 1899) no Instituto Pasteur, ao lado de Roux, Nibert, Metchnikoff e outros.

Dedicou-se ahi a estudos de toxicologia e a outros de chimica biologica, escrevendo um trabalho sobre os effeitos toxicologicos do ricino, depois de uma polemica com o especialistaalemão Hobert, por elle vencido na discussão scientifica.

Depois de haver collaborado em muitas revistas nacionaes e estrangeiras, como se verifica na relação que organizei, publicou o seu primeiro trabalho de hygiene applicada: «Relatorio acerca da molestia reinante em Santos, em 1889», em que expoz a sua accão em face da peste invasora desobrigando-se da incumbencia do Governo.

Em 1901, foi encarregado pela administração suprema, de dirigir o Instituto Sorotherapico do Rio, irrompendo então o seu periodo de gloria.

A sua indicação coube a Emile Roux que, em resposta á consulta, disse: — «Entre o pessoal technico que tenho a honra de dirigir, ninguem possue maior competencia do que o dr. Os-waldo Cruz, cuja capacidade e idoneidade scientificas pessoalmente conheci durante o tempo em que lidou no nosso Instituto.»

Consegui immediatamente produzir sôros e vaccinas que rivalizaram com os similares do Instituto Pasteur, de Pariz e do Instituto de molestias infecciosas, de Berlim, merecendo francos applausos do professor Kolle, na parte concernente á vaccina anti-pestosa.

Publicou nesse anno a monographia «A vaccinação anti-pestosa» onde preferiu o methodo da Comissão alemaña enviada

á India, aperfeiçoando-o e completando-o, a ponto de constituir uma variante do processo.

No mesmo anno de 1901, abordou, no *Instituto de Manguinhos* o estudo dos culicidios em alguns dos fócos de impaludismo dos arredores do Rio, caracterizando uma nova especie do genero *Anopheles*.

Em quanto dirigia e trabalhava no *Instituto de Manguinhos*, desempenhava os cargos de director dos *Gabinetes de Bacteriologia e Anatomia pathologica* da Polyclinica Geral do Rio, da de Botafogo e da Associação dos Empregados no Commercio.

No anno immediato escreveu um estudo - «Dos accidents em soro-terapia» - onde expozi as precauções a seguir, afim de attenuar as consequencias da acção preventiva obtida pela applicação dos sôros.

Pertenceu á Academia Nacional de Medicina.

Em Março de 1903 assumiu, a convite do presidente conselheiro Rodrigues Alves, a direcção do serviço da Saude Pública no Rio de Janeiro, indicado pelo dr. Salles Guerra que antes recebera a offerta do cargo do ministro dr. J. J. Seabra, e comprometteu-se a extinguir a febre amarela no prazo de 3 annos.

Para se apreciar a acção benefica e providencial do reformador da medicina brasileira no combate sem tregos ao terível mal que isolava o Brasil do mundo, seguindo os processos americanos com exito applicados em Cuba, deve-se lêr a bella e erudita apologia, excellente panegyrico, que lhe fez o grande Ruy Barbosa, na conferencia realizada a 28 de maio de 1917, no Theatro Municipal do Rio.

Elle que já se havia imposto á admiração dos competentes na lucta contra a peste india, na descoberta dos symptomas do carbunculo que dizimava o gado bovino, elle que já havia organizado o Instituto de Manguinhos e realizado outras façanhas scientificas, teve de vencer obstaculos de toda a na-

tureza para derribar a muralha chineza do carrancismo, do espirito de rotina, afim de debelar a terrivel endemia que devastava populações, pelos effeitos energicos da toxina icteroide. Vencendo a resistencia publica, derrocando os obstaculos da administração, subjungando os proprios elementos do governo, jugulando o espirito de seita e sopitando odios e rivalidades dos seus pares, levou a termo glorioso a sua herculea campanha, conseguindo do inolvidavel Barão do Rio Branco — outro benemerito luctador — o seguinte conceito : «O dr. Oswaldo Cruz foi o diplomata que realizou a maior propaganda do seu paiz».

E um sabio norte-americano rematou : «Se a nação brasileira erguesse ao dr. Oswaldo Cruz uma estatua de ouro, não resgataria ainda, senão em parte minima, o que lhe deve».

Mas não se deteve ahí o seu triumpho ; teve de enfrentar outros inimigos, como a variola, a malaria e varias enfermidades infecciosas, e tentou a vaccinação obrigatoria, o que deu ensejo a uma revolta popular.

Os resultados satisfatorios da sua infrene peleja, se acham consubstanciados na monographia «Peste», nos relatorios da Directoria da Saude Publica de 1903 a 1908, na memoria apresentada ao 4.^º Congresso Medico Latino-American, sobre «Prophylaxia da febre amarella» e nos folhetos «Sanitation of Rio» e «Relatorio apresentado à Convenção Sanitaria International».

Afastado do seu posto, por haver concluido a missão que lhe fôra confiada, partiu em 1907, como representante do Brasil no 14.^º Congresso de Hygiene, para Berlim, onde logrou excepcional sucesso, conseguindo uma medalha de ouro offerecida pela imperatriz da Allemanha.

Em 1908 reformou o Instituto de Manguinhos e ergueu o monumento architectonico de estylo manuelino, preparando o

estabelecimento scientifico com o apparelhamento indispensavel para o elevar á primeira categoria entre os congeneres no mundo inteiro.

E começou a sua faina de formar os continuadores da sua obra, congregando os moços laureados, em um viveiro de sabios de onde sahiram Rocha Lima, Carlos Chagas, Arthur Neiva, Alcides Godoy, Henrique Aragão, Carneiro de Mendonça, Eduardo Rebello, Gaspar Vianna, Cardozo Fontes, Figueiredo de Vasconcellos, Ezequiel Dias e outros.

Distribuia-lhes trabalhos, formava especialidades, dividia entre elles a leitura das obras e revistas scientificas e estabelecia os principios de emulação.

Foram, então, creadas as «Memorias do Instituto Oswaldo Cruz» onde collaboraram os seus discipulos a quem reservou o mestre o espaço disponivel para os respectivos trabalhos de investigação. Durante esse tempo vivia o sabio no recondito do seu laboratorio, a fazer pesquisas e no labor de descobertas, orientando os discipulos e cuidando, com proficia, da cultura de todos.

Datam desse tempo os seus trabalhos originaes «Uma nova especie do genero Psorophora» e «Um novo genero da sub-familia Anophelinæ».

O epilogo de sua vida, sacrificada pelas lesões do coração e dos rins, consequencia do peso das responsabilidades, dos disabores e contrariedades e do exgottamento produzido por um labor incessante, foi a intervenção nas regiões amazonicas do Madeira e Mamoré, com o intuito de permittir aos engenheiros brasileiros levar a termo a construcção da importante via ferrea que se tornara um mytho, pelo numero de vidas ceifadas aos que que se entregavam com denodo ao trabalho de desbravar o sertão e abrir uma via de comunicação para desengorgitar uma zona prenhe de riquezas naturaes, contribuindo assim para o progresso do Brasil.

Deixou-nos escriptos, compendiando ensinamentos praticos para outras emprezas semelhantes, varios folhetos : «Saneamento da bacia do rio Madeira», «Prophylaxia of Malaria in Central and Southern Brasil», Madeira-Mamoré Railway Company» e «Condições medico-sanitarias do Amazonas».

Os poemas que lhe abriram as portas da Academia foram o «Instituto Oswaldo Cruz» e a odysséa do exterminio da febre amarella e da prophylaxia de muitas enfermidades. Os seus melhores romances foram a sua vida consagrada á sciencia e a acção do hygienista na região amazonica.

Ao transpôr o limiar da Academia, suprechendeu os que profligaram a sua candidatura, pronunciando um discurso em que revelou cultura litteraria e mostrou conhecer a alma de Raymundo Corrêa.

Na peroração da sua formosa, erudita e prestadia conferencia, disse Ruy Barbosa :

«Coube a Oswaldo Cruz a ventura extraordinaria de ser um desses raros eleitos, um desses levitas do sacerdocio, consagrado á diminuição dos padecimentos humanos. Essas criaturas amadas e benditas, como elle, devem os milagres da sua obra á acção desse deus interior, o *Entheon* do entusiasmo, bella palavra «uma das mais bellas dos nossos idiomas», mas infinitamente menos bella do que o sentimento que traduz a paixão das grandes inspirações, das grandes aspirações, das grandes abnegações, o heroismo do trabalho, da justiça e da verdade».

Tombou o heroe no seu campo de gloria, a 11 de fevereiro de 1917.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Herança de profissão — Os primeiros passos do microbiologista — O seu tirocinio no Instituto Pasteur — O primeiro

degrão da gloria — O hygienista e as medidas prophylacticas — O seu valor de scientista — A campanha contra a febre amarella e outros serviços meritorios na Directoria da Saude Publica — O Instituto Oswaldo Cruz — Na região amazonica — O mestre e os continuadores da sua obra — O elogio de Ruy Barbosa — Julgado pela classe medica e pelo estrangeiro.



ALOYSIO DE CASTRO

Successor de Oswaldo Cruz na cadeira
n. 5. — Nasceu, no Rio de Janeiro, a 14
de Junho de 1881.

A LOYSIO DE CASTRO

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — DAS DESORDENS DA MARCHA E SEU VALOR CLINICO — these — 232 pags., Rio, Laemmert & Companhia — 1904.
- * 2 — ALLOCUÇÕES ACADEMICAS — discursos — 143 pags. — Rio, F. Briguiet & Cia. — 1911.
- * 3 — TRACTADO DE SEMIOTICA NERVOZA (Semiotica das formas exteriores e das desordens motoras — 506 pags., Rio, F. Briguiet & Cia — 1914.
- * 4 — NOVAS ALLOCUÇÕES ACADEMICAS — (discursos — com retrato — 146 pags., Rio, Imprensa Nacional — 1915.
- * 5 — RELATORIO DO ANNO ESCOLAR DE 1916, apresentado à Congregação da Faculdade de Medicina do Rio — Rio, Imprensa Nacional — 1916. (E' o unico que possuo, mas deve ter escripto outros referentes a varios annos escolares).
- * 6 — DYSTROPHIA GENITO-GLANDULAR (em coll. com Oscar de Souza) 194 pags., Rio, Jacintho dos Santos — 1917.
- * 7 — ULTIMAS ALLOCUÇÕES ACADEMICAS (discursos) — 131 pags.. Rio, Imprensa Nacional — 1918.
- * 8 — NOTAS E OBSERVAÇÕES CLINICAS — 275 pags., Rio, F. Briguiet & Cia., — 1920.

Tem colaborado em varias revistas estrangeiras : «Revue de Neurologie», «Nouvelle iconographie de la Salpetrière», «Neurologisches Centralblatt» e outras. Por sua iniciativa estão sendo publicados, ha tres annos, os «Annaes» da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de que já apareceram dous volumes, contendo os seguintes trabalhos de sua collaboração : no 1.^o volume — «Evolução e aspectos clinicos da diplegia facial», pag. 464 ; no 2.^o volume — «O sistema dos orgãos para-glandulares», pag. 396.

Fundou tambem os «Annaes da Polyclinica do Rio de Janeiro».

Encontra-se o seu «Discurso de recepção» na Academia Brasileira de Letras, em o numero 8, de maio de 1919, da «Revista Americana».

A reprodução do seu retrato foi feita nas «Novas allocuções academicas», no «Le Brésil contemporain», do dr. Rovelly e em varias revistas ilustradas.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

1 — Afranio Peixoto — Discurso na Academia Brasileira de Letras — Revista Americana — numero 8, de maio 1919.

2 — O Estado de S. Paulo — Noticia de sua eleição para a Academia.

3 — Dr. P. Rovelly — Le Brésil contemporain.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

O illustre substituto de Oswaldo Cruz, desde muito moço notavel pelo seu talento e erudição, tem o nome paterno perpetuamente ligado á Academia, como o Barão do Rio Branco e os seus collegas Mario de Alencar e Luiz Guimarães.

E' filho do grande medico brasileiro dr. Francisco de Cas-

tro, successor do Visconde de Taunay na cathedra Francisco Octaviano.

Nasceu na cidade do Rio e emprehendeu os seus estudos de humanidades no antigo collegio Kopke, recebendo ahi o grão de bacharel, em sciencias e letras, e matriculou-se em 1898, com 17 annos, na Faculdade de Medicina do Rio.

No curso medico seguiu a trilha luminosa do pae, o distinto professor considerado como o representante supremo de sua classe, na época em que viveu ; foi aprovado com distinção em todas as cadeiras dos seis annos ou series, o que lhe valeu o titulo de laureado, ao doutorar-se em 1903, assim como o premio de viagem á Europa, por ter sido o melhor estudante de sua época.

Versou a sua thesis, aprovada com distinção, sobre a marcha do homem como acto physiologico e o valor diagnostico de suas perturbações. Nella estuda os differentes methodos de exame applicaveis á locomoção normal ou pathologica, seguindo-se as partes referentes á physiologia da marcha e ao diagnostico clinico das desordens do andar.

O estudo do movimento do ser humano, transportando-se de um para outro logar, proporciona ensejo a uma monographia em que se estudam as modalidades do andar, segundo as perturbações provocadas por certas enfermidades.

O ex-interno de clinica do professor Francisco de Castro (1901) e do professor Miguel Couto (1902-1903)olveu ao assunto no «Tractado de semiotica nervosa», onde resumiu o thema no capítulo — Semiotica do andar.

Eleito em 1904 para a Academia Nacional de Medicina, bordou o seu discurso de recipendario em louvores ao insigne professor Francisco de Castro, rendendo-lhe merecida homenagem. Nessa corporação scientifica, proferiu varios discursos que

constam das «Allocuções academicas» e das «Novas allocuções academicas».

Foi assistente da clinica propedeutica do prof. Miguel Couto, durante 7 annos, e tomou posse do cargo de substituto da 6.a secção da Faculdade de Medicina, em 31 de dezembro de 1908, após um brilhante concurso em que foi classificado em 1.^º logar, sendo-lhe offerecido um banquete por seus amigos e collegas.

A 2 de abril de 1908, assumiu a posse de cadeira de pathologia médica, substituindo o prof. Almeida Magalhães, e no mesmo anno tomou parte no 4.^º Congresso Medico Latino-Americano. Mais tarde foi transferido para a cadeira de clinica medica.

Tomou posse do logar de director da Faculdade de Medicina do Rio, a 2 de janeiro de 1915, conservando-se até agora nesse posto.

Convidado pela classe medica argentina, foi a Buenos Ayres em 1916 e participou do certamen scientifico, o primeiro Congresso Medico Argentino, por um acto de captivante gentileza dos seus collegas platinos.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras, por 24 votos, a 14 de novembro de 1917, tomou posse em 15 de abril de 1919, evocando recordações confortantes do pae e tecendo o panegyrico suave de seu antecessor.

Com o «Tractado de semiotica nervosa» completará o «Tractado de clinica propedeutica» do projecto prof. Francisco de Castro, do qual apareceram dous volumes. Só foi publicado o primeiro tomo dessa importante obra dedicada a um ramo complicado da clinica medica, onde o autor estuda as affecções nervosas, dividindo o volume em duas partes : semiotica das formas exteriores (do facies, da mão, do pé, do thorax, etc.) e semiotica das perturbações de motilidade (catalepsia, convulsões, espasmos, ticos, choréas, paralysias, etc.).

A outra obra scientifica, de parceria com Oscar de Souza, é subordinado a um assumpto muito especial, apresentando varios casos de clinica hospitalar.

As mesmas observações feitas relativamente á entrada de Oswaldo Cruz para o Syllogêo, applicam-se a Aloysio de Castro, embora se apresente um caracter distintivo digno de ponderação, no que concerne á cultura litteraria e ao apuro do estylo.

A despeito do amor inveterado á linguagem dos classicos e do convivio com obras litterarias que lhe emprestaram a ilustração reconhecida, a elegancia e pureza de forma nos seus escriptos, deve-se desejar a selecção de especialidades e aptidões, o methodo e propriedade de trabalho, de modo a se conseguir o maximo effeito no desenvolvimento dos ramos varios do saber humaño.

E' indiscutivel o merito litterario das allocuções do dr. Aloysio de Castro ; é sabido mesmo que elle possue dotes de eloquencia, sendo considerado como fino e elegante orador. Mas a linguagem castiça e os primores de estylo não são incompatíveis com as sciencias, a philosophia, a historia e a politica.

As allocuções do academico não interessam ás bellas lettras e subordinam-se todas ao caracter scientifico, principalmente a assumptos de medicina.

E' preciso convir que a Academia não tem por mera função conferir um titulo de gloria aos seus membros. Ella visa o desenvolvimento da lingua e litteratura no Brasil. E ainda que sobre competencia ao dr. Aloysio de Castro para estudar semelhantes assumptos e discernir com acerto sobre as decisões do cenaculo, será desviado da sua competencia especial e prejudicará, assim, a obra que o deve preoccupar incessantemente.

Não quero dizer que seriam condemnadas as digressões de um scientista no dominio das artes. Julgo até necessaria se-

melhante divagação, não só com o intuito de proporcionar o indispensavel descanso cerebral, como para conseguir o polimento e o brilho que tanto resaltam as obras escriptas.

Os homens de sciencia ou os philosophos, como um industrial ou um politico, necessitam de illustração litteraria e educação artistica e podem mesmo dedicar-se incidentemente a escrever sobre themes estranhos á sua especialidade, accumulando até duas funcções distinctas, a do seu cargo ou profissão e a do seu «dilettantismo» ou entretenimento. Pode, ainda, cumulativamente, e sem prejuizo de nenhuma — o que só conseguem as organizações privilegiadas — dedicar-se com a mesma intensidade a dous generos oppostos.

E' o caso de José de Alencar, Ruy Barbosa, Afranio Peixoto e tantos outros. Mas é forçoso reconhecer que aos attrahidos pelo fóco da Academia compete dedicação particularizada á litteratura, á obra idealista, em vez da sciencia ou dos estudos positivos.

O proprio dr. Aloysio rememorou o conceito da perspicacia philosophica de Machado de Assis, com referencia a Francisco de Castro : «Confesso um receio. A sciencia é má vizinha ; e a sciencia tem no sr. Francisco de Castro um cultor assiduo e valente». Com effeito, cedo o poeta olvidou a lyra, absorvido pela curiosidade pesquisadora que desperta a sciencia. O presentimento do autor de «Quincas Borba», transpoz o ambito da conjectura, a phantasia do poeta asphyxiou-se na atmosphera pesada da realidade, foram os versos substituidos pelas receitas do clinico e prelecções do abalisado professor.

No entanto, a Francisco de Castro, como ao seu illustre filho, sobejavam a cultura litteraria e não faltava a aptidão.

C actual occupante da cadeira Bernardo Guimarães é um espirito affeito na leitura dos classicos, é um devoto no culto

do idioma vernaculo. O seu estylo é elegante e sobrio, a sua phrase burilada tem colorido e expressão.

Da leitura dos tres volumes das «Allocuções academicas» se deprehende que o autor é ilustrado e erudito.

Afranio Peixoto, ao recebel-o no cenaculo litterario, fez sobsahir o seu amor aos livros lidos e relidos, attingindo a um certo grão de sensualismo pagão.

Tem, portanto, todos os requisitos para penetrar no templo consagrado ao culto das bellas lettras. Resta saber se assumirá a feição de um crente fervoroso, de um proselyto praticante, ou permanecerá em attitude espectante, de mera contemplação.

As suas credenciaes foram habilmente sustentadas pelo embaixador, o seu paranympno no acto da posse, fazendo-o acreditar perante a Academia.

Vocação e competencia não lhe escasseiam ; mas não se sabe se o clinico e o professor permittem a partilha do labor, em vigilias ou serões, entre a diversão das leituras e a profissão do medico, como o praticam outros muitos dos seus confrades.

Se assim succeder, desppparecerá a objecção de quem não reconhece incompatibilidades entre advogados, juizes, professores, militares, politicos, engenheiros, diplomatas, funcionários e a carreira litteraria.

*SUMMARIO PARA O ESTUDO CRITICO

Herança de um nome — Tirocinio para manter o legado — Programma realizado — O joven sabio — O professor e o clinico — A cultura litteraria — O orador e o seu estylo — Reparos sobre o criterio dos expoentes da cultura — Não ha incompatibilidades, mas devem existir credenciaes.



CASIMIRO DE ABREU

Patrono da cadeira n. 6. — Nasceu, em Barra de S. João, Estado do Rio de Janeiro, a 4 de janeiro de 1837 ; faleceu no mesmo município, na fazenda de Indayassú, a 18 de outubro de 1860, sendo sepultado no cemiterio da Barra de São João, onde se ergue o seu modesto tumulo.

CASIMIRO DE ABREU

BIBLIOGRAPHIA

- 1 — CANÇÕES DO EXILIO — Lisbôa, 1854 — in-8.^o (Segundo Sacramento Blake).
- 2 — CAMÕES E O JÁO — scena dramatica, representada no Theatro D. Fernando, em 18 de janeiro de 1856, Lisbôa, Typ. Panorama, 23 pags., in-4.^o port. — 1856.
- * 3 -- AS PRIMAVERAS — poesias, 260 pags. (1.^a edição) — Rio, Typ. de Paula Brito — 1859.
- * 4 — OBRAS COMPLETAS de C. de A, com introduçao : Primaveras (Canções do exilio, Brasilianas, Canticos de amor, Poesias diversas, Livro negro) — Scena dramatica, (Camões e o Jáo) — Obras em prosa (A virgem loura e Camillo, memorias de uma viagem) — 376 pags. — 17.^a edição, Rio, H. Garnier.
A 2.^a edição das « Primaveras » é de 1866 (Porto, Typ. do Jornal do Porto); a 3.^a é de 1867 (Lisboa, Typ. Panorama). E' o livro de versos que talvez conte maior numero de edições.

Casimiro de Abreu collaborou na *Illustração Luso-Brasileira* (1856) na *Revista Popular*, e no *Almanach de Lembranças* de A. Magno de Castilho. Encontra-se a reprodução do seu retrato na *Revista Popular*, tomo XVI (gravado em aço por F. Delannoy, por iniciativa do sr. B L. Garnier que o cedeu para

a edição do Porto e naturalmente o aproveitou em alguma das numerosas edições que fez), na edição de Lisboa (*lithographia*), na *Lyra Popular*, na *Littérature brésilienne*, de V. Orban e em varias publicações.

FONTES PARA O ESTUDO CRÍTICO

- 1 — JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA — Juizo crítico nas Obras completas (reprodução do artigo publicado no *Brasil*, de 14 de Outubro de 1859).
- 2 — FERNANDES PINHEIRO — Idem, idem, (reprodução da *Revista Popular*, tomo IV, pag. 91).
- 3 — PEDRO LUIZ — Idem, idem (10-2-1870) reproduzido na íntegra na edição da *Livraria Chardron*.
- 4 — J. M. VELHO DA SILVA — Idem. idem, (da *Revista Popular* — tomo VIII, pag. 222).
- 5 — ERNESTO CIBRÃO — Idem, idem.
- 6 — REYNALDO CARLOS MONTÓRIO — Idem, idem, (da *Revista Popular*, tomo XVI, pagina 351 — 1862).
- 7 — MACIEL DO AMARAL — Idem, idem (26-10-1864).
- 8 — RAMALHO ORTIGÃO — Idem, idem (da edição do Porto).
- 9 — PINHEIRO CHAGAS — Idem, idem (da edição de Lisboa).
- 10 — J. NORBERTO DE SOUZA — Noticia sobre o autor e suas obras (na edição Garnier).
- 11 — TEIXEIRA DE MELLO — *Gazeta Litteraria* I-124, Rio, 1884.
- 12 — SYLVIO ROMERO — *Historia da Litteratura Brasileira*, II, pag. 314.
» » Livro do Centenario, I, pag. 55.
- 13 — J. MANOEL DE MACEDO — *Anno biographico*, I, pag. 13.
- 14 — JOSÉ VERISSIMO — *Estudo da Litteratura Brasileira*, II, pag. 47.
» » *Historia da Litteratura Brasileira*, pag. 307.

- 15 — JULIO BARBUDA — *Litteratura brasileira*, pag. 330.
- 16 — C. CASTELLO BRANCO — *Cancioneiro alegre*, II, pag. 145.
- 17 — SACRAMENNO BLAKE — *Diccionario bibliographico*.
- 18 — VICTOR ORBAN — *Littérature brésilienne*, pag. 73.
- 19 — EUGENIO WERNECK — *Anthologia brasileira*, pag. 469.
- 20 — GOULART DE ANDRADE — Conferencia proferida na S. de Cultura Artistica de S. Paulo.
- 21 — RONALD DE CARVALHO — *Pequena Historia da litteratura brasileira*, pagina 232.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

A morte prematura, aos 23 annos e meio de idade, impediu que attingisse o espirito do poeta á perfeição.

Como Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Dutra e Mello, Macedo Junior e outros poetas brasileiros, cedo arrebatados do mundo, não pôde Casimiro de Abreu legar á litteratura brasileira a obra compativel com o seu talento e a decidida vocação poetica que revelou.

Além da precocidade da inspiração, pôde-se dizer espontanea, apresentou outro caso de analogia com Millevoye: foi um poeta contrariado.

Era filho de José Joaquim Marques de Abreu, negociante portuguez, e de D. Luiza Joaquina das Neves, de nacionalidade brasileira.

Nasceu Casimiro José Marques de Abreu na villa da Barra de São João, em uma choupana abrigada por uma velha e frondosa figueira, á margem do pequeno rio que desce de um contraforte da Serra dos Orgãos e desagua no oceano Atlantico.

Iniciou a sua educação primaria em Cabo Frio, dos 6 aos 9 annos. Com esta idade, seu pae o conduziu para Nova Friburgo onde foi confiado ao professor inglez João Henrique

Freese que mantinha um internato nessa pittoresca cidade. O velho educador recebeu especial recommendação de preparar o menino para a carreira commercial.

Aos 15 annos, a despeito da precaução paterna, escreveu os primeiros versos, inspirados na saudade que lhe amargurára o coração, ao pensar nos folguedos da irmãsita, quando o crepusculo traz á natureza a melancolia nostalgica.

Perpetrou o primeiro crime no Collegio, escrevendo a «Ave Maria».

«Era um conto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuilo hoje eu déra em troca este volume inutil, que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelle preludios!» diz elle no prologo das «Primaveras», dirigindo-se a Francisco Octaviano.

Em «A virgem loura», paginas do coração, descreve as primicias do seu amor vehemente, pela terna e mysteriosa Poesia.

Tambem na adolescencia amou gentil menina, a quem dedicou versos.

Contrariado por taes manifestações do espirito romantico, o seu pae arrebatou-o do collegio, apezar dos rogos e protestos do estudante e contra a vontade dos professores que lhe dispensavam amizade e confiavam no seu futuro. Levou-o para o Rio onde o deixou a trabalhar no escriptorio de sua casa commercial.

«Foi n'um dia... lembro-me perfeitamente, foi n'um dia de Setembro.

Abafando o grito de lamento da minha vocação contrariada, fui sentar-me á carteira de um escriptorio, e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abracei a vida commercial, vida prosaica que absorve todas as faculdades num unico pensamento — o dinheiro — e que, se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece e mata a intelligencia».

Começou o suppicio do poeta desventurado e veio-lhe a tristeza a empanar os lampejos d'alma. Era continuamente vigiado, sentia-se privado do convívio dos livros, mas conseguia illudir a vigilância, escrevendo pelas horas caladas da noite e lendo obras poéticas e de crítica literária.

A primeira vocação manifestou-se para o desenho, atestando do seu poder imaginativo, o que despertou os afagos maternos, sempre dispensado às sobejass provas do talento do infante.

Presentida a desobediência, o honrado negociante, com a força da auctoridade paterna, arrebatou-o do sonho, contrariou-lhe a vocação e decidiu que fosse o rapaz proseguir na carreira commercial, longe da pátria e da família, em Portugal.

A 13 de novembro de 1853, embarcou elle no vapor Olinda e transpoz a barra da bahia do Guanabara, com destino a Lisboa.

Narra o poeta, no prologo de «Camões e o Jão», a viagem triste e a longa permanencia na capital do reino lusitano, torturado pelas saudades, soffrendo os tormentos da nostalgia.

No fim de dous annos sentiu-se enfermo e, não lhe sendo licito contrariar a vontade paterna, procurou reconstituir a saúde avariada nas margens do Minho e do Douro. «Nas ribas pittorescas do Douro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia apagava-me a vida e as veigas risonhas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões» — disse elle ainda no prologo das «Primaveras».

Já havia escripto as «Canções do exílio» e em 1856 fez representar no Theatro D. Fernando, pelos actores Braz Martins e Santos, a scena dramática «Camões e o Jão».

Chegando ao conhecimento da família a notícia da sua terrível molestia, a tuberculose pulmonar, conseguiu a intervenção materna a revogação das ordens severas do pae e elle regressou à pátria, chegando ao Rio no dia 11 de julho de 1857, depois de quasi 4 annos de exílio.

Dirigiu-se imediatamente para a fazenda de Indayassú onde costumava passar as ferias, e teve o desgosto de encontrar morta a virgem que lha despertara o coração.

Um mez depois, para satisfazer a vontade paterna, voltou à vida commercial onde se deteve ainda, por espaço de dous annos.

As noites, passava-as em casa do dr. Caetano Filgueiras, em companhia dos poetas Macedo Junior, Gonçalves Braga e Machado de Assis, inteiramente esquecido da monotonia do escriptorio onde lidava com o *razão* e o *diario*.

Viu, um a um, morrerem seus amigos: o joven autor das «Açucenas», o poeta das «Tentativas» e Affonso Messeder.

Só a 13 de junho de 1858, conseguiu a liberdade almejada, por haver progredido, de um modo assustador, a tuberculose, ceifadora de vidas primaveris.

Reconciliou-se com o pae austero que, antes de exhalar o ultimo suspiro, ouviu os versos do filho, exultou de alegria pelos elogios dispensados ao poeta das «Primaveras» e abençoou-o.

Frequentava, então, a Petalogica, de Paula Brito e gosava a companhia de uma pleiade de escriptores.

Sentindo aggravar-se a enfermidade, dirigiu-se com sua extremosa mãe para Friburgo, a 24 de julho de 1860. No dia 18 de agosto do mesmo anno, circulou na cidade do Rio de Janeiro a noticia do seu falecimento.

Quasi todos os jornaes publicaram sentidos necrologios e teceram-lhe elogios merecidos, até que surgiu a contestação assignada por Paula Brito, nove dias depois, no *Jornal do Commercio*.

Recrudescendo a molestia, deixou Friburgo, a 3 de outubro e falleceu na fazenda de Indayassú, cercado de entes caros e tendo o seu volume de versos á cabeceira, no dia 18 do mes-

mo mez, respondendo a uma exhortação materna com a phrase:
— Pois é a morte tão temivel ?

Reynaldo Carlos Montóro descreveu os ultimos momentos do poeta, reproduzindo os dialogos entretidos com sua mãe e narrando o desespero dos circumstantes.

Foi sepultado no cemiterio da Barra de S. João, proximo ao tumulo do romancista Manuel Antonio de Almeida.

Pertenceu Casimiro de Abreu á denominada geração romantica, com o titulo de «poeta do amor e da saudade», assim como Alvares de Azevedo foi cognominado o «poeta da duvida».

A sua obra capital é o volume das «Primaveras», dividido em quatro partes: «Canção do exilio», «Contos de amor», «Poesias diversas» e «Livro negro» ou «Poesias elegiacas».

Nas edições posthumas. foram reunidos ao livro editado por Paula Brito, a scena dramatica já mencionada e os trabalhos em prosa: «A virgem loura» e «Camilla, memorias de uma viagem» (fragmento).

Sente-se a espontaneidade de inspiração do poeta ; as suas producções reflectem candura de sentimento, emoção sincera e simplicidade nos processos. Decorre a tristeza nos seus versos, não só do caracter essencial dos lyricos brasileiros, a partir de Gonzaga, como do seu temperamento e de sua existencia impregnada de contrariedades.

Evoca, o poeta, patria e familia no exilio, recorda-se da infancia despreocupada e da primeira mulher que amou, em quasi todo o livro, principalmente nas «Canções do exilio», «Saudades», «Meu lar», «Minha mãe», «Rosa Murcha», «Jurity» e «Meus oito annos».

E' um engano admittir que tivesse o poeta um alaúde onde só cantava threnos e elegias. A musa tambem lhe proporcionou inspiração para os cantos alegres, emprestando-lhe feição humoristica e incutindo-lhe a volupia caracteristica do

amor objectivo. Basta mencionar «Juramento» e «Amor e medo» para comprovar tal asserção.

Goulart de Andrade dedicou-lhe um estudo carinhoso, de extrema sympathia, em que salientou modalidades distintas, subordinadas a sentimentos oppostos, no estro do autor das «Primaveras». E Olavo Bilac demonstrou não ser a tristeza, peculiar aos poetas brasileiros, nem delles a nota exclusiva.

Organização poetica ingenita, soffreu uma serie de revezes, desde a adolescencia: teve os estudos interrompidos, contrariada a vocação, sopitado o primeiro amor, imposta uma carreira contraria à sua indole e, para cumulo dos castigos que inconcientemente o pae lhe infligiu, teve o exilio prolongado, distante da terra natal que elle soube amar.

Era, portanto, fatal a expansão de sentimentos nostalgiticos e de farta dóse de melancolia nos seus trabalhos intellectuaes.

A sua obra, repassada de lyrismo suave e simples, foi a que maior numero de edições logrou no Brasil, exceptuada a «Marilia de Dirceu».

Tinha o poeta affinidade com Lamartine, o seu mestre favorito, a par de Gonçalves Dias e Thomaz Gonzaga. Era tambem admirador de Chateaubriand e lia com indizivel carinho os poetas portuguezes.

Distinguiram-se como seu companheiros e amigos, Machado de Assis, Macedo Junior, Affonso Messeder, Faustino Novaes, Paula Brito, Teixeira de Mello, Gonçalves Braga e alguns outros.

A sua producção não é tão lida pela geração de hoje, como o foi em outros tempos, principalmente pelao moças e por todos os namorados, não só porque evoluiu o caracter da poesia, com tambem porque os recitativos dos declamadores e as modinhas ao som do violão exerceram a influencia dos realejos sobre as operas e operetas de accentuada popularidade. Mas a sua poesia sentimental e intima ha de perdurar na lit-

teratura brasileira, como atestado do bello talento de Casimiro de Abreu. Apresenta defeitos de forma e de concepção; notam-se falhas de metrificação, pobreza de rimas e vulgaridade algumas vezes; mas a despeito dos senões, predominam as qualidades que tornam o bardo querido dos que têm, como elle, a alma simples e sem refolhos.

Como Alvares de Azevedo, teve o presentimento da morte prematura e, cercado de entes caros, viu extinguir-se o ultimo sopro da vida, no torrão natal, a 18 de outubro de 1860.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A infancia — Educação — Vocação contrariada — No comércio — Em Portugal — Regresso ao Brasil — A obra poética — Nostalgia e tristeza — Outras notas predominantes — Os fragmentos em prosa — A scena dramatica — Seus contemporaneos e a critica — Epilogo de uma existencia infeliz.



JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO

Fundador da cadeira n. 6. — Nasceu na
cidade de Campos (Estado do Rio de Ja-
neiro), a 28 de Agosto de 1833 e faleceu
a 10 de Abril de 1907.

JOSÉ A. TEIXEIRA DE MELLO

BIBLIOGRAPHIA

- 1 — SOMBRAS E SONHOS — poesias, X — 213 pags. — Rio, 1858.
- * 2 — THESE DE DOUTORANDO (*Hospicios de expostos*) — 85 pags. (incluindo as proposições) — Rio, Typ. Universal de Laemmert — 1859.
- 3 — DISCURSO MAÇONICO — 7 pags. — Rio, 1858.
- 4 — ESTUDOS DA LINGUA MATERNA — serie de artigos publicados no «Monitor Campista» e na «Lux» de Campos, 1874 (não foram editados em volume).
- 5 — MYOSOTIS — poesias — 112 pags. — Rio, 1877.
- * 6 — EPHEMERIDES NACIONAES — 3 vols.: 436, 330, 110 (indice) — Rio, Typ. da Gazeta de Notícias, 1881. (Foram publicados na «Gazeta de Notícias»).
- * 7 — LIMITES DO BRASIL COM A CONFEDERAÇÃO ARGENTINA — memoria — acompanhada de um mappa — 278 pags. — Rio, Typ. Nacional, 1883.
- * 8 — CAMPOS DOS GOYTACAZES EM 1881 — memoria — 183 pags., 1886. Foi escripta para a exposição de historia da Biblioteca Nacional, em 1891, com o titulo «Descrição historico-topographica do municipio dos Campos de Goytacazes, comarca do mesmo nome, província do Rio de Janeiro». Foi mais tarde lida no Instituto Historico e publicada no tomo 49.^º, parte 2.a, pags. 5 a 181 da revista

trimensal. A edição do livro constou apenas de 50 exemplares. (Possuiu a separata da Rev. do Instituto Historico).

- * 9 — SUBSIDIOS EXISTENTES NA BIBLIOTHECA NACIONAL PARA O ESTUDO DA QUESTÃO DE LIMITES DO BRASIL PELO OYAPOCK (1876) — 58 pags., Rio Typ. Leuzinger, 1895.
- * 10 — RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1895) apresentado ao ministro Dr. Antonio Gonçalves Ferreira — 32 pags., Rio, Typ. Leuzinger, 1897.
- * 11 — RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1896), apresentado ao ministro dr. Amaro Cavalcanti — 27 pags. Rio, Typ. Leuzinger — 1897.
- * 12 — RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1897), apresentado ao ministro dr. Amaro Cavalcanti — 32 pags. Rio, Typ. Leuzinger — 1899.
- * 13 — RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1898), apresentado ao ministro dr. Epitacio Pessoa — 45 pags. — Rio Typ. Leuzinger — 1900.
- * 14 — RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1899), apresentado ao ministro dr. Epitacio Pessoa — 43 pags. — Typ. Leuzinger — 1900.
- * 15 — TRAÇOS BIOGRAPHICOS DE LITTERATOS E ESTADISTAS CHILENOS, no livro «Chile e Brasil», de 210 pags. — Rio Typ. Editor Dias da Silva Junior — 1889.
- * 16 — CLAUDIO MANOEL DA COSTA — (estudo) extrahido dos «Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio», tomo I, pags. 373, tomo II, pags. 209 a 246, tomo III, pags. 310 a 323.
- * 17 — LAURINDO J. DA S. RABELLO (estudo) extrahido dos «Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio», tomo III, pags. 355 a 384.
- * 18 — CATALOGO POR ORDEM CHRONOLOGICA DAS BIBLIAS EXISTENTES NA BIBLIOTHECA NACIONAL

- no tomo 17.^º dos respectivos *Annaes* — 387 pags. Imprensa Nacional — 1893.
- 19 — CARTAS DO PADRE ANTONIO BLAIQUEZ, corrigidas por T. de Mello — Rio, 1886.
- * 20 — POESIAS, edição definitiva — 285 pags., prefacio de Sylvio Romero — Liège, Typ. F. Brimbois — 1914.

Collaborou no «Monitor Campista», na «Alvorada Campista», n'«O Paiz» n'«O Cruzeiro» e na «Regeneração», periodicos de Campos; no «Academico» (1855-56), dos estudantes da Faculdade de Medicina; no «Correio Mercantil», onde foi publicado (1-12-1859) o discurso que pronunciou na ceremonia da collação de gráu na F. de Medicina, em 29-11-1859; na «Lux»; foi redactor dos «Annaes da Academia Philosophica» (1858), da «Gazeta Litteraria» (1883-84); escreveu na «Revista Brasileira» (2.a phase): A Luiz de Camões (poesia); na «Revista Popular»; na «Revista do Instituto Historico Brasileiro», onde, além do trabalho mencionado, publicou o «Relatorio dos trabalhos annuaes de 1889 a 1890» e as biographias do dr. Joaquim Caetano da Silva, do Barão de Villa Franca e do Conselheiro J. Bernardino Baptista Pereira de Almeida. Na «Revista do Brasil» (n. 31), encontra-se a carta que escreveu a Antonio Salles (Alguns autographos). Fez-se a reprodução do seu retrato nas «Poesias completas», na «Littérature brésilienne», de V. Orban e no «Almanach Garnier», de 1909.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — SYLVIO ROMERO — Historia da Litteratura Brasileira, tomo II, pag. 308.
- » » — Livro do Centenario, I, pag. 73.
- » » — Quadro synthetico da evolução dos generos.

- 1 — SYLVIO ROMERO — Evolução do lyrismo brasileiro.
 » » — Prefacio das «Poesias», de Teixeira
 de Mello.
 » » — e João Ribeiro — Compendio de
 litteratura brasileira, pag. 224.
- 2 — JOSÉ VERRISSIMO — Historia da Litteratura Brasileira,
 pag. 312.
- 3 — JULIO BARBUDA — Litteratura Brasileira, pag. 414.
- 4 INNOCENCIO DA SILVA — Diccionario bibliographico, vol.
 4.º, pag. 216.
- 5 — SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico, vol.
 4.º, pag. 271.
- 6 — EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 467.
- 7 — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia
 Brasileira de Letras em 1915.
- 8 — ANTONIO SALLAS — Os nossos academicos — Revista
 Brasileira (3.a phase), tomo 10.º, pag. 141.
 ALMANACH GARNIER de 1919, pag. 384.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Como quasi todos os brasileiros que se dedicam á carreira litteraria, estreiou José Alexandre Teixeira de Mello, aos 25 annos de idade, com um volume de versos.

Começou, porém, a poesar dous annos antes, a julgar pelas datas das poesias contidas no livro «Sombras e sonhos», editado em 1858.

Filhe legitimo de José Alexandre Teixeira de Mello e D. Eugenia Maria da Conceição Torres, nasceu na cidade de Campos dos Goytacazes, fez o curso de humanidades no Seminario S. José e estudou na facultade de Medicina do Rio de Janeiro, onde defendeu these em 25 de novembro de 1859.

Versou a sua dissertação sobre os hospícios de expostos, sendo o primeiro capítulo dedicado á historia desses estabelecimentos de assistencia e caridade. Nos capítulos subsequentes examinou os problemas de utilidade da instituição humanitaria para a criação das creanças abandonadas, de hygiene alimentar e de aleitamento artificial.

Concluidos os seus estudos scientificos, fixou residencia na cidade natal onde permaneceu, no exercicio da clinica e colaborando em jornaes, até 1875, quando se transferiu para o Rio de Janeiro.

Durante a phase academica, foi membro effectivo da Academia de Philosophia, socio effectivo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, membro honorario do Ensaio Philosophico Paulistano e escreveu o livro de poesias «Sombras e sonhos».

No «Correio Mercantil», numero de 1.^o de dezembro de 1859, encontra-se o discurso que elle proferiu como orador da turma de doutorandos.

Por decreto de 24 de março de 1876, recebeu a nomeação para o cargo de chefe de secção de manuscripts da Bibliotheca Nacional e no mesmo anno coordenou os subsídios existentes para o estudo da questão de limites do Brasil pelo Oyapock, publicados em folheto 19 annos mais tarde.

No anno seguinte publicou o segundo volume de verso — «Myosotis» — e abandonou quasi o genero poetico, devotando-se a estudos de historia patria, literatura nacional e bibliographia.

Fez-se socio do Instituto Historico Brasileiro, onde desempenhou os cargos de 1.^o Secretario e redactor da «Revista Trimensal».

Na Bibliotheca Nacional, além do trabalho mencionado, escreveu a monographia «Campo dos Goytacazes em 1881», para a exposição de historia, sendo o seu trabalho publicado no tomo 49.^o da Revista do Instituto Historico e em volume à parte,

numa edição de 50 exemplares. Escreveu ainda, a memoria sobre «Limites do Brasil com a Confederação argentina», os estudos sobre Claudio Manuel da Costa e Laurindo Rabello, publicados nos *Annaes da Bibliotheca*, onde tambem reproduziu o catalogo das biblias existentes na collecção brasileira.

Na «Revista do Instituto Historico», além do que foi citado, escreveu as biographias do dr. Joaquim Caetano da Silva, Barão de Villa Franca, Conselheiro J. Bernardino Baptista Pereira de Almeida e o relatorio dos trabalhos annuaes de 1889 a 1890.

Quando a esquadra chilena veio prestar homenagens ao Brasil, no porto do Rio de Janeiro, o Instituto Historico realizou, em homenagem á respectiva officialidade, uma sessão solemne, sendo publicado um livro commemorativo que encerra o trabalho de Teixeira de Mello: — «Traços biographicos de litteratos e estadistas chilenos».

Em 1895 foi nomeado director da Biblioteca Nacional, cargo que desempenhou até 1900, quando mereceu aposentadoria. Durante esse periodo, publicou relatorios expondo as ocorrências no importante estabelecimento e organizando interessantes estatísticas.

Deixou-nos a «Gazeta Litteraria», de que foi redactor, prestando inestimaveis serviços ás letras no Brasil.

Como poeta, pertenceu á geração de Casimiro de Abreu, Machado de Assis, Luiz Delfino, Pedro Calasans, Franklin Doria, Bittencourt Sampaio, Bruno Seabra, Luiz Guimarães e tantos outros.

Induzido pela correcção da metrica e o apuro da fórmula, Sylvio Romero considerou-o, ao lado de Machado de Assis e de Luiz Guimarães Junior, como um dos precursores dos parnasianos.

Os seus versos são simples, as imagens que compoz são

inspiradas e affectam os moldes do lyrismo brasileiro, sempre impeccavel na forma e inspirado nas concepções.

Apresenta o cunho idealista e a feição dos que amam a natureza, tanto em «Sombras e sonhos», como em «Myosotis». A delicadeza dos sentimentos e o naturalismo das scenas descriptas, predominam nas paginas dos seus livros, imprimindo-lhes a caracteristica da verdadeira poesia. É sempre calmo e sentimental, de uma placidez que reçuma momentos felizes, de um poder affectivo que revela a extrema bondade do seu coração.

Não se salientou entre os contemporaneos, nem se impoz aos posteriores, por dous motivos : a simplicidade de processos, a par de emoções tranquillas, e a modestia em exaggero.

Quando, em 1877, deu á publicidade o segundo livro «Myosotis», assim justificou a sua deserção :

«Estes versos são — o adeus de despedida — à minha mocidade : pudesse eu tel-a passado toda para elles... morreria satisfeito de haver vivido.

Dei-lhes o nome que levam, porque, como aquellas flôrinhas vivem á sombra e com pouco sol murcham e seccam, assim terão elles de morrer á luz vivissima da publicidade.

São, além disso, fructos extemporaneos : quando cantam Machado de Assis, Luiz Delphino, Luiz Guimaraes, Pedro Luiz, Joaquim Serra, Narcisa Amalia, Bernardo Guimaraes, Gonçalves Crespo, e o senador F. Octaviano empunha de novo a lyra melodiosa para nacionalizar os cantos melancolicos de Selma e os sublimes arroubos do orgulhoso bardo de Albion — devo limitar-me a ouvil-os e a extasiar-me».

Fóra dos dominios da poesia, dedicou-se elle a assumptos de historia patria, pesquisando nos archivos de manuscripts, os documentos que deviam pleitear os nossos direitos a territorios contestados, servindo de base á argumentação de Joaquim Nabuco e do Barão do Rio Branco.

Com a paciencia evangelica dos que se dedicam ao culto do passado, coordenou factos e datas, feitos e glorias, vultos e heróes, e traçou, dia a dia, na «Gazeta de Noticias», as «Ephem erides nacionaes», que foram mais tarde reunidas em volume.

Até hoje os estudiosos que buscam themes nacionaes, consultam as notas colligidas pelo paciente investigador do nosso passado, para illustrar memorias, precisar datas e esclarecer pontos duvidosos.

No Instituto Historico, desenvolveu, Teixeira de Mello, accão proficua estudando individualidades merecedoras de gratidão das gerações que lhes succederam e assumindo attitude saliente entre os socios compenetrados dos seus deveres.

Mas onde se evidenciou o seu trabalho benedictino foi na Biblioteca Nacional, sob a penumbra da modestia, preferindo a obscuridade do mineiro que descobre as bétas e vieiras nas rochas, aos esplendores do artifice que burila as joias de fino lavor.

Consultava manuscripts, catalogava livros raros e antigos, facilitando a pesquisa alheia, desentranhava do olvido assumptos preciosos como attestados do nosso valor.

E ahi estão, para corroborar a minha affirmativa, os relatorios que deixou e os estudos impressos nos *Annaes*. Entre varios, destacam-se os trabalhos sobre Claudio Manuel da Costa e Laurindo Rabello.

O unico descanço que conseguiu, proporcionou-lhe a viagem á Europa, durante os annos de 1892 e 1893.

Morreu Teixeira de Mello, com 74 annos de idade, a 10 de abril de 1907 e legou á posteridade um padrão eloquente de dedicação ao trabalho e amor á Patria.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Sua actividade durante a phase academica — O poeta romantico — A geração a que pertenceu e o logar que occupou — Rebuscando o passado — Vida consagrada aos livros — Seus estudos litterarios — Como integrador do nosso territorio — Além das nossas fronteiras — Quasi obscuro — Perante a critica.



ARTHUR JACEGUAY

Successor de Teixeira de Mello na cadeira n. 6, eleito a 28 de setembro de 1907, tomou posse em 9 de novembro do mesmo anno, sendo recebido por Affonso Arinos. Nasceu, a 26 de maio de 1843, em S. Paulo e faleceu no Rio de Janeiro a 6 de junho de 1914.

ARTHUR JACEGUAY

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — ORGANISACÃO NAVAL, artigos — 369 pags., — Rio, typ. Leuzinger, 1896.
- * 2 — O DEVER DO MOMENTO, carta a Joaquim Nabuco, 56 pags. — Rio, typ. Leuzinger, 1897.
- * 3 — QUATRO SECULOS DE ACTIVIDADE MARITIMA — (Portugal e Brasil) — 258 pags. — Rio, Imprensa Nacional, 1900.
- * 4 — A MARINHA, memoria inserta no livro do Centenario, pags. 71 a 147 do 2.^o vol. — Rio, Imprensa Nacional — 1901.
- * 5 — ENSAIO HISTORICO SOBRE A GENESIS E DESENVOLVIMENTO DA MARINHA BRASILEIRA (é a edição em separado da memoria do livro do Centenario) — 207 pags. — Rio, Typ. Leuzinger, 1903.
- * 6 — DE ASPIRANTE A ALMIRANTE, memorias — 5 vols. — 610, 404, 481, 598 e 300 pags. — Rio, typ. do «Jornal do Commercio», 1906, 1909, 1910, 1913 e 1917.

Escreveu no «Correio Mercantil», onde publicou a correspondencia quando em viagem de instrucção na corveta Bahiana, aos 18 annos de idade; No «Jornal do Commercio»; em «O Paiz»; na «Revista Maritima Brasileira»; na «Revista Brasileira» (3.^a phase): A nossa marinha de guerra, tomo VI, pag.

268; A primeira missão brasileira à China, tomo XII, pags. 74, 169, 193; na Revista da Academia Brasileira de Letras: discurso de entrada, n. 5, pag. 97; no «Almanach Garnier (1908): Batalha naval do Riachuelo.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

1. — ARTHUR JACEGUAY — De aspirante a almirante — Discurso em o n. 5 da «Revista da Academia B. de Letras».
2. — AFFONSO ARINOS — Discurso de recepção, n. 5, «Revista da Academia».
3. — JOSÉ VERRISSIMO — Estudos de litteratura brasileira, vol. III, pag. 115 — Revista Litteraria do «Jornal do Commercio» de 28-1-907.
4. — VICTOR ORBAN — Littérature brésilienne, pag. 341.
5. — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia Brasileira, em 1915.
6. — G. P. — «Revista brasileira» — Bibliographia, tomo XI, pag. 187.
7. — GOULART DE ANDRADE — Discurso na Academia (elogio) — «Revista Americana».

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

O primeiro capítulo do volume I — «De aspirante a almirante» — é a copia da fé de officio de Arthur Jaceguay, cujo nome de familia era Arthur Silveira da Motta.

Filho legitimo do senador Conselheiro Ignacio Silveira da Motta, nasceu na antiga província de S. Paulo e, agraciado com o titulo de Barão de Jaceguay, mudou o nome no fim da existencia.

Não se coaduna com o caracter destas ligeiras noticias a reprodução dos factos e episódios mencionados em sua fé de

officio. Esse genero de biographia é por demais detalhado, chegando a minuicias que destoariam do caracter de escorços traçados com referencia a escriptores civis.

Satisfeitas as exigencias legaes, Arthur Silveira da Motta teve praça de aspirante a guarda-marinha, no dia 4 de março de 1858.

Concluiu o curso de official de marinha em fins de 1861 e emprehendeu algumas viagens de instrucção. Em 1863 foi nomeado professor de hydrographia a bordo da corveta Bahiana.

Tomou parte, como official da canhoneira Mearim, no bloqueio do porto do Salto Oriental e foi, no posto de 1º tenente, secretario e ajudante de ordens do Almirante Tamandaré, comandante das forças navaes em operações no Rio da Prata — 1865. Em 1867, como capitão-tenente, foi nomeado comandante do encouraçado Barroso e distinguiu-se em varios combates, revelando competencia e bravura, o que lhe valeu nova promoção.

Desempenhou, terminada a guerra do Paraguay, muitas commissões importantes, com o posto de capitão de mar e guerra, e recebeu medalhas e condecorações.

No anno de 1880, foi encarregado de uma missão diplomática perante a China, e dous annos mais tarde foi-lhe concedido o titulo de conselheiro.

Por decreto de 3 de março de 1883, depois de exercer varios cargos militares, foi promovido ao posto de chefe de esquadra e no anno immediato foi agraciado com o titulo de Barão de Jaceguay. Attingiu ao posto de almirante a 8 de outubro de 1902.

Falleceu em 1914, aos 71 annos de idade, deixando um nome glorioso na carreira militar, onde se impoz como valente nas batalhas do Paraguay, como official de rara competencia e muito tirocinio.

A fé de officio do militar, abrange 50 paginas do livro mencionado.

A sua eleição para a Academia de Letras, onde conseguiu 28 votos, foi uma homenagem prestada ao bravo militar e ao patriota, prevalecendo o criterio de se permitir a representação de varias classes sociaes e de se render um preito de honra aos mais elevados expoentes das profissões intellectuaes do paiz. Não foram os seus meritos de escriptor, nem os serviços prestados á litteratura nacional, que lhe abriram as portas da Academia, como successor de Teixeira de Mello.

Tudo o que elle escreveu : livros, memorias, cartas e artigos ; assumptos concernentes á historia naval e á technica militar ; tudo está encerrado na obra, de cinco alentados volumes, a que denominou «Minha fé de officio documentada», como sub-epigraphe do titulo principal «De aspirante a almirante».

O primeiro encerra, alem da fé de officio de onde extrahi os dados biographicos, o relatorio do professor de hydrographia (1863-64), o diario da campanha oriental do Uruguay (1864-65), o *fac-simile* de autographos de personagens notaveis na guerra do Paraguay, as cartas que recebeu e escreveu (1865-66), o extracto de um diario e as ordens e boletins de varios generaes.

O segundo contém as occorencias, durante o periodo de 1867 a 1870, em que o autor exerceu o commando de alguns navios de guerra ; a poesia — «Primus inter pares» — que José Bonifacio dedicou ao joven official, heroe da guerra ; as cartas que lhe dirigiram varios amigos, os seus retratos em diferentes épocas e algumas outras curiosidades.

O terceiro abrange a recordação do seu casamento ; os artigos que publicou no «Jornal do Commercio» sobre a lei de promoções da armada ; tres conferencias sobre artilharia raiada,

bem como os artigos de imprensa por elles motivados ; *fac simile* de autographos de brasileiros illustres ; o commentario sobre a commissão hydrographica no Prata e as cartas que lhe escreveram de 1867 a 1874.

O quarto reúne a carta a Joaquim Nabuco — «O dever do momento» — antes publicada em folheto e no «Jornal do Commercio» (1897) ; «Organisação naval», collecção de artigos publicados na «Revista Brasileira» e no «Jornal do Commercio» (1896), tambem divulgada em volume ; «A primeira missão brasileira á China», publicado antes na «Revista Brasileira» (1897) ; «Guerra do Paraguay», reflexões criticas sobre as operações combinadas da esquadra brasileira e exercito alliedo (1900), parte integrante do livro ; «Quatro seculos de actividade maritima» ; e o projecto de tratado do vice-rei Li-Hung-Chang.

O quinto, finalmente, collige «Duas questões de organisação naval», artigos publicados no «Jornal do Commercio» e «Revista Maritima» e reunidos em folheto de restricta edição (100 exemplares) ; os trabalhos impressos na «Revista Maritima», nos annos de 1897, 1899 e 1900 ; e diversas publicações em «O Paiz» e no «Jornal do Commercio» ; e o ensaio historico, «Formação da armada brasileira até o fim do seculo XIX», memoria publicada no Livro do Centenario em collaboração com Carlos Vidal de Oliveira Freitas, sob o titulo «Marinha», e depois editada no volume — «Ensaios historicos sobre a genesis e desenvolvimento da armada (brasileira até o fim do seculo XIX».

A sua obra é, como se vê, especializada e inteiramente consagrada a assumptos navaes.

A collectanea, «De aspirante a almirante», não tem o sabor das memorias que legam á posteridade muitos escriptores illustres. E' um verdadeiro culto de *egoísmo*, preocupando-se exclusivamente com os meritos do autor, sob um caracter

muito pessoal. Encerra, é verdade, assumptos de comprovada utilidade, principalmente os que merecem a publicação em volumes separados.

«Organisação naval», reúne os artigos que elle escreveu sobre themes referentes á reforma ou aperfeiçoamento da marinha de guerra brasileira. E' um trabalho de technica que revela a competencia do profissional.

Lendo «Balmaceda», de Joaquim Nabuco, lembrou-se de fazer-lhe um appello para reintegral-o nas funcções politicas, afim de prestar ao Brasil inestimaveis serviços á altura do talento e dos meritos do illustre publicista. Realçou-lhe as ideias liberaes e argumentou com a impossibilidade de se manter a monarchia do paiz, depois de decretada a abolição.

Nessa carta desenvolvida, deixou-nos uma interessante pagina da nossa historia: a descripção dos ultimos momentos do velho e virtuoso imperador do Brasil.

A sua obra de maior valor, é, incontestavelmente, a que escreveu com a collaboração de Vidal de Oliveira: «Quatro séculos de actividade marítima».

E' uma excellente contribuição para o estudo da Historia do Brasil, além de se prestar, com muita propriedade, ao fim destinado, qual seja o de instruir os nossos officiaes de marinha, mostrando-lhes a importancia do poder marítimo na historia, como o fez o capitão Mahan nos Estados Unidos da America do Norte.

A parte que coube ao Almirante Jaceguay desenvolver, refere-se á guerra do Paraguay, em a qual, além do trabalho de coordenação dos factos conhecidos, elle prestou o seu depoimento pessoal, narrando com vivacidade os feitos da nossa esquadra e a bravura dos nossos marinheiros. Acompanhou a successão de episódios com oportunos commentarios e apreciação critica de um technico competente.

São modelos no genero, as paginas que escreveu sobre as batalhas do Riachuelo e de Humaytá, narrativas animadas e de colorido intenso que serviram de argumento aos propugnadores de sua admissão na Academia.

Outro livro do mesmo genero, mas subordinado a intuitos diferentes, é o «Ensaio historico sobre a genesis e desenvolvimento da armada brasileira», memoria escripta para comemorar o 4º centenario do descobrimento do Brasil.

Com o mesmo collaborador que tomou a si a parte referente a Portugal, o autor condensa a evolução do nosso poder marítimo, desde os tempos coloniaes até fins do seculo XIX, tendo apenas em vista definir a efficiencia e os elementos de nosso apparelhamento para a defesa naval.

Já eu disse que a sua entrada na Academia obedeceu ao criterio de se render homenagem a homens de valor que se distinguem em varias classes sociaes. Foi essa a opinião geral e a intenção da Academia, segundo o consenso dos quelle deram os votos, inclusive o do proprio almirante que disse em seu discurso de recipiendario: «A que poderia eu dever tamanha distincção a não ser á circumstancia de pertencer a esse pequeno numero, cada dia mais reduzido, dos veteranos da campanha do Paraguay...». E prosseguindo: — «Demais, pertenço a uma classe que é objecto do carinho e da especial sympathia de todos os povos em que ella tem existencia historica. Sou um marinheiro!... E é-me grato reconhecer que em minha mediocre pessoa, no meu apoucado nome, quizestes render preito á Armada Nacional em cujo ról figuro ha meio seculo!».

Para corroborar a minha afirmação, lembro a circunstancia de haver elle, perante o cenaculo, confessado ignorar a vida e a obra do seu predecessor, destoando das praxes academicas ao se excusar de tecer o elogio de Teixeira de Mello. Não era admissivel semelhante desistencia, porque facil seria ao al-

mirante lêr parte das obras do antecessor e compulsar os livros que delle se occuparam. Preferiu, porém, render-se ao culto do egotismo, esboçando a sua autobiographia, porque nunca admittiu que *le moi fosse haïssable*. Teve o mau gosto de bordar o proprio panegyrico, embora não lhe escasseiasse a cultura indispensavel para conceber o discurso sob molde diverso.

Elle havia lido Lamartine, Castilho e Alvares de Azevedo na adolescencia ; narrou episodios da Illiada, quando descreveu as batalhas do Paraguay ; conhecia os principaes classicos da litteratura universal e a geração romantica no Brasil e era muido versado em historia.

Affonso Arinos confessou os intuitos da Academia e soube compôr um discurso de recepção muito a caracter para o sucessor de Teixeira de Mello.

Refere-se José Verissimo ao periodo em que se reuniam os nossos homens de letras nas palestras da «Revista Brasileira» e narra a impressão que lhe causou o Almirante Jaceguay : “Conversador dos mais agradaveis, variado, interessante, cheio de espirito e intelligencia, conhecendo não só o navio e a marinha, mas o gabinete de estudo, os salões, os livros, a poesia e as artes : um marinheiro forrado de um intellectual, um soldado homem de sociedade e homem de cultura, com uma vasta erudição technica e geral, sabendo nas suas minucias a historia naval do mundo...”

Durou sete annos a sua permanencia na Academia, onde a sua figura se manteve apagada, em penumbra discreta, sem que houvesse ensejo de justificar o criterio dos seus eleitores, como se tivesse vida artificial em estufa.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A carreira de um marujo — Patriotismo e glorias -- Depois de consagrado heróe — De aspirante a almirante — O dever do momento — Historia naval brasileira — O technico — Sua eleição para a Academia — Ultima phase — Jaceguay perante a classe e fóra do seu meio.



GOULART DE ANDRADE

Successor de Arthur Jaceguay na cadeira n. 6. — Nasceu em Jaraguá, porto de Maceió, no Estado de Alagoas, a 6 de abril de 1881. Foi eleito para a Academia a 22 de maio de 1915, por 21 votos, contra 9 conferidos ao príncipe D. Luiz de Orléans-Bragança, e tomou posse a 1 de outubro de 1916, sendo recebido por Alberto de Oliveira.

GOULART DE ANDRADE

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — POESIAS, 1.a serie (Livro bom — Livro prohibido — Livro intimo), 162 pags. — Rio, H. Garnier, 1907.
- * 2 — THEATRO, 1.a serie (Depois da morte — Renuncia — Sonata ao luar — Jesus), 169 pags. — Rio, H. Garnier, 1909.
- * 3 — THEATRO, 2.a serie (Os Inconfidentes, peça 4.a), 133 pags. — Rio, H. Garnier, 1910.
- * 4 — POESIA, 2.a serie (Nevoas e flamas), 84 pags. — Rio, H. Garnier, 1911.
- * 5 — ASSUMPÇÃO, romance (1º milheiro) — 244 pags. — Rio, Francisco Alves & Cia., 1913, (publicado antes no «Correio da Manhã», do Rio). (1),
- * 6 — NUMA NUVEM, fantasia romantica em 2 episodios, 77 pags. — Rio, Jacintho Silva.
- * 7 — A GLORIA DE D. RAMIRO, traducção do romance de Enrique Larreta — 421 pags. — Rio, Livraria Francisco Alves, 1914.
- * 8 — DISCURSO PRONUNCIADO NO CENTRO ALAGOANO — Primeiro centenario da Emancipação politica de Alagoas, folheto de 42 paginas.—Rio, typ. Veritas, 1917.

(1) Ha, inedita, uma peça com o mesmo título, representada pela companhia da actriz Italia Fausta.

Conserva ineditas algumas conferencia litterarias de fino lavor, como «Balladas e vilancetes», «Mestre Valentim», «Gil Vicente», o estudo sobre Casimiro de Abreu e outros mais. Traçou o perfil de Arthur Jaceguay, no discurso de recepção da Academia, além de outras producções litterarias. Tem colaborado assiduamente em «A Noite», do Rio, no «Correio Paulistano» e já escreveu no «Correio da Manhã» e na «Careta», revista illustrada do Rio.

O seu discurso sobre Jaceguay foi publicado pela «Revista Americana» (n. de novembro de 1916), (1) em cujo primeiro numero se encontra a poesia «A procellaria». No «Almanach Garnier», de 1909, appareceu pela primeira vez a poesia «Fandola das horas»; na «Revista da Academia», n. 14, foi publicada a conferencia sobre Casimiro de Abreu.

O seu retrato tem sido reproduzido em varias revistas illustradas.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — JOSÉ VERISSIMO — «Revista Americana», anno 3º, ns. 5-6, pag. 502.
- 2 — MARIO DE ALENCAR, idem, 2.a phase, tomo 1, fasc. 2, pag. 87.
- 3 — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia em 1915.
- 4 — ELYSIO DE CARVALHO — As modernas correntes estheticas na Litteratura Brasileira, pag. 153.
- 5 — ALBERTO DE OLIVEIRA — Discurso de recepção na Academia, n. de novembro de 1916, da «Revista Americana» e n. 18 da «Revista da Academia».

(1) Também foi publicado em o n. 18 da «Revista da Academia B. de Letras».

6 — GUSTAVO DE AGUILAR PANTOJA — Almanach Garnier (1908), pag. 203.

Sei que outros escreveram sobre o poeta alagoano: José Veríssimo («J. do Commercio»), Coelho Netto, Alcides Maya Arthur Azevedo, Victor Viana, João do Rio, Castro Menezes Pereira da Silva, etc.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Incrivel parece afirmar que as primeiras velleidades do poeta das «Nevoas e flamas» fossem refugadas, por denotarem carencia de vocação artistica. Pois foi o que sucedeua ao joven José Maria Goulart de Andrade, quando, aos 16 annos de idade, enviou ao irmão, destinados ao «Guttenberg» de Maceió, doze sonetos de sua lavra.

Havia logrado a publicação do primeiro — «Collo» — no jornal de Euzebio de Andrade, mas quando ensaiou o vôo mais ousado, outro irmão, Aristhêo de Andrade, o poeta do «Noivado», cortou-lhe as azas, aconselhando-o a tentar outra cousa, pois lhe faltava a intuição poetica indispensavel à sua pretenção.

Occorreu esse facto em 1897, primeiro anno de sua permanencia no Rio de Janeiro e de frequencia na Escola Naval.

Goulart de Andrade completou os estudos primarios em Maceió, sob os cuidados do professor Agnello Barbosa e, mais tarde, do tio Francisco de Barros Pimentel Goulart.

Ainda no seu estado natal, concluiu o curso preparatorio ou de humanidades, com assistencia do professor Adriano Augusto de Araujo Jorge e, aos 16 annos de idade, matriculou-se na Escola Naval, onde fez o denominado curso previo, de 3 annos, com excepção de uma cadeira.

Não se distinguiu como aspirante da marinha, mas sofreu alguma perseguição por haver sido hospede de Floriano Peixoto.

Abandonando a Escola da Ilha das Enxadas, empregou-se na Prefeitura Municipal, primeiro como auxiliar de escripta e mais tarde como ajudante extranumerario de engenheiro.

Nasceu em Jaraguá, porto de Maceió, a 6 de abril de 1881.

Seu pae, Manoel Cândido Rocha de Andrade, fôra official de marinha e, quando exercia o cargo de engenheiro de Obras publicas do Estado de Alagôas, casou-se com d. Leopoldina Pimentel Goulart de Andrade. Desse consorcio houve sete filhos varões, dos quaes tres vivos: Euzebio Francisco de Andrade, senador federal, jornalista e advogado; Joaquim Goulart de Andrade, director da Escola de Aprendizes Artifices de Alagôas, advogado e jornalista, e o poeta.

Casou-se o autor de «Assumpção», a 3 de outubro de 1906, com d. Luiza, filha do dr. Araujo Lima, e, depois de contrahir nupcias, obteve o diploma de engenheiro geographo pela Escola Polytechnica, do Rio, prevalecendo-se dos exames que prestára na Escola Naval.

Só lhe vieram duas filhas, Lecticia e Sylvia, desse matrimonio.

Goulart de Andrade trabalhou nas obras novas de reforço do abastecimento d'agua do Rio de Janeiro, sob a direcção do dr. Sampaio Corrêa, é engenheiro da Prefeitura Municipal, redactor dos debates da Camara dos Deputados e director do Gymnasio Pio Americano.

A sua obra litteraria é ainda restricta; mas o poeta tem outros volumes em preparo e a entrar no prélo: «Plenitude», poesias, 3.a serie; «Transfiguração», romance; «Discursos e conferencias»; «Redempção», romance; «S. Francisco de Assis». O seu ultimo livro, data de 1914 e elle tem mantido actividade litteraria, escrevendo na imprensa e cuidando de aumentar a sua producção de carácter definitivo.

Destacam-se tres feições no escriptor: a do poeta, que é a predominante, a do dramaturgo e a do romancista.

Goulart de Andrade reconstituiu a ballada classica do tempo de François Villon e Clément Marot, adoptando o molde de tres decimas e uma quintilha, em versos decasyllabos. Cultiva tambem, com rara felicidade, essa especie de ballada conhecida sob o nome de canto real, contendo cinco estrophes de onze versos e o offertario, esse imponente systema lyrico da versificação franceza, tão bem adaptado á poesia brasileira. E tambem rejuvenesceu o rondó, o rondel e o vilancete.

Foi o poeta das «Nevoas e flamas» classificado pela critica como parnasiano. E' indubitavel que elle participou do influxo de Banville, Prudhomme, Leconte de Lisle e outros, que determinaram o apuro da forma e a riqueza do verso, em Bilac, R. Corrêa, Alberto de Oliveira e os modernos poetas brasileiros. Mas, é esse o seu merito principal, Goulart de Andrade manteve uma feição propria e original, assimilando tambem a influencia dos symbolistas, bem como de varios poetas primazes, de matizes distintos, e conservando o lyrismo proprio e espontaneo, com adornos e atavios.

Manifesta preferencia pelos themas antigos: quadros historicos, descripções architectonicas e assumptos medievais, quando se afasta dos ternos cantos de amor ou de lyrismo suave que interpreta a alma humana. E nessa feição caracteristica dos meridionaes, perpassa um sopro ardente de sensualismo, impregnando as suas imagens de um perfume capitoso e inebriante que nos incute a illusão da mocidade eterna.

Como exemplos, destaco «Ascenção perigosa», «Esteril não serás», «Soror Clara» e muitas outras dos douos volumes de versos.

O feitio de parnasiano se manifesta em «Ouro», «Forte abandonado» e quasi todas dos livros; o sainete symbolista se

divisa em «A Gloria», «Luar», para somente citar as mais accentuadas. Mas confesso a minha predilecção pela reconstituição das fórmas antigas, das balladas e dos cantos reaes, tão bem acclimados na poesia brasileira.

No genero theatro, Goulart de Andrade, continua a ser o poeta estimado entre os contemporaneos, apreciado pelos intellectuaes, sempre espontaneo, imaginoso, sem as preoccupações da technica da litteratura dramatica.

Seja em «Depois da morte» e, principalmente, em «Renuncia» e «Sonata ao luar»; seja em «Jesus» ou em «Os inconfidentes» e, mais frisante, em «Numa Nuvem», resaltam a inspiração do poeta, o estro dos talentos privilegiados, o lyrismo imaginoso e ductil, como qualidades predominantes. Do consorcio da poesia com o drama, sobrepuja o elemento femino, governando o esposo, com a primazia da intellectualidade e da indole.

As peças de Goulart de Andrade adquirem realce na leitura e exigem bons actores dramaticos, para que se não ofusquem á luz da ribalta.

Não desejo que se estiole a faculdade do poeta em produzir dramas em verso; julgo que se lhe deve estimular a pertinacia, afim de realçar um genero quasi abandonado em a nossa litteratura. O viço do seu talento de escôl, a estheticâ de aprimorado artista e, sobretudo, a sua capacidade imaginativa, podem suprir a carencia de vocação.

O mesmo phenomeno se tem observado em muitos autores dramaticos que externam de preferencia os requisitos de poeta, quando se iniciam em composições theatraes. E' o caso, entre varios, de Victor Hugo, Banville, Gautier, Catulle Mendés, D'Annunzio e mesmo de Ed. Rostand e Zamacoïs. Como elles, Goulart de Andrade muitas vezes prejudica o effeito theatral, a intensidade dramatica, pela exuberancia de expressão poe-

tica, amplificação das imagens e das ideias, vigor das antitheses e das comparações, abundancia de sentimentalidade e predicados excessivos de poeta inspirado.

A fórmula prejudica a emoção, a fluencia do verso e os efeitos de sonoridade encobrem os pensamentos e o carácter dos personagens.

A feição do romancista, esboçada em «Assumpção» e agora continuada nos romances ineditos, veio-lhe de um capricho ou quiçá lhe foi provocada. Percebe-se a narrativa de um caso pessoal, atravez das paginas do romance.

O poeta Sylvio, no lar, fascinado pelo brilho intellectual, fulgor de seducción, deixa-se attrahir pelo fóco luminoso, como incauta mariposa que busca a morte na chamma. E todo o romance desenvolve-se, accentuando a lucta entre o dever conjugal, o apego á companheira de longos annos de vida em commun, a amizade á esposa virtuosa e dedicada, e uma esphinge diabolica, mixto de volupia e de encantos, a desenvolver uma força hypnotica de sedução.

E ainda uma vez a fortaleza do sexo de Adão, é derrocada pela astucia de Eva; a força indomavel de Sansão se abate perante o dominio das caricias de Dalila.

Eis o thema do romance «Assumpção» que requeria o Bourget do tempo de «Un crime d'amour» ou a subtileza de Marcel Prevost, para melhor accentuar o temperamento de Martha.

A delicadeza do poeta das «Nevoas e flamas», não se coaduna com a função de escalpello moral capaz de desvendar os mysterios da alma feminina, quando a intelligencia arguta, a vibratilidade de um systema nervoso e o cultivo do cerebro conseguem disfarçar sentimentos e simular attitudes.

O romance de Goulart de Andrade, offerece ao leitor muitas paginas de bello estylo descriptivo, mas não lhe empresta a

emoção exigida, que talvez o autor a sentisse com sinceridade, sem que a pudesse transmittir.

Ainda uma vez sente-se a falta de adaptação do artista, ávido de patentear o seu talento pujante, esquecendo-se de haver adquirido individualidade litteraria no dominio da poesia.

Não deve permitir que se lhe evolem da memoria as palavras proferidas por Alberto de Oliveira, no discurso com que o acolheu na Academia.

«O escriptor em vós, sr. Goulart de Andrade, é primacial e essencialmente o poeta. Outras partes se louvam em vossa penna, desde a de autor de composições theatraes ás do chronicista e romancista, as quaes todas vos têm propiciado occasião a vos revelardes verdadeiro homem de letras. Aquella, porém, a de poeta, a qualidade, apollinea por excellencia, é o titulo mais bello, o vosso mais alto pregão de escriptor».

«Ao Sol não é preciso o conduzam ao meio do céu para que o vejam todos em sua luz».

Tambem dos seus livros escriptos em verso, inclusive as peças theatraes, não se faz mistér transcrever excerptos demonstrativos do valor que assume Goulart de Andrade na poesia brasileira.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Notas biographicas — A estreia do poeta — O caracter da poesia de Goulart de Andrade — A sua predilecção para a literatura dramatica — Conflicto entre o poeta e o dramaturgo — O romancista — A sua esthetica — Como orienta o seu futuro.



CASTRO ALVES

Patrono da cadeira n. 7 — Nasceu em Curralinho (comarca de Cachoeira) na fazenda das Cabaceiras, no Estado da Bahia, a 14 de Março de 1847 e faleceu em S. Salvador a 6 de Julho de 1871, sendo enterrado no cemiterio do Campo Santo.

C A S T R O A L V E S

BIBLIOGRAPHIA

- 1 — GONZAGA OU A REVOLUÇÃO DE MINAS — drama em 4 actos, representado pela 1.^a vez no Theatro S. João, da Bahia, a 7 de setembro de 1867 — 88 pags. — Rio, Typ. da Escola de Serafim José Alves.
- * 2 — ESPUMAS FLUCTUANTES — poesias — 259 pags. — prefacio de Franklin Tavora — Rio, H. Garnier (nova edição) 1901 — A 1.^a edição é de 1870.
- * 3 — A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO — poema — 1.^a edição — 122 pags. — Bahia, Imprensa Economica — 1876.
- 4 — FRAGMENTOS DOS ESCRAVOS, sob o titulo de *Manuscripto de Stenio* — Bahia, 1876.
- 5 — ESCRAVOS, poema brasileiro — precedido da biographia por Mucio Teixeira — Rio, Serafim José Alves — 1883.
- 6 — NAVIO NEGREIRO, tragedia no mar — opusculo — Sahiu antes na «Illustração Brasileira».
- 7 — VOZES D'AFRICA E O NAVIO NEGREIRO — Rio, 1880.
- * 8 — A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO — (manuscripto de Stenio Gonzaga ou a revolução de Minas — Cartas ás senhoras bahianas), contendo as cartas de José de Alencar e Machado de Assis — 352 pags. — H. Garnier (nova edição).

- * 9 — POESIAS POSTHUMAS — prefacio de Homero Pires
122 pags., Bahia — Livraria Catilina.
- * 10 — CORRESPONDENCIA E CRITICA — Coordenaçā o pre-facio de Alfredo Mariano de Oliveira — 206 pags. — Li-vraria Editora H. Antunes & Cia. — Rio, 1920.

Sacramento indica os seguintes ineditos : *Calhau*, poema sobre um facto historico da Bahia ; *Don Juan*, drama ; *O Dia-blo-mundo de Espronceda*, traducçāo incluida nas «Poesias pos-thumas».

Escreveu nos seguintes jornaes : *Diario da Bahia* (1861), *Jornal do Recife* (1862), *A Primavera*, orgāo dos academicos de Recife (1863), *O Futuro* (1864), onde publicou uma aprecia-ção sobre as «Poesias» de Augusto de Mendonça, *Luz* (Reci-fe), *Estrella d'Alva*, (Bahia), *Ypiranga* (Sāo Paulo), *Independencia* (Sāo Paulo), *O Abolicionista*, etc. Foram publicados trabalhos seus em todas as selectas e anthologias e no *Alma-nach Garnier* de 1907 (duas poesias ineditas).

Ha varios retratos do poeta, occorrendo-me os que constam em «Vida e obra de Castro Alves», por Mucio Teixeira, na *Lyra Popular* e na *Littérature brésilienne*, de Victor Orban.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — RUY BARBOSA — Elogio a Castro Alves.
- 2 — JOAQUIM MANOEL DE MACEDO — Supplemento do An-no biographico, pag. 59.
- 3 — TEIXEIRA DE MELLO — Ephemerides nacionaes, pa-gina 9, vol. II.
- 4 — JOAQUIM NABUCO — Castro Alves, artigos publicados na *Reforma*, Rio, 1873.

5 — AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES — Biographia na *Gazeta Litteraria*, do Rio, ns. de 15 de outubro e 1 de dezembro de 1883.

6 — SYLVIO ROMERO — Historia da Litteratura Brasileira, vol. 2.^o, pag. 587.

» » — Livro do Centenario, vol. 1.^o, pag. 80.

» » — Evolução do lyrismo brasileiro.

» » — Quadro synthetico da evolução dos generos.

» » — e João Ribeiro — Compendio da Litteratura Brasileira, pg. 242.

7 — SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.

8 — JOSÉ VERISSIMO — Estudos de litteratura brasileira, vol. 2.^o, pag. 147.

» » — Estudos brasileiros, vol. 1.^o, pag. 183

» » — Historia da Litteratura Brasileira, pag. 329.

9 — JOSÉ DE ALENCAR — Carta em Cachoeira de Paulo Affonso e Litteratura pantagruelica — Os abestruzes no ovo e no espaço.

10 — MACHADO DE ASSIS — Idem, idem.

» » » — Critica, pag. 44.

11 — FRANKLIN TAVORA — Prefacio das Espumas fluctuantes.

12 — EUCLYDES DA CUNHA — Discurso (elogio). n. 4 da Revista da Academia Brasileira de Letras.

» » » — Castro Alves e o seu tempo, conferencia.

13 — XAVIER MARQUES — A vida de Castro Alves.

14 — LUCIO DE MENDONÇA — A Republica, do Rio, outubro de 1872.

- 15 — HOMERO PIRES — Prefacio das Poesias Posthumas.
» » — Castro Alves, poeta social.
- 16 — JULIO BARBUDA — Litteratura brasileira, pag. 369.
- 17 — MUCIO TEIXEIRA — Vida e obra de Castro Alves.
- 18 — AFRANIO PEIXOTO — Paixão e gloria de Castro Alves, na Revista do Brasil n. 23 e Poeira da estrada, pag. 197.
- 19 — GUILHERME BELLEGARDE — Subsidios litterarios, pagina 334.
- 20 — ALFREDO DE CARVALHO — Castro Alves em Pernambuco, 1905.
- 21 — PEDREIRA FRANCO — Castro Alves (Visita á casa onde nasceu o poeta) Bahia, 1890.
- 22 — ALVARO GUERRA — A mocidade Brasileira, pagina 59 e 63.
- 23 — VICTOR ORBAN — Littérature brésilienne, pag. 89.
- 24 — SPENCER VAMPRÉ — Castro Alves e seus amores — Panoplia (revista).
- 25 — EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 475.
- 26 — ALMACHIO DINIZ — Anthologia da lingua vernacula, pag. 367.
- 27 — RONALD DE CARVALHO — Pequena historia da literatura brasileira.
- 28 — JOSÉ OITICICA — Um ponto de litteratura brasileira («Jornal do Commercio»), de 25-12-1913).
- 29 — EUNAPIO DEIRÓ — Diario da Bahia.
- 30 — GUILHERME BELLEGARDE — Conferencia, 32 pags. 1881.
- 31 — ALEXANDRE HERCULANO LADISLAU — Esboço biografico de Castro Alves.
- 32 — A. MARIANO DE OLIVEIRA — Correspondencia e critica, Em 1881 o Gremio Litterario Castro Alves publicou um livro em homenagem ao poeta, no qual escreveram 53 homens de letras.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Poeta da Justiça e da verdade pôde ser assim appellidado o joven que se devotou á redenção da raça captiva, que dirigiu um olhar de compaixão ao povo sem patria, repellido de todos por um estigma de herança, que se compadeceu da miseria humana, que defendeu opprimidos e vencidos e apaixonou-se pelas idéas elevadas e os sentimentos nobres.

«O que faz a sua grandeza, são essas qualidades, superiores a todas as escolas, que, em todos os estados da civilisação, constituiram e hão de constituir, o poeta, aquelle que, como o pae da tragedia grega, possa dedicar as suas obras «ao Tempo»: sentiu a natureza; teve a inspiração universal e humana; encarnou artisticamente nos seus cantos o grande pensamento da sua época». Foram essas palavras proferidas pelo grande Ruy Barbosa, quando teceu o elogio de Castro Alves, por occasião do decennario de seu falecimento.

Possue a obra do artista todas as cambiantes, desde o lyrismo terno e suave aos hymnos entoados á Natureza, do amor subjectivo e sublime aos inspirados arroubos épicos do poeta social e humanista. A sua lyra chora a desgraça dos afflictos e a triste sorte dos necessitados e vibra sonora quando canta os sentimentos da alma e descreve as scenas da natureza tropical do nosso Brasil.

Como Victor Hugo, o poderoso genio da palavra, elle sonha a liberdade dos povos, aspira o progresso social, vaticina a grandeza da America, pugna pela abolição do captiveiro, em antitheses arrojadas, versos heroicos, tropos de eloquencia e imagens de enlevo.

A obra de Castro Alves é sufficientemente conhecida no Brasil; excuso-me, portanto, de definil-a com mais detalhe. E'

diffíbil, aliás, a tarefa de enquadrar esse vulto nos estreitos limites dos escorços ligeiros que traço para a «Revista do Brasil», como se verifica em relação a muitos outros escriptores.

Vejamos o resumo da sua biographia, e terei ensejo de fazer referencias ás producções do notável poeta bahiano.

Era filho legitimo do Dr. Augusto José Alves, lente da Faculdade de Medicina da Bahia, e de D. Clelia Brasilia da Silva Castro. Nasceu na fazenda das Cabeceiras, proxima a Curralinhos, na comarca da Cachoeira.

Com 7 annos de idade, acompanhou a familia que fixou residencia na capital da Província da Bahia, onde seu pae foi exercer o magisterio.

Obteve matricula, com seu irmão José, no collegio Sebrão, em 1856, e ahi se distinguiu pela precocidade do talento.

Dous annos depois foi transferido, como semi-pensionista e mais tarde interno, para o Gymnasio Bahiano onde manifestou aptidão para pintura e escreveu os primeiros versos, com a idade de 12 annos.

Em 1860, o director do collegio, o conhecido educador Dr. Abilio Cesar Borges (Barão de Macahubas) publicou, contra a vontade paterna, os primeiros versos no folheto «Poesias e allocuções» (recitados nos outeiros ou festas litterarias e patrióticas, havidas no Gymnasio da Bahia, a 2 de julho e 7 de setembro de 1860).

Transferiu-se para Recife, com o intuito de concluir os exames preparatorios e matriculou-se na Faculdade de Direito em 1862, juntamente com o seu irmão José, tambem apreciado poeta. Continuou a escrever poesias e dedicou-se ao genero de caricaturas.

Só dous annos depois, logrou a matricula no curso jurídico e tornou-se conhecido, escrevendo chronicas litterarias e thea-

traes, e recitando em publico as suas producções poeticas ; captou a amizade de Tobias Barreto.

A attracção pela vida litteraria, a antipathia de um lente e, principalmente, a paixão que lhe inspirou a actriz Eugenia Camara, da companhia Furtado Coelho, foram a causa de haver sido aprovado simplesmente nas materias do 1.º anno do curso academico.

Não se conformou com a nota inferior ao seu merito e repetiu o anno, sempre a publicar e recitar poesias e a improvisar discursos de incentivo aos voluntarios que seguiam para defender a Patria na campanha do Paraguay.

Acclamado o primeiro poeta da academia, teve de sustentar lucta porfiada com Tobias Barreto que, além de adversario, lhe votou inimizade e constituiu um grupo de admiradores da actriz Adelaide do Amaral, contra os que applaudiam Eugenia Camara, em torno de Castro Alves.

Verificaram-se, então, os desafios e os improviso no Theatro, com a superioridade do poeta bahiano, apesar de só contar 18 annos de idade.

Em 1866, quando cursava o segundo anno, continuou accessa a lucta partidaria que se deslocou dos camarotes do Theatro S. Isabel para as columnas da imprensa : o poeta bahiano na *Luz* e o sergipano na *Revista Litteraria*.

Ausentando-se a companhia Furtado Coelho de Recife, permaneceu em companhia do poeta a actriz preferida que foi morar com elle na casinha de Barro, pitoresco arrabalde da capital de Pernambuco.

Em Recife escreveu a melhor parte de sua obra : quasi todo o poema dos «Escravos», da «Cachoeira de Paulo Affonso», o drama «Gonzaga» e muitas poesias avulsas enumeradas por Sylvio Romero, na «Historia da Litteratura Brasileira».

Sobre os seus amores e incidentes da vida academica, recomendo a leitura da bella conferencia de Afranio Peixoto «Paixão e gloria de Castro Alves» — e as biographias completas elaboradas por Xavier Marques e Mucio Teixeira.

A influencia de Eugenia Camara foi perniciosa ao poeta embora lhe emprestasse inspiração para grande parte das suas poesias lyricas; absorveu-o completamente, a ponto de determinar a interrupção dos estudos quando Castro Alves voltou à Bahia (1867), em companhia da amante, vivendo ostensivamente com ella. Na terra natal fez representar o seu drama «Gonzaga», no Theatro São João, a 7 de setembro do mesmo anno, recebendo a maior das consagrações, coroado em scena aberta e conduzido em triumpho ao hotel onde os seus admiradores lhe offereceram um banquete.

Durante a sua permanencia na Bahia, compoz muitas poesias, recitou no Gremio Litterario, no Theatro São João e recebeu as homenagens a que faziam jus os seus successos em Recife.

No anno immediato (1868) dirigiu-se ao Rio de Janeiro, com destino a São Paulo, levando a felizada actriz. Ahi foi recebido com honras pelo mundo litterario e pela imprensa.

Obteve a consagração de José de Alencar, Machado de Assis, Pinheiro Guimarães, Francisco Octaviano, Quintino Bocayuva, Joaquim Serra, Fagundes Varella, Augusto Emilio Zaluar, Rozendo Muniz, Salvador de Mendonça, Cesar Muzzio, Ferreira de Menezes e muitos outros homens de letras a quem leu o drama representado na Bahia.

Matriculou-se no 3.^º anno da Faculdade de S. Paulo e teve a mais carinhosa recepção por parte da mocidade academica e da imprensa. Recitou em saraus litterarios e mereceu, depois dos triumphos, a consagração de primeiro poeta brasileiro de seu tempo.

Approvado plenamente nas cadeiras do 3.^º anno, matriculou-se no immediato e separou-se da actriz que o esqueceu deixando-o taciturno e contemplativo.

Em um dos passeios campestres na Consolação, attrahido pelo prazer da caçada; disparou casualmente a espingarda no calcanhar, produzindo um ferimento grave.

Teve de ir ao Rio, afim de ser operado pelo Dr. Matheus de Andrade e foi-lhe amputado o pé ferido.

Sobrevieram-lhe os primeiros symptomas da tuberculose pulmonar e, em novembro de 1869, regressou á Bahia onde se occupou em organizar o seu livro de versos «Espumas fluctuantes».

Permaneceu em companhia da familia até fevereiro de 1870 e procurou o clima do interior, na fazenda de Santa Isabel (Currelinho). Conseguiu melhoras sensiveis e continuou a escrever, no afan de augmentar a sua producção litteraria. Regressou no mez de setembro á Capital, onde ainda brilhou e recebeu muitas homenagens do publico e dos litteratos. Appareceu, então, o volume das «Espumas fluctuantes» cujo successo foi geral, de sul a norte.

Novas conquistas amorosas, alcançou, pois o joven poeta era disputado pelas filhas de Eva e invejado pelos rapazes.

A ultima vez que sahiu de casa, foi para recitar a poesia, «No meeting do Comité du Pain», no theatro, a pedido da colonia franceza. Teve uma ovação delirante e sentiu-se peior, sem poder subir a escada de sua casa.

Continuou a trabalhar, presentindo a morte proxima e lamentando não viver mais dois annos para completar a obra e limar as poesias que escrevera. Publicou a «Carta ás senhoras bahianas», em prol dos captivos e no dia 15 de junho escreveu os ultimos versos «Gesso e bronze», ainda inéditos.

Na vespera da morte, quando secou meia-noite, disse: — Ainda mais um dia de sofrimento! — E falleceu, com 24 annos de idade, ás 3 1/2 horas da tarde do dia 6 de julho de 1871, cercado dos seus entes caros. No dia seguinte foi sepultado no cemiterio do Campo Santo, sendo o feretro acompanhado de immenso cortejo funebre. A' beira do tumulo o Dr. Rozendo Muniz proferiu um discurso e João Brito recitou a poesia «Castro Alves».

A obra do poeta tem sido julgada com louvores por todos os criticos e muitos representantes da intellectualidade brasileira.

E' talvez o poeta preferido entre os romanticos, ao lado de Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella e Alvarés de Azevedo, o melhor representante da denominada escola condoreira.

As «Espumas fluctuantes» já tiveram 18 edições; a «Cachoeira de Paulo Affonso» logrou 7 edições com titulos diversos (Vid. Afranio Peixoto — «Poeira da estrada», nota da pag. 245).

O seu mestre favorito foi Victor Hugo e, entre os autores predilectos, contam-se Lamartine, Byron, Espronceda, Musset, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Fagundes Varella.

A melhor parte da sua obra é, incontestavelmente, a que lhe deu a classificação de poeta social: «As vozes d'Africa», «O navio negreiro», «Pedro Ivo», «O Livro e a America», «Dous de Julho», «Quem dá aos pobres empresta a Deus», etc.

As suas poesias abolitionistas, além das citadas, são: «canção do Africano», «Adeus, meu canto», «A orphã na sepultura», «A tragedia no lar», «A visão dos mortos», «A cruz da estrada» «O remorso», «Bandido negro», «A supplica», «O sybarita romano», «Mater dolorosa», «Ao romper d'alva», «A creança», «Confidencia», «America», «Antithese» e o drama «Gonzaga».

A influencia de Eugenia Camara se fez sentir em «*Dalila*», «*O vôo do genio*», «*A uma actriz*», «*Os tres amores*», «*Fatalidade*», «*O gondoleiro do amor*», «*Canção do bohemio*», «*Hymno ao somno*», «*Bôa noite*», «*O tonel das Danaides*», «*Immensis orbibus anguis*», «*E' tarde*», «*Adeus*», «*Anjos da meia-noite*», (em que a actriz é Fabiola), «*Uma pagina da escola realista*» e «*Onde estás?*».

Outras poesias compoz elle, inspirado nos amores que teve em Pernambuco, Bahia e São Paulo.

O condoreiro é emphatico, heroico e ás vezes épico e sublime; abusa de antitheses arrojadas e de imagens arrebadoras. Bastava o poema dos «*Escravos*», a sua feição predilecta, para lhe dar o renome que possue. Mas não se limitou a cantar a triste sina e os soffrimentos dos captivos; apreciou os destinos da Africa, condoue-se da França derrotada em 70, manifestou sympathia pelos filhos de Israel, foi compassivo para com os orphãos e os pobres. cantou o heroismo de Pedro Ivo, o martyrio de Lincoln e a acção de catechese dos jesuitas, defendeu a liberdade em todos os diapasões e aspirou a proclamação da republica no Brasil.

E' indispensavel a leitura do livro prestadio de Xavier Marques, «*Vida de Castro Alves*», além do conhecimento da obra poetica que nos legou o notavel bahiano, para se conhecer um dos melhores poetas que já teve o Brasil.

SUMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A infancia — O collegial — Primeiras manifestações poéticas — Periodo aureo no Recife — Na Bahia — Consagração no Rio de Janeiro — Successo em São Paulo — De regresso à terra natal — No sertão — Ultimo periodo — O poema dos

escravos — O poeta social e humorista — Os amores de Castro Alves — Poesia lyrica e discriptiva — Gonzaga ou A revolução de Minas — Espumas fluctuantes, A Cachoeira de Paulo Affonso e as Poesias Posthumas — A esthetica da obra.



VALENTIM MAGALHÃES

Fundador da cadeira n. 7. Nasceu no Rio de Janeiro, a 16 de janeiro de 1859 e faleceu a 17 de maio de 1903, na mesma cidade. Foi quem escolheu Castro Alves como patrono.

VALENTIM MAGALHÃES

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — IDEIAS DE MOÇO, ensaios (coll. com Silva Jardim), 67 pags., S. Paulo, Typ. Commercial — 1878.
- 2 — GENERAL OSORIO, verso e prosa, coll. com Silva Jardim, S. Paulo — 1879.
- * 3 — CANTOS E LUCTAS, poesias, 86 pags., S. Paulo, Typ. da Tribuna Liberal — 1879.
- * 4 — A VIDA DE SEU JUCA, poema comico (parodia à morte de D. João, de Guerra Junqueiro) — 296 pags., Rio, Typ. Seraphim José Alves, 1880, (coll. com Henrique de Magalhães.)
- * 5 — COLOMBO E NÊNÊ, poemeto, 43 pags., Rio, Typ. da Gazeta de Noticias, 1890, (publicado antes nesse jornal.)
- * 6 — QUADROS E CONTOS, contos, 225 pags. — S. Paulo, Typ. Dolivaes Nunes — 1882.
- * 7 — NOTAS A' MARGEM DOS ULTIMOS HARPEJOS — critica ao livro de versos de Sylvio Romero — 85 pags.. Rio, Typ. da Escola de Seraphim José Alves — 1884 (artigos escriptos antes na Gazeta de Noticias — 1883).
- * 8 — VINTE CONTOS — contos — 2.a edição (a 1.a, feita pela «A Semana», appareceu em 1886) — 283 pags., Laemert & C. — 1895.
- 9 — NOTAS A' MARGEM — opusculos quinzenaes de critica — 7 fasciculos — Rio, Typ. Moreira Maximino & C.

- e Typ. Carlos Gaspar da Silva, 1887-1888, (publicados antes na Gazeta de Notícias).
- * 10 — HORAS ALEGRES — contos e phantasias — 216 pags., Rio, Laemmert & C. — 1888.
 - * 11 — O ESCANDALO — pamphleto — (coll. com Lucio de Mendonça), ns. 1 a 5, 20, 16, 16, 16, 16 pags., Rio, Typ. J. Assis Climaco dos Reis, 1888, havendo tres edições.
 - * 12 — IGNACIA DO COUTO — comedia (parodia a D. Ignez de Castro), 87 pags., Rio, Laemmert & C. — 1889.
 - * 13 — ALBUM DA REPUBLICA — 3 numeros (biographias) — Rio, Laemmert & C. — 1890.
 - * 14 — NOTAS POLITICAS — pamphleto — n. 1-29 pags., Rio, Cia. Editora Fluminense — 1891.
 - * 15 — O GRAN GALEOTO — traducção em verso do drama de Echegaray (coll. com Filinto de Almeida) 2.a edição — 135 pags. — Rio, Laemmert & C. — 1896, representado pela 1.a vez no Theatro Recreio Dramatico, em 6-6-1884.
 - * 16 — ESCRIPTORES E ESCRIPTOS — critica — 2.a edição, 205 pags., Rio, Typ. Domingos de Magalhães — 1894.
 - * 17 — PHILOSOPHIA DE ALGIBEIRA -- (pseudonymo Marcos Valente) — 98 pags., Rio, Laemmert & C. — 1895.
 - * 18 — A LITTERATURA BRASILEIRA — critica — 300-VII pags., Lisboa, Livr. Antonio Maria Pereira — 1896.
 - * 19 — BRIC-À-BRAC — contos — 288 pags., Rio, Laemmert & C. — 1896.
 - * 20 — FLOR DE SANGUE — Romance — 384 pags., Rio, Laemmert & C. — 1897.
 - * 21 — O CONSELHEIRO — comedia vaudeville — 3 actos, 29 pags., Rio, Casa Mont'Alverne — 1897 (musica de Niccolino Milano).

- * 22 — DOUTORES — comedia em 8 actos — 91 pags., Rio, Casa Mont'Alverne, 1898 — representada no Theatro S. Pedro de Alcantara a 18-10-1898.
- * 23 — ALMA — contos (paginas intimas) — 154 pags., — Rio, Laemmert & C. — 1899.
- * 24 — RIMARIO — poesias — 243 pags., Paris, Aillaud & C. — 1900.
- * 25 — LICÇÕES DE PEDAGOGIA — 1.a parte — Psychologia — 51 pags., Rio, Typ. Laemmert & C. — 1900.
- * 26 — DISCURSO NA ESCOLA NORMAL — de pags. 83 a 115 — Rio, Typ. do Instituto Profissional — 1902.
- 27 — NO SEIO DA MORTE — trad. em verso do drama de D. José Echegaray (coll. Filinto de Almeida), representado no Theatro Recreio dramatico pela Cia. Dias Braga (inedito).
- 28 — UM CASAMENTO NULLO — comedia original em 3 actos (inedita).
- 29 — A VIDA NA ROÇA — comedia em 5 actos (em coll. com Alfredo de Souza) (inedita).
- 30 — O QUE NÃO SE PODE DIZER — trad. em prosa do drama, "Lo que no puede decir-se", de D. José Echegaray (em coll. com Filinto de Almeida), representada no Th. Recreio Dramatico, pela Cia. Dias Braga.
- 31 — AMOSTRA DE SOGRA — comedia em 1 acto (em coll. com Filinto de Almeida), representada no Th. Recreio Dramatico (inedita).
- 32 — O GATO MORREU — comedia (inedita).
- 33 — A MULHER HOMEM — revista comicophantastica dos acontecimentos de 1885 (em coll. com Filinto de Almeida) representada em 1896 no Theatro Sant'Anna, pela Cia. Jacintho Heller (inedita).

- 34 — ABOLINDEM-REPCOTCHIMDEGO' — revista dos acontecimentos do anno de 1886 (em coll. com Flinto de Almeida) representada em 1888 no Theatro Lucinda (inedita).
- 35 — O GRUDE — revista dos acontecimentos de 1890 (em coll. com Henrique de Magalhães) (inedita).
- 36 — O DR. RAMEAU — drama extrahido do romance de George Ohnet (em coll. com Henrique Magalhães) (inedita).
- 37 — A MOSCA AZUL — peça phantastica em 3 actos (musica de Abdon Milanez) coll. de Henrique Magalhães (inedita).
- 38 — O TAL SENHOR, comedia em 1 acto, imitada do francez (inedita).

Existe tambem uma *plaquette* publicada pela Typ. (Occidental, do Porto, em 1894, cuja edição constou de 50 exemplares. E' um poemeto dedicado á memoria de sua filha Valentina. Não consegui ainda um exemplar.

Euclides da Cunha refere-se a um opusculo — “Grito na tréva” — que não existe. Trata-se de um conto escripto de colaboração com Silva Jardim, o qua faz parte integrante das “Ideias de moço”.

Além das obras citadas, Valentim Magalhães deixou muitas outras ineditas e possue cabedal nas paginas dos jornaes em que collaborou, para augmentar de muito a sua bagagem litteraria. O seu filho primogenito deve incumbir-se dessa tarefa, enquanto vivem os amigos do pae. Sacramento Blake menciona: «O equilibrista», romance de costumes e «Novas poesias». O autor annunciou: «Na Brecha», perfis, criticas, opiniões; «Noções de Economia Politica»; «Fóra da Patria» (carteira de um viajante); «Educação Civica»; conferencias feitas no “Pedagogium”, de maio a outubro de 1896. Raymundo Corrêa citou: «Novos contos», «Outomno», romance incabado; «Dudú», historia de uma alma.

Elle redigiu, durante a phase academica, «Entre-acto», publicação periodica, de parceria com Ezequiel Freire (S. Paulo, 1881); «A comedia», publicação diaria, juntamente com Silva Jardim, G. J. Pinto Pacca, Ad. Carneiro de Almeida Maia e Eduardo Prado (S. Paulo, 1881). «O bohemio», com Raymundo Corrêa e antes com Eduardo Prado. Collaborou no «Amolador», jornal humoristico de S. Paulo, de Gaspar Alves Meira; antes, em 1877, quando se matriculou na Faculdade de Direito foi eleito pelos collegas redactor do «Labarum», juntamente com Eduardo Prado, e da «Revista de Direito e Letras»; escrevia folhetins no «Republica», orgão do Club Republicano, mantido por Manhães de Campos e Lucio de Mendonça.

Escreveu tambem, emqnanto estudante, artigos e folhetins na «Provincia de S. Paulo», no «Correio Paulistano», na «Tribuna Liberal», na «Evolução», com Julio de Castilho e Assis Brasil, na «Gazeta de Noticia», do Rio, cujos redactores o convidaram por telegramma a collaborar na folha carioca onde escreveu «Colombo e Nênê» e o conto «O exquisitão» (22-11-1880).

Depois de formado, collaborou na «Gazeta de Notícias (1883), fundou «A Semana» (1885), escreveu em «O Paiz», no «Jornal do Commercio», em «A Noticia», no «Globo», na «Gazeta da Tarde», na «Tribuna», na «Rua do Ouvidor» e em quasi todos os jornaes da época. Em 1893 reappareceu a «Semana», com o auxilio de Max Fleiuss.

Escreveu ainda na «Revista Brasileira» (2.a phâse): *Camões*, poesia, 4.^º vol., pag. 452; *sons de magoa*, poesias, 5.^º vol., pag. 237; *O vigario*, poesia, 7.^º vol., pag. 67; (3.a phase, de José Verissimo): *Prefacio a um livro de versos*, tomo 8.^º, pags. 351; na «Gazetinha», de Arthur Azevedo, no «Almanach das Senhoras», de Lisboa, onde publicou a traducção da *Canção do exílio*, de François Coppée (1882); na «Mala da Europa».

Encontra-se o seu retrato em «Rimario», Litteratura Bra-

sileira, *Littérature brésilienne*, de V. Orban, *Lyra Popular*, *Almanach Garnier*, de 1905, *A Rua do Ouvidor* (31-1-1903) *Almanach Popular Brasileiro* e em muitas outras publicações.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — EUCLIDES DA CUNHA — Discurso, elogio na Academia Brasileira de Letras, n. 4, da Revista da Academia.
- 2 -- SYLVIO ROMERO — Valentim Magalhães (opusculo).
- » » — Novos estudos de litteratura contemporanea.
- » » — A litteratura brasileira (Revista Brasileira, tomo XII, pag. 251).
- 3 — JOSE' VERRISSIMO — Estudos de litteratura brasileira, vol. I, pag. 107 e vol. III.
- » » — Revista Brasileira (3.a phase) vol. IV, pag. 320.
- 4 — COELHO NETTO — A bico de penna, pag. 329.
- 5 — RAYMUNDO CORRÊA — Valentim Magalhães (*Almanach Popular Brasileiro*).
- » » — Flôr de Sangue (dous artigos em «O Paiz», 1897).
- 6 — EZEQUIEL FREIRE — Livro postumo, pag. 254.
- 7 — SILVA RAMOS — Bric-à-brac (Revista Brasileira, 3.a phase, vol. 7.o, pag. 187).
- 8 — TEIXEIRA BASTOS — Poetas brasileiros, pags. 41 e 51.
- 9 — ALVARO GUERRA — Palestras com a moeidade, pags. 95 e 99.
- 10 — SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.
- 11 — VICTOR ORBAN — *Littérature brésilienne*, pag. 144.
- 12 — EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 432.
- 13 — MAX FLEIUS — A Semana (folheto).

- 14 — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 15 — FILINTO DE ALMEIDA — A Semana, vol. 2.o, pag. 341.
- 16 — LUCIO DE MENDONÇA — O Album, pag. 257.
- 17 — MONTEIRO RAMALHO — O Occidente, 10-9-1901.
- 18 — MEDEIROS E ALBUQUERQUE — A Noticia.
- 19 — M. BOTELHO — Revista Moderna, vol. II, pag. 666.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Valentim Magalhães constitue, no meio litterario do Brasil, nm caso singular. Escreveu muito; manteve-se na arena durante 25 annos, em labor activo e incessante; empunhou o bastão de commando dos *novos*; doutrinou em assumptos litterarios; mas não nos legou obra compativel com o seu merito e o talento de que era dotado. A sua bagagem é extremamente leve; é superficial o valor do acervo de livros e opusculos que escreveu.

Explica-se esse phenomeno pelo seu temperamento nervoso e irriquo, a volubilidade de sua vocação e instabilidade dos planos formulados. O escriptor disseminou a sua prodigiosa actividade por todos os generos litterarios, desperdiçou consideravel parcella de energia na vida do jornalismo, não conseguindo methodizar a leitura nem ponderar as ideias. Foi escrevendo a esmo, numa ancia de producção febril e amontoou rumas de livros e resmas de papel, sem que deixasse uma unica obra representativa da sua intelligencia robusta.

A causa do seu renome reside na assiduidade com que escrevia nos jornaes, fazendo-se sempre lembrado dos leitores no espirito combativo que revelou em varias campanhas, como nas polemicas com Sylvio Romero, Carlos de Laet e Ferreira de Araujo, e na lucta sustentada entre «A Semana» e «A Vida

Moderna», de Luiz Murat. Cooperou, na formação de sua gloria ephemera, a sua attitude de critico adventicio, surgindo inesperadamente na «Gazeta de Noticias» e continuando o tirocinio na apreciação perfunctoria da obra alheia, nas paginas d'«A Semana» e d'«A Noticia», além do espirito de iniciativa, propenso sempre a causas sympatheticas, devotado a themes liberaes e generosas ideias.

Embora semeiasse odios e malquerenças entre os representantes do romantismo decadente, entre alguns contemporaneos e principalmente no seio da geração nova, elle grangeou muitos amigos, varios por temor e muitos conquistados pela sua alma affectiva, impregnada de bondade, e seu coração palpitante de devotamento.

Valentim Magalhães foi um polygrapho, na verdadeira accepção do vocabulo; dedicou-se a todos os generos litterarios e ainda dispoz de tempo para cuidar da carreira commercial, exercer a profissão de advogado e até encontrou lazer para aspirações politicas. Escreveu poesias, contos, artigos de critica litteraria, pamphletos politicos e biographicos, peças theatraes, romance, chronicas, e dispersiva contribuição jornalistica, philosophia, pedagogia e sciencia social.

Como poeta, deixou os seguintes livros: «Ideias de moço», livro mixto de prosa e verso em que Silva Jardim escreveu os ensaios criticos, e collaborou no conto phantastico, «Um grito na tréva», ao sabor dos que constituem «A noite na taverna», de Alvares de Azevedo. A parte dos versos, dos 18 aos 19 annos de idade, pertence a Valentim Magalhães que já se inspirava em Victor Hugo e ensaiava a reacção contra os romanticos.

No mesmo anno de 1878, com o mesmo collega Silva Jardim, escreveu «General Osorio», folheto publicado no anno imediato, contendo um poemeto elegiaco de sua lavra. Succedeu-lhe, sem interrupção, o livro «Cantos e luctas», publicado a

expensas do collega Assis Brasil e ao mesmo dedicado. Accentuam-se o caracter humanista dos themes sociaes e a feição reaccionaria do joven, inspirado no autor de «Les Chatiments» e de «Légendes des siècles», em Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, Castro Alves, Gomes Leal e Guilherme de Azevedo, sonhando a liberdade, o advento da republica e combatendo preconceitos religiosos. Nota-se o lyrismo incipiente e o ensaio da poesia objectiva.

Em 1880 appareceram douos livros subordinados a outro feitio: «A vida de seu Juca», poema comic parodiando «A morte de D. João», de Guerra Junqueiro, com o concurso de seu irmão Henrique de Magalhães, e «Colombo e Nênen». E' a primeira manifestaçao do estylo faceto do escriptor que tanto contribuiu para amenizar a leitura dos jornaes. Não se observa a caracteristica do humorismo nem mesmo da satyra; o sabor é accentuadamente propenso á chalaça, com algum espirito e certa dôse de facecia. O poemeto «Colombo e Nênen», sobrepuja o antecedente, em graça e delicadeza.

O melhor repertorio de versos do autor, por onde se pode julgar o poeta, é a collectanea «Rimario», que abrange a produçao escolhida desde 1878 até 1899.

Ha nesse livro versos de valor, inspirados, e de forma atrahente e correcta. O processo do poeta subordina-se á simplicidade, seja nos versos lyricos ou nos descriptivos, seja nos heroicos ou nos facetos.

Destacam-se varios sonetos e poesias recommendaveis nas quatro partes em que se divide o livro: «Tabernaculo», «Rimas do amor», «Rimas heroicas» e «Toda a gamma».

«Rimario» e «Vinte contos» são as melhores producções de Valentim Magalhães.

Os seus contos foram enfeixados nos volumes «Quadros e

contos», «Vinte contos», «Horas alegres», «Bric-à-brac» e «Alma» (paginas íntimas).

São na maioria despretenciosos, ligeiros, escriptos em linguagem simples e correcta, com as cambiantes necessarias a exprimir as ideias do autor, descrever o meio, ou definir personagens. Entra elles ha alguns com intensidade dramatica, como «O enforcado» dos »Quadros e cantos», mas a nota predominante é a comica, mixto de humorismo e de graça. Neste livro, o primeiro publicado, foi incluido o conto «O exquisitão», que havia sahido na «Gazeta de Noticias», segundo a citação erronea de Sacramento Blacke, com as proporções de um romance,

Em «Vinte contos», aprimoram-se as qualidades do *conteur*, sempre adstricto ao seu processo : — a simplicidade na linguagem, em narrar episodios e descrever scenas e paisagens, typos e caracteres. Ha no volume, contos apreciaveis, como «Trinta annos depois», entre outros.

As «Horas Alegres» compõem-se de phantasias comicas, criticas de costumes, e chistosos contos academicos. E' o mais fraco dos cinco livros do genero preferido.

«Bric-à-brac», define o caracter da obra do escriptor, variado e volvel, superficial e espirituoso, mas deixando transpirar talento, como em todas as producções do poeta, que se deixou transtornar pelo vicio do jornalismo. Foram o jornal e o temperamento irrequieto e sofrego de Valentim Magalhães que lhe prejudicaram o valor da obra.

«Alma» reflecte as qualidades affectivas do homem; é um livro intimo, inteiramente devotado á familia.

A parte da critica litteraria, além da que ficou olvidada nas paginas dos jornaes, principalmente de «A Noticia», encerra-se em : «Notas á margem», «Notas á margem dos Ultimos Harpejos», critica acerba a Sylvio Romero poeta, «Escriptores e escriptos» e «Litteratura brasileira», livro de divulgação das

nossas letras em Portugal, pois reune as conferencias que realizou quando esteve em Lisboa.

Nas suas criticas de mera apreciação de qualidade e defeitos dos livros lidos, Valentim Magalhães revelou bom gosto e sempre manifestou severidade, pelo que foi temido pelos estreiantes.

Deixou publicado «O escandalo», pamphleto de critica litteraria e artistica, de politica e de costumes, em collaboração com Lucio de Mendonça; «Notas politicas», apreciação dos actos do governo provisorio: «Album da Republica», tres numeros, contendo as biographias de Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant e Ruy Barbosa.

Na litteratura theatrical — sem me referir ás peças ineditas que constam da bibliographia, umas originaes, outras traduzidas e algumas em collaboração com Filinto de Almeida, Alfredo de Souza e Henrique de Magalhães — ha a citar: «Ignacia do Couto», parodia, em 3 actos, à tragedia D. Ignez de Castro, em versos soltos, com o auxilio de Alfredo de Souza; «Doutores», comedie em 3 actos, representada no Theatro S. Pedro de Alcantara, por iniciativa do Centro Artistico; «O Conselheiro», peça de costumes nacionaes, com musica de Nicolino Milano, representada no Theatro Recreio Dramatico, em 22-5-1897; e a bella traducção em verso do drama «El gran galeoto», exhibida no palco do Theatro Recreio Dramatico a 6-6-1884.

Não se distinguiu no theatro, ficando até nós como poeta e *conteur*.

Infeliz foi a sua estreia no romance, com a edição de «Flôr de sangue», livro por todos atacado e que só encontrou a amizade de Raymundo Corrêa para o elogio e a defesa.

José Verissimo fez a justa apreciação da obra em um artigo sobre a epigraphe «Litteratura apressada».

Ainda nos legou «Philosophia de algibeira», sob o pseudo-

nymo de Marcos Valente, «Lições de pedagogia», primeira parte (*Psychologia*) do curso professado na Escola Normal do Rio, e discurso de paronympho no mesmo estabelecimento de ensino.

Nasceu Antonio Valentim da Costa Magalhães, na cidade do Rio de Janeiro, à rua Conde d'Eu n. 58 (hoje Frei Caneca), uo dia 16 de janeiro de 1859. Era filho legitimo de Antonio Valentim da Costa Magalhães, de nacionalidade portugueza, e D. Maria Custodia Alves Meira, carioca, filha de abastados negociantes.

Com um anno de idade, perdeu o carinho materno e permaneceu sob os desvelos do extremoso pae que o criou com muitos mimos, por ser a criança debil, de compleição fonzina.

O ensino primario foi dirigido pelos tios Dr. João Alves Meira e D. Maria Quiteria Alves Meira, até ser matriculado no collegio «Perseverança», do Dr. Fabio Reis, de onde passou para o Internato S. Francisco de Paula (collegio Belmonte), sito no antigo largo do Rocio. Ahi se manifestou a sua vocação literaria, escrevendo, aos 13 annos de idade, versos para um journal de caricaturas, mantido no Rio Grande do Sul pelo seu tio Gaspar Alves Meira.

O distinto clinico Dr. Rubião Alves Meira, possue uma poesia de Valentim, escripta aos 9 annos de idade.

Em 1876, veio completar os preparatorios em São Paulo, matriculando-se no anno seguinte na Faculdade de Direito.

Distinguiram-n'o, logo no primeiro anno de curso, os seus collegas, elegendo-o redactor do «*Labarum*», com Eduardo Prado. Dedicou-se, como já foi dito, à vida jornalistica.

Casou-se, quando devia cursar o 4.^o anno, com D. Adelina da Costa Magalhães.

Foram seus companheiros do «*Entr'acto*» e do «*Bohemio*», ambos illustrados por Narciso Figueiras e Raul Pompeia, os

collegas Assis Brasil, Theophilo Dias, Ezequiel Freire, Fontoura Xavier, Augusto de Lima, Randolpho Fabrino e Henrique de Magalhães. Os pseudonyms de Valentim eram Vicente Mindello, Victor Malin e Piff.

Bacharelou-se em novembro de 1891 e mudou-se com a família, mulher e um filho, para o Rio de Janeiro, indo advogar em Pirahy, no escriptorio do seu tio Dr. João Alves Meira.

Em 1883, fixou residencia definitiva no Rio, em cujo meio litterario já era conhecido, contando muitos amigos. Foi, então, que apareceram diariamente as «Notas à margem», apreciando homens e factos do tempo, com fina graça e capacidade critica.

Proclamada a Republica, Valentim deixou-se absorver pela febre do encilhamento e fundou a «Educadora», com o fim humanitario de facilitar o problema da educação, e mais tarde a «Economica», companhia de seguros. A primeira foi depois incorporada à «Sul-America».

Tambem surgiram-lhe as aspirações politicas e, em 1903, pleiteou a eleição a uma cadeira de deputado pela Capital Federal, sem conseguir o sucesso almejado.

Na «Tribuna», escrevia os folhetins criticos, sob o pseudonym de Marcos Valente, e na «Noticia» redigia a secção «Semana litteraria».

Em 1896 foi incluido entre os membros fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Foi nomeado professor de pedagogia da Escola Normal em 1884; comprehendeu a primeira viagem à Europa em 1894, percorrendo Portugal, Hespanha, França e Italia; e pela segunda vez, quatro annos depois, afim de visitar a exposição de Paris e conhecer a Inglaterra e a Belgica.

No anno do 1899 enviuvou, restando-lhe dous filhos.

Era socio correspondente da «Sociedade de Geographia de

Lisboa», membro do «Comité de patronnage de la Revue du bien», e redactor da «Encyclopedia Portugueza Illustrada».

Além dos inéditos a que atraç alludi, deixou ainda «Cousas da vida», e «Aguas passadas», livros de prosa, e prometteu : «Deus em viagem», poema, «Aqui, alli, acolá», estudos artisticos e litterarios e «Scenas e typos».

Caracterizavam o homem a sinceridade, a coragem, a honestidade, temperamento combativo, sentimentos afectivos e muita capacidade de trabalho. Como escriptor distinguiam-se-lhe a desenvoltura do estylo, a *verve*, o purismo da linguagem, as qualidades de polemista, de prosador elegante e fluente, e de poeta imaginoso.

A sua principal feição litteraria é a de poeta, distinguindo-se tambem como *conteur* e chronista ou folhetinista.

Falleceu no dia 17 de maio de 1903, victima de uma infecção intestinal que encontrou o organismo enfraquecido, por quanto nos ultimos tempos soffria os effeitos de uma dyspepsia nervosa.

Foi sepultado no cemiterio de S. Francisco Xavier, fallando Rodrigo Octavio á beira do tumulo, como representante da Academia ; Raymundo Corrêa e Lucio de Mendonça, em palavras simples e commovidas, enviaram-lhe o derradeiro adeus.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A phase fagueira da existencia — O estudante escriptor — A vida jornalistica — *Ceci tuera cela* — O folhetinista ou chronista — Alma de poeta — Feição dos contos e narrativas — Attraido pela luz da ribalta — As apreciações criticas — Fracasso no romance — O publicista — Suas ideias politicas e philosophicas — O professor e a pedagogia — Politico incipiente — Vida afanosa, actividade sem par — O homem affectivo.



EUCLYDES DA CUNHA

Successor de Valentim Magalhães na cadeira n. 7. Nasceu no Estado do Rio de Janeiro, na fazenda da Saudade, do município de Cantagallo (Santa Rita do Rio Negro), a 20 de janeiro de 1866 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 15 de agosto de 1909, vítima de um covarde assassinato.

E U C L Y D E S D A C U N H A

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — SERTÕES — (Campanha de Canudos) — 3.a edição, 618 pags. — Rio, Laemmert & Cia. — 1905 (A primeira edição é de 1902, a 2.a de 1903, a 4.a de 1911, e a 5.a de 1914).
- * 2 — RELATORIO DA COMMISSÃO MIXTA BRASILEIRA-PERUANA DE RECONHECIMENTO NO ALTO PURU'S — (Possui o que foi publicado em o n. 12 da Revista da Academia Brasileira de Letras ; foi publicado pela Imprensa Nacional em 1906).
- * 3 — CONTRASTOS E CONFRONTOS — prefacio de José Pereira de Sampaio, 527 pags., Porto, Empreza Litteraria e Typographica, 1907, 2.a edição de 1907, 3.a de 1912 e 4.a de 1918.
- * 4 — PERU' VERSUS BOLIVIA — 201 pags., Livraria Francisco Alves — 1907 (foi traduzido para o hespanhol com o titulo «La question de limites entre Bolivia y Perú»).
- * 5 — CASTRO ALVES E SEU TEMPO — discurso proferido no Centro Academic Onze de Agosto, de S. Paulo — 44 pags. — Rio, Imprensa Nacional, 1907 : a 2.a edição é de 1917.
- * 6 — A' MARGEM DA HISTORIA — 390 pags. — Porto Livraria Chardron, de Lello & Irmão — 1909. A 2.a edição é de 1913.

O Gremio Euclides da Cunha promette a publicação de dous volumes, encerrando os ineditos : «Versos e cartas», onde provavelmente será incluida a collecção de poesias, «Ondas», escriptas aos 17 annos e «Fragmentos e reliquias», com um prefacio de Afranio Peixoto. Escreveu dous prefacios : Preambulo do «Inferno Verde», de Alberto Rangel, e antes dos versos dos «Poemas e canções», de Vicente de Carvalho.

Encontram-se ainda trabalhos seus na «Revista da Academia Brasileira de Letras» : Discurso de elogio a Valentim Magalhães, vol. 4.o, pag. 429. Reconhecimento do Alto Purús (relatorio da Comissão Mixta Brasileira-Peruana) vol. 12, pagina 173, «As catas», poesia, vol. 5, pag. 56 ; na «Revista Americana» : Amazonia, anno I, n. 2 (é o Preambulo do «Inferno Verde», de Alberto Rangel), da Independencia à Republica, n. 3, pag. 311 e n. 4, pag. 97 (foi publicado pela primeira vez no «Estado de S. Paulo» e figura como um dos capítulos do livro «A' margem da historia»; Observações sobre a historia da geographia do Purús, tomo 3.o, fasc. 1, pag. 34 : Um soneto, tomo 8.o, fasc. 1, pag. 95 ; O povoamento e a navegabilidade do rio Purús, tomo IV, fasc. 1-2, pag. 128.

«Revista Brasileira» (3.a phase) : A guerra do sertão, vol. XIX, pag. 270 ;

«Almanach Garnier» de 1909 : Um rio abandonado.

Os primeiros trabalhos que escreveu na adolescência e na mocidade foram publicados pelo «Gremio Litterario Euclides da Cunha» na «Revista do Gremio» e na «Homenagem».

Collaborou na «Provincia de S. Paulo» (1888), onde escreveu 13 artigos, no «Estado de S. Paulo», no «Jornal do Commercio», onde escreveu artigos sobre o Atlas do Brasil, de Homem de Mello, e na revista «Kosmos».

Escreveu na «Gazeta de Notícias» (duas cartas) e na »Re-

vista do Instituto Historico», Discurso de posse — novembro de 1903.

As suas primicias litterarias foram publicadas em um pequeno jornal, «Democrata», quando elle contava 18 annos de idade.

A reproducção de sua photographia é numerosa ; cito, entre muitas, a do livro «A' margem da historia», «Littérature brésilienne», de Victor Orban, «Dous egressos da farda», de Felix Pacheco e em varios numeros da Revista do Gremio Euclides da Cunha.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — SYLVIO ROMERO — Discurso em o numero 4 da Revista da Academia, reproduzido em «Provocações e debates».
- • — Euclides da Cunha, ns. 9 e 10 da Rev. da Academia.
- 2 — ARARIPE JUNIOR — Discurso em o n. 7 da Revista da Academia.
- • — Dous grandes estylos nos «Gontrastes e confrontos».
- • — Dous vulcões extictos (E. da Cunha e R. Pompeia) setembro de 1909.
- • — Os Sertões, «Jornal do Commercio», de fevereiro de 1903.
- 3 — AFRANIO PEIXOTO — Discurso em o n. 7 da Revista da Academia, reproduzido em a «Poeira da Estrada».
- • — Dom e arte do estylo, conferencia promovida pelo Gremio E. da Cunha.

- 4 — JOSÉ VERRISSIMO — Estudos de literatura brasileira, vol. V., pag. 78.
- » » — Um historiador dos sertões, no Correio da Manhã (1908).
- 5 — JOSÉ P. SAMPAIO — Prefacio de «Contrastes e confrontos»
- 6 — FELIX PACHECO — Dous egressos da farda.
- 7 — SOUZA BANDEIRA — Paginas litterarias, pags. 5 e 22.
- 8 — ALBERTO RANGEL — E. da Cunha (Um pouco do coração e do caracter) conferencia por iniciativa do Gremio E. da Cunha, reproduzida no livro «Rumos e perspectivas».
- 9 — BAZILIO DE MAGALHÃES — Feição brasileira da obra de Euclides da Cunha, a editar-se.
- 10 — ARAUJO JORGE — Euclides da Cunha — Revista Americana, anno I, n. 1, pag. 114.
- » » — O ultimo livro de E. da Cunha, Revista Americana, tomo III, fasc. 1, pag. 64.
- » » — Ensaios de historia e critica.
- 11 — CANDIDO JUNQUEIRA — Revista Americana, tomo III, fasc. 3, pag. 450.
- 12 — EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 57.
- 13 — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia B. de Letras em 1915.
- 14 — FRANCISCO VENANCIO FILHO — Euclides da Cunha (notas biographicas) 1915.
- 15 — CORTES JUNIOR — Discurso de inauguração da herma de Cantagallo.
- 16 — IGNACIO DE LOYOLA — Um philosopho nacionalista.
- 17 — WALDOMIRO SILVEIRA — Euclides da Cunha, — «em. «A Tribuna de Santos», agosto de 1909.

- 18 — VIRIATO CORRÊA — Artigo na «Illustração Brasileira», de 15 de agosto de 1909.
- 19 — JOÃO PINTO DA SILVA — Diante do Orestia, em «Bolhas de espuma» e «Vultos do meu caminho», pag. 78.
- 20 — ADALGISO PEREIRA — Artigos em o «Estado de S. Paulo», 1918.
- 21 — ROQUETTE PINTO — E. da Cunha naturalista, na Revista do Brasil, n. 29 e em folheto.
- 22 — VICENTE DE CARVALHO — Revista do Brasil n. 28.
- 23 — HOMENAGENS A E. DA CUNHA — Revista do Brasil n. 38.
- 24 — ALMANACH GARNIER —(1909) pag. 171.
- 25 — REVISTA DO GREMIO EUCLYDES DA CUNHA — (anuario) de 1914 a 1920.
- 26 — HOMENAGEM DO GREMIO LITTERARIO EUCLYDES DA CUNHA.
- 27 — POR PROTESTO E ADORAÇÃO — «in memoriam de E. da Cunha, vol. de 323 paginas e muitos «clichés» a sahir no corrente mez (1).
- 28 — JUIZOS CRITICOS SOBRE «Os Sertões», publicação da casa Laemmert.
- 29 — ARNALDO DA CUNHA — Conferencia na Bahia — na Revista do Instituto Historico da Bahia — 1919.
- 30 — OLIVEIRA LIMA — Euclydes da Cunha, artigo no «Estado de S. Paulo», 1912.
- 31 — COELHO NETTO — Discurso pronunciado em 16 de agosto de 1909, na Camara dos Deputados.
 » » — Os Sertões, artigo em 1908.

(1) Foi publicado em agosto de 1920, edição do «Gremio Euclydes da Cunha».

- 32 — MEDEIROS E ALBUQUERQUE — Chronica litteraria (J. Santos) Noticias de 12 de dezembro de 1902.
- 33 — J. DA PENHA — Um livro ; na «Gazeta de Notícias» de 14 e 18-12-902.
- 34 — JORNAL DO COMMERCIO, de 24-12-1902 ; Os Sertões.
- 35 — MUCIO TEIXEIRA — Os Sertões, Jornal do Brasil, 1903.
- 36 — MOREIRA GUIMARÃES — O livro de E. da Cunha, no Correio da Manhã, 1903.
- 37 — CAMPOS DE NOVAES — Artigo na Rev. do Centro de Sciencias e Letras de Campinas, i903.
- 38 — VICENTE DE CARVALHO — Paginas soltas.
- 39 — MANOEL BERNARDES — Artigo.
- 40 — JOÃO LUSO (ARMANDO ERSE) — Domínicas do Jornal do Commecio, 1909.
- 41 — AFFONSO CELSO — Almanach Garnier de 1910.
- 42 — EURIGO DE GÓES — Artigo nas «Horas de lazer».
- 43 — MIGUEL DE MELLO — Prestigio subito — Jornal do Commecio, 1910.
 > > > — E. da Cunha — Gazeta de Notícias, julho de 1918.
- 44 — DIONISIO CERQUEIRA — Artigo no Jornal do Commecio, 1912.
- 45 — ESCRAGNOLLE DORIA — Artigo no Jornal do Commecio, 1913.
- 46 — F. V. F. — A data do nascimento de Euclides da Cunha, Jornal do Commecio, 1913 e 20 de janeiro de 1914.
- 47 — IGNACIO AMARAL — Artigo no «Imparcial», 1916.
- 48 — JOSÉ MARIA BELLO — Estudos criticos, 1917, pag. 171.
- 49 — LÉO DO AMARAL — Euclides da Cunha — S. Paulo, 1909.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Tarefa difficult, senão de impossivel exito, afigura-se-me apreciar a obra de Euclides da Cunha, embora em juizo synthetico e summario, como comportam os artiguetes ou perfis litterarios dedicados aos vultos eminentes da litteratura nacional.

Só definir «Os Sertões», livro capital do escriptor fluminense, faria ultrapassar os limites dos subsidios para o estudo critico.

A obra é dividida em oito capitulos de que os dous primeiros assumem destacada relevancia, pela feição geral de bases para o estudo dos meios physico e social do nucleo do Brasil. O autor, em um relance de observação, ao penetrar o interior longinquo da Bahia, em missão jornalistica, desprovido de instrumentos e apparelhos scientificos, com o auxilio exclusivo de solidos conhecimentos de sciencias naturaes e das leituras queprehendera em memorias de viajantes, obras de investigadores e chronicas sobre a immensa região brasileira, conseguiu esboçar um quadro perfeito da formação geologica da «terra ignota», estudando a climatologia variada e o phenomeno das seccas periodicas.

O mundo physico do planalto central é descripto com o carinho que sentem os pantheistas privilegiados que conhecem, com minucias, os segredos da Natureza.

Na segunda parte aborda o problema ethnologico, em função do meio physico e de outros factores influentes na formação das raças e sub-raças. Estuda as feições do jagunço, do vaqueiro, do gaúcho e de outros typos embryonarios da nacionalidade brasileira, segundo o «facies» actual e atravez da evolução historica, definindo a genesis dos mestiços.

Nas partes subsequentes, analysa com precisão e rara capacidade critica o caso de Canudos, desde os primordios ás con-

sequencias ; intervem com a psychologia precisa da multidão de fanaticos, jagunços e «cangaceiros», e estygmatisa os sentimentos de vingança e de barbaridade do elemento vencedor, em verdadeira scena dantesca.

E' um quadro triste e vergonhoso da nossa historia, em o qual a ignorancia faz sobresahir a animalidade no mais elevado grau, e a sêde de vindicta se manifesta com os horrores dos instintos subalternos do homem.

Si o objectivo do autor estava adstricto ao desejo de narrar as occorrencias do movimento sedicioso, explicando as origens e as consequencias e descrevendo as incursões das forças expedicionarias, elle excedeou os seus intuitos e offereceu-nos um livro vigoroso, mixto de sciencia e arte, onde a cultura formidavel de um espirito de eleição se allia á esthetica de um artista consagrado. As explicações de phenomenos da natureza servem de fundamento ao estudo de um povo, intervindo com solidos conhecimentos das theorias ethnographicas e os elementos indispensaveis ás deducções a que chegou.

E' um livro vigoroso e de extraordinario valor que lhe grangeou merecida reputação de escriptor consummado. Constitui a sua estreia e abriu-lhe caminho facil para a gloria.

Até então vivia o engenheiro quasi na obscuridade.

Filho legitimo de Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha e D. Eudoxia Moreira da Cunha, nasceu Euclides, a 20 de janeiro de 1866, na fazenda da Saudade, em Santa Rita do Rio Negro, municipio de Cantagallo. Perdendo o carinho materno aos 3 annos de idade, foi transferido para Theresopolis, confiado aos cuidados de uma tia, em cuja companhia só esteve durante dous annos, sendo transferido novamente para S. Felis, onde esteve em casa de outra tia até concluir o estudo das primeiras letras com o velho professor Caldeira. Quando o seu pae se retirou, em 1876, para o Rio de Janeiro, levou-o e

matriculou-o successivamente nos collegios Victorio da Costa, Anglo-Brasileiro e Aquino.

Em quanto concluia os estudos preparatorios, lia e fazia versos, preparando a collectão «Ondas», poesias sobre varios assumptos, principalmente sociaes, cujo original se acha em poder do Gremio Euclides da Cunha. Nelle então se despertou a vocação pelo estudo de mathematica e fez a sua estreia no «Democrata», jornalzinho em que escreveu os primeiros fragmentos de prosa e os versos da adolescencia.

Com 20 annos de idade, assentou praça na Escola Militar da Praia Vermelha e ahi adquiriu o cabedal scientifico que soube desenvolver com talento e devoção ao estudo.

Então escreveu a «comedia de 15 actos», «Observando», notas de 15 dias da vida academica na Escola Militar e deixou-se empolgar pela propaganda leal de Benjamin Constant, até commeter o celebre acto de indisciplina perante o ministro da guerra Thomaz Coelho, a 4 de novembro de 1888.

Narra Afranio Peixoto as peripecias do incidente, desde o inicio, ao desrespeitar o chefe do exercito, até a magnanimidade do Imperador, fazendo-o desligar das fileiras, graças à benevola intervenção de Francisco de Castro que lhe attribuiu um accesso de loucura, e a uma «varia» do Jornal do Commercio, que insinuou a deliberação tomada.

Dirigiu-se logo após para S. Paulo onde iniciou a sua carreira jornalistica na «Provincia», a 22 de dezembro de 1888.

No anno seguinte frequentou a Escola Polytechnica do Rio, com o fim de concluir o curso de engenharia; mas, ao proclamar-se a republica, apresentou-se ao Marechal Deodoro e foi reintegrado no exercito, no posto de alferes-alumno.

Em 1892, Floriano Peixoto promoveu-o a 1.o tenente e ofereceu-lhe uma commissão, á sua escolha. Modestamente contentou-se com o que lhe facultava a lei conseguir: um anno de

pratica na E. F. Central do Brasil, com residencia em Caçapava.

Por occasião da revolta de 1893, foi incumbido de construir trincheiras na Saude e, quando o senador João Cordeiro propoz a execução dos culpados, ao se encontrar uma bomba na redacção do «Tempo», elle escreveu duas cartas á «Gazeta de Notícias», protestando contra a tentativa criminosa. Viu-se, então, obrigado a retirar-se para Campanha e, terminada a revolta, dirigiu-se para Descalvado, afim de exercer a profissão de engenheiro, depois de reformado, a 18 de julho de 1896.

No anno seguinte partiu para Canudos, a serviço do jornal «Estado de S. Paulo» que publicou a sua correspondencia sobre a campanha vergonhosa.

Nomeado engenheiro de districto da Directoria de Obras Publicas de S. Paulo, teve ensejo de reconstruir a ponte de S. José do Rio Pardo e, em um barracão de madeira que lhe servia de escriptorio, concebeu e escreveu «Os Sertões», de 1899 a 1901.

Apezar do successo causado em leitura intima, e do entusiasmo de Garcia Redondo que recommendou o autor do livro a Lucio de Mendonça, não conseguiu Euclides da Cunha a publicação no «Estado de S. Paulo», nem no «Jornal do Commercio», do Rio. Entregou o manuscrito á livraria Laemmert que resolveu editar a obra, expondo-a á venda em 1902.

A consagração foi subita, tal o entusiasmo que despertou perante os criticos, a imprensa e os leitores. Exgottou-se promptamente a primeira edição, sucedeu-lhe outra sem demora e abriram-se-lhe as portas do Instituto Historico e da Academia Brasileira de Letras, em 1903.

Adquiriu amigos sinceros, como Machado de Assis, Coelho Netto, Vicente de Carvalho, Garcia Redondo, Lucio de Mendonça, Araripe Junior, Sylvio Romero e Oliveira Lima. E voltou a exercer a actividade em S. Paulo até 1904.

Demittindo-se da Directoria de Obras Publicas, foi apresentado por Oliveira Lima ao Barão do Rio Branco e começou a trabalhar no Ministerio do Exterior, onde permaneceu até 1909. A principal incumbencia que recebeu, consistiu no reconhecimento do Alto-Purús, na qualidade de membro da Comissão Mixta Brasileiro-Peruana, e o modo por que desempenhou a missão que lhe conferiu o Barão do Rio Branco, tem como attestado o relatorio publicado em 1906 pela Imprensa Nacional.

Teve ahi ensejo de estudar a região amazonica, proporcionando-lhe as suas observações os ensaios magistraes, incluidos nos volumes «Contrastes e confrontos» e «A' margem da historia» e no preambulo do «Inferno verde», de Alberto Rangel. Projectou ainda uma obra de maior folego — «Paraizo Perdido» — em que, à maneira de «Os Sertões», estudaria a Amazonia, em conjunto harmonico, de accordo com ideias e factos expendidos em monographias isoladas. Desse livro já possuia o primeiro capítulo prompto, segundo a declaração feita a Coelho Netto, pouco tempo antes de ser assassinado.

A 18 de dezembro de 1906, verificou-se a sua posse na Academia onde, recebido por Sylvio Romero, pronunciou um admirável discurso de elogio a Castro Alves e Valentim Magalhães.

Segue-se á oração academica, o volume dos «Contrastes e confrontos», subordinado de preferencia a themes sociaes, onde aprecia os heroes e bandidos da antiga província cisplatina, traça um vigoroso perfil do Marechal de Ferro, critica a politica do Kaiser em isolar a Allemanha do resto do mundo e esboça figuras e aspectos com precisão e justa tonalidade de tintas, realçando contornos e avigorando traços principaes, com o raro talento que o distingua.

«Perú versus Bolivia», é um livro mixto de historia e de politica internacional sul-americana, em que o autor defende os interesses da Bolivia em face das pretenções demasiadas do

visinho. Apresenta, como pontos de apoio de seus argumentos, a interpretação dos tratados de 1750 e 1777 ; estende o assumpto atravez da historia, desde os tempos coloniaes, apresentando documentos e mappas elucidativos : e, sem abandonar os interesses do Brasil, chega á conclusão favoravel ao direito da Bolivia sobre o territorio em litigio.

Esse trabalho, que merêceu as honras de uma traducçao em idioma hespanhol, despertou as iras de Zeballos contra o autor e o Brasil.

No mesmo anno de 1907, proferiu bella peça oratoria, a convite do Centro Academic Onze de Agosto de S. Paulo, dissertando sobre «Castro Alves e o seu tempo» com elevados conceitos de critica e profundos conhecimentos de historia.

«A' margem da historia», o seu ultimo livro, de publicação posthuma, pois Euclydes não concluiu a revisão das provas, encerra, na primeira parte, varios estudos sobre a Amazonia, subordinados ao titulo geral de «Terra sem historia». Ao lado das impressões geraes, destaca-se um arrojado ensaio sobre hydraulica fluvial, impetuoso na parte descriptiva e ousado nas illações decorrentes de premissas expostas com a precisão da linguagem scientifica.

«Um clima calumniado», representa um estudo de climatologia comparada, com o soccorro da meteorologia e outros subsidios importantes, tendente a demonstrar a salubridade da região que garante a existencia dos aventureiros, máo grado o regimen irregular e mesmo perigoso de vida dos exploradores da borracha.

Os sertanejos do Ceará e outros estados limitrophes acodem ao Acre, seduzidos pelas promessas de fortuna rapida, submettem-se, na phrase de Euclydes da Cunha, a «uma das maiores emprezas destes tempos : estão amansando o deserto». E num paroxo vehemente, arremata o capitulo, esposando a theoria

de Gumplowicz e as bases do systema philosophico de Nietszche, sobre o extermínio dos fracos e a predominância dos super-homens, com os seguintes períodos que synthetisam o seu pensamento :

«Nesse caso atiremos de lado, de uma vez, um estéril sentimentalismo e reconheçamos n'aquelle clima uma função superior. Ante as circumstâncias nocivas que originaram e impulsionaram o povoamento do Acre, largos annos abertos à intrusão de todas as molestias e de todos os vícios favorecidos pela indiferença dos poderes publicos, elle exercitou uma fiscalização incorruptível, libertando aquele território de calamidades e desmandos, que seriam além de toda a proporção, muito maiores dos que ainda hoje lá se observam.

Policiou, saneou, moralizou. Elegerá e elege para a vida os mais dignos. Eliminou e elimina os incapazes, pela fuga ou pela morte.

E é por certo um clima admirável o que prepara as paragens novas para os fortes, para os perseverantes e para os bons».

E, logo após, apresenta-nos, em um flagrante contraste, o tipo do «cauchero», como algures nos descreve o modo por que são escravizados os sertanejos que emigram da zona assolada pela secca, os pobres retirantes que buscam a prosperidade, fugindo da fome e da miséria e são sacrificados pelos dominadores. Não serão os fortes de semelhante tempera que hão de contribuir para regenerar o meio social.

Ainda enfeixados pela epigraphe da primeira parte do livro, encontram-se os artigos : «Judas Ashaverus», «Brasileiros» e «Transacreana». Mas quaesquer commentários às páginas escriptas por Euclides da Cunha, produzem a sensação da vertigem, attrahem o leitor a divagações prolixas, arrastando-o pela senda infinita de ideias e pensamentos ou emmaranhando-o nos labyrinthos philosophicos e nos meandros scientificos.

A segunda parte — «Estudos varios» — trata de assumptos de interesse sul-americano e offerece-nos o excellente esboço politico, «Da Independencia à Republica».

Euclydes, engenheiro, prestou relevantes serviços ao paiz, principalmente no Ministerio do Exterior, ao lado do grande vulto de Rio Branco. O escriptor immortalizou-se com a obra de estreia e confirmou os seus meritos nos livros subsequentes. Além de profundo conhecedor dos assumptos preferidos, manifesta base solida no estudo das sciencias e impõe-se como um estylista excepcional, vibrante e nervoso, descriptivo e sublime.

Desligou-se do Ministerio por um mal entendido escrupulo, como os tinha ás centenas, e orientou a vida em um outro rumo, disputando a cadeira de Logica no Gymnasio Nacional, vaga pela morte de Vicente de Souza. A prova escripta desse brilhante concurso, ao lado de Farias Brito e outros espiritos de escol, versou sobre «Verdade e Erro».

Já estava disposto a desistir da segunda prova, quando a feliz intervenção de um amigo não consentiu que elle se prejudicasse com a resolução de nevropathia. A segunda prova teve como ponto a «Idea do Ser», estranho à sua educação philosophica. Desse facto resultou a sua classificação em segundo lugar, sem prejuizo de ser nomeado professor.

Curto foi o seu tirocinio de professor em que revelou inabilitade para o magisterio, de julho a 13 de agosto de 1909.

A 15 do mesmo mez e anno foi covardemente assassinado por dous rapazes que lhe roubaram a honra do lar, e ao Brasil um dos melhores escriptores contemporaneos. Morreu com 41 annos de idade, em pleno viço de talento, interrompendo bruscamente a sua obra, pois além do «Paraizo Perdido» e dos artigos que deixou esparsos, delineara o arcabouço de um romance,

«Homens bons», segundo allusão feita a Affonso de Taunay e Vieira Fazenda.

Desdobram-se duas feições distintas no homem, que se integram no escriptor: o espirito scintillante do intellectual e o conjunto de qualidades moraes que serviam de ornamento ao seu caracter adamantino e sem jaça. A primeira se consegue na leitura de suas obras e a segunda se obtém dos informes dos que com elle privaram, amigos e indiferentes, com especialidade os que escreveram sobre a sua feição moral, como Alberto Rangel, Afranio Peixoto e outros.

Ha, porém, uma fonte completa, sob todos os pontos de vista: é o Gremio Euclides da Cunha onde se congregaram alguns dos seus admiradores, na expansão de qualidades e atributos que significam esses moços de valor, a reunir pacientemente todos os dados que definam a vida do escriptor brasileiro, todos os elementos que completem a sua individualidade moral, todos os objectos que lhe pertenceram, em verdadeiro culto de saudade e admiração por esse ente privilegiado, que em curto prazo, de 1902 (publicação d' «Os Sertões») a 1909, empolgou a admiração de todos os coevos do seu paiz, e mesmo de muitos estrangeiros.

Esse Gremio tem dedicado á sua memoria uma revista annual, onde se reunem todos os trabalhos que deixou o involvidavel escriptor, e as referencias a elle feitas, além da correspondencia intima e outras curiosidades. Vae agora dilatar a homenagem, editando um volume consagrado ao autor de «Os Sertões»: «Por protesto e adoração».

Euclides da Cunha era de temperamento excessivamente nervoso e manifestava a desconfiança do caboclo; mas acima de tudo era um bom, um justo, um honesto e um corajoso, isto é, um homem de caracter integro e indomavel.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Adversidade na infancia — Educação — O revoltado — Primeiras manifestações de talento — Apparição que offusca — O valor d' «Os Sertões» — O estylo de um artista ignorado — Seus meritos scientificos — O engenheiro — A serviço do Brasil — O valor moral do homem — O escriptor em varias modalidades — Reconhecimento do Alto Purús e Perú versus Bolivia — Contrastes e confrontos e A' margem da historia — Como critico — O poeta — A obra interrompida — Como se detem a marcha de um astro fulgurante — Infortunio no fim da existencia.





AFRANIO PEIXOTO

Successor de Euclides da Cunha na cadeira n. 7. Nasceu em Lençóis, Estado da Bahia, a 17 de dezembro de 1876.

A F R A N I O P E I X O T O

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — EPILEPSIA E CRIME — these inaugural — 1 vol. in 8.o grande — Bahia, 1897. Houve uma edição especial, prefaciada pelos Profs. Nina Rodrigues e Juliano Moreira — Bahia — 1918.
- 2 — EPILEPSIA E CONSCIENCIA — memoria apresentada à Sociedade de Medicina e Cirurgia — Bahia, 1897 (inedita).
- * 3 — ROSA MYSTICA — symbolo tragico — 150 pags., Leipzig. A. Brockaus — 1900.
- 4 — PREFACIO em «A graphologia em medicina legal», these do dr. A. Costa Pinto — Bahia — 1900.
- * 5 — PREFACIO ao livro MISS KATE, de Cosme Velho (Araripe Junior).
- * 6 — MANUAL DE THANATOSCOPIA JUDICIARIA — in 8.o, 308 — II pags., Bahia, Typ. Bahiana — 1901.
- * 7 — SERVICIO MÉDICO-LEGAL DE AUTOPSIAS (proyecto de reglamentacion) De los Archivos Criminalogia, Medicina Legal y Psiquiatria — 29 pags. — Buenos Ayres, Im. Revista Nacional — 1902.
- 8 — DEFESA SOCIAL CONTRA O ALCOOLISMO NO BRASIL — Relatorio ao 2.o Congresso Medico Latino Americano de Buenos Ayres — Actas do Congresso — 1904.
- * 9 — PROPHYLAXIA PUBLICA DA SYPHILIS E ENFERMIDADES VENEREAS — (communicacion presentada al

- 2.o Congresso Medico Latino Americano) publicado em «Argentina Medica» (28-4-904) 16 pags. — 1904.
- 10 — REFORMAS EFFECTUADAS NO HOSPICIO NACIONAL DE ALIENADOS DO RIO DE JANEIRO — 1905.
- * 11 — FOLIE MANIAQUE-DÉPRESSIVE — (extrait des Annales médico-psychologiques Mars-Avril 1905) 18 pags., Paris, L. Maretheux — 1905.
- 12 — LA PARANOIA LÉGITIME, SON ORIGINE ET NATURE — Rapport au XV Congrès international de Médecine (em colaboração com o Prof. Juliano Moreira) Lisbonne — 1906.
- * 13 — CLIMA E DOENÇAS DO BRASIL — (notas escriptas para o Brazilian Year Book de 1908) — 36 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1907.
- * 14 — CLIMAT ET MALADIES DU BRÉSIL (extrait des Annales d'Hygiène publique et médecine légal — maio 1908) — 28 pags. Paris, J. B. Baillière et Fils — 1908.
- 15 — THE CLIMATE AND DISEASE — translated from portuguese — Rio — 1908.
- 16 — REGULAMENTO PARA O SERVIÇO MEDICO LEGAL DO DISTRICTO FEDERAL (decreto n. 4864 de 15-6-1908) Rio — 1908.
- * 17 — VIOL ET MÉDIUMNITÉ — (extrait des Annales d'Hygiène publique et médecine-légale. Août, 1909) 15 pags., Paris, J. B. Baillière et Fils — 1909.
- * 18 — LE DIAGNOSTIC DE LA FOLIE MANIAQUE DÉPRESSIVE (extrait des Annales médico-psychologiques — Juillet—Août, 1910) 12 pags., Paris, L. Maretheux — 1910.
- * 19 — MEDICINA LEGAL (Elementos de) — 1 vol. in 8.º grande — 532 pags., Rio — 1910. A 2.a edição é de 1914 e a 3.a é de 516 pags. Rio, Francisco Alves & Cia. — 1918.
- * 20 — HYGIENE (Elementos de) 1 vol., in 8.º grande, 678

- pags. Rio 1918 — A 2.a edição é de 717 pags. — Rio, Francisco Alves & Cia. — 1918.
- 21 — MESURES PRÉVENTIVES CONTRE L'INTRODUCTION DE MALADIES CONTAGIEUSES EXOTIQUES — Communication ao IVº Congresso International d'Assainissement et Salubrité de l'habitation, Anvers (em colaboração com o dr. Graça Couto) Compte-rendu, Anvers, 1914.
- * 22 — NOÇÕES DE HYGIENE PARA USO DAS ESCOLAS (colaboração do Dr. Graça Couto) 660 pags. — Rio. Francisco Alves & Cia. — 1914.
- * 23 — PSYCHO-PATHOLOGIA FORENSE — 379 pags. — Rio, Francisco Alves & Cia. — 1914.
- 24 — DISCURSO INAUGURAL DE POSSE NA CADEIRA DE HYGIENE DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO (1916) — no «Livro jubilar do Prof. Rocha Faria» — Rio — 1917.
- * 25 — PREFACIO ao livro «Meu sertão», de Catullo da Paixão Cearense — Rio — 1918.
- 26 — DISCURSO DE RECEPÇÃO do Dr. Aloysio de Castro na Academia de Letras — 76 pags., Rio — 1919.
- * 27 — A ESFINGE, romance — Rio, Liv. Francisco Alves. 1.a edição, 1911 482 (pags.), 2.a ed., 1911 (479 pags.), 3.a edição, 1913 (479 pags.) 4.a ed. (7.º milheiro, 1919 (411 paginas).
- * 28 — LA ESFINGE, traducción hespanhola de Mario (Julio Piquet) publicada em «La Nacion», de Buenos Ayres, em volume (n. 520) da Bibliotheca de «La Nacion», in 18. — 382 pags., Buenos Ayres — 1912.
- * 29 — MARIA BONITA, romance sertanejo — Rio, Francisco Alves & Cia., 1.a ed., 1914, (322 pags.) 2.a ed. 1917 (327 páginas), 3.a ed. (5.º, 6.º e 7.º milheiros) de 1919.
- * 30 — MINHA TERRA E MINHA GENTE — educação ci-

- vica — 280 pags. — Rio, Livr. Francisco Alves, 1916 (2.a ed., 10.o milheiro de 1916 — 246 pags.).
- * 31 — POEIRA DA ESTRADA — 380 pags. — Rio, Liv. Francisco Alves — 1918.
 - * 32 — TROVAS BRASILEIRAS — (quadras populares colecionadas e prefaciadas por A. P.) 316 pags. — Rio, Liv. Francisco Alves — 1919.
 - * 33 — DISCURSO DE RECEPÇÃO do Sr. Afranio Peixoto, pelo sr. Ramiz Galvão, orador perpetuo, na sessão de 26-7-1919, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — 29 pags., — Rio, Imprensa Nacional — 1919.
 - * 34 A TUBERCULOSE DOS HOSPITAES DO RIO DE JANEIRO (numero especial dos «Archivos Brasileiros de Medicina») — Fev. de 1918.
 - * 35 — FRUTA DO MATO — romance — 393 pags. — Rio, Liv. Francisco Alves — 1920, (apareceu em dezembro de 1919) 2.a edição (6 milheiros) 397 pags. — 1920.
 - * 36 — SERVIÇOS MEDICO-LEGAES (Boletim Policial) — Rio — 1907.
 - * 37 — PARABOLAS — Symbolos e allegorias — 324,pags. — Rio, Liv. Francisco Alves — 1920 (1).

Escreveu o prefacio do romance «Miss Kate», de Araripe Junior.

Tem collaborado nos «Archivos de Jurisprudencia Medica e Anthropologia», do Rio : «A herança do adulterio» (contribuição para o estudo de uma questão psycho-sociologica) 1898 ; no «Bra-

(1) LUFADA SINISTRA — novella de collaboração, sem previo accordo; capítulos escritos sucessivamente em estylos diversos : symbolista, romântico, naturalista, classicoo e ecletico — por W (Afranio Peixoto), S (Augusto de Menezes), L (Braz do Amaral), Y (Juliano Moreira) e A (Jorge de Moraes), a que este poz, com o termo, o titulo que convinha — «A Bahia. — Bahia 1900.

sil Medico», do Rio : — «Coexistencia episodica dos delirios persecutorio e mystico na melancolia», 1899, «Grandes syndromas mentaes : agitação, depressão e confusão» (Formulario pratico do B. M.) 1904 ; «Febre typhoide» (Formulario pratico, idem) 1906 ; «Discurso», proferido na sessão magna da Academia Nacional de Medicina, 1907 ; «A Paranoia e os syndromas paranoides», 1904 ; «Epilepsia» (Formulario pratico, idem) 1904; «Constipação habitual» (Formulario pratico, idem) 1908 ; «Nina Rodrigues», ensaio biographico e critico (Formulario pratico, idem) 1915 ; na «Gazeta Medica da Bahia» : «Inspecção do nasopharynge por um novo processo de autopsia», 1901 ; na «Revista da Bahia» : «Os casamentos pathologicos» (lição do curso de medicina publica na Faculdade de Direito da Bahia) 1902 ; «Annales médico-psychologiques» de Paris : obras citadas na bibliographia ; «Annales d'hygiène et de médecine légal de Paris : obras citadas na bibliographia ; «Archivos de Criminologia, Medicina Legal y Psyquiatria» : trabalho citado ; «Revista da Faculdade de Recife» : «O projecto do Codigo Civil Brasileiro e Medicina legal» (notas sobre os arts. 257 e 259) 1904, incluido nas publicações da Comissão Parlamentar do Codigo Civil ; «Jornal do Commercio» : «Defeza social contra a tuberculose» (relatorio ao 2.o Congresso Medico Latino Americano de Buenos Ayres) 28-4-1904 ; «Argentina Medica» : trabalho citado , «Revista da Academia Brasileira de Letras» : «Vocabulario medico popular do Brasil», vol 8.º, pag. 327 (1912), «Superstições populares relativas á saude, doença e morte», vol. 10.º, pag. 231 (1912), «Discurso de elogio de Euclides da Cunha», vol. 7.º, pag. 165 ; «Discurso de recepção de Oswaldo Cruz», vol 11.º, pag. 127 ; «Fruta do mato», conto, vol 4.º, pag. 313 (terá o titulo de «Fruta brava», para não confundir com o romance de igual titulo), «Elogio de Xantipa», vol. 11.º, pag. 1, «Lembrança de Aluizio Azevedo», vol 12.º, pag. 311 ; «Archivos Brasileiros

de Medicina» : trabalho citado ; «Annaes da Faculdade de Medicina do Rio» : «O problema sanitario da Amazonia», 1917, 1.º vol., pag. 64 ; «Curso de medicina publica», pag. 477 ; «Revista do Brasil», (S. Paulo) ; «Paixão e gloria de Castro Alves», n. 23, «Parabolás», n. 25, «A educação e a defesa nacional», n. 27, «O problema sanitario da Amazonia», n. 28, «O saneamento do Brasil» (discurso), n. 29, «A antiga e a nova medicina : a hygiene», n. 32, «O ensino da linguagem», n. 32, «Educação e saneamento», n. 33, «Outros males», n. 35 ; «A Bahia» : «A um morto» (depois de ouvir insultos á memoria de Moreira Cesar) é a estreia em 1897, «Os novos em litteratura», 1897 (pseudonymo Jap) ; «Diario da Bahia» : «Morte», conto philosophico 1897 ; «A Atlantida», Lisbôa ; «Judith ou a gratidão do povo», conto, 1915, (1) «Revista de Scienças, Letras e Artes de Campinas» : «Guerra aos homens» (sainete em 1 acto, representado no Theatro Municipal do Rio, em S. Paulo e varias cidades), n. 42, 1916 ; «Revista Americana» : «Aspectos do humour na litteratura nacional», novembro, 1916, pag. 30 «Comparações», abril 1917, pag. 18, «Recepção de Oswaldo Cruz» (discurso) julho-agosto 1918, pag. 20 ; «A Escola Primaria» : «A Educação Nacional» (conferencia na Liga de Defesa Nacional), Rio 1917-1918, pag. 58 ; «O ensino da linguagem» (conferencia pedagogica na Biblioteca Nacional) Rio, 1917-1918 e muitos artigos nessa revista, em 1917, 1918 e 1919 ; «Almanach Garnier» : «Academia de Medicina (1909), «Doença ou molestia?» (1914).

O seu retrato tem sido reproduzido em varias revistas ilustradas, em cartão postal e no livro «Le Brésil Contemporain», 3éme tome.

(1) Dívida a cobrar (sobre D. Francisco M. ei de Mello) Atlantida, anno IV n. 41 — Lisbôa — 1920.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — ARARIPE JUNIOR — Revista da Academia Brasileira de Letras, n. 7 (discurso).
- 2 — JOSÉ VERISSIMO — Estudos de litteratura brasileira, vol. IV, pag. 265; Revista Americana, anno 3.o, ns. 5-6 (pagina 499); La Revista de America, Paris, junho — 1912.
- 3 — JOÃO DO RIO — Momento litterario, pag. 299.
- 4 — SOUZA BANDEIRA — Paginas litterarias, pag. 61; Almanach Garnier (1914), pag. 242.
- 5 — JOÃO RIBEIRO — Revista do Brasil, vol. III, n. 9, pag. 51.
- 6 — JOÃO KÖPKE — Revista do Brasil, ns. 6 e 7.
- 7 — JOSÉ MARIA BELLO — Estudos criticos, pag. 33.
- 8 — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 9 — REVISTA DO BRASIL, n. 38 — Bibliographia.
- 10 — RAMIZ GALVÃO — Discurso de recepção no Instituto Historico e Geographico Brasileiro — 1919.
- 11 — DR. P. ROVELLY — Le Brésil Contemporain, 3.o vol.
- 12 — FERNANDES COSTA — Afranio Peixoto e a sua obra.
- 13 — JACKSON DE FIGUEIREDO — Revista do Brasil ns. 51, 52 e 53.
- 14 — MEDEIROS E ALBUQUERQUE — «A Noticia» de 24-9-911.
- 15 — CONSTANCIO ALVES — «Jornal do Commercio», de 17 de agosto 1911.

Pronunciaram-se tambem sobre o valor da obra litteraria de Afranio Peixoto: Mario de Alencar, Agenor de Roure, Paulo Barreto, Osorio Duque Estrada, D. Julia Lopes de Almeida, Teotonio Freire, Joaquim Eulalio, Alaor Prata, João Luso, Gilberto Amado, Fran Paxeco, Rodrigues de Carvalho, Tristão da Cunha e D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Apezar do artificio de que revestiu a sua obra de estreia, no aspecto externo da edição, à guisa de missal, assimilando estylo liturgico, de impressão polychromica ; não grado a tendência manifesta para seguir a feição symbolista de Rimbaud, Mallarmé, René Ghil, e o culto de adoração tributado, na dedicatoria, a D'Annunzio, Maeterlinck e Eugenio de Castro, despertou a atenção da critica o symbolo tragicó de Julio Afranio — «Rosa mystica» — primeira parte de um hymnario. Araripe Junior e José Verissimo descortinaram o valor do estreiante, atravez de tantos disfarces, e vaticinaram o successo que se verificou.

O autor abandonou o genero litterario durante um decenio, lapso de tempo que medeia entre a publicação de «Rosa mystica» (1900) e o anno em que escreveu o romance «A esfinge» (editado em 1911).

Antes de apparecer o symbolo tragicó, escreveu em «A Bahia» («A um morto», a proposito de Moreira Cesar, trucidado em Canudos) e no «Díario da Bahia» («Os novos em litteratura», artigos e «Morte», conto philosophico).

A partir de 1900, mudou de rumo e dedicou-se exclusivamente à sciencia, emprehendendo estudos de psychiatria e medicina legal e escrevendo artigos, monographias e obras varias.

Nasceu Julio Afranio Peixoto, em Lençóis, chapada diamantina, no sertão da Bahia, de que conservou as reminiscencias no romance «A esfinge», principalmente na evocação do Barro Branco, sitio proximo da cidade de Lençóis.

Criou-se no rio Pardo, municipio de Cannavieiras, litoral do sul da Bahia, na fazenda da Bôa Vista (Jacarandá), tambem por elle descripta em «Maria Bonita».

De Cannavieiras se occupa o romancista em «Fruta do mato».

Transferiu-se para a capital do Estado, afim de completar os estudos preparatorios no collegio Florencio, onde os concluiu em dous annos, obtendo notas plenas e distinctas e as honras de alumno laureado.

Em 1892, com 16 annos de idade, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia e terminou o curso em 1897, sempre aprovado com as mesma notas.

A sua these inaugural versou sobre «Epilepsia e crime». É um trabalho de valor, que mereceu as honras de reedição onze annos depois, com um prefacio dos Profs. Nina Rodrigues e Juliano Moreira.

Para o provimento no posto de socio effectivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, escreveu, em 1897, uma memoria, ainda inedita, sob a epigraphe «Epilepsia e consciencia».

Obteve, por concurso, a nomeação de preparador da cadeira de medicina legal, no seu Estado, sendo, no anno seguinte (1901), distinguido com a designação para reger a cadeira de medicina publica na Faculdade Livre de Direito de S. Salvador.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1903, foi nomeado inspector sanitario, admittido como membro da Academia Nacional de Medicina, e, logo após, director do Hospicio Nacional de Alienados, cargo por elle desempenhado até 1905, quando empreendeu a primeira viagem á Europa.

Ao regressar, um anno depois, ao Brasil, inscreveu-se em um concurso na Faculdade de Medicina do Rio e obteve o logar de professor substituto das cadeiras de hygiene e medicina legal.

De 1907 a 1911 exerceu o cargo de director do serviço medico legal da policia, com interrupção dos annos de 1909 e 1910, quando se ausentou novamente do paiz, viajando pela Grecia, Egypto, Palestina, Balkans e Asia Menor.

Eleito na vaga de Euclides da Cunha, em 1910, para a

Academia Brasileira de Letras, tomou posse a 14 de agosto do anno seguinte, pronunciando um magnifico discurso de elogio ao seu antecessor.

Nessa occasião, Araripe Junior estabeleceu o confronto entre a alma de barbaro, constituição dionysiaca do autor de «Os sertões» e o espirito super-civilizado, de feição apollinea, do elegante e apurado romancista da «Fruta do mato».

Visitou pela terceira vez a Europa, de 1912 a 1913, e exerceu o cargo de director da Escola Normal do Rio, de 1915 a 1916.

Actualmente é professor da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio, desde 1915, lente cathedratico de hygiene, por accesso, da Faculdade de Medicina, desde 1916 e occupou o logar de director geral da Instrucção Publica do Districto Federal, em 1917.

A sua obra litteraria, além do mencionado livro de estreia, compõe-se de tres romances : «A Esfinge» (1911), «Maria Bonita» (1914) e «Fruta do mato» (1920); «Minha terra e minha gente» (1916), livro de educação civica; «Poeira da estrada» (1918), ensaios criticos e de historia; «Troyas populares brasileiras» (1919) e «Parabolás» (1920).

Como romancista excelle o seu valor, reunindo um conjunto de qualidades preciosas que o caracterizam como um dos melhores escriptores no genero, entre os que tem possuido o Brasil. A sua capacidade de observação é perfeita, o estudo da psychologia dos personagens, manifesta o exacto conhecimento da alma humana, adquirido pelo autor no estudo das funcções cerebraes e dos desequilibrios do sistema nervoso, sem exhibir erudição, pois o romancista é sobrio e discreto, incapaz de desembalar para a exposição de casos clinicos ou de analysar phenomenos teratologicos, consentaneos com as monographias scientificas.

Elle expõe os personagens dos seus romances com extrema

naturalidade, sem diagnosticos moraes, deixando ao leitor o trabalho de definir e classificar os typos. Não intervem, outrossim, na accão dos comparsas e protagonistas ; deixa-os sob a influencia do livre arbitrio, assumindo a attitude de narrar episodios e expôr incidentes, sem lhes emprestar um determinismo psychico adrede concebido, nem intervir com methodos de demonstração, como procederia um professor em um curso de psychologia. Não se destaca o preparo scientifico do autor, nem se adivinha o intuito de defender theses esboçadas ; tem-se a impressão da realidade e não se descobrem artificios.

A Lucia de «A Esfinge», a Maria, como a Joanninha da «Fruta do mato» se encontram por esse mundo além ; não são criaturas inventadas para elemento de prova de concepções theoricas.

Os principaes typos femininos dos romances de Afranio Peixoto, excepto Luizinha e outros em plano secundario, são diabolicos, apresentam o atavismo condensado da seducção de Eva no Eden, exercem sobre os homens que os cortejam, uma poderosa accão hypnotica de dominio. O homem é sempre fraco e se deixa vencer e subjugar, como, aliás, se verifica, em notable maioria, no mundo real.

Mas, para o romancista brasileiro, a mulher conserva sempre um residuo de fel, de substancia toxica, sob a apparencia enganadora de um ente fraco e bello, a despertar sympathia e conquistar admiração.

Apresentarei melhor o typo feminino de Afranio Peixoto em um estudo sobre a evolução do romance no Brasil, e, então, examinarei em detalhe o valor inestimável de suas producções novellisticas.

Sinto-me verdadeiramente attrahido para emprehender apreciação critica da obra desse distinto e vibrante escriptor.

Por agora, ao lado dos predicados que salientei, devo mencionar a precisão do seu estylo, a sobriedade das narrativas e

descripções e a justa harmonia que predomina em suas composições, abrangendo todas as modalidades, quer na parte estatica, quer no aspecto dynamico da obra.

Foi providencial a mudança de orientação no escriptor que não nos proporcionaria nunca os tres livros citados, si persistisse em completar a tetralogia do hymnario que comprehenderia ainda o «Myrto Enamorado», «Liz Impolluto» e «Loiro fructescente». O Julio Afranio desviou-se a tempo da vereda do symbolismo e parece até, embora sem razão, haver renegado a producção da primeira phase, porquanto não publicou os volumes promettidos das parabolas mysticas — «Caminho da morte» — e outro symbolo tragic — «Os guias» — adoptando nome litterario diverso : — Afranio Peixoto.

«Minha terra e minha gente» é um livro sincero em que o autor, sem intuitos demolidores ou manifestações pessimistas, aponta aos adolescentes as nossas imperfeições, combate os nossos erros e destrói os preconceitos dos que entoam hymnos e tecem lôas a tudo o que concerne ao Brasil, incutindo nos leitores, noção da verdade e invocando a instrucção e o civismo bem comprehendidos como meios seguros para regenerar o paiz. Prende os sentimentos nacionalistas á tradição, base indispensavel para estabelecer o caracter de um povo, e firma, na parte doutrinaria do livro, os principios que nos devem guiar para alcançarmos o futuro digno da patria brasileira.

Essa tentativa honesta despertou celeuma entre os professores que louvam, com exagerado optimismo, as grandezas do presente e a fatalidade do destino glorioso. João Köpke, o velho educador, poz-se na vanguarda e profligou a tentativa redigindo artigos de critica severa, publicados na «Revista do Brasil». João Ribeiro, outro pedagogista de reconhecido merito, defendeu o livro e os intuitos do autor.

Em «Poeira da estrada», reuniu Afranio Peixoto os discur-

sos pronunciados na Academia Brasileira de Letras, de elogio a Euclides da Cunha e de recepção de Oswaldo Cruz, e alguns ensaios recolhidos da colaboração em revistas litterarias.

O autor possúe a faculdade da comprehensão exacta e precisa dos themes que aborda em seus estudos ; revela, além disso, notável capacidade critica, de synthese e analyse, e sabe exprimir, com justos conceitos e termos adequados, o que pensa. São os predicados indispensaveis a esse genero de trabalho.

Seja no triptico do «Elogio de Xantipa», ou nos «Aspectos do humour na Litteratura Nacional»; seja na «Educação nacional» ou na «Paixão e gloria de Castro Alves» e ainda nos doze capitulos restantes do volume ; encontra-se muito cabedal instructivo, grande messe de ideias proveitosas e de provas de erudição.

«Trovas brasileiras» representam uma contribuição para o estudo do nosso «folk-lore», o qual ainda conta escasso numero de cultores.

A exemplo do que fizeram Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira em Portugal, Afrâncio Peixoto procedeu à pesquisa paciente das quadras populares brasileiras e as enfeiou em volume, devidamente classificadas e precedidas de um prefacio explicativo da importancia do assumpto e da dificuldade em colligir o material esparso, seleccionando com criterio o conteúdo do livro.

Na parte scientifica, pondo de parte os artigos, extractos de revistas e folhetos mencionados na bibliographia, deve-se destacar : «Epilepsia e crime», «Manual de thanatoscopia judiciaria», «Clima e doenças do Brasil», «Medicina legal», «Hygiene», «Noções de hygiene para uso das escolas» e «Psychopathologia forense».

Classificam-se os seus trabalhos, como se deprehende dos titulos, em estudos de medicina legal e de hygiene.

Sem me referir á these inaugural, devo primeiro citar a monographia destinada ao estudo da morte, segundo as exigencias do nosso codigo, destinado ao uso de magistrados, peritos e medicos.

O autor apresenta os caracteres distinctos entre a morte real e apparente, firmando os signaes e phenomenos para o reconhecimento dos cadaveres ; estuda a thanatognose, enuméra os generos de morte e ensina a se proceder ao corpo de delicto em todos os casos apreciados.

«Medicina legal» é um livro didactico, destinado aos alumnos das escolas de medicina e direito.

Encontra-se maior generalidade de assumpto, em «Psychopathologia forense» onde o autor faz o estudo da responsabilidade criminal, de semiologia mental e de psychiatria, caracterizando todos os casos de desordens nas funcções cerebraes e classificando as molestias mentaes.

O trabalho sobre hygiene, ao alcance do meu entendimento e correspondendo á minha predilecção de estudos, representa um poderoso esforço de synthese em que o autor aborda, com discernimento e proficiencia, todos os ramos da vasta e complexa sciencia applicada que abrange um conjunto numeroso de conhecimentos da physica terrestre em todas as subdivisões.

O professor emerito, tão justamente applaudido no mundo scientifico como no litterario, tirou o maximo proveito do programma traçado e cumpriu galhardamente a tarefa. O livro é bem escripto, revela erudição natural, é subordinado a um methodo impeccavel e preenche de modo cabal o fim a que se destina.

Como esse, todos os estudos de Afranio são interessantes e proveitosos.

O dr. Afranio Peixoto, como medico e professor, tem prestado relevantes serviços ao paiz, contribuindo para nos elevar no conceito alheio. (haja vista o pronunciamento sincero de Fernandes Costa perante a «Academia das Sciencias de Lisbôa»); e principalmente para educar a mocidade e collaborar nos maus problemas nacionaes de instrucção e hygiene.

O sympathico e talentoso escriptor é um nacionalista, na verdadeira accepção do vocabulo. Como romancista, empresta a sua faculdade de psychologo arguto, o seu espirito de observador justo e escrupuloso e o brilhante estylo descriptivo que lhe é peculiar, na composição de romances de vida regional e de um naturalismo sobrio e sadio, de bom gosto. O caracter regionalista dos seus romances avigora o cunho de nacionalismo da litteratura contemporanea.

Assim tambem se define a accão do homem na vida publica, na qualidade de pedagogista, critico, hygienista e publicista.

O folheto de Fernandes Costa nos transmite a noticia, que eu já havia lido algures, de que o prestimoso intellectual tem em preparo, «para breve publicação, uma vasta Anthologia Brasileira, em numerosos volumes, dos quaes já tem prompto o primeiro, relativo aos dous Bonifacios, e em via de execução muitos outros.»

De algumas centenas, ou milhares de homens de valor como Julio Afranio Peixoto, carece o nosso paiz, para accelerar a marcha do seu progresso.

SUMMARIO PARA O ESTUDO CRITICO

Em contacto com o sertão — Do infante ao adolescente — A sua brilhante figura nos estudos — Iniciação litteraria — Influencia dos symbolistas e das novidades — O psychiatra

e o medico legista — Carreira rapida e fulgurante — O hygienista — Como educador — A feição e o valor dos romances de Afranio Peixoto na litteratura brasileira — Os ensaios e estudos de um erudito e talentoso escriptor — Nacionalismo e regionalismo — A anthologia brasileira.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

Patrono da cadeira n. 8 — Nasceu em Marianna, antiga villa do Ribeirão do Carmo, Minas Geraes, a 6 de junho de 1729 e suicidou-se no carcere de Villa Rica, (Ouro Preto) a 4 de junho de 1789. F. Wolf attribúe o nascimento a 9 de junho; Alberto Lamego e José Verissimo a 5 do mesmo mez e anno.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

BIBLIOGRAPHIA

- 1 — MINUSCULO METRICO — romance heroico consagrado ao Rev. D. Francisco da Annunciação, sendo segunda vez confirmado na dignidade de Reitor da Universidade de Coimbra — Coimbra, in 4.o, por Luiz Secco Ferreira — 1751.
- 2 — EPICEDIO — consagrado á memoria do Rev. Fr. Gaspar da Encarnação, reformador dos conejos regulares de Santo Agostinho, da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, in 4.o, de 8 pags., Coimbra, no Real Collegio das Artes da Cia. de Jesus — 1753 (Faz parte do tomo III dos «Elogios funebres de ecclesiasticos de Portugal», colligidos pelo abade Diogo Barbosa Machado e pertencente á Bibliotheca Nacional).
- 3 — LABYRINTHO DE AMOR — poema — Coimbra, por Antonio Simões, in 8.o — 1753.
- 4 — NUMEROS ARMONICOS — temperados em heroica e lyrica consonancia — Ibi, idem — in 8.o — 1753.
- 5 — CULTO METRICO — a uma abbadessa do Mosteiro de Figueirô.
- 6 — THESE EM CANONES — com uma dedicatoria deduzida dos versos de Virgilio.
- 7 — OBRAS DE C. MEL. DA COSTA — arcade ultramarino, chamado «Glaucesta Saturnio», in 8.o, de XXII-320 pags., Coimbra, officina de Luiz Secco Ferreira, 1768. (Compre-

hende 100 sonetos, dos quaes alguns em italiano, 3 epicedios, 20 eclogas, 6 epistolas, 8 cantatas, 4 romances e cançonetas, em versos rimados e em toantes). Varias edições foram emprehendidas, das Obras poeticas do autor. É recomendavel a ultima, feita sob os cuidados e competencia de João Ribeiro.

- * — **OBRAS POETICAS DE C. MEL. DA COSTA** — (Glaucestre Saturnio), nova edição, contendo a reimpressão do que deixou inedito ou anda esparso, e um estudo sobre a sua vida e obras por João Ribeiro, 2 vols. (Tomo I : Sonetos, Eclogas, Epistolias, Fabula, Epicedios e Romance heroico, 351 pags.; tomo II : Romances, Cantatas, Cançonetas, Poesias ineditas e o poema «Villa Rica», 281 pags.) Rio, H. Garnier, 1903.
- 8 -- **VILLA RICA** — poema — Dado á luz em obsequio ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro por um dos seus socios correspondentes. Ouro Preto, Typ. do Universal, in 4.º, de 8 pags., XIX-80 pp. num. (A ultima pagina é ocupada por um soneto de José Maria Francisco de Assis) 1839-1841.
- * — A segunda edição, que possuo, é de Ouro Preto, Typ. do «Estado de Minas», XXX-95 pags. — 1897. Tambem editou separadamente os «Sonetos».

Apparecem algumas dessas obras em publicações geraes ou collectaneas, como : «Collecção de poesias ineditas dos melhores poetas portuguezes». Lisbôa, 1809-1811, 3 vols.; «Parnaso brasileiro» de Januario da Cunha Barbosa; «Florilegio da poesia brasileira», de Varnhagen, «Revista do Instituto Historico» (t. 53), «Revista brasileira» (1895), além de muitas selectas e anthologias. O «Fundamento historico» que acompanha as edições do poema «Villa Rica», appareceu pela primeira vez com

o titulo «Memorias historicas da Capitania de Minas Geraes», no «Patriota», de abril de 1813, jornal litterario, politico, mercantil, etc., do Rio de Janeiro, redigido por Manoel Ferreira de Araujo Guimaraes, em que collaborou por algum tempo Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

Deixou os seguintes manuscripts, segundo documento de Alberto Lamego : «Rimas», nas linguas latina, portugueza, italiana, castelhana e franceza, em poesia heroica e lyrical, dous tomos in 4.º; «Rimas pastoris» ou «Musa bucolica», em duas partes, in 4.º; «Centuria sacra», poema ao glorioso parto de Maria Santissima, em oitava rima; «Cataneida», poema jocoso-sério em cinco cantos e oitava rima. Muitas poesias dramaticas que se representaram diversas vezes, nos theatros de «Villa Rica» e de outras cidades de Minas e Rio de Janeiro. «Mafalda Triumphante» que se mandou imprimir e foi composta a empenho do Exmo. Bispo de Minas, Fr. Manoel da Cruz, a quem foi dedicada. Cyro ou liberdade de Camboydes, «Circe» e «Ulysses», «Orlando Furioso», «Psyché» e «Cupido» (em rima solta), «Calípso», varias traducções dos dramas de Pietro Metastasio : «O Ataxerxes», «Dirceia», «Demetrio», «José reconhecido», «Sacrificio de Abrahão», «O Regulo», «O Parnaso accusado»; alguns em rima solta, outros em prosa. Fez uma traducção contestada do «Tratado da origem das riquezas das nações», de Adam Smith e deixou memorias sobre a litteratura antiga e moderna.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — FERDINAND DÉNIS — Resumé de l'histoire littéraire du Brésil.
- 2 — FERDINAND WOLF — Histoire de la littérature brésilienne, pag. 63.
- 3 — F. BOUTTERWECK — Litteratura portugueza.

- 4 — JANUARIO DA CUNHA BARBOSA — Parnaso brasileiro.
- 5 — SIMOND DE SISMONDI — De la littérature du midi de l'Europe.
- 6 — PEREIRA DA SILVA — Varões illustres do Brasil, vol. 2, pag. 29.
- » » » — Plutarcho brasileiro, vol. 1, pagina 225.
- 7 — THEOPHILO BRAGA — Arcadia Luzitana.
- 8 — C. CASTELLO BRANCO — Curso de litteratura portugueza, vol. 2.o, pag. 248.
- 9 — JOAQUIM MANOEL DE MACEDO — Anno biographico, vol. 2.o, pag. 157.
- 10 — CHARLES RIBEYROLLES — Le Brésil pittoresque.
- 11 — QUINTINO BOCAUVA — Lyrica Nacional.
- 12 — J. C. FERNANDES PINHEIRO — Litteratura nacional, pag. 411.
- » » » » — Resumo de historia litteraria, vol. 2.o, pagina 321.
- » » » » — Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro.
- 13 — SANTIAGO NUNES RIBEIRO — Nacionalidade da litteratura brasileira.
- 14 — SYLVIO ROMERO — Historia da Litteratura Brasileira, vol. I., pag. 226.
- » » » — Livro do Centenario, I, pag. 28.
- » » » e João Ribeiro—Compendio de litteratura brasileira, pags. 69 e 75.
- 15 — PINHEIRO CHAGAS — Diccionario popular historico-geographic.

- 16 — INNOCÉNCIO DA SILVA — Diccionario bibliographico, vol. 2.o, pag. 79.
- 17 — MELLO MORAES FILHO — Parnaso brasileiro.
- 18 — ALMEIDA GARRETT — Bosquejo da poesia portugueza.
- 19 — DIOGO BARBOSA MACHADO — Bibliotheca Luzitana, tomo IV, pag. 91.
- 20 — MATTOSO MAIA — Historia do Brasil, pag. 208.
- 21 — ALEXANDRE TIMONI — Tableau synoptique et pittoresque des littératures, tomo II, pags. 250 e 261.
- 22 — ALBERTO LAMEGO — Autobiographia e ineditos — Revista da Academia Brasileira de Letras, n. 7, pag. 5.
- 23 — JOSÉ VERRISSIMO — Poetas do grupo mineiro — Rev. da Academia B. de Letras, n. 4.
 , , , — Historia da Litteratura Brasileira, pag. 130.
- 24 — COMMEMORAÇÃO DO CENTENARIO DE C. MEL. DA COSTA, pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 4-7-1889.
- 25 — JOÃO RIBEIRO — Carta nas Obras Completas.
- 26 — RAMIZ GALVÃO — Dous novos documentos nas Obras completas.
 , , , — Revista Brasileira (3.a phase), vol. 2.o, pag. 65.
- 27 — OLIVEIRA LIMA — Aspectos da litteratura colonial.
- 28 — SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.
- 29 — TEIXEIRA DE MELLO — Ephemerides brasileiras, 4-7-1789.
 , , , — Claudio Mel. da Costa, extrahido dos Annaes da Bibliotheca Nacional, tomo I, pag. 373 e tomo VII, pag. 209.
- 30 — VICTOR ORBAN — Littérature brésilienne, pag. 63.
- 31 — EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 406.

- 32 — RONALD DE CARVALHO — Pequena historia da litteratura brasileira, pags. 161-164.
- 33 — F. FREIRE DE CARVALHO — Primeiro ensaio sobre a historia litteraria de Portugal, pag. 255.
- 34 — FERNANDO CASTIÇO — Folhetim no «Jornal do Commercio», de 21-4-1872.
- 35 — FR. RAYMUNDO DE PENNAFORTE — Relação circumstanciada da perfida Conjuração em Minas Geraes — Revista do Inst. Historico.
- 36 — VISCONDE DE PORTO SEGURO (Varnhagen) — Historia Geral do Brasil.
» » » — Florilegio da poesia brasileira, tomo I, pag. 239.
- 37 — R. SOUTHEY — History of Brazil, pag. 684 ou trad. do dr. Luiz de Castro, tomo VI, pag. 292.
- 38 — SCHUTEL (DR. P.) — Breves considerações sobre a poesia no Brasil — Annaes da Academica Philosophica, n. 4, pag. 235.
- 39 — BARÃO HOMEM DE MELLO — Revista do Instituto Historico, sup. ao tomo LI, pag. 182.
- 40 — JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA E SILVA — Bosquejo da historia da poesia brasileira, pag 80.
- JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA E SILVA — Historia da Conjuração mineira.
- JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA E SILVA — Brasilia, bibliotheca de auctores antigos e modernos.
- JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA E SILVA — e Emilio Adet — Mosaico poetico, introduçao.
- 41 — JUAN VALERA — La litteratura brasileira, Revista de ambos os mundos, trad. pela redacção da Rev. Guanabara.
- 42 — ABREU E LIMA — Sinopsis ou Deducção chronologica anno 1789. pag. 263.

43 — QUINTANILHA JORDÃO — Breve noticia sobre alguns poetas brasileiros de mais nomeada, manuscripto, de Joaquim Norberto.

44 — A. JARRY DE MAUCY — Atlas de littératures. Tableau hist. chr. de la littérature portugaise et brésilienne — Paris — 1831.

45 — J. P. XAVIER DA VEIGA — Ephemerides mineiras.

46 — JOSÉ MARIA VELHO DA SILVA — Homens e factos da historia patria, pag. 149.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Como a de Bazilio da Gama, a biographia de Claudio Manoel da Costa resentia-se de incertezas e abrigava elementos controversos, até que Joaquim Norberto de Souza e Silva e, mais tarde, Ramiz Galvão e Alberto Lamego, vieram projectar a luz da verdade, estribados em documentos insophismaveis.

Explicam as inexactidões anteriores : o facto de haver sido condemnado o poeta como inconfidente, sendo declarados infames os seus descendentes e sua memoria, e confiscados os seus bens ; e as primeiras biographias redigidas por Januario da Cunha Barbosa e, principalmente, por J. Mel. Pereira da Silva. A primeira circunstancia determinou que se guardasse, por longo prazo, absoluto silencio em torno do seu nome ; os dous historiadores alteraram as datas da partida para Coimbra, do regresso ao Brasil, e attribuiram-lhe uma viagem á Italia, depois de concluidos os estudos universitarios.

Sobre a data de nascimento que todos os autores, inclusive Ramiz Galvão e Joaquim Norberto, mencionam como sendo o dia 6 de junho de 1729, Alberto Lamego transcreveu na Revista da Academia Brasileira de Letras um documento, autobiographia do poeta, dos apontamentos para se unir ao cata-

logo dos academicos da «Academia Brasileira dos Renascidos», segundo o qual se fixa o nascimento do poeta aos 5 de junho de 1729, no bispado de Marianna em um dos districtos — «Vargem de Itacolomy» — a 12 kilometros da cidade episcopal.

Era filho legitimo de João Gonçalves da Costa, portuguez de nascimento e de D. Thereza Ribeiro de Alvarenga, descendente de uma familia paulista.

Teve como primeiro professor o tio — Dr. Fr. Francisco Vieira — que o iniciou nos estudos de grammatica vernacula e latina, até aos 14 ou 15 annos, em Villa Rica.

Transferiu-se para o Rio de Janeiro onde estudou no collegio dos Jesuitas, de 1744 a 1749, conquistando o titulo de mestre em artes. No ultimo anno citado embarcou com destino a Coimbra, para seguir o curso de direito, graduando-se em canones, a 19 de abril de 1753.

Pretendeu abraçar a carreira ecclesiastica, segundo se deprehende do requerimento dirigido ao bispo de Marianna.

Durante a phase academica dedicou-se com entusiasmo á poesia e publicou os primeiros trabalhos citados na bibliographia.

Os seus primeiros autores favoritos foram Virgilio, Guarini, e Rodrigues Lobo que lhe incutiram a preferencia pelo genero pastoril, a ponto de se declarar pastor do Mondego e do Tejo.

Dessa feição participam as suas eclogas, epistolais e alguns s netos escriptos em linguagem castiça e estylo classico, revelando muita erudição.

Attribuiram-lhe uma viagem à Italia, com permanencia em Milão, Napoles e Roma, certamente sob o fundamento de conhecer o poeta, com esmerado apuro, a lingua italiana e de haver pertencido à Academia dos Arcades onde adoptara o

nome de Glaucesto Saturnio. Essa versão é contestada pelos autores citados e por João Ribeiro, com argumentos dignos de fé, como a propria declaração do poeta no prologo de suas poesias, onde diz haver passado cinco annos ausente da Patria.

Tambem Pereira da Silva, Fernandes Pinheiro e outros, afirmam que o poeta regressou ao Brasil em 1765, o que se contesta com documento de valia, qual seja a carta topographica de Villa Rica, levantada pelo poeta em 1758, o que lhe valeu o premio de meia libra e 128 oitavas de ouro. Ha ainda uma carta autographa de 1761, segundo a referencia de Ramiz Galvão.

Deixou o poeta um amor não correspondido em Portugal, a sua adorada Eulina, e veio se estabelecer como advogado em Villa Rica, onde cedo adquirira a reputação de jurisconsulto e economista. Era consultado pelos governadores e foi nomeado 2.o secretario de Estado, cargo que resignou quando o Visconde de Barbacena assumiu o governo em 1788. Attribuem-lhe alguns autores a traducção do «Tratado da origem das riquezas das nações», de Adam Smith, bem como umas memorias sobre a litteratura antiga e moderna.

Em Villa Rica combateu os impostos exagerados pela extracção do ouro, e tomou parte activa na conspiração mineira. Denunciado como cúmplice da tentativa revolucionaria, recebeu ordem de prisão, quando se achava enfermo, foi recolhido ao carcere de Villa Rica onde se suicidou, segundo affirma a historia. Houve, porém, suspeita de que fosse assassinado, afim de não embaraçar o processo com os seus vastos conhecimentos de direito.

Como poeta, a sua inspiração é oriunda das plagas lusitanas, e a influencia dos autores portuguezes e italianos se nota em suas producções. Apenas na fabula do ribeirão do Carmo e no poema «Villa Rica» se observa o cunho de nacionalismo.

De Petrarcha recebeu o influxo nos sonetos eroticos ; de Metastasio guardou a nota caracteristica nas cantatas e cançonetas ; de Ariosto e Guarini, Bocage e Garção, Theocrito, Ovidio e Virgilio observam-se traços nas canções e eclogas e o sainete arcadico.

Com a publicação do poema «Uruguay», de Bazilio da Gamma, surgiu-lhe a idéa de compôr «Villa Rica».

O poeta era nostalxico, saudoso dos valles e campinas do Mondego ; melancolico, ao evocar as imagens de Eulina e Nize, conservando a feição do lyrismo subjectivo. O seu estylo é simple e a linguagem sempre correcta.

A parte principal de sua obra é incontestavelmente constituida pelos sonetos que rivalizam com os de Bocage, si os não sobrepujam.

Emprestaram-lhe alguns criticos, a autoria das «Cartas chilenas», de Critillo, a quem elle escreveu a epistola apologetica; sabe-se, porém, que foi o seu companheiro Thomaz Gonzaga que as compoz.

Theophilo Braga inclui o seu nome entre os membros da Arcadia Luzitana, e é possivel que elle tivesse pertencido à Academia dos Occultos; mas nada se pôde afirmar com segurança e objectam alguns criticos que já se achava Claudio no Brasil, quando se fundou a Arcadia Luzitana, em 1756. Isso, porém, não obsta a que tivesse elle pertencido à citada sociedade litteraria, como sucedeu em relação à Arcadia Romana e à Arcadia dos Renascidos da Bahia, na qualidade de socio correspondente ou honorario.

E' digna de leitura a obra do poeta mineiro, com especialidade na parte lyrica, destacando-se os sonetos que se classificam entre os melhores escriptos em lingua portugueza.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A sua origem e primeira educação — No Rio de Janeiro — Estudos universitarios em Coimbra — Elementos controvertidos de sua biographia — O advogado em Villa Rica — A sua competencia — Poesia pastoril — Influencia dos classicos latinos e gregos — Os seus autores predilectos em Portugal e na Italia — Varios generos poeticos — Os sonetos de Claudio Manoel da Costa — Feição nacionalista — Os ineditos e escriptos ignorados — A inconfidencia mineira — Fim tragicó.



ALBERTO DE OLIVEIRA

Fundador da cadeira n. 8 — Nasceu em
Palmital do Saquarema, no Estado do Rio
de Janeiro, a 28 de abril de 1859.

ALBERTO DE OLIVEIRA

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 — CANÇÕES ROMANTICAS, poesias, 1877-78, 121-II pags., Rio, Typ. da «Gazeta de Notícias» — 1878.
- * 2 — MERIDIONAES, poesias, com introd. de Machado de Assis — 158 pags., Rio, Typ. da «Gazeta de Notícias» — 1884.
- * 3 — SONETOS E POEMAS — Rio, Imprensa Moreira Maximino & Cia. — 1885.
- * 4 — VERSOS E RIMAS — Rio, Typ. L'Etoile du Sud — 1885. Foi publicada apenas a 1.a parte.
- * 5 — POESIAS COMPLETAS — (Meridionaes, Sonetos e poemas, Versos e Rimas, Por amor de uma lagrima, Livro de Emma) — 398 pags. — Rio., H. Garnier (edição definitiva) — 1900.
- * 6 — LYRA ACACIANA — (Coll. com Olavo Bilac, Guimaraes Passos e outros) Collecccionada por Angelo Bitú — 87 pags., Rio — 1900.
- * 7 — POESIAS — 2.^a série (Alma livre — Terra Natal — Flôres da serra — Versos de saudade) 1898-1903 — 306 pags., Rio, H. Garnier — 1911.
- * 8 — PAGINAS DE OURO DA POESIA BRASILEIRA — anthologia com prefacio do autor — 419 pags. — Rio, H. Garnier — 1911.
- * 9 — POESIAS — 3.^a série — (Sol de verão — Céo nocturno)

no — Alma das cousas — Sala de baile — Rimas varias
 — No seio do Cosmos) 1904-1911 — 299 pags. — Rio, Livr.
 Francisco Alves — 1913.

- * 10 — CÉO, TERRA E MAR — (Collectanea prosa e versos)
 340 pags. — Rio, Francisco Alves & Cia. — 1914.
- 11 — O CULTO DA FORMA NA POESIA BRASILEIRA
 — Conferencia, 30 pags. — S. Paulo, Typ. Levi — 1916.
- 12 — RELATORIOS, do Director da Instrucção Publica do
 E. do Rio de Janeiro, de 1893 a 1897.
- * 13 — O SONETO BRASILEIRO — Conferencia proferida na
 Biblioteca Nacional, em 23-9-918 — 18 pags. — Rio, Lith.
 Röhe. — 1920.

Encontram-se producções de Alberto de Oliveira em: *Revista Brasileira* (2.a phase): Camões, soneto, vol. 4.º, pag. 505; (3.a phase): Trechos de um poema, vol. 3.º, pag. 65; Alvorada, tomo XIV, pag. 178; Uma escola primaria, vol. XVI, pag. 257. *Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes*, de Campinas: O bater da cancella, poesia, n. 43, de 1916; Vagalumes, Villancetes, As andorinhas de Campinas, etc. «Kosmos»; «Estado de S. Paulo»: conferencia proferida na Cultura Artística de S. Paulo; (1) «Revista Americana», Crescente de Agosto, soneto, outubro 1916, pag. 25; Discurso da recepção de Goulart de Andrade, novembro 1916, pag. 104. «Revista da Academia Brasileira de Letras», Ode ao sol, n. 1, pag. 49; Litteratura brasileira (algumas inexactidões) n. 2, pag. 311; Romance da janella, poesia, n. 4, pag. 249; Caetano Lopes (autobiographia) n. 8, pag. 243, n. 9, pag. 75, n. 10, pag. 205; (2) «Almanach Garnier» (1908): Azas de neve (poesia), A festa das azas (poesia); (1904): Fonte

(1) Proferiu duas conferencias na Sociedade de Cultura Artística de S. Paulo: O CULTO DA FORMA NA POESIA BRASILEIRA e outra sobre FAGUNDES VARELLA.

(2) Discurso da recepção de Goulart de Andrade, n. 12, pag. 157.

occulta, Luva abandonada; (1905): Perola (prosa); (1906): Messageiros aereos (soneto) (1914): O verso alexandrino na poesia portugueza; «Revista do Brasil», A rima e o rythmo (prosa) ns. 1 e 3, Sonetos n. 12, Galatéa (prosa) n. 14, Sonetos, n. 21, O professor da Mombaça, n. 25, Uma carta e um soneto a Antonio Salles em alguns autographos, n. 32, Thesouros esparsos n. 33. «Semana», de Valentim Magalhães, «Diario do Rio de Janeiro» (ultima phase), com pseudonymo; no «Suplemento litterario da Estação», de Lombaerts e Cia. e na «Gazeta de Notícias», onde estreou com versos e escreveu 10 a 12 contos.

Encontram-se os seus retratos nas Poesias, na Bibliotheca International, na Littérature Brésilienne, de V. Orban, Almanach Garnier (1903), Revista de Sciencias Letras e Artes de Campinas (n. 89 de 1915), Lyra popular, Almanach Garnier (1905), Le Brésil contemporain, 2ème tome.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 — MACHADO DE ASSIS — Critica, pag. 228.
» » » — Prefacio das Meridionaes.
- 2 — ARARIPE JUNIOR — Enthusiasmo e ternura nos Versos e rimas.
- 3 — JOSÉ VERISSIMO — Estudos da litteratura brasileira, vol. II, pag. 277.
» » — Estudo da litteratura brasileira, vol. IV, pag. 135.
» » — Revista Brasileira (3.a phase), tomo III, pag. 60.
- 4 — SYLVIO ROMERO — Livro do Centenario, I, pag. 100.
» » — Evolução do lyrismo brasileiro.
- 5 — ALCIDES MAYA — Chronicas e ensaios, pag. 174.
- 6 — MARIO DE ALENCAR — Alguns escriptos, pag. 92.

- 7 — ALMACHIO DINIZ — Da esthetica na litteratura comparada, pag. 73.
- 8 — NESTOR VICTOR — A critica de hontem, pag. 173.
- 9 — TEIXEIRA BASTOS — Poetas brasileiros, pag. 29.
- 10 — LUIZ MURAT — A vida moderna, n. 3, de 24-7-1886 e n. 4, de 31-7-1886.
- 11 — RONALD DE CARVALHO — Pequena historia da litteratura brasileira, pag. 296.
- 12 — SAMPAIO FREIRE — Revista de Sciencias Letras e Artes de Campinas, n. 39 — 1915. Ha uma separata: Ensaios criticos: Raul Pompeia, Alberto de Oliveira, 1915.
- 13 — JORGE JOBIM — Revista Americana, n. 1, anno VII, pag. 86.
- 14 — ALMANACH GARNIER de 1907 e 1910.
- 15 — VICTOR ORBAN — Littérature brésilienne, pag. 273.
- 16 — EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 425.
- 17 — PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 18 — DR. P. ROVELLY — Le Brésil Contemporain, 2.^o vol.
- 19 — MAGALHÃES DE AZEREDO — Homens e livros, sobre as Poesias (1.^a série).
- 20 — CARLOS DE LAET — Jornal do Brasil, 1914, sobre as Poesias (3.^a série).

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Ainda não emancipado do romantismo agonisante, publicou o poeta a sua collecção de versos de 1877-78, sob a influencia do movimento reaccionario que se operou na poesia brasileira, a partir de Gonçalves Crespo, Luiz Guimaraes, Machado de Assis, Teixeira de Mello, Theophilo Dias, Affonso Celso e muitos outros. Era o inevitável reflexo da modalidade esthetica que surgiu em França, para derrocar a escola romantica.

Em torno de Leconte de Lisle, no *Parnasse Contemporain*, reuniram-se alguns poetas que restabeleceram os themes clasicos e o culto da forma impeccavel, sob o ideal da arte pela arte, constituindo o grupo dos parnasianos, cujas ideias, difundidas por Banville e Gautier, tiveram carinhoso acolhimento entre os poetas de além e d'aquem mar.

Antonio Mariano Alberto de Oliveira, nascido em Parmital do Saquarema, povoação do Estado do Rio de Janeiro, onde passou a infancia e a adolescencia, a contemplar scenarios da natureza, sentiu-se attrahido pelos moldes bizarros que atravessavam o Atlântico e, certamente, despertado pelo entusiasmo de Arthur de Oliveira, compoz «Apparição nas aguas». Mas as «Canções românticas», de 1879, guardaram, a despeito de taes influxos, o cunho dos predecessores na poesia brasileira, como aliás reconhece o autor no qualificativo escolhido para o titulo de seu livro de estréa.

Surtos de maior amplitude succederam aos das primeiras canções do poeta que se afirmou, segundo o conselho de Machado de Assis, perdendo a indecisão do estylo que se mantinha fluctuante. Em «Meridionaes», accentuou-se a feição parnasiana do artista, com erudição historica e sensivel pendor para o objectivismo, a descrever paysagens e pintar quadros em miniatura.

Destacam-se, entre muitas de fino lavor, as poesias «O leque» que lembra Macedo Papança e Sully Prud'homme; «Conselho», inspirado hymno pantheista, «Manhã de caça», de attrahente estylo descriptivo e o soneto «A janella de Julieta».

Nos «Sonetos e poemas», versos de 1883-86, Alberto de Oliveira attingiu a perfeição sonhada, alliando ao rigor da forma a impossibilidade de sentimentos; ás rimas raras de Banville a predilecção pelos themes hellenicos e latinos, á maneira Leconte de Lisle, Sully e Heredia, nos sonetos; aos quadros

descriptivos os poemas pantheistas em que canta a arvore, a borboleta azul, o marmore, as formigas, as trevas, a lagarta, a montanha e tantos outros seres minusculos e espectaculos varios da natureza.

Evolue o seu lyrismo, reaccende-se no poeta a inspiração, e elle adiciona ao culto da arte pela arte, da forma impeccavel e do estylo burilado, os ingredientes que Araripe Junior revelou na sua pesquisa de critico : a ternura e o entusiasmo erotico. Apparecem nas paginas dos *Versos e rimas*: «A nova Diana», «A camisa de Olga», «O sonho de Bertha», «A um amigo», «Extrema verba» e outras. Mas já se lhe nota interesse pela alma humana, embora perdure, dominando, a obsessão pela alma das cousas. Percebe-se a integração gradativa do poeta, a colher peça por peça os adornos da perfeição : vocabulario rico, estylo castiço, perfeito conhecimento de metrificação, extasis perante a natureza, sempre bella e sempre nova, ternura nos sentimentos e tantas qualidades preciosas que se confundem nos verdadeiros poetas.

O « Livro de Emma » (1892-1897) é o resultado da integração, como synthese de todos os predicados do artista, em perfeito equilibrio, em proporções determinadas, em unidade de concepção.

O poder emotivo de Alberto de Oliveira, se expande e obscurece os processos e artificios do parnasiano, mantendo-se em penumbra discreta. Apagam-se as tintas predominantes e offusca-se o brilho em destaque ; mantem-se a belleza harmonica e opera-se a encarnação do ideal dos poetas : o consorcio intimo do sentimento com a expressão. A palavra está subordinada ao pensamento, desapparecendo o artificialismo da escola que apregoava a forma impeccavel e a impassibilidade emocional do artista, como elementos de reacção ao romantismo de Lamartine e Musset, dous grandes poetas de valor imperecivel.

O *Livro de Emma* já apresenta dôse apreciavel de subjecti-

vismo, de que os volumes anteriores estavam quasi isentos. Embora o autor continhe com predilecção de paysagista, encantado pelo mundo exterior, a pintar, com extrema minucia de miniatura, os quadros mais insignificantes da natureza, aproveitando assumptos vulgares, as idéas e a sensibilidade aparecem com maior vigor e o entusiasmo erotico se attenua para dar realce á ternura no amor subjectivo.

Na segunda série de poesias, apparece com uma physionomia nova: a do poeta nacionalista que se deixa atrahir pelos scenarios da região que percorreu em suas excursões. Mas si elle descreve o curso do Parahyba, raras vezes têm o caracter topographico as suas poesias descriptivas. Pinta uma arvore, tecê um ninho, entôa um hymno à lua ou debuxa uma garça em um pantano.

A' primeira parte — «Alma livre» — serve de introito um soneto camoneano e perdura no volume o caracter mixto do «Livro de Emma», como nas «Flôres da serra» e nos «Versos de saudade».

O livro, com as producções de 1898-1903, conserva o mesmo diapasão do precedente; mas na ultima série, versos dos 45 aos 52 annos, volta-se o artista á feição caracteristica, que nunca o abandonou, de cantar o mundo objectivo, como principalmente em «Sol de verão», «Céo nocturno», «Alma das cousas», «No seio do Cosmos» e «Natalia», que é o poema descriptivo do seu torrão natal, paginas nostalgicas de saudades, recordações de sua infancia.

Na qualidade de educador, pois Alberto de Oliveira é professor da lingua vernacula, de historia e de litteratura, organizou duas anthologias: *Paginas de ouro da poesia brasileira*, cujo nome indica o intuito do collecionador, e *Céo, terra e mar*, destinada a servir como exercicio de leitura, composição e redacção.

Cultivou tambem a poesia satyrica, collaborando na *Lyra acaciana*, folheto onde se pretendeu ridicularizar um politico-fluminense que foi presidente do Estado do Rio de Janeiro, deputado e ministro, além de jornalista e publicista.

Muito pouco consegui respigar sobre o homem. Além da data e lugar em que nasceu, soube que passou a infancia e parte da adolescencia em Itaborahy, que é diplomado em pharma-cia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que foi director da Instrucção Publica no Estado natal e tem sido professor das disciplinas mencionadas.

Elle tem a concluir as «Paganas escolhidas de Olavo Bilac» e distingue-se como prosador correcto, devotado ao estudo do idioma patrio, cultor dos classicos e conhecedor profundo dos segredos da lingua portugueza. (1)

E' tambem um bibliographo apaixonado, possuidor de uma bibliotheca que encerra preciosidades, como a edição original das Obras de Glaucestre Saturnio (Claudio Manoel da Costa) entre muitas.

Alberto de Oliveira conhece, à saciedade, as minimas particularidades de sua arte, maneja como poucos a lingua portugueza, possue um estylo fulgurante e empunha o bastão de chefe supremo da poesia brasileira entro os que a cultivam presentemente.

Conta hoje 61 annos de idade e ainda conserva o porte varonil, o aspecto apollineo e o brilhante espirito de um joven elegante. Continúa a escrever poesias e espera-se com anciedade o volume que deve encerrar as suas producções posteriores a 1913.

(1) Já entregou ao livreiro-editor as collectaneas em collaboração com Jorge Jobim: POETAS BRASILEIROS, anthologia em 2 vols. e PAGINAS ESCOLHIDAS, de Machado de Assis, um volume.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

O artista a eclipsar o homem — Carencia de dados biographical — O poeta das «Canções romanticas» — O parnasiano — Livro de Emma — Os versos de um outomno prolongado — Vida sem inverno — A sua metrica e o seu estylo — A rima e o rythmo — O professor — Ultima phase.

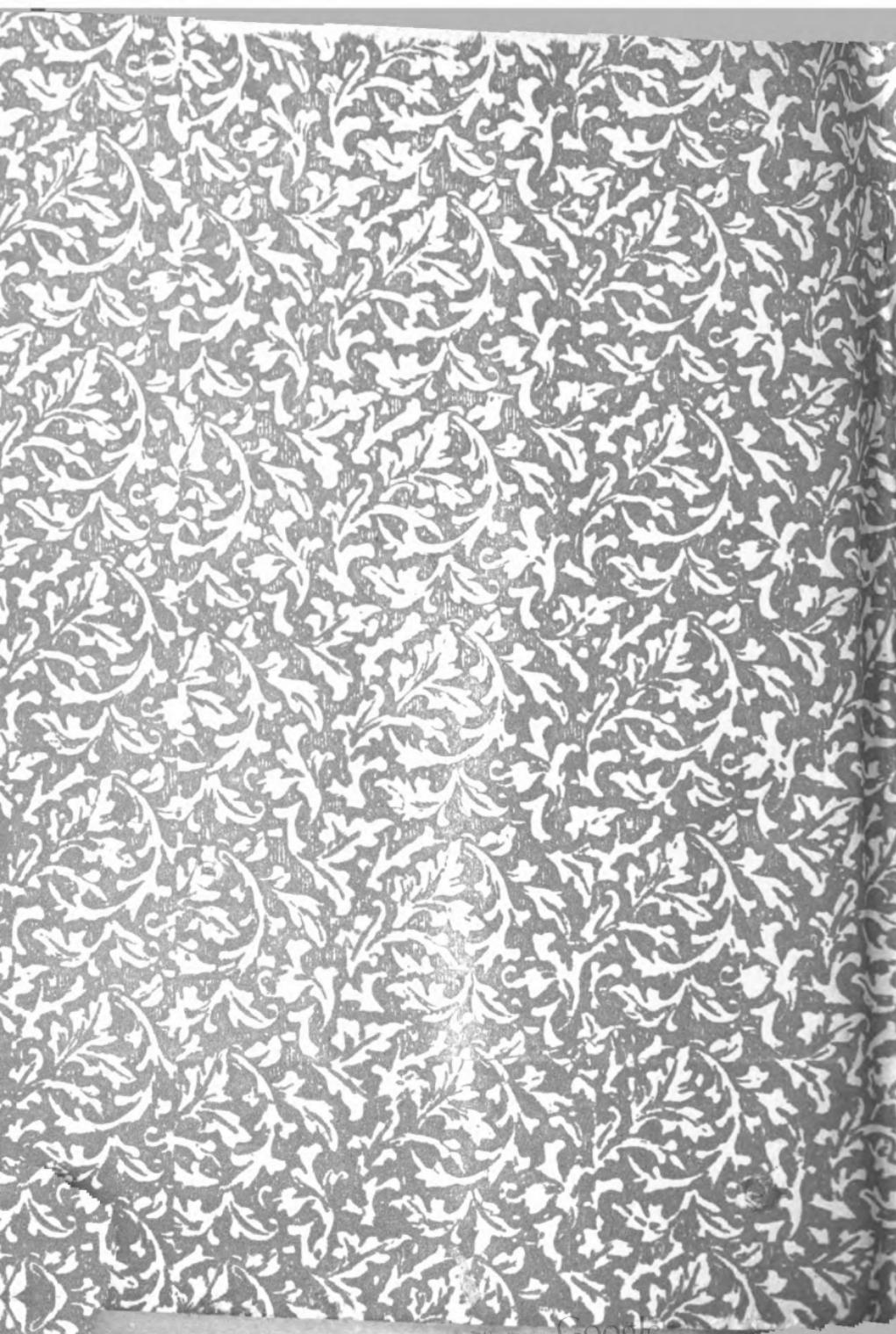
INDICE DAS CADEIRAS

1. ^a	{ Adelino Fontoura	»	9
	{ Luiz Murat	»	15
2. ^a	{ Alvares Azevedo	»	28
	{ Coelho Netto	»	38
3. ^a	{ Arthur de Oliveira	»	49
	{ Filinto de Almeida	»	59
4. ^a	{ Bazilio da Gama	»	69
	{ Aluizio Azevedo	»	71
	{ Alcides Maya	»	97
5. ^a	{ Bernardo Guimarães	»	107
	{ Raymundo Corrêa	»	119
	{ Oswaldo Cruz	»	133
	{ Aloysio de Castro	»	147
6. ^a	{ Casimiro de Abreu	»	155
	{ Teixeira de Mello	»	165
	{ Arthur Jaceguay	»	175
	{ Goulart de Andrade	»	185

7.a	Castro Alves	» 195
	Valentim Magalhães	» 209
	Euclides da Cunha	» 225
	Afranio Peixoto	» 243
8.a	Claudio Manoel da Costa	» 261
	Alberto de Oliveira	» 273

INDICE ALPHABETICO

	Pag.
À guisa de prefacio	5
Adelino Fontoura	» 9
Afranio Peixoto	» 243
Alberto de Oliveira	» 273
Alcides Maya	» 97
Aloysio de Castro	» 147
Aluizio Azevedo	» 81
Alvares de Azevedo	» 23
Arthur de Oliveira	» 49
Arthur Jaceguay	» 175
Bazilio da Gama	» 69
Bernardo Guimarães	» 107
Casimiro de Abreu	» 155
Castro Alves	» 195
Claudio Manoel da Costa	» 261
Coelho Netto	» 33
Euclydes da Cunha	» 225
Filinto de Almeida	» 59
Goulart de Andrade	» 185
Luiz Murat	» 15
Oswaldo Cruz	» 133
Raymundo Corrêa	» 119
Teixeira de Mello	» 165
Valentim Magalhães	» 209



UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN - UNIV LIBS



3023769206

0 5917 3023769206